

TRANSFRONTEIRA NA OBRA DE GUIMARÃES ROSA
DA ALEMANHA PARA-A-GUERRA DAS CRÔNICAS AO SERTÃO MUNDO

MYLENA QUEIROZ

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO, CAMPUS I
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E
INTERCULTURALIDADE
DOUTORADO EM LITERATURA E INTERCULTURALIDADE**

MYLENA DE LIMA QUEIROZ

**TRANSFRONTEIRA NA OBRA DE GUIMARÃES ROSA: DA ALEMANHA PARA-A-
GUERRA DAS CRÔNICAS AO SERTÃO MUNDO**

CAMPINA GRANDE, JUNHO DE 2022

MYLENA DE LIMA QUEIROZ

**TRANSFRONTEIRA NA OBRA DE GUIMARÃES ROSA: DA ALEMANHA PARA-A-
GUERRA DAS CRÔNICAS AO SERTÃO MUNDO**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade (PPGLI), da Universidade Estadual da Paraíba, com Área de concentração em Literatura, Memória e Estudos Culturais, para a obtenção do grau de Doutora em Literatura e Interculturalidade.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Carlos Melo Magalhães

CAMPINA GRANDE, JUNHO DE 2022

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

Q3t Queiroz, Mylena de Lima.
Transfronteira na obra de Guimarães Rosa [manuscrito] :
da Alemanha para-a-guerra ao sertão mundo / Mylena de Lima
Queiroz. - 2022.
195 p. : il. colorido.

Digitado.
Tese (Doutorado em Literatura e Interculturalidade) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2022.
"Orientação : Prof. Dr. Antonio Carlos de Melo Magalhães,
Departamento de Letras e Artes - CEDUC."

1. Transfronteira. 2. Teoria literária. 3. Estudos culturais. 4.
Literatura. 5. Segunda Guerra Mundial. I. Título
21. ed. CDD 801.95

MYLENA DE LIMA QUEIROZ

TRANSFRONTEIRA NA OBRA DE GUIMARÃES ROSA: DA ALEMANHA
PARA-A-GUERRA AO SERTÃO MUNDO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Literatura e Interculturalidade.

Área de concentração: Literatura e Estudos Culturais.

Aprovada em: 15/06/2022

BANCA EXAMINADORA



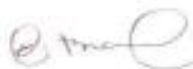
Prof. Dr. Antônio Carlos de Melo Magalhães (PPGLI/UEPB)

(Orientador/Presidente) – 1º Examinador



Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino (PPGLI/UEPB)

2º Examinador



Prof. Dr. Eli Brandão da Silva (PPGLI/UEPB)

3º Examinador



Prof. Dr. Geam Karlo-Gomes (PROFLETRAS/UPE)

4º Examinador – Externo



Prof. Dr. José Carlos Cariacas Romão dos Santos (PPGED/UNIFAP)

5º Examinador - Externo

Dedico este trabalho a todas as vítimas da perversidade da negligência governamental, especialmente a respeito das disputas agrárias, permitindo que comunidades tradicionais de veredeiros, geraizeiros, quilombolas e indígenas sejam motivo do dito de Riobaldo sobre como “viver é muito perigoso”. Ainda, dedico às vítimas de locais econômico e socialmente vulneráveis que sofreram e sofrem com crises migratórias, costumeiramente precisando se deparar com o pior dos outros espaços e dos outros seres humanos.

AGRADECIMENTOS

Apesar da escrita da tese ocorrer em momentos pontuais, é no interstício, nas conversas, que nos fazemos pesquisadoras e pesquisadores, colhendo ideias e lembrando quem queremos ser. Os muitos diálogos necessários para a realização dessa investigação seguramente me tornaram mais aberta aos mundos possíveis. Por isso, há muitas e muitos a quem devo sinceros agradecimentos.

Aos meus familiares, por entenderem as minhas ausências, bem como por celebrarmos, juntos, tantos momentos.

Ao corpo discente do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da UEPB, especialmente a Silvana Oliveira e Renally Soares: sou muitíssimo grata. Ao corpo docente do PPGLI, representados nas figuras dos professores Antônio Carlos, Elisa Mariana e Luciano Justino, cujas discussões fomentadas durante os seminários foram fundamentais para meu repertório teórico-cultural.

A Vanessa Bastos e Kleriston Vital, amigos que colhi em outros tempos desta Pós-Graduação, pela escuta. A Júlio César, não apenas pelo companheirismo, como por auxílios com edições gráficas. A Joachin Melo e a André Ângelo, cujas amizades têm me acompanhado pela vida acadêmica. A Haissa Vitoriano, pela revisão atenta, e ao escritor Bruno Ribeiro, pelos inúmeros diálogos sobre esta tese. Aos outros amigos cuja convivência, especialmente nas noites santa-cruzense e campinense, é sempre de muito bom gosto – da Luderia à Arca.

Ao *Goethe-Institut*, pela bolsa de estudos *Deutschlehrkräfte in Südamerika*. Aproveito para agradecer às professoras e ao professor de alemão que tive ao longo dos anos: Johanna Güth, Teresa Junek, Dra. Elisabeth Tölke, Luana Pfeffer e Thales Stewart. *Tausend mal Dank!*

Ao *Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico* (DAAD), pela bolsa Winterkurs, que me possibilitou não apenas aprimorar meu conhecimento no idioma, como conhecer Andressa Führ, Andressa Kreutz, Camila Meyer e Jonathan Brown – pessoas com quem compartilhei tantos momentos significativos em Aachen.

À *Missionsakademie an der Universität Hamburg*, pelo meu período de estadia na cidade. Às amigas e aos amigos que fiz, entre colóquios, almoços, viagens e outras partilhas, especialmente a Niza Joy Santiago, Lu Yifan, Maraike Bangun e John Lalnuntluanga: *Salamat, Xièxiè, Terima kasih, Ka lawm e thank you!*

Aos participantes do *Doktorandenkolloquium* em Hamburgo, pelas contribuições, sendo eles Alejandra del Río, Valentina Llosa e Murilo Reis – a este agradeço em especial pelo companheirismo constante durante minha estadia na cidade. Ainda, aos integrantes dos Colóquios do grupo de pesquisa *Litterasofia*, em Campina Grande - Paraíba, representados nas figuras de Hully Manguera, José Cândido, Keitiana Silva e Renally Yannaiãh, por me recordarem que outras leituras são necessárias.

Às profissionais da área de Saúde Mental que me possibilitaram não interromper este trabalho, apesar dos impasses. E, mais, que me mantiveram minimamente saudável apesar do período de pandemia e do Brasil de Bolsonaro.

A Adriana Jacobsen, por gentilmente se disponibilizar para conversarmos sobre o período de Guimarães Rosa em Hamburgo. A Detlev Heubel, filho de Helmut Heubel, também pela conversa, pela atenção e pelos materiais cedidos.

Ao professor Markus Klaus Schäffauer, professor Institut für Romanistik da *Universidade de Hamburgo*, por me ceder com empolgação um local de trabalho para a conclusão desta tese.

Aos meus colegas de profissão em tantas fases na vida – em escolas, cursinhos, Universidades – e aos meus alunos que, às centenas, mantêm o meu interesse na atividade docente.

Como primeira pessoa da família a frequentar uma universidade, saúdo a universidade pública brasileira.

Agradecimentos especiais ao meu orientador Antonio Carlos Melo Magalhães, por aceitar este trabalho quando ainda se tratava de uma proposta com pouca forma e por me impulsionar a alçar voos mais longos no campo acadêmico.

À *Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)*, pelo financiamento dos meus estudos em nível de doutorado, de maio de 2020 a agosto de 2021 com bolsa nacional e, posteriormente, com bolsa para realização do estágio doutoral na Alemanha, que culminaram nesta tese.

Porque “a vida é mutirão de todos”,
agradeço.

“Toda terra é feita dessa gente que se move.”

Micheline Verunschik

“Para sobreviver às fronteiras/ você deve viver *sin fronteras*/ ser uma encruzilhada.”

Glória Anzaldúa

“O totalitarismo não suporta muitos mundos. Ele não suporta muitos gêneros. Ele não suporta muitas espécies. Eu quero muitos mundos. A mágica que me afeta é de mundos plurais.”

Ailton Krenak

“‘tupy or not tupy that is the question’. a cultura migrante do entre-lugar, a posição minoritária, dramatiza a atividade da intraduzibilidade da cultura; ao fazê-lo, ela desloca a questão da apropriação da cultura para além do sonho assimilacionista, ou do pesadelo do racista, de uma ‘transmissão total do conteúdo’, em direção a um encontro com o processo de cisão e hibridização que marca a identificação com a diferença da cultura.”

Luciano Justino

“Dizem que eu fiz uma paisagem, um crepúsculo mineiro, e não é nada de crepúsculo mineiro, é um crepúsculo que eu vi na Holanda, misturei com uma coisa que eu vi em Hamburgo, com coisas de Minas, misturei tudo aquilo e joguei lá – e as pessoas dizem que eu estou fazendo uma cena do interior de Minas, e eu estou fazendo um omelete ecumênico.”

Guimarães Rosa

RESUMO

O interesse pelo trabalho do escritor João Guimarães Rosa surge a partir da concepção dos estudos iniciados ainda no mestrado, quando analisamos *Grande Sertão: Veredas* (1956), a respeito do *Pacto nas Veredas [e outros pactos]*, sob a perspectiva da relação estabelecida entre a literatura e a hermenêutica. Quanto ao objetivo principal desta tese, é possível afirmar que consiste em oferecer uma proposta de leitura pelo viés da memória e dos estudos culturais. Para tal, foram selecionadas como *corpora* narrativas que integram obra publicada postumamente, *Ave, Palavra* (1970), além de trechos do manuscrito comumente chamado de *Diário Alemão* (1938-1942), bem como narrativas de *Corpo de Baile* (1956) e *Estas Estórias* (1969), sendo elas *O Recado do Morro* e *Meu Tio o Iauaretê*. As narrativas que integram *Ave, Palavra*, exemplos de uma literatura sobre o cotidiano, podem ser categorizadas como contos ou crônicas. Esta última, portanto, é a opção feita pela relação próxima considerada quanto aos próprios registros do *Diário* de Rosa enquanto vice-Cônsul em Hamburgo. Os impactos na perspectiva do autor, no que tange à sua experiência enquanto diplomata na Alemanha nazista, precisamente nos primeiros anos da Segunda Guerra Mundial, parecem refletir de um modo bastante singular nas produções literárias posteriores ao momento. Ao considera-los, a leitura da obra de Rosa possibilita a articulação de alguns conceitos operatórios, a saber: migração enquanto processo constitutivo da literatura, imprevisibilidade dos contágios, transculturação narrativa e hibridismo cultural. O primeiro é bastante significativo para o entendimento de algumas produções literárias, conforme as leituras de Edward Said (2003, 2005) e de Josefina Ludmer (2006; 2010). O segundo é fundamental para Ángel Rama (1984), no que diz respeito às “mesclas” que se notam em narrativas de escritores do sul global, em especial da América Latina. O terceiro é importante para a compreensão do todo-mundo literário ao pensarmos as teorias de Edouard Glissant (2005; 2011). O último é propositivo, conforme as percepções de Peter Burke (2003) e Néstor Canclini (2019), para uma noção das relações culturais modernas e contemporâneas. Ainda, pensamentos de Hannah Arendt (1960) e Lélia Gonzalez (2020) compõem este *omelete ecumênico* de reflexões. Em uso desses conceitos, minha proposta de tese visa a oferecer um entendimento na literatura acerca dos estudos culturais, que ajuda a compor o aporte teórico desta análise, em busca de pensar a literatura rosiana sob a perspectiva do termo *transfronteira*, cunhado por Rosa em sua narrativa *Homem, Intentada Viagem*.

Palavras-chave: Transfronteira; Literatura e Guerra; Teoria Literária; Estudos Culturais; João Guimarães Rosa.

ABSTRAKT

Das Interesse an der Arbeit des Schriftstellers João Guimarães Rosa ergibt sich aus der Konzeption der Studien, die im Masterstudiengang begonnen wurden, als wir *Grande Sertão: Veredas* (1956) über den Pakt in den Veredas [und andere Pakte] unter der Perspektive von analysierten die Beziehung zwischen Literatur und Hermeneutik. Was das Hauptziel dieser Arbeit betrifft, so kann bestätigt werden, dass es darin besteht, einen hermeneutischen Vorschlag unter Berücksichtigung von Gedächtnis- und Kulturwissenschaften anzubieten. Zu diesem Zweck wurde es als narratives corpus ausgewählt, das das posthum veröffentlichte Werk *Ave, Palavra* (1970) sowie Auszüge aus dem Manuskript *Diário Alemão* und Erzählungen von *Corpo de Baile* (1956) und *Estas Estórias* (1969) integriert. Die Erzählungen, die *Ave, Palavra*, Beispiele einer Literatur über den Alltag, integrieren, können als Kurzgeschichten oder Chroniken kategorisiert werden. Letzteres ist daher die Option, die sich aus der engen Beziehung ergibt, die in Bezug auf die eigenen Aufzeichnungen des *Diário de Rosa* als Vizekonsul in Hamburg betrachtet wird. Die Auswirkungen aus der Sicht des Autors auf seine Erfahrung als Diplomat in Nazideutschland, genau in den frühen Jahren des Zweiten Weltkriegs, scheinen sich nach dem Moment in literarischen Produktionen zu widerspiegeln. Wenn man sie betrachtet, ermöglicht das Lesen von Rosas Werk, einige operative Konzepte zu artikulieren, nämlich: Migration als konstitutiver Prozess der Literatur, Unvorhersehbarkeit von Ansteckungen, narrative Transkulturation und kultureller Hybridismus. Das erste ist nach den Lesungen von Edward Said (2003, 2005) und Josefina Ludmer (2006; 2010) für das Verständnis einiger literarischer Produktionen von großer Bedeutung. Die zweite ist für Ángel Rama (1982) von grundlegender Bedeutung in Bezug auf die „Mischung“, die in den Erzählungen von Schriftstellern aus dem globalen Süden zu sehen ist. Der dritte ist wichtig für das Verständnis der Literatur, wenn wir über die Theorien von Edouard Glissant (2005; 2011) nachdenken. Letzteres ist nach den Vorstellungen von Peter Burke (2003) und Néstor Canclini (2019) ein Vorschlag für einen Begriff der kulturellen Beziehungen. Mit diesen Konzepten möchte mein Dissertationsvorschlag ein Verständnis der Kulturwissenschaften vermitteln, das dazu beiträgt, den theoretischen Beitrag dieser Analyse zu verfassen, um über die rosianische Literatur aus der Perspektive des von Rosa in ihrer Erzählung geprägten Begriffs grenzüberschreitend *Homem, intentada viagem*.

Schlüsselwörter: Grenzüberschreitend (Transfronteira); Literatur und Krieg;
Kulturwissenschaften; João Guimarães Rosa.

ABSTRACT

The interest in the work of the writer João Guimarães Rosa arises from the conception of the studies started during the master's degree, when we analyze *Grande Sertão: Veredas* (1956) about the *Pacto nas Veredas [and other pacts]*, from the perspective of the relationship established between the literature and hermeneutics. As for the main objective of this thesis, it is possible to affirm that it consists of offering a hermeneutic proposal through the bias of memory and cultural studies. To this end, narratives that integrate the posthumously published work, *Ave, Palavra* (1970), were selected as *corpora*, as well as excerpts from the manuscript commonly called *Diário Alemão* (German Diary, also War Diary), as well as narratives from *Corpo de Baile* (1956), *Estas Estórias* (1969), being them *O Recado do Morro* and *Meu Tio o Iauaretê*. The narratives that integrate *Ave, Palavra*, examples of literature about everyday life, can be categorized as short stories or chronicles. The latter, therefore, is the option made by the close relationship considered with regard to the records of the *Diário de Rosa* as Vice-Consul in Hamburg. The impacts on the author's perspective, regarding his experience as a diplomat in Nazi Germany, precisely in the first years of the Second World War, seem to reflect in a very unique way in the literary productions after the moment. When considering them, the reading of Rosa's work allows the articulation of some operational concepts, namely: migration as a constitutive process of literature, unpredictability of contagions, narrative transculturation and cultural hybridism. The first is quite significant for the understanding of some literary productions, according to the readings of Edward Said (2003, 2005) and Josefina Ludmer (2006; 2010). The second is fundamental for Ángel Rama (1982), with regard to the “blends” that can be seen in narratives by writers from the global south, especially from Latin America. The third is important for understanding the literary world when we think about Edouard Glissant's theories (2005;2011). The latter is propositional, according to the perceptions of Peter Burke (2003) and Néstor Canclini (2019), for a notion of modern and contemporary cultural relations. In addition, thoughts by Hannah Arendt (1960) and Lélia Gonzalez (2020) compose this ecumenical omelet of reflections. Using these concepts, my thesis proposal aims to offer an understanding in the literature about cultural studies, which helps to compose the theoretical contribution of this analysis, in search of thinking about Rosa's literature from the perspective of the term cross-border, coined by Rosa in her narrative *Homem, Intentada Viagem*.

Keywords: Cross-border (Transfronteira); Literature and War; Cultural Studies; João Guimarães Rosa.

LISTA DE ABREVIATURAS

Para evitar repetições excessivas dos títulos das obras e do nome do autor, dentre outros, em alguns trechos utilizaremos as seguintes abreviaturas:

DAAD – Deutscher Akademischer Austauschdienst

Gestapo – Geheime Staatspolizei

GSV – Grande Sertão: Veredas

HV – Homem, Intentada Viagem

JGR – João Guimarães Rosa

Nazismo – Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei

R.A.F. – Royal Air Force

SS – Schutzstaffel

KZ – Konzentrationslager

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Ficha consular de qualificação de Amalie e Egon Katz, com visto emitido em 24 de janeiro de 1939, assinada por João Guimarães Rosa. Acervo: Arquivo Nacional/RJ; Arqshoah/Leer-USP

Figura 2: Kristallnacht – Imperial War Museum, Londres, 2020

Figura 3: Trajes obrigatórios para prisioneiros do KZ Neuengamme, em Hamburgo

Figura 4: Informe do Memorial do KZ Neuengamme, em Hamburgo

Figura 5: Aracy de Carvalho na Alemanha

Figura 6: Hans-Helmut e Márion Heubel

Figura 7: Campo de Trabalho de Hamburgo. “Prisioneiros trabalhando nos poços de barro”, sem data. KZ Neuengamme

Figura 8: Bogotazo – Bogotá em 9 de abril de 1948 – bonde queimado (à esquerda)

Imagem 1: Iauaretê / Yavarate; Uapés/Papuri. Fronteira Brasil-Colômbia. Google Maps.

Imagem 2: Documentário *Iauaretê, Cachoeira das onças* (2014).

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Comparativo Diário de Guerra com O Mau Humor de Wotan, por Aline Ávila

Tabela 2: Elementos sagrados da Umbanda em O recado do Morro

SUMÁRIO

I - INTRODUÇÃO	20
II - TRAVESSIA PELA DIFERENÇA	31
Capítulo 1	31
1.1 Fortuna crítica de Guimarães Rosa na trilha estrangeira	31
1.2. Caminhos teóricos	38
1.2.1 (Sem) documentos: migração enquanto processo constitutivo da literatura	40
1.2.2. Impredizibilidade dos encontros	47
1.2.3 Transculturação narrativa: Hitler ao rádio? Raivoso.....	51
1.2.4 Hibridismo Cultural.....	56
III - NÓS OUTROS: HAMBURGO, <i>KRISTALLNACHT</i> E A LITERATURA ROSIANA.....	62
Capítulo 2	62
2.1 Kristallnacht	64
2.2 Diário Alemão	66
2.3 As crônicas alemãs	77
2.3.1 A senhora dos segredos: começava a guerra	77
2.3.2 O Mau Humor de Wotan: o Führer não encontra tempo para amar	82
2.3.3 A Velha: um autor quando diplomata.....	88
2.3.4 Projeto de vastidão: Homem, Intentada Viagem.....	92
IV - O BRASIL RURAL TRANSFRONTEIRIÇO: TRANSFRONTEIRA NO SERTÃO MUNDO DE GUIMARÃES ROSA.....	97
Capítulo 3	97
3.1 Por um Rosa em trânsito.....	98
3.2 Transfronteira é abrir-se ao encantamento pelo outro	100
3.3 Morro que abre o sertão: recados dos mundos possíveis.....	101
3.3.1 Outros: veredeiros, roceiros, sobreviventes.....	102
3.3.2 Morro que se abre, que transita	105
3.3.3 Estrada e festa: recado do diverso	107
3.4 O sobrinho do Iauaretê é transfronteira da transfronteira	118
3.4.1 Outros: indígenas, estrangeiros, e seus rastros de mistérios	119
3.4.2 O filho de Mar'Iara Maria é o híbrido	122
3.4.3 Autodeterminação estratégica: eu sou onça	125
V - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	133
REFERÊNCIAS CÓSMICAS E COSMOPOLITAS	137
APÊNDICES	146
ANEXOS	181

APÊNDICES ANHÄNGE

1. Biografias das pessoas entrevistadas Biografien der interviewten Personen
2. Entrevistas Interviewtranskripte
3. Imagens de Neuengamme, Campo de Trabalho forçado de Hamburgo – Arquivo pessoal (Jan. 2022) Bilder des KZ Neuengamme, Hamburg – Personenarchiv (Jan. 2022)
4. Homem, Intentada Viagem em Alemão Mann beabsichtigte Reise (Text von Guimarães Rosa ins Deutsche übersetzt)

5. Publicação original de “O Mau Humor de Wotan” – com o adicional de ampliação para leitura

Originalveröffentlichung des Textes "O Mau Humor de Wotan" - vergrößert zum Lesen

6. Publicação original de “A Velha” – com o adicional de ampliação para leitura

Originalveröffentlichung des Textes "A Velha" - vergrößert zum Lesen

7. Publicação original de “A Senhora dos Segredos” – com o adicional de ampliação para leitura

Originalveröffentlichung des Textes "A Senhora dos Segredos" - vergrößert zum Lesen

8. Publicação original de “Homem, Intentada Viagem” – com o adicional de ampliação para leitura

Originalveröffentlichung des Textes "Homem, Intentada Viagem" - vergrößert zum Lesen

ANEXOS

Anexo 1. Almanaque do pessoal, para 1940 até 31 de dezembro de 1939, do Ministério das Relações Exteriores – tempo de classe de Guimarães como segundo secretário e consular
Almanach des Personals des brasilianischen Außenministeriums, von 1940 bis 31. Dezember 1939, - Arbeitszeit von Guimarães als zweiter Sekretär und Konsular

Anexo 2. Publicação de Georg Otte: O “Diário de guerra” de João Guimarães Rosa

Text von Georg Otte: Das „Kriegstagebuch“ von João Guimarães Rosa

Anexo 3. Algumas fichas consulares assinadas por Guimarães Rosa

Einige von Guimarães Rosa unterzeichnete Antragsformulare für konsularische Visa

Anexo 4. Fotografias de Rosa em Hamburgo

Fotografien von João Guimarães Rosa in Hamburg

Anexo 5. Fotografias de trechos do Diário de Guerra/Hamburgo

Fotografien von Auszügen aus dem Hamburger Kriegstagebuch

Anexo 6. Capa da edição especial da Bravo! Sobre o Diário de Hamburgo

Cover der Sonderausgabe von Bravo! Über das Hamburger Tagebuch

Anexo 7. Cartaz do documentário “Outro sertão”

Plakat für den Dokumentarfilm „Outro Sertão“

I - INTRODUÇÃO

Revolta¹

Todos foram saindo, de mansinho,
 tão calados,
 que eu nem sei
 se fiquei mesmo só. Não trouxe mensagem
 e nem deram senha...
 Disseram-se que não iria perder nada,
 porque não há mais céu.
 E agora, que tenho medo,
 e estou cansado,
 mandam-me embora...
 Mas não quero ir para mais longe,
 desterrado,
 porque a minha pátria é a minha memória.
 Não, não quero ser desterrado,
 que a minha pátria é a memória...

As minhas primeiras leituras das obras de Guimarães Rosa foram feitas durante a minha graduação em Letras – Língua Portuguesa, concluída em 2014, na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). O Guimarães que conheci era diferente do escritor cuja obra – *Grande Sertão: Veredas* – eu me debrucei durante o mestrado em Literatura e Interculturalidade, na mesma instituição e no mesmo programa em que realizei o doutorado que culminou nesta tese. Digo, ainda, que aquele Guimarães Rosa do mestrado é diferente deste Rosa cuja literatura parece ter tido como caminho as memórias tantas de momentos complexos da vida, bem como da história do século passado, como ter vivenciado o Nazismo na Alemanha, o Bogotazo na Colômbia e observado os carrancismos contra vereadores e quilombolas no Brasil.

No início da minha graduação, a minha leitura de algumas poucas obras de Guimarães Rosa me levava a percebê-lo como um regionalista no sentido mais formal e menos aberto a contatos interculturais do termo, como ao ler o poema *Revolta*, em parte porque alguns textos iniciais do autor levaram a essa interpretação, em parte porque eu, interiorana, nordestina e *herdeira* de desterrados, associava dessa maneira. Nisso, o desconhecimento dos caminhos múltiplos de Rosa foi se desfazendo, à medida que eu conhecia outras obras do autor, atreladas a leituras e a debates mais contemporâneos da crítica literária. Na leitura que fazemos aqui, essa *Revolta* parece se reconfigurar e não ser mais tão somente sobre abandonar a terra, e sim sobre

¹ Este poema encontra-se em seu livro *Magma*, editado pela Nova Fronteira.

não compreenderem o mundo todo como lugar possível para todo o mundo. A escolha deste poema como epígrafe se justifica por esse caminho de memória do autor que guia esta tese de doutorado, mas também pela memória da minha jornada acadêmica, conhecendo novos Rosas e sendo levada a inúmeros processos de travessias – pessoais e profissionais. Citando Borges (1999), “Somos nossa memória. Somos este quimérico museu de formas inconstantes. Essa legião de espelhos quebrados.” Nessa linha, penso que os trabalhos posteriores de Rosa levam à reflexão de que cada pessoa é sua própria pátria, é corpo-território, porque leva consigo suas memórias.

Assim como esse processo de leitura, eu diria que esta pesquisa percorreu um caminho bastante sinuoso. Na primeira apresentação sobre este trabalho, no *V Seminário Discente de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade* (2018), o projeto sobre esta pesquisa teve como título *Nuanças do Mal na obra de Guimarães Rosa*. Na ocasião, ainda no primeiro ano de doutorado e antes de concluir as disciplinas, a proposta visava a analisar como, na obra de Guimarães, perpassam nuanças diversas do mal, em um imbricado que se revela para além de uma visão metafísica do mundo, mas que se vê em questões sociopolíticas. Isto posto, notava-se mais direta uma relação com a linha de pesquisa Literatura e Hermenêutica.

Já em 2019, a conclusão da breve pesquisa que culminou no texto *Transfronteiras da imprezibilidade na crônica rosiana “Homem, Intentada Viagem”* – artigo inicialmente elaborado como requisito para o cumprimento da disciplina *Mediação Intercultural: Mídia, Região e Continente*, posteriormente publicado no livro *Literatura, Ética e Política* (Editora Bordô-Grená, 2020), organizado por mim e pela professora doutora Annie Figueiredo – possibilitou outra visão sobre a temática. Agora próxima da Linha Literatura, Memória e Estudos Culturais, buscamos refletir sobre esse termo cunhado por Guimarães Rosa – *transfronteira* –, considerando produções anteriores às obras conhecidas pelo grande público do autor, inclusive produções não literárias, como o cunhado por pesquisadores de *Diário Alemão*, conjunto de cadernos de registros de Guimarães, de modo a analisarmos esses espaços transfronteiriços que formam o mundo da obra de Rosa.

Houve, no entanto, certas restrições. Conforme o caminho inicial da pesquisa, notamos que o *Diário Alemão*, também chamado de *Diário de Guerra*, foi considerado por professores da UFMG para ser publicado – quando uma das versões do diário, que integrava a biblioteca de Henriqueta Lisboa, foi doada à Universidade junto às demais obras da biblioteca da poeta, anos após sua morte, de maneira que não só pesquisadores tomaram conhecimento dos

“Cadernos”, como se propuseram a estudar a obra e publicá-la, inclusive com tradução dos trechos em alemão por parte do pesquisador Georg Otte. Entretanto, os herdeiros de Rosa negaram a possibilidade. Foi possível, no entanto, ter acesso a alguns trechos dos *Cadernos* por meio de pesquisa de matérias em revistas como a *Bravo!*, *O Tempo*, *Jornal UAI/Estado de Minas*, publicadas ainda antes do impasse gerado pelos herdeiros, com o impedimento da publicação integral. Deste modo, parte do *corpus* desta tese é composta por um mosaico dessas matérias de jornais e revistas, e outra tem como fonte a miscelânea de textos que integra *Ave, Palavra* (1970). Como dito por Jaime Ginzburg em *Guimarães Rosa e o terror total*: “A publicação desse livro trouxe importantes desafios para a compreensão de Guimarães Rosa. Nesse volume diversificado, encontramos textos de formas e temas variados, que ainda esperam merecida e necessária avaliação.” (2010, p. 2). Isso implica um espaço existente para a análise dessas narrativas. Além disso, nesta tese, narrativas que integram *Corpo de Baile* (1956) e *Estas Estórias* (1969) compõem a coletânea de textos na leitura de um espaço rural transfronteiriço.

Ainda, sabe-se muito sobre o seu interesse pela cultura e literatura alemã², porém há pouco material sobre a relação entre essas jornadas de Guimarães Rosa e sua produção literária. Assim sendo, um dos primeiros fatores decisivos para o encaminhamento desta pesquisa foi o fato do autor de *Grande Sertão: Veredas* ser considerado o único literato brasileiro que escreveu um diário sobre a experiência na Alemanha nazista. Inclusive, quando entrei em contato com o professor Markus Schäffauer, para que pudesse ser meu supervisor no estágio doutoral na Universidade de Hamburgo, ele fez uma observação bastante significativa sobre este meu parágrafo: além de ser possivelmente o único escritor brasileiro que relatou seu período na Alemanha nazista, foi também um dos poucos escritores que conseguiram ficar no país naquele período, dada a perseguição a essa classe. A pesquisa levou à confirmação de que essa façanha de João Guimarães Rosa é pouco evidenciada pela sua vasta fortuna crítica, ainda que tenha lido um dossiê da Gestapo sobre suas atividades e um confinamento pelo governo alemão de mais de três meses em Baden Baden. Um dossiê da Gestapo: muito além do fato de Guimarães ter sido indicado ao Nobel de Literatura em 1967, ano em que faleceu, ter sido um escritor brasileiro espionado pela polícia secreta do Estado nazista, por sua aversão às hitlerocidades, deveria ser informação conhecida por nós.

² No “Diálogo” com Lorenz (58, 87-88), ao ser perguntado a respeito de sua “relação” com “a literatura alemã em geral”, responde Rosa: “Conheço bastante bem a literatura alemã. Por exemplo, o *Simplizissimus* [em nota de rodapé: “Primeiro romance em língua alemã, de Grimmshausen, publicado em 1663.”] é para mim muito importante. Amo Goethe, admiro e venero Thomas Mann, Robert Musil, Franz Kafka, a musicalidade do pensamento de Rilke, a importância monstruosa, espantosa de Freud.”

Isso nos leva a uma reunião póstuma de textos escritos por Guimarães em diversos períodos, sendo muitos assinados com datas entre os anos em que foi cônsul-adjunto em Hamburgo (1938-1942), intitulada *Ave, Palavra*. A obra apresenta crônicas que trazem à tona conhecidos de Guimarães no Consulado e para além dele, como são os casos do “transfronteira” repatriado Zé Osvaldo, em *Homem, Intentada Viagem*, e de Frau Madsen, em *O Mau Humor de Wotan*, jovem cuja simpatia por Hitler era “romântica” e “imprudente”. Percebermos pouca atenção a essa produção do autor veio a ser um segundo fator decisivo para o delineamento deste trabalho, que, por isso, tem como título-tema *Transfronteira na obra de Guimarães Rosa: da Alemanha para-a-guerra das crônicas ao sertão mundo*. Tanto o termo *transfronteira*, quando o termo *para-a-guerra*, este se referindo à Europa prestes a iniciar e presenciar a Segunda Guerra Mundial, foram cunhados por Rosa em crônica que integra *Ave, Palavra*. De “Europa para-a-guerra”, aqui optamos pelo uso “Alemanha para-a-guerra”, tendo em vista o recorte com o período vivido por Rosa em Hamburgo.

Ao organizar o evento *João Guimarães Rosa. Espaços e caminhos: dimensões regionais e universalidade* no centenário de Rosa, em Berlim, Ligia Chiappini, professora da Universidade Livre de Berlim, aponta que “há um desconhecimento cada vez maior da obra de Guimarães Rosa no país [na Alemanha] e que seus livros acabam chegando somente ao “gueto” dos brasilianistas.”³ A descoberta de que a literatura de Guimarães é completamente desconhecida na Alemanha, também em Hamburgo, faz pensar na interlocução proposta por esta pesquisa, que busca também trabalhar a memória e a relevância das posições de Rosa enquanto brasileiro vivendo na Alemanha durante o período nazista. Pensando esse intercâmbio, os Apêndices e os Anexos desta tese estão em Português e também em Alemão, na cor cinza.

A respeito dos caminhos aqui trilhados, foi uma feliz constatação, em um desses dias em que o lugar de pesquisadora frente à pesquisa parece estático, notar que Rosa e praticamente todas as teóricas e os teóricos que embasam esta tese não apenas conheceram a “fratura entre o ser e o lugar de origem” como escreveram sob e sobre. Digo isto a respeito de Édouard Glissant, Hannah Arendt e Canclini, como também Ángel Rama, Josefina Ludmer e Edward Said: em algum ponto, todos deslocados e estrangeiros em seus lugares – mas leitores sedentos dos seus meios e do mundo.

Pensar em deslocamentos geográficos e em leituras múltiplas me recorda que minha estadia na cidade em que Guimarães Rosa foi vice-Cônsul foi intelectualmente enriquecedora

³ Guimarães Rosa retorna à Alemanha no ano de seu centenário. 30.11.2008. Deutsche Welle. <https://www.dw.com/pt-br/guimar%C3%A3es-rosa-retorna-%C3%A0-alemanha-no-ano-de-seu-centen%C3%A1rio/a-3836349>

e pessoalmente muito agradável, em parte graças à convivência na *Missionsakademie* da Universidade de Hamburgo. Neste local em que residi durante o semestre de inverno (2021/2022), frequentando colóquios, palestras e dialogando, sempre que possível, com as doutorandas e os doutorandos dos quartos vizinhos, muitas vezes me vi confrontada, junto a minhas colegas, sobre como promover leituras das obras as quais estudamos, enquanto pesquisadoras e pesquisadores do Sul Global, sem replicar os modos de pensar da academia higienizada e universalista, de padrão de leitura eurocentrado. Por isto, a saída à qual aqui me proponho é uma mudança de chave de leitura de Rosa, na tentativa de deixar que as obras vivam suas selvagerias, suas incertezas e seus elos não tão óbvios.

Durante este período de doutorado sanduíche, muito proveitosas também foram as conversas com pessoas como a documentarista Adriana Jacobsen, diretora do documentário “Outro Sertão” (2013, capa em anexos), quem me deu valiosas informações e cujo olhar instigante em relação a essa vivência de Guimarães Rosa em Hamburgo me moveu ainda mais. Informes que vão desde contatos com famílias que foram ajudadas pelo casal até a família Heubel, além de auxílios outros, como endereço da rua da casa em que Guimarães morou e outros locais, em Hamburgo, onde ele esteve. Muito significativos foram ainda os diálogos com Detlev Heubel, filho de Márion Madsen e Helmut Heubel, personagens da crônica *Mau Humor de Wotan*. Ser informada de que Detlev pouco ou nada sabia sobre o seu próprio pai, o qual morreu na Segunda Guerra Mundial como soldado nazista, e que descobrir sobre a crônica de Guimarães o fez não apenas se debruçar pelas narrativas do autor, como também concluir o luto sobre o pai, para mim foi bastante inesperado. Detlev pôde se agarrar à caracterização na crônica de que o pai era o “menos belicoso dos homens”, de que também era um homem com gostos menos rígidos – talvez especialmente por Detlev ter tido uma longa jornada profissional como dançarino. Pode-se dizer que esta sensibilidade foi mérito da escrita de Rosa.

Além disso, na Universidade de Hamburgo, a minha participação na disciplina *In(ter)dependência*, oferecida pelo professor Markus Schäffauer, possibilitou apresentar detalhadamente, em uma série de seminários, as crônicas alemãs de Guimarães Rosa. Os comentários e os questionamentos dos estudantes ao lermos e destacarmos trechos das narrativas, inclusive percebendo peculiaridades de termos em alemão, foram fundamentais para o meu entendimento sobre usos e contextualizações nessas produções que partem desta cidade hanseática de “céu de ferro molhado”, “silhuetas das cinco igrejas” e “torres de cobre em azinhavre” (2009, p. 115), como a chama Guimarães em *A velha*, que se encontra em *Ave, Palavra*.

Minha chegada em Hamburgo se deu em setembro de 2021. Neste mês, uma senhora de 96 anos fugiu de um asilo, na Alemanha, quando foi emitido um mandado de prisão, sendo ela acusada de ser cúmplice da morte de mais de onze mil pessoas na Polônia ocupada⁴. Em outubro deste mesmo ano, um homem que trabalhou como guarda no campo de concentração de Sachsenhausen, perto de Berlim, teve julgamento marcado. A acusação de cumplicidade de diversos assassinatos inclui execuções por fuzilamento e por gás venenoso, todos neste mesmo campo de concentração.⁵

Peço licença para lançar uma relação entre estas notícias e outro fluxo temporal e voltar a Hamburgo do final da década de 30, considerando que, dentre outros nomes e casos, as travessias da família Levy e da família Katz não foram interrompidas. Isto é, alguns dos judeus detidos em Hamburgo após a Noite dos Cristais (*Kristallnacht*, novembro de 1938) foram enviados também ao Campo de Concentração Sachsenhausen, como foi o caso de Herbert Katz, um comerciante de trigo então de 43 anos quando foi levado, conforme o documento *Vozes do Holocausto*⁶. Também após a *Kristallnacht*, Maria Margarethe Bertel Levy, filha de judeus poloneses, procurou Aracy em busca de vistos para si e para seu esposo Bruno Levy. Margareth, conforme o historiador René Decol, foi acompanhada pessoalmente por Aracy ao navio. "Durante o Holocausto na Polônia, Margareth perdeu 20 familiares, incluindo a mãe que foi assassinada pelos nazistas." (2007, p. 1). Descumprindo as regras antisemitas impostas pelas chamadas Circulares Secretas, encaminhadas pelo governo brasileiro desde 7 de junho de 1937, Aracy Moebius e Guimarães Rosa aprontaram os vistos no Consulado-Geral do Brasil em Hamburgo para a família Katz, após procura de Amalie Katz, esposa de Herbert, e também para o casal Levy, conforme imagem (algumas outras fichas com assinatura de Rosa estão apresentadas ao fim desta tese, em Anexos):

⁴ REIS, Pedro Bastos. Observador. Aos 96 anos, antiga secretária de campo de concentração nazi foge do lar para não ir a julgamento. Acesso em 30 de Setembro de 2021: <https://observador.pt/2021/09/30/aos-96-anos-antiga-secretaria-de-campo-de-concentracao-nazi-foge-do-lar-para-nao-ir-a-julgamento/>

⁵ "Ex-guarda de campo de concentração nazi com 100 anos de idade vai ser julgado em outubro na Alemanha". Observador. Acesso em 30 de Setembro de 2021: <https://observador.pt/2021/08/03/ex-guarda-de-campo-de-concentracao-nazi-com-100-anos-de-idade-vai-ser-julgado-em-outubro-na-alemanha/>

⁶ *Vozes do Holocausto – Histórias de vida: Refugiados do nazifascismo e sobreviventes da Shoah* (Brasil 1933-2017) Disponível em: https://www.arqshoah.com/images/imagens/sobreviventes-testemunhos/ROSA_Aracy_Moebius_de_Carvalho_Guimar%C3%A3es.pdf Acesso em 29 de Setembro de 2021.

Figura 1: Ficha consular de qualificação de Amalie e Egon Katz, com visto emitido em 24 de janeiro de 1939, assinada por João Guimarães Rosa.

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO 32096/11/32

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino

Nome por extenso: Amalie Katz
Admitido em território nacional em caráter: temporário
Nos termos do art. 25 letra B do dec. n. 3010 de 1938
Logar e data de nascimento: M. Gladbach 22.9.1892
Nacionalidade: alemã Estado civil: casada
Filiação (nome do Pai e da Mãe): Isaak Mayer e Florentine Mayer Profissão: /
Residência no país de origem: Hamburgo

SEI	CO	NOME	IDADE	SEXO
		Egon	12 anos	masculino

FILHOS MENORES DE 18 ANOS

Passaporte n. 18132 expedido pelas autoridades de Hamburgo na data 22.11.1934
visto sob n. 161

ASSINATURA DO PORTADOR:

Consulado Geral do Brasil em Hamburgo
24 de Janeiro de 1939
O CONSUL: J. Guimarães Rosa

NOTA - Esta ficha deve ser apresentada a qualquer hora a qualquer autoridade competente, assim as duas vias em original

Fonte: Acervo – Arquivo Nacional/RJ; Arqshoah/Leer-USP.

A família Katz se recompôs no Brasil, conforme investigou a historiadora Mônica Schpun. Margarethe Bertel Levy teve uma longa vida em São Paulo, passando seus últimos dias, já aos 80 anos, próxima a Aracy. Forçosamente desterradas, ambas as famílias puderam fazer da sua memória a sua pátria, em seus próprios corpos-territórios, no Brasil.

**

Dito isso, nesta vereda, propomo-nos a delinear, no primeiro capítulo, intitulado *Travessia pela diferença*, um pouco da fortuna crítica mais contemporânea de Guimarães Rosa, que tem atentado para outras leituras que não pensam, por exemplo, o romance *Grande Sertão: Veredas* (1956) estritamente no caminho do Sertão euclideano. Por isto, temos como primeiro tópico *A fortuna crítica de Guimarães Rosa na trilha estrangeira*, de maneira a dialogarmos com essas produções que seguem por outras trilhas, as quais mais nos interessam. Em seguida, enquanto teorias que abrem espaço para leituras das obras de Rosa que privilegiem esse espaço intercultural, temos o tópico com o título *Caminhos Teóricos*, dividido em *Impredizibilidade dos encontros culturais*, aqui seguindo teorias de Edouard Glissant, cujos conceitos possibilitam uma leitura dos contatos e dos contágios entre os personagens de narrativas como *Homem*, *Intentada Viagem*, assim como das demais narrativas alemãs e de outras produções de Rosa; há, então, *Transculturação narrativa*, que leva esse título por se tratar do conceito de Ángel Rama, escritor uruguaio que se utiliza do termo *transcultura*, formulado pelo cubano

Fernando Ortiz, e leva a cabo como projeto literário e cultural que muito bem se relaciona à produção de Guimarães Rosa; e *Hibridismo: Literatura Transfronteiriça*, por fim, apresentando como arcabouço a questão da hibridação pensada por Néstor Canclini, de maneira que o antropólogo argentino radicado no México nos auxilia a compreender a heterogeneidade cultural, levando-nos à conceituação de uma literatura transfronteira.

Cabe ainda a discussão de Peter Burke acerca do Hibridismo Cultural, considerando uma série de processos históricos que nos levam a compreender os contatos entre culturas muitas vezes como estados de inferiorização de povos, implicando purismos linguísticos e marginalização de sujeitos. Por outro lado, locais como grandes metrópoles e cidades de políglotas podem apresentar espaços interculturais, mas também de segregação cultural, especialmente no que diz respeito às culturas de grupos de imigrantes em processos de “vida dupla”. Dessa maneira, um apanhado do historiador cultural é fundamental para o fomento da discussão aqui proposta. Além disso, o subtópico *(Sem) documentos: migração enquanto processo constitutivo da literatura* passeia por leituras especialmente de Edward Said e de Josefina Ludmer para tratar sobre a relevância dos deslocamentos humanos, condição em trânsito, enquanto produtores de realidades e ficções que têm impactado, com mais intensidade desde o século passado, nas produções literárias e de natureza similar. “A própria Josefina Ludmer autodefine sua crítica como uma crítica ‘em trânsito’” (COTA, 2008, p. 5), posto que, quando indagada sobre sua crítica, dissera trabalhar com “interrelações múltiplas”. (LUDMER, 2006).

O capítulo que segue, intitulado *Nós outros: Hamburgo, Kristallnacht e a literatura rosiana*, tem como foco os trechos acessados do *Diário de Guerra de Rosa*, bem como as crônicas alemãs, *O Mau Humor de Wotan*, *A Velha*, *Homem*, *Intentada Viagem* e *A senhora dos Segredos*, corpora de nossa pesquisa. A Kristallnacht, noite dos cristais quebrados, marca a deflagração da intimidação aos judeus na Alemanha nazista, mas que apenas foi notada com maior atenção pela historiografia posteriormente. Pensemos, por exemplo, que o conceito de Banalidade do Mal, de Hannah Arendt, surge apenas na década de 60. Na crônica *A velha*, apontava Guimarães: “O consulado foi invadindo-se de judeus, sob nó de angústias, famintos de partir, sofridos imenso, em desengano, público pranto e longo estremecer, quase cada rosto prometendo-se a coativa esperança final do suicídio. Vê-los, vinha à mente a voz de Hitler ao rádio – rouco, raivoso” (ROSA, 2009, p. 115) Já no *Diário de Guimarães Rosa*, lemos trechos como:

21 de outubro de 1940

Alarme às 9,15 da noite!
 O Tiroteio está brabíssimo! Espiei um pouco.
 Colunas curvas, de leite: holofotes.
 E piscam, instantâneas, efêmeras estrelinhas alaranjadas, no alto do céu.⁷

Há, nele, outras tantas anotações sobre a queda de bombas, o comportamento das pessoas, os escombros, o trato para com os judeus, a falta de alimentos, os trechos de comunicados oficiais a respeito dos tiroteios e outras questões; anotações e recortes que fazem deste *Diário de Guerra* um registro único.

Além disso, ainda neste capítulo dois, os textos de *Ave, Palavra*, alguns publicados anteriormente em outras mídias e outros apenas postumamente, na reunião de narrativas, dentre os quais os chamados contos ou crônicas alemãs, tratam desse contexto sob a perspectiva de narradores também diplomatas. Por isso, ainda neste segundo capítulo, no tópico *Crônicas alemãs*, seguem os subtópicos *A senhora dos segredos: começava a guerra*, com considerações acerca desta narrativa publicada já em 1952, porém relativa ao início da Guerra (1939), tendo como contexto a ida do narrador a uma horoscopista que atendia o próprio Hitler, indo em busca de possíveis presságios sobre o conflito que se acirrava. Em seguida, há *O Mau Humor de Wotan: Führer não encontra tempo para amar*, em que conhecemos os personagens Márion Madsen e o soldado nazista Hans-Helmut Heubel, mesmos nomes de conhecidos de Guimarães quando estava na Alemanha, pelo texto publicado em 1948 – cujo contexto da narrativa se dá com a invasão germânica à Polônia; e *A Velha e o narrador: retrato de um autor quando diplomata*, acerca de personagens que convidam o narrador para ouvir sua história em busca de visto com o destino para o Brasil. Por fim, há *Projeto de vastidão: Homem, Intentada viagem*, com o subtópico no qual adentramos a uma leitura minuciosa desta narrativa em que o personagem Zé Oswaldo, havendo registro desse nome no Itamaraty sobre um brasileiro também deportado em Hamburgo, ganha a alcunha de *transfronteira* por Guimarães Rosa, termo que tomamos para construir essa proposta acerca da obra do escritor como um todo.

O Brasil rural transfronteiriço: transfronteira no sertão mundo de Guimarães Rosa, o capítulo terceiro e final desta tese, assim, pareceu seguir um caminho como quando o personagem Guégue vai conforme as galinhas, lunático que é, desencaminhando a comitiva, mas buscando um caminho sintrópico. Os sentidos emprestados do conceito norteador *transfronteira* possibilitam, como se fosse a viagem da comitiva de *O recado do Morro*, unindo-se à viagem própria do recado em si, um encontro das leituras das narrativas alemãs às narrativas

⁷ BRAVO! São Paulo, n. 126, fev. 2008.

rurais de Guimarães Rosa neste “mundo muito grande”. Na condição de uma obra transfronteira, buscando saudar o projeto literário de Rosa que une aparentes opostos em tranças de flora e fauna, estrangeiro e interiorano, oral e escrito, nele há *Por um Rosa em trânsito*, pensando a figura de Rosa como um escritor em trânsito inclusive, como em *Páramo* (1968), em exílio. Segue-se, assim, o tópico *Transfronteira é abrir-se ao encantamento pelo outro*, com reflexões sobre transfronteira em Rosa como política de vida que se dá em princípios cósmicos e cosmopolitas.

O próximo tópico tem como título *Morro que abre o sertão: recados dos mundos possíveis*. Com as divisões *Outros: veredeiros, roceiros, sobreviventes*; *Morro que se abre, que transita* e *Estrada e festa: recado do diverso*, analisamos a narrativa *O Recado do Morro* (1956) sobre a perspectiva de viagem e de festejos entre cosmovisão afro-brasileira e ciência europeia – mas em trançado de recadeiros e canção: em movimento. A última análise diz respeito à narrativa *Meu Tio o Iauaretê* (1969), tendo como tópico o intitulado *Eu-toda parte: Iauaretê é transfronteira da transfronteira*. Para pensar esta obra inventiva, organizamos as divisões em *Outros: indígenas, estrangeiros e seus rastros de mistérios*; *O filho de Mar’Iara Maria é o híbrido* e *Autodeterminação estratégica: eu sou onça*. A partir de uma mescla de lugares, nomes e modos de estar no mundo, o sobrinho do Iauaretê, em seu monólogo-diálogo, permite-nos testemunhar essa identidade intercultural nesse encontro de biomas, solo fértil para um mundo plural.

O sertão mundo de Guimarães é conhecido por suas singularidades e suas complexidades, marcado por uma expressiva fortuna crítica sobre obras como *Sagarana* (1946), *Corpo de Baile* (1956) e *Grande Sertão: Veredas* (1956). Fuga da trilha generalista e racionalizante que o espaço midiático apontava, visualizado na construção de Brasília e no elogio ao civilizatório, o sertão rosiano segue pelas veredas. Por isso, a análise final desta tese se propõe a saudar o sertão mundo de Rosa como lugar de encontros que não apenas ultrapassa modos limitantes, como também se apresenta como possibilidade cosmopolita e anticolonial em sua obra transfronteira. Após estes três capítulos, seguem uma breve conclusão, apêndices e anexos referentes a informações e evidências empíricas.

**

Escrevi parte significativa desta tese em Campina Grande, na Paraíba, cidade em que resido devido ao caminho acadêmico, local do Programa de Pós-Graduação em Literatura e

Interculturalidade, caminho que não poderia ter ocorrido na cidade em que eu morava, no interior de Pernambuco, devido ao fato de não possuir qualquer *campus* de Universidade Pública. Por meio da bolsa do DAAD, alguns trechos foram escritos desde Aachen, na Alemanha (2020). Outros trechos foram escritos em Santa Cruz do Capibaribe, PE, cidade de onde sou e em que moram meus pais. O último semestre de pesquisa se deu em Hamburgo (2021/2022), devido à bolsa CAPES de estágio doutoral, sob supervisão temporária do professor doutor Markus Schäffauer. Retornando a Campina Grande, esta tese foi finalizada na Paraíba, orientada integralmente pelo professor doutor Antonio Carlos Melo Magalhães.

II - TRAVESSIA PELA DIFERENÇA

Capítulo 1

16 de março de 1941. 12'20 = O tiroteio continua, e as
bombas! I-n-i-t-e-r-r-u-p-t-o!

(*Diário de Hamburgo*, Guimarães Rosa)

1.1 Fortuna crítica de Guimarães Rosa na trilha estrangeira

De modo geral, é possível afirmar que a relação entre as produções literárias de Guimarães Rosa e o vínculo tanto com as culturas quanto com outros idiomas, especialmente o alemão, incluindo a experiência do autor enquanto vice-cônsul em Hamburgo, é pouco abordada pela fortuna crítica mais tradicional do escritor de *Grande Sertão: Veredas*, algo que é reconhecido inclusive pelos teóricos que enveredaram por essas leituras. Apesar disso, o interesse pelo idioma germânico fez-se presente na vida do autor desde muito jovem, com a aquisição de gramáticas alemãs desde a sua infância, o estudo em uma escola teuto-brasileira, a aprovação no Itamaraty, visando prestar uma assistência consular, e, com isso, posteriormente, a sua atuação no Consulado brasileiro na Alemanha. Diz Paulo Soethe, em “*Goethe war ein sertanejo*”: *das selbstreflexive Deutschland-Bild Guimarães Rosas* (2007), que as discussões sobre essas questões costumeiramente se limitam a tons de relatórios e a estudos pouco abrangentes de suas correspondências – isto implica dizer, portanto, que não se relacionam à sua literatura. Foi com essa motivação que o premiado⁸ pesquisador empreendeu uma busca por compreender o retrato auto-irônico nas crônicas alemãs de Rosa, também chamadas de contos alemães, termo preferido pelo pesquisador.

As primeiras publicações de Rosa se deram em concursos literários, podendo se considerar que “como tantos jovens, ainda mais quando originário da província, carecia de vinculações culturais na capital, motivo pelo qual vê nos concursos literários a possibilidade de estabelecer este contato, ser ouvido e recebido pelos colegas” (RAMA, 1978, p. 75). Já no que diz respeito às suas atividades diplomáticas, realizadas concomitantemente às literárias, tendo

⁸ DEUTSCHE WELLE. DAAD premia germanista brasileiro Paulo Soethe. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/daad-premia-germanista-brasileiro-paulo-soethe/a-18648230> Acesso em 18 de Dez. de 2018.

passado também por Paris e por Bogotá, o literato não costumava discutir publicamente sobre questões pessoais, isto é, sobre sua biografia, o que fez com que as poucas entrevistas dadas tenham acabado por se tornarem icônicas. Considerando este fato, há uma série de porquês pelos quais motivações e vínculos biográficos de Rosa ainda mereçam maiores atenções e até perscrutações. Na pesquisa *A imagem da Alemanha em Guimarães Rosa como retrato auto-irônico*, o autor, também Soethe, sugere que alusões à própria bibliografia de Guimarães integram as produções, sendo esta uma chave de interpretação para os contos de guerra do autor, cabendo, para o pesquisador, uma “interpretação de que os textos apresentam o impasse do diplomata brasileiro, desde cedo encantado com a língua e com as obras alemãs, ao se deparar com a realidade política do país de Goethe e de Thomas Mann” (SOETHE, 2005, p. 294). Sabe-se, além disso, que Guimarães Rosa fora homenageado em atividades acadêmicas e em universidades da Alemanha pelo importante diálogo intercultural entre este país e o Brasil⁹, o que é refletido também em sua linguagem e, dentre outras produções, em algumas de suas crônicas.

É sabido que, na chamada “biblioteca alemã” do autor, biblioteca cujas obras foram listadas pelo Instituto de Estudos Brasileiros, da Universidade de São Paulo (USP), há tanto publicações em alemão como livros em outros idiomas de autores germanófonos não necessariamente nascidos na Alemanha, de diversas áreas de interesses de Guimarães. A lista inclui, por exemplo, obras de Freud, Kafka, Thomas Mann, Goethe e Rilke, além de outros “títulos importantes”, bem como se encontra o *Simplicissimus*, de Grimmelshausen. As presenças ou ausências no espólio do IEB, contudo, dizem pouco; este é um passo inicial: constatamos um corpo desigual de autores e títulos e uma variedade grande” (BONOMO, 2010, p. 1560). Há, além do mais, alguns estudos que têm refletido especificamente sobre a influência às suas produções literárias, de nomes como Hegel, Schopenhauer, Nietzsche, Keyserling, Spengler e Karl Jaspers (BONOMO, 2010), pensadores cujas obras foram encontradas na biblioteca de Rosa com uma série de observações manuscritas.

Na produção acadêmica comparativa *Ethos, corpo e entorno: sentido ético da conformação do espaço em 'Der Zauberberg' e 'Grande sertão: veredas'*, Soethe destaca o caso do viajante alemão Vupes, que percorre o Grande Sertão: “clareado, constituído forte, com os olhos azuis, esporte de alto, leandrado, rosaltar (...) Wusp? É. Seo Emílio Wuspes... Wupsis... Vupses” (ROSA, 1994, p. 91-92); o mito fáustico e outros diálogos, com foco na ética e no

⁹ *João Guimarães Rosa*. Eberhard Karls Universität Tübingen, Tübingen, 2017. Disponível em: <https://www.romanistik.uni-tuebingen.de/personal/daad-gastlehrstuhl-brasilienstudien/guimaraes-rosa.html> Acesso em dezembro de 2018.

espaço associados pela imagem da construção de um *ethos* nos dois romances, pensando o sertão rosiano como múltiplo de significações simbólicas, estéticas e religiosas que apontam para a inventividade literária do autor e possibilitam reflexões filosóficas, posto que "Tanto Grande Sertão: Veredas como Der Zauberberg são povoados por personagens representativos de posturas existenciais, filosóficas e ideológicas distintas, com os quais os protagonistas se defrontam, intelectual e efetivamente" (SOETHE, 1999, p. 70).

Além disso, em *Babel sertaneja: personagens estrangeiras de Guimarães Rosa* (2017), Aline Ávila tem, como *corpus*, obras de Rosa em que se destacam personagens alemãs e personagens ciganas, em uma reflexão que parte da figura do imigrante na literatura brasileira, considerando os contextos de fluxos migratórios em direção ao Brasil nos séculos passados, os momentos de acolhimento e também as proibições até mesmo constitucionais da concentração de imigrantes no Brasil. Na literatura brasileira, há obras como *Brás, Bexiga e Barra Funda* (1927), de Alcântara Machado, com os tipos italianos dos bairros de São Paulo; em *Macunaíma* (1928), de Mário de Andrade, tem-se o arqui-inimigo do protagonista, Venceslau Pietro Pietra, estrangeiro que quer a muiraquitã, representando o novo-rico-imigrante; e *Contos do imigrante* (1956), de Samuel Rawet, agora escrito com o olhar do autor polonês vindo ao Brasil na infância (Ávila, 2017), para citar apenas essas, todas com narrativas cujo cenário é o Brasil e cujas personagens são oriundas de outros países.

Ao analisar a obra de Rosa, sob o interessantíssimo termo “babel sertaneja”, Aline Ávila considera a relevância das personagens estrangeiras nas suas produções como uma metafórica da “travessia pelas diferenças”, enfatizando que Guimarães Rosa sempre apresentou especial interesse em “representar componentes das minorias; em diversas de suas narrativas, ele dá voz a seres de exceção, os excluídos e marginalizados. Entre essas minorias estão os imigrantes, que figuram em composições do escritor em todas as fases de sua carreira” (ÁVILA, 2017, p. 64). A epígrafe do trabalho da autora, dito de Riobaldo, explica um pouco a presença desses personagens que compõem a Babel de Rosa: “Toda a vida gostei de estrangeiros” (ROSA, 1994, p. 107).

Para a autora, esse interesse se verifica, portanto, no ato de narrar a diferença, como se percebe em obras como *O recado do morro*, a qual integra a coletânea *Corpo de baile* (1956). Nesta narrativa, um naturalista europeu viaja tendo em vista uma investigação das “potencialidades arqueológicas, etnológicas e topológicas da região – fato que nos remete à viagem feita por Guimarães Rosa ao sertão mineiro antes de escrever *Corpo de baile* – mas acaba deparando-se com uma diversidade cultural inesperada.” (ÁVILA, 2017, p. 85). Fica

constatado que é vocação de Rosa o trânsito entre as culturas, como bem diz Marli Fantini Scarpelli em *A fronteira transnacional do grande sertão rosiano*:

Guimarães Rosa é um viajante e sua poética tem vocação plurilinguística, intercultural e transnacional. O conhecimento de vários idiomas, o trânsito por inúmeras culturas, a diversidade de focos assegurada pelo olhar multifacetado do escritor – sertanejo, médico, intelectual, diplomata, Chefe do Serviço de Demarcação de Fronteiras – são, no meu entendimento, fatores decisivos na constituição de sua poética de “fronteiras”. (...) Na vasta territorialidade do grande sertão rosiano, mesclam-se várias temporalidades a partir de cuja superposição emerge toda uma gama de vozes dissonantes. O convívio tensionado entre vários polos dicotômicos se materializa sobretudo na “terceira margem”, emblemática imagem rosiana que dá visibilidade a entre-lugares fronteiriços onde surge a oportunidade de intercâmbio entre categorias via de regra polarizadas. (SCARPELLI, 2000, p. 178 – grifo nosso)

Por poética de fronteiras é possível pensar em uma desobediência como modo de ver o mundo. Em uma leitura decolonial, uma opção por “imaginar um mundo em que muitos mundos possam coexistir”¹⁰. Essa condição de autor viajante e escrita também multifacetada parece fazer reverberar em sua obra a vocação “plurilinguística, intercultural e transnacional”. Pensando essa “emblemática imagem rosiana que dá visibilidade a entre-lugares fronteiriços onde surge a oportunidade de intercâmbio entre categorias via de regra polarizadas” (SCARPELLI, 2000, p. 178), arrematamos nossa intenção de refletir sobre a produção rosiana enquanto obras que não só propõem um olhar intercultural, mas que são produzidas no espaço transfronteiriço, cujo próprio Brasil rural rosiano tem um pouco de tantos outros locais visitados e ali refletidos, o que se verifica não apenas pela presença de estrangeiros em narrativas diversas do autor, mas também em relações com criações na linguagem, liberdade em intercambiar imaginários e correlações outras que pretendemos esmiuçar. Essa vocação de entrelaçamento parece concordar com a fala de Riobaldo de que “Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo as coisas de rasa importância” (ROSA, 1994, p. 132).

Ainda, o pesquisador colombiano Bairon Oswaldo Vélez Escallón traz enorme colaboração à fortuna crítica de Rosa, colocando-o na trilha estrangeira. Em *Guimarães Rosa e o Bogotazo* (2013), ele discorre sobre a narrativa *Páramo*, na qual destaca elementos que

¹⁰ “A opção decolonial concede à concepção da reprodução da vida que vem de *damnés*, na terminologia de Frantz Fanon, ou seja, da perspectiva da maioria das pessoas do planeta cujas vidas foram declaradas dispensáveis, cuja dignidade foi humilhada, cujos corpos foram usados como força de trabalho: reprodução de vida aqui é um conceito que emerge dos afros escravizados e dos indígenas na formação de uma economia capitalista, e que se estende à reprodução da morte através da expansão imperial do ocidente e do crescimento da economia capitalista. Essa é a opção decolonial que alimenta o pensamento decolonial *ao imaginar um mundo no qual muitos mundos podem coexistir*” (MIGNOLO, 2008, p. 296).

possibilitam a relação com Bogotá da década de 40 e a informação de que Rosa participou como delegado representando o Brasil na importante Conferência Pan-Americana em 1948, em sua segunda passagem como diplomata em Bogotá, que durou até 1951. O Bogotazo diz respeito ao ocorrido após o assassinato de um líder considerado progressista, o que desencadeou uma série de protestos de populares insatisfeitos com a concentração de latifúndio, a desindustrialização e a instabilidade econômica para a população de baixa renda. Estes protestos são considerados entre os mais significativos para a história da América do Sul no século passado. (ESCALLÓN, 2013). Em *Páramo*, texto publicado postumamente, o protagonista comenta sobre seus meses de *soroche* (mal de alturas) e distúrbios de saúde mental, como o Transtorno de despersonalização. Estranheza dentre as suas produções, “que não abundam as temáticas urbanas, os frios andinos ou as passagens cosmopolitas de intelectuais ou diplomatas.” (2013, p. 268), Escallón considera ainda que a desatenção dos críticos quanto a essa produção é também uma desatenção à cidade na qual se passa a narrativa, Bogotá. Escallón acusa a fortuna crítica tradicional de Guimarães Rosa de nacionalista, quando diz que “As operações da crítica nacionalista, ou regional-universalista, são caracteristicamente restritas: usam o conjunto de textos assinados por Guimarães Rosa como moeda de troca num mercado internacional da literatura” (2013, p. 277). O pesquisador, assim, propõe que se leia a obra de Guimarães fora da chave tradicional de *super-regionalismo*, de Antônio Cândido, deixando-a viver suas estranhezas, um “limiar aberto”.

No que diz respeito a algumas obras já apontadas, como as crônicas alemãs, além de outras análises que ganham entorço com as leituras destas narrativas à luz de algumas categorias teórica, é interessante constatar a importância das anotações do diplomata em seu costumeiramente chamado *Diário de Guerra*, ainda não integralmente publicado, e a similaridade com narrativas publicadas do autor, como é o caso de *O Mau Humor de Wotan*, conforme estudos comparativos de Ávila apontam – utilizando trechos publicados em matéria intitulada *A 2ª Guerra vista por Guimarães Rosa*, na revista “Bravo!” (capa em Anexos).

Lemos, ainda, no Diário, datado em 25 de outubro de 1940, o seguinte trecho: “Sempre com tiros e bombas tremendas. Parece que inaugurou para nós uma nova fase da guerra aérea. (...) Havia corpos estranhos, como flechas luminosas e coloridas, horizontalmente no ar, em enfiadas pela Rothenbaumchaussee.” (ROSA, 1940). No contexto de *Mau Humor de Wotan*, temos “passaram o frio, o inverno, pela Lombardsbruecke trens com soldados, os dias de Oslo, Narvik e Lillehammer. Vezes, mesmo Márion sabia de nada. Só que Hans-Helmut vivo, com

saudade e saúde. (...) Depois de blitz e armistício, dele tivemos carta” (ROSA, 1948, p. 24).
Trecho este relacionado à narrativa da primeira coluna da comparação com o Diário de Guerra:

Tabela 1: Comparativo Diário de Guerra com *O Mau Humor de Wotan*

“O mau humor de Wotan”	Diário de Guerra
<p>“Márion Madsen [...] foi rapidamente quase minha namorada, durante um dia, à beira do Alster, em 1938”. (ROSA, 2001, p.21). “Passeando em cima do Alster gelado”. (ROSA, 2001, p.22).</p>	<p>13 de julho de 1940 “Passeei hoje, com Ara [Aracy Moebius de Carvalho], à tarde. Fomos pela beira do Alster [Afluente do rio Elba que corta Hamburgo]. Num recanto da margem, perto da Lombardsbrücke [Ponte sobre o Alster].” (DELFINI, 2008, p. 35).</p>
<p>“Por azo, em noite menos fria, foi que me encontrei com Márion e a mãe, no teatro.” (ROSA, 2001, p.28). “Despedi-me e caminhei, aproveitando a lua. Na estação de Dammtor, um trem sem fim atravessava a noite, comboio militar, canhões e tropa, rodando para o Sul, vindo da Dinamarca. Enquanto a aguardar o alarma aéreo [...]”. (ROSA, 2001, p.28).</p>	<p>9 de outubro de 1940 “Fui ao teatro (“Madame Butterfly”, no Staatsoper”. Engraçado é, depois da sessão, a correria do pessoal, para chegar em casa antes do alarma. Chuva. Lua cheia. A lua saindo de uma nuvem para entrar logo atrás da outra.” (DELFINI, 2008, p. 39).</p>
<p>“Zuniam nas noites os aviões da RAF, entre sustos e estampidos”. (ROSA, 2001, p.26).</p>	<p>19 de junho de 1940 “Escuto, baixo, nítido, esportivo, automobilístico, trepidante, o zumbido da Royal Air Force” (DELFINI, 2008, p. 31).</p>
<p>“Seguindo assim, seja, semanas, roncavam mais estragadores os bombardeios do ar”. (ROSA, 2001, p.28).</p>	<p>25 de outubro de 1940 “O trovão das bombas se repetiam, infernal.” (DELFINI, 2008, p. 39).</p>
<p>“Desfolheavam-se as tília da Glockengiesserwall [...]”.(ROSA, 2001, p.27).</p>	<p>25 de outubro de 1940 “Glockengiesserwall em parte gerperrrt.” (DELFINI, 2008, p. 39). (Glockengiesserwall é o nome de uma rua)</p>

Fonte: Aline Ávila (2017). Babel Sertaneja.

Isso implica considerar a relevância desses registros para a posterior composição das narrativas alemãs de Guimarães, tendo em vista que a partida de Rosa da Alemanha se deu em

1942, e as publicações desses contos se deram entre 1948 e 1961: *O mau humor de Wotan* foi publicado em 29.02.1948 – no Correio da Manhã (Folha do Jornal em Anexos) – ; *A senhora dos segredos*, em 06.12.1952 (Folha do Jornal em Anexos) – também no Correio da Manhã – ; *Homem, intentada viagem* (Folha do Jornal em Anexos), em 18.02.1961 – n’O Globo – ; e *A velha*, em 03.06.1961 – também n’O Globo. Todos, só posterior e postumamente, integraram *Ave, Palavra* (1970), alguns com modificações. No entanto, todos apresentam elementos evidentes de contexto relacionado diretamente aos anos de 38, 39, 40 e 41.

Ainda, em *A face do caos: Guimarães Rosa e a Segunda Guerra Mundial*, considera Waldete Barbosa, acerca da narrativa rosiana que recebe o título de *O Mau Humor de Wotan*:

19 de agosto de 1934, foi realizado um plebiscito em que o povo alemão aprovou a posse de Adolf Hitler para o cargo de Presidente. Segundo os dados históricos, mais de 38 milhões, votaram a favor e apenas 4 milhões contra. A partir de então, Hitler exigiu de todos os oficiais e membros das forças armadas um juramento de fidelidade para com ele próprio. Eis o juramento: —Faço perante Deus este sagrado juramento que renderei incondicional obediência a Adolf Hitler, o Fuehrer do povo e do Reich alemão, supremo comandante das forças armadas ... Hitler foi deificado durante a vida. Simbolizou Wotan e seu mal humor consistiu em destruir tudo em nome da Paz. (BARBOSA, 2013, p. 3).

Também para a autora, não apenas diversos trechos permitem uma clara relação do contexto da narrativa com a Segunda Guerra, como é possível captar do narrador um posicionamento no tangente à noção de que o hitlerismo implicava uma série de ações destrutivas, inclusive para os filiados ao partido. Ainda para a autora, agora em produção intitulada *A face do caos: a crônica de Guerra em Guimarães Rosa*, com essas narrativas, em especial a que narra sobre os personagens Márion Madsen e Hans-Helmut Heubel, notamos ambientes em que a “vida prossegue nos trilhos escavados por uma rotina secular, onde os sentimentos e as reações são de pessoas ligadas ao século XX, germinam, dentro da memória, amadurecem e frutificam confirmando a vitória do escritor dentro de um gênero tido como menor” (BARBOSA, 2011, p. 92). Dito isto, compreende-se que a travessia pela diferença na obra de Guimarães Rosa parece ter sido mais longa do que a figura pública diplomática do autor faz supor. Em entrevista a Fernando Camacho, Rosa é perguntado sobre o trabalho de escritor no período em que fora vice-cônsul:

FC: E nos anos que passou na Alemanha, antes e durante a guerra, também escreveu?

GR: É muito difícil para mim delimitar as coisas, porque, como é que, Camacho, eu posso dizer quando começa um livro meu, quanto tempo

leva a ser escrito... O processo subconsciente é muito importante e eu estou sempre escrevendo, mesmo mentalmente, observando, comentando coisas, tomando notas ou... Quando se ajunta tudo isto é que sai uma coisa material, a obra, não é verdade?

FC: Sim...

GR: Eu acho, Camacho, eu noto, conversando com os outros companheiros meus, que alguns tem o livro na cabeça, ficam anos com ele, e depois é quase como se o um livro fosse uma saída deles mesmo, de alguma coisa que já existia neles, não é verdade. Eu? Eu não. Eu estou no meio de um vazio, aquele vácuo. Eu não escrevi nada na Alemanha... quatro anos, mas **lia, vivia, tomava nota, pensava, via coisas... É como se, mentalmente, estivesse escrevendo...**¹¹

Nas falas, Rosa comenta sobre seu processo criativo e sua relação com a escrita da literatura. A sua percepção é de que observar, comentar e tomar nota são partes vitais para o momento de juntar tudo e, assim, dar ao texto as palavras. Como disse Ángel Rama, “O nascimento do escritor dentro do brasileiro João Guimarães Rosa foi lento, progressivo, indireto, derivado de uma busca obscura e incerta. Numa de suas declarações, ele mesmo destacou que esses processos nunca são nítidos” (1978, p. 73). Nesse pensamento de escrita enquanto possível maturação entre vivências, pensa-se a soma de diversos momentos e experiências vividas “às vezes bem distantes entre si, atitudes e inclinações semelhantes, até que de repente esta acumulação obscura se transforma numa opção definitiva” (*Ibidem*). Cabe também a nós, pesquisadoras e pesquisadores da área, adentrarmos essas veredas.

1.2. Caminhos teóricos

Bernardo Carvalho, em entrevista que ganhou o título de *A literatura como ferramenta para alargar o mundo*, é indagado sobre a relação entre o deslocamento espacial, isto é, a saída do lugar em que se vive, e a dificuldade de comunicação, pensando essa relação na sua produção literária. Partindo disso, comenta:

Eu acho que a literatura, a arte em geral, se dá quando a comunicação para de funcionar. A antropologia, a ciência social, o jornalismo, tudo isso é comunicação. Acho que na literatura tem um passo além disso que é você ir para um lugar onde a comunicação não funciona, onde é difícil o entendimento.

¹¹ Entrevista com João Guimarães Rosa. Originalmente publicada em: Revista Humboldt, vol.18 - nº 37, p. 42-53. Munique|Rio de Janeiro, 1978. Disponível em: <http://www.elfikurten.com.br/2016/05/joao-guimaraes-rosa-entrevistado-por.html> (Destaque nosso) Acesso em: 18 de fev. de 2019.

E é uma tentativa, um esforço sobre-humano de você tentar fazer entender uma coisa que não é inteligível. A literatura não é substituível pela antropologia, pelo ensaio, pela psicanálise, pelas ciências humanas. (...) E acho que a literatura está nesse esforço de tentar um entendimento do mundo para além do lugar onde o mundo é inteligível. Penso que é uma forma de entendimento. (CARVALHO *apud* VIEL, 2020, p. 77).

Essa “impossibilidade de substituição” da literatura por outras áreas de conhecimento humano pode ser lida justamente como uma abertura à tentativa de leitura daquilo que é também “inteligível”, como uma comunicação que é alargada de um modo tradicional de funcionamento, sobre entendimentos outros, os quais, por exemplo, a antropologia clássica quase nunca alcançou sem exotizar. Quando Guimarães Rosa escreve as crônicas alemãs, apesar de algum padrão de semelhança (contexto histórico, relação direta com a Alemanha, por vezes com termos e com relação com flora local, por exemplo), há distanciamentos de processos cotidianos comuns a relatos ao nos apresentar desde a horoscopista de Hitler – uma quase namorada que preferiu casar-se seguindo os padrões do Führer –, mulheres à procura de visto, a homem sem documentos sendo repatriado. Além disso, trechos do *Diário de Guerra* do autor possibilitam uma série de considerações, as quais, como ditas, podem ser relacionadas às suas produções literárias posteriores.

Mais diversos são esses cenários aqui citados quando se considera a produção de Rosa como um todo, aparentemente muitas vezes partindo de um sertão mineiro. Como recorda Scarpelli, “Sob a perspectiva de um estrangeiro-tradutor, Guimarães Rosa, depois de diversas viagens ao exterior, retorna ao interior de Minas, para recuperar os vestígios de formações culturais arcaicas preservadas pela tradição oral.” (SCARPELLI, 2000, p. 182). Silviano Santiago (2017) sacode mais e diz que Guimarães Rosa não só transformou as falas dos jagunços, como foi um “tradutor infiel das anotações alheias”, dizendo ainda que a condição de poliglota auxiliou nesse processo de uma escrita quase intraduzível, quase que ironicamente. É nesse sentido que refletir sobre a obra de Rosa enquanto literatura transfronteira é, antes de tudo, perfazer alguns movimentos que nos recordam do início de *Hibridismo Cultural*¹² (2003), de Peter Burke, onde lemos:

O historiador britânico Perry Anderson descreve a tendência do período em que vivemos de “celebrar o crossover, o híbrido, o pot-pourri”. Para ser mais exato, algumas pessoas – como o escritor anglo-indiano Salman Rushdie em seus Versos Satânicos – louvam estes fenômenos enquanto outras os temem ou os condenam. (2003, p. 13)

¹² Título Original: *Cultural Hybridity, Cultural Exchange, Cultural Translation: Reflections on History and Theory*. Para distinguir da produção de Canclini.

O professor de História das Ideias considera ainda que esse temor parte de diversos grupos sociais. Por outro lado, notamos uma série de teóricos, algumas vezes de origens mistas, que buscaram repensar a identidade cultural, são exemplos Homi Bhabha, Canclini e Edward Said, compreendendo “‘cultura’ em um sentido razoavelmente amplo de forma a incluir atitudes, mentalidades e valores e suas expressões, concretizações ou simbolizações em artefatos, práticas e representações” (BURKE, 2003, p. 16). Essa tendência, compreendida por P. Anderson, pode ser notada desde o século passado, de modo que há, na contemporaneidade, certo espaço possibilitado por reflexões promovidas em períodos anteriores. Para Rosa, a América Latina sempre teve papel crucial nesta hibridização. Em entrevista a Lorenz, afirmou:

Estou firmemente convencido, e por isso estou aqui falando com você, de que no ano 2000 a literatura mundial estará orientada para a América Latina; o papel que um dia desempenharam Berlim, Paris, Madrid ou Roma, também Petersburgo ou Viena, será desempenhado pelo Rio, Bahia, Buenos Aires e México. O século do colonialismo terminou definitivamente. A América Latina inicia agora o seu futuro. Acredito que será um futuro muito mais interessante, e espero que seja um futuro humano. (ROSA, 1994, p. 61).

Certo e incerto. É certo que leituras, produções, escrituras e modos decoloniais têm *arrombado portas* por séculos fechadas. É incerto que perspectivas colonialistas possam se encerrar, porém é significativa a proposição de que se encerre hoje mesmo, de que já deveria ter se encerrado. E é por sua produção literária apresentar esse vislumbre com um futuro mais interessante e mais diverso que cabe pensar a *transfronteira*, também na obra de Rosa notada como temida ou condenada por certos grupos. Levando em consideração nosso destaque inicialmente a *O mau humor de Wotan* (1948), *A senhora dos segredos* (1952), *Homem, intentada viagem* (1961) e *A velha* (1961), para posteriormente destacarmos as obras que narraram o sertão-mundo rosiano, importam-nos as análises acerca dos deslocamentos humanos como constitutivos da literatura, considerando percepções de Edward Said e de Josefina Ludmer, bem como as noções de Impredizibilidade, com base em Édouard Glissant, além de Transculturação Narrativa, considerando as leituras de Ángel Rama, e Hibridismo Cultural, de acordo com os conceitos de Peter Burke e de Nestor Canclini, para então perfazemos esses movimentos de analisar os espaços híbridos nas narrativas, como se propõe o subtítulo desta produção acadêmica: *da Alemanha para-a-guerra das crônicas ao sertão mundo*.

1.2.1 (Sem) documentos: migração enquanto processo constitutivo da literatura

A ideia do termo cunhado em 1827 por Goethe, *Weltliteratur* (literatura mundial), “empregue para indicar o tempo em que todas as literaturas se uniriam uma só, traduz o ideal da unificação de todas as literaturas uma só grande síntese, em que cada nação desempenhasse o seu papel num concerto universal” (WELLEK; WARREN, 2003, p. 57), guardava consigo um vislumbre que só se pode, sem pretensão de adequação teórica, no século vindouro, que nunca chegou.

Mesmo Wolfgang von Goethe (1749 - 1832), autor da versão do mito alemão de *Fausto* com maior número de exemplares vendidos em todo o mundo, não fugiu à nacionalização de sua literatura. Recordemos que, na Alemanha nazista, a peça *Mephisto*, baseada em seu *Fausto - Uma tragédia* (1808), foi apresentada inenúmeras vezes com a proposta de que fosse possível valorizar os autores nacionais, tornando-os “*ethos* coletivo”¹³ do *Reich*, como sustenta a narrativa do livro do filho do também escritor Thomas Mann, Klaus Mann, em *Mephisto*¹⁴ (1936), obra escrita no exílio.

Fratura entre o ser e o lugar de origem, o exílio promove, até mesmo nos momentos de realizações, constantes lembranças do que foi deixado para trás, possivelmente para sempre. Assim reflete Edward W. Said na obra *Reflexões sobre o exílio: E outros ensaios* (2003), afirmando, ainda, que “A moderna cultura ocidental é, em larga medida, obra de exilados, emigrantes, refugiados.” (2003, p. 45). Conforme o importante intelectual palestino, o crítico literário George Steiner propôs o pensamento de que uma série de produções literárias ocidentais do século passado pode ser chamada de “extraterritorial”, havendo, assim, tanto literatura sobre exilados, como por exilados, enquanto símbolos do refúgio, dizendo: “Parece apropriado que aqueles que criam arte numa civilização de quase barbárie, que produziu tanta gente sem lar, sejam eles mesmos poetas sem casa e errantes entre as línguas. Excêntricos, arredios, nostálgico, deliberadamente inoportunos...” (*apud* SAID, 2003, p. 46)

Ainda conforme Said, também em outros períodos os “excêntricos, arredios e

¹³ Com base em Said, “Em seus primeiros estágios, todos os nacionalismos se desenvolvem a partir de uma situação de separação. As lutas pela independência dos Estados Unidos, pela unificação da Alemanha e da Itália, pela libertação da Argélia foram de grupos nacionais separados – exilados – daquilo que consideravam seu modo de viver legítimo. O nacionalismo triunfante justifica então, tanto retrospectiva como prospectivamente, uma história amarrada de modo seletivo numa forma narrativa: todos os nacionalismos têm seus pais fundadores, seus textos básicos, quase religiosos, uma retórica do pertencer, marcos históricos e geográficos, inimigos e heróis oficiais. Esse *ethos* coletivo compõe o que o sociólogo francês Pierre Bourdieu chama de *habitus*, o amálgama coerente de práticas que ligam o hábito a habitação.” (2003, p. 48).

¹⁴O terceiro romance de Klaus Mann (1906-1949) apresenta um retrato do autor Gustaf Gründgens, quem fez carreira na Alemanha Nazista ao abdicar de suas supostas perspectivas políticas.

inoportunos” foram responsáveis por produções literárias e críticas com perspectivas transnacionais, exemplificando com *The Romantic Exiles* [Os Exilados Românticos], de E. H. Carr, obra a respeito de intelectuais russos errantes do século XIX, agrupados em torno de Herzen. Afirma, no entanto, que:

A diferença entre os exilados de outrora e os de nosso tempo é de escala: nossa época, com a guerra moderna, o imperialismo e as ambições quase teológicas dos governantes totalitários, é, com efeito, a era do refugiado, da pessoa deslocada, da imigração em massa. (SAID, 2003, p. 48)

Said atenta ainda para o fato de que limitar a compreensão do exílio como benéfico, ao pensá-lo como “bom para nós”, é apagar as dores e as angústias dos sujeitos que viveram essas experiências raramente experimentadas pela maioria das pessoas. A escrita do exílio é um processo árduo de produção de dignidade àqueles que lhes fora negada, de palavras sobre o processo de desenraizamento. Said cita Mahmoud Darwish (1941 - 2008) e sua poética do sentimento de ausência, além de Rashid Hussein (1936 - 1977), escritor que conseguiu estabelecer um diálogo entre escritores judeus e árabes – sentido-se deslocado na Síria e no Líbano ou infeliz no Cairo; Theodor Adorno (1903 - 1969), com sua autobiografia escrita no exílio, *Mínima Moralia - Reflexionen aus dem beschädigten Leben* (Reflexões de uma vida mutilada) – cujas reflexões são “animadas pela crença de que o único lar realmente disponível agora, embora frágil e vulnerável, está na escrita” (SAID, 2003, p. 50) – além de Erich Auerbach (1892 – 1957), que passou anos exilado na Turquia, e seu modo de captar a experiência humana. Por isso, atenta-nos:

Paris pode ser a capital famosa dos exilados cosmopolitas, mas é também uma cidade em que homens e mulheres desconhecidos passaram anos de solidão miserável: vietnamitas, argelinos, cambojanos, libaneses, senegaleses, peruanos. É preciso pensar também em Cairo, Beirute, Madagascar, Bangkok, Cidade do México. À medida que nos afastamos do mundo do Atlântico, a cena se torna mais terrível e lastimável: multidões sem esperança, a miséria das pessoas “sem documentos” subitamente perdidas, sem uma história para contar. Para refletir sobre muçulmanos exilados da Índia, haitianos nos Estados Unidos, habitantes de Bikini na Oceania, ou palestinos em todo o mundo árabe, é preciso deixar o modesto refúgio proporcionado pela subjetividade e apelar para a abstração da política de massas. Negociações, guerras de libertação nacional, gente arrancada de suas casas e levada às cutucadas, de ônibus ou a pé, para enclaves em outras regiões: o que essas experiências significam? Não são elas, quase que por essência, irrecuperáveis? (SAID, 2013, p. 50)

As pessoas “sem documentos” podem ser compreendidas como sem uma história oficial. Pergunta Said, ainda, se não são “irrecuperáveis”, novamente alertando para a romantização dos processos de imigração enquanto tão somente narrativas de glória individual. Essas condições de passagem de fronteiras podem significar, especialmente para os que a fazem sem possibilidade de retorno, uma vida de travessia de fronteira, de rompimento de barreira do pensamento humano e das vãs experiências (2013). Nesse contexto, “O exilado sabe que, num mundo secular e contingente, as pátrias são sempre provisórias. Fronteiras e barreiras, que nos fecham na segurança de um território familiar, também podem se tornar prisões e são, com frequência, defendidas para além da razão ou da necessidade” (2013, p. 53). Exemplo: Zé Oswaldo.

Como em *Homem, Intentada Viagem*, na narração de Rosa, Zéosvaldo (também grafado Zéoswaldo, Zé Oswaldo e Zé Osvaldo), aquele que tinha “a necessidade de partir e longinquir” e que fora em diversos países repatriado, também teve por esse “projeto de vastidão” a vida ceifada na viagem intentada que era ele próprio.

Isso posto, as experiências dessas pessoas são particulares e, quando se compara à grande escala de deslocamentos humanos ao longo da história, são também sobre cidades, lugares e coletividade, porque implicam condições socioculturais que muitas vezes esbarram em problemas políticos nos seus países de origens: exclusões, vulnerabilidades, oposições, intolerâncias. Além do mais, existem as condições das políticas públicas, ou das negligentes posições, dos países aos quais esses grupos ou indivíduos se dirigem. Os níveis de desconforto costumam, portanto, depender dessas diversas condições, o que torna cada narrativa de cada sujeito uma realidade que pode gerar uma *ficção* singular.

Apesar de se compreender que o sentimento de não pertencimento pode ser muito menos doloroso na condição em que se nota o narrador de *A Senhora dos Segredos*, crônica escrita por Guimarães Rosa, ele afirma: “Eu ali, afinal, não passava de um estrangeiro” (ROSA, 2009, p. 210), enquanto visitava a horoscopista de Hitler para saber se haveria guerra. Ainda que como diplomata, num país até então nunca visitado, sem heranças germânica e sim sertaneja, e em uma Europa para-a-guerra contra grupos minoritários, notar-se apenas “um estrangeiro” aponta para esse sentimento de deslocamento, principalmente quando confrontamos com contextos de imigrantes que integram grupos que são perseguidos pelo governo e/ou pelos cidadãos locais.

Mesmo quando pensamos a relação entre as produções literárias contemporâneas e o exílio, é válido recordar que, ainda que saibamos que os literatos “africanos, sul-americanos e asiáticos têm sido lidos em todo o mundo, muitos deles são migrantes e estão no exílio, como

Wole Soyinka, Ngugi wa Thiong’o, ou o Nobel chinês que vive na França, Gao Xingjian.” (GNISCI, 2010, p. 09). Esses tipos de situações justificam, inclusive, o cuidado que vários teóricos e historiadores culturais que tratam sobre processos de hibridização, bem como sobre exílio e literatura, têm no que diz respeito à compreensão de que esses deslocamentos humanos muitas vezes podem significar eternos conflitos quanto ao (não) pertencimento de onde são e de onde se instalam, quaisquer que sejam os motivos.

Com base nesse contexto, sustenta Said, em Conferência proferida pela BBC, tendo como título *Representações do intelectual*, que é função do intelectual “mostrar que um grupo não é uma entidade natural ou divina, e sim um objeto construído, fabricado, às vezes até mesmo inventado, com uma história de lutas e conquistas em seu passado, e que algumas vezes é importante representar” (SAID, 2005, p. 44).

É na esteira dessas concepções apresentadas que a teórica Josefina Ludmer pensou as produções contemporâneas, ao considerar os “lugares” dessas literaturas que atravessam as fronteiras das definições teóricas porque, inclusive, muitas vezes os próprios autores foram pessoas que precisaram atravessar as fronteiras físicas dos países. A autora inicia seu manifesto intitulado *Literaturas Pós-Autônomas*, inicialmente publicado na revista *Sopro*, apresentando sua busca por “territórios do presente” ao pensar um “tipo de escrituras atuais da realidade cotidiana que se situam em ilhas urbanas (em zonas sociais) da cidade de Buenos Aires: por exemplo, o bajo Flores dos imigrantes bolivianos (peruanos e coreanos) de Bolivia Construcciones de Bruno Morales” (2010, p. 1). Nessa leitura, a noção de “território do presente” impacta na percepção das produções literárias que não são mais necessariamente enquadradas como literatura. Para a teórica, essas literaturas:

Atravessariam a fronteira, e entrariam em um meio (em uma matéria) real-virtual, sem foras, a imaginação pública: em tudo o que se produz e circula e nos penetra e é social e privado e público e “real”. Ou seja, entrariam em um tipo de matéria e em um trabalho social (a realidade cotidiana) em que não há “índice de realidade” ou “de ficção” e que constrói presente. Entrariam na fábrica do presente que é a imaginação pública para contar algumas vidas cotidianas em alguma ilha urbana latino-americana. (LUDMER, 2010, p. 3)

Para Ludmer, a realidade cotidiana dos sujeitos que caminham entre esses territórios constrói o presente de maneira que penetram distintos espaços sociais. Conforme Canclini, há uma forte relação entre esses espaços urbanos e as suas diversas produções de cultura, tendo em vista que “As megalópoles multilíngues e multiculturais, por exemplo, Londres, Berlim, Nova York, Los Angeles, Buenos Aires, São Paulo, México e Hong Kong, são estudadas como

centro em que a hibridização fomenta maiores conflitos e maior criatividade” (2019, p. 30). Além disso, a produção de Ludmer sugere que o procedimento de leitura crítica de uma obra enquanto literatura autônoma, justamente por essas realidades construídas em trânsito, desconsidera a “contaminação” da literatura a diversos elementos, a saber econômicos, políticos e sociais.

Ainda sobre Josefina Ludmer, a teórica defende que “As experiências da migração e do ‘subsolo’ de certos sujeitos se definem fora e dentro de certos territórios.” (2010, p.3). Esta autora é lembrada com frequência, inclusive, quando se estudam produções literárias que não necessariamente são enquadradas como tal, especialmente quando se leva em consideração as concepções clássicas de autonomia do texto literário, que buscaram esquematizar a leitura do texto de maneira a validá-la como técnica científica, próxima, metodologicamente, às ciências exatas. A saber, tem-se a narratologia eurocentrada no *close reading*¹⁵ – costumeiramente em uso de Roland Barthes, Gérard Genette, Vladimir Propp, Yuri Tynianov e Roman Jakobson – e a Teoria do Texto Poético, em busca limitadamente das especificidades do gênero lírico: o ritmo, a sintaxe e a semântica do poema.

Como bem dito no ensaio *Em “trânsito”: incursões pela crítica de Josefina Ludmer*: “A desestabilização de limites, as aberturas praticadas na leitura crítica da autora, a suspensão de hierarquias e classificações, colocam em xeque os gêneros literários e textuais.” (COTA, 2008, p. 3). Podemos pensar, como casos dessas fronteiras rompidas, obras como *Zero* (1974), de Ignácio Loyola Brandão, quem assegura que, sobre seu romance-experimental-não-ficção, “não inventou nada, tirou tudo da realidade” sobre o período ditatorial brasileiro, ou mesmo *Maus*, de Art Spiegelman (1980), narrativa gráfica com base nas memórias do pai do autor, sobrevivente do Holocausto, mas também *Conversa de Jardim* (2018), de autoria de Maria Valéria Rezende e Roberto Menezes, pelo formato pouco convencional de um diálogo giardino. Isso porque “Muitas escrituras do presente atravessam a fronteira da literatura (os parâmetros que definem o que é literatura) e ficam dentro e fora, como em posição diaspórica: fora, mas presas em seu interior. Como se estivessem ‘em êxodo’” (LUDMER, 2010, p. 3).

Nesse sentido, é significativo considerar que esses diversos contextos de atravessamento de fronteiras se relacionam não apenas com os assuntos e as vivências compreendidas nas produções literárias, mas também com o próprio campo de estudo de literatura, o que explica a atenção de alguns Programas de Pós-Graduação às leituras de teóricos que tratam sobre história

¹⁵ Proposta de leitura analítica e estruturalista do texto literário inicialmente relacionada ao New Criticism. Método especialmente defendido pelo crítico inglês F. R. Leavis.

cultural, antropologia e filosofia contemporâneas, tendo em vista a relevância dessas discussões para uma democratização dos espaços (academias, feiras, festas) da área de literatura, é o caso da área de estudos chamada de *Migrantenliteratur* (Literatura de Imigrantes), parte da área maior *Interkulturelle Literatur*, isto é, literatura intercultural. São exemplos claros de autores deste segmento de estudo a escritora romena Herta Müller, o escritor teuto-sírio Rafik Schami e a escritora turca Emine Sevgi Özdamar, para citar apenas esses.

No livro publicado em 2018, do romancista Michael Kleeberg, *Der Idiot des 21. Jahrhunderts: Ein Divan* (O Idiota do século XXI: um divã), inspirado na coleção de poemas líricos de Goethe¹⁶, especialmente quando se considera o capítulo sob o título “Gottfried und Amir”, os personagens de mesmo nome – um imigrante alemão do século XIX e um refugiado sírio da contemporaneidade – tratam sobre as dores da imigração, do presente, olhando para o passado. Conforme Elcio Loureiro Cornelsen, nos Encontros Transdisciplinares da UFMG, sob o título de *Literatura de Imigrantes: Imigração, fuga, exílio*, é possível que, ao se pensar a literatura no contexto da migração, seja necessário compreender, ainda, que temos um discurso pós-nacional, ou mesmo transnacional (2019), tendo em vista que estes sujeitos-autores não apenas passaram por processos de desterritorialização, como viveram e promovem a desterritorialização das literaturas.

Esses escritos e contextos dizem muito sobre aquilo que já apontavam Gilles Deleuze e Félix Guattari na importante obra para os estudos literários contemporâneos, *Kafka: Por uma literatura menor*, sobre essa literatura dos grupos minoritários, *menor*, tendo em vista que “As três características da literatura menor são de desterritorialização da língua, a ramificação do individual no imediato político, agenciamento coletivo de enunciação” (2002, p. 41), tal qual fora o caso de Franz Kafka, autor de escritos em ídiche, na cidade de Praga. Como se presume, as concepções mais puristas das áreas das linguagens têm sido lidas, por esses teóricos que pensam o “território do presente”, como promotoras de exclusões de textos de autores fora dos padrões culturais, isto é, aqueles que são párias sociais de alguma maneira.

Para Said (2003), quando pensa Êxodo e Literatura, esse *não-locus* de ver o mundo com um olhar estrangeiro dá a possibilidade de uma visão de mundo muito singular. Os descaminhos entre os espaços, portanto, são produtores de significados importantes para as escrituras, sejam chamadas de literárias ou estejam elas, por quaisquer que sejam os motivos, fora dessa

¹⁶ JENTZSCH, Cornelia. Lyrischer Dialog zwischen Ost und West. 2020. Disponível em: https://www.deutschlandfunk.de/von-goethe-inspirierter-neuer-divan-lyrischer-dialog.700.de.html?dram:article_id=468941 Acesso em 03 de março de 2021.

concepção. Como disse Saldman Rushdie, conhecido autor de *Versos Satânicos* (1988), que recebeu sentença de morte por líder Aiatolá, “Uma das melhores coisas sobre a literatura é que ela ignora fronteiras nacionais.”¹⁷

Recordo-me de participação em painel sobre “Passados e futuros presentes no Brasil: relações entre tempo e violência na literatura e no cinema”¹⁸ (Leipzig, 2021), em que o professor Jaime Ginzburg atentou para o fato de que, dentre outros elementos, as inovações formais de GSV, mesmo como novas percepções de questões como sexualidade, violência e pactos sociais, fizeram a crítica tradicional ler o romance de Rosa quase como algo pretérito, por pouco interesse de mirar no aberto do porvir.

Ao que parece, portanto, não apenas Rosa pensava em um futuro com hora e vez das produções e narrativas literárias sobre os diversos, como o fez em suas obras – como disse Glissant (2005), usando a “força poética do imaginário”.

1.2.2. Impredizibilidade dos encontros

Com sete capítulos, no Quarto Prefácio de *Tutaméia* (1967), intitulado *Sobre a escova e a dúvida*, Guimarães Rosa, ao tratar sobre “a chance de topar, sem busca, pessoas, coisas e informações urgentemente necessárias”, acrescenta, em nota de rodapé:

Meu colega amigo Dayrell, do Serro-Frio, faz tempo contara-me que isso, transposto do inglês, chamar-se-ia ‘soroptimícia’. Num hotel, fio que no Baglioni de Florença, li numa porta ‘Soroptimist Club’ e vi-me em reunião da sociedade internacional, espécie de Rotary feminino. Só mais tarde, no ‘Brewer’s Dictionary of Phrase & Fable’, encontrei o nome: SERENDIPITY. Feliz neologismo cunhado por Horace Walpole para designar a faculdade de fazer por acaso afortunadas e inesperadas ‘descobertas’. Numa carta a Mann (28 de janeiro de 1754) ele diz tê-lo tirado do título de um conto de fadas, ‘Os três príncipes de Serendip’ que – ‘estavam sempre obrando achados, por acidente ou sagacidade, de coisas que não procuravam’. (ROSA, 2001, p. 221-223).

Esse ato de “fazer por acaso afortunadas e inesperadas ‘descobertas’” faz recordar categorias pensadas e pormenorizadas por Édouard Glissant. O poeta, professor universitário, filósofo e ensaísta da ilha caribenha de Martinica, local outrora alvo da barbárie do tráfico de

¹⁷ Fronteiras do Pensamento. *Saldman Rushdie: Não há fronteiras na literatura*. Disponível em: <https://www.fronteiras.com/videos/nao-ha-fronteiras-na-literatura> Acesso em: dez. de 2019.

¹⁸ 14. Deutscher Lusitanistentag/ 14º Congresso Alemão de Lusitanistas. 15 a 19 de setembro de 2021, Universidade de Leipzig.

peças a serviço dos escravocratas, teve em sua produção significativas contribuições para a crítica literária no que tange à sua força ético-política. Glissant considera, em *Poética da Relação*, que a perspectiva universal generalizante, isto é, aquela que teme o imprevisível gerado pelos encontros interculturais, propõe sempre exterminar as singularidades dos seres, do diverso, buscando “reduzir esse outro à transparência vivida do si: ou ele é assimilado ou é aniquilado. Aí reside todo o princípio e todo o processo da generalização” (2011, p. 55).

O pensador diaspórico vê o tratamento da alteridade entre e para com os grupos, principalmente com relação à *Poética do Diverso*, considerando a cultura como elemento que não é da Relação, mas que está dentro do processo. Em *Édouard Glissant e João Guimarães Rosa: encontros de escritas, linhas de fuga*, diz Henrique de Toledo Groke (2012) que tanto o romance de Guimarães Rosa quanto os ensaios poético-filosóficos de Glissant propõem um convite ao diálogo, por suas aberturas às reflexões, bem como por suas estruturas pouco convencionais que dão espaços aos questionamentos, como faz o narrador de *Grande Sertão: Veredas* em seu longo processo de indagação. Riobaldo pergunta se há diabo, se houve pacto, se o douto homem que o ouve poderia dar a sua opinião, mas também toma as opiniões dos tantos que integram as suas memórias.

Pensando Glissant, é tendo como espaço-tempo de análise o contexto da violenta colonização de diversas regiões, partindo do Caribe – lugar dos primeiros desembarques das vítimas do tráfico –, que o teórico postula a criouliização como motivadora e resultado da imprevisibilidade e da imprezibilidade promovidas pelos contágios, pelos encontros:

[...] O que acontece no Caribe durante três séculos é, literalmente, o seguinte: um encontro de elementos culturais vindos de horizontes absolutamente diversos e que realmente se crioulizam, ou seja, que realmente se imbricam e se confundem um no outro para resultar em algo absolutamente imprevisível, absolutamente novo, que é a realidade crioula. [...] a criouliização que se dá na Neo-América e a criouliização que se estende às outras Américas é a mesma que opera no mundo inteiro (GLISSANT, 2005, p. 14; p. 17-8)

Este imbricado, de modo que foge de uma pré-ordenação forjada, diz sobre a imprevisibilidade das relações culturais. O autor defende a tese de que o mundo se criouliiza, isto é, as culturas se relacionam de modo fulminante. Neste âmbito, surge a noção de imprezibilidade, sendo esta questão fundamental para a teoria do caos e opositora às ideias sistêmicas, aos pensamentos que promovam a “prezibilidade”. “Contra o argumento de que a ‘imprezibilidade’ levaria ao pessimismo e ao abandono da capacidade de luta, Glissant opõe

a força poética do imaginário.” (ROCHA, 2021, p. 32.) Como se nota, é fundamental a possibilidade do diálogo intercultural para a sua produção intelectual.

Ainda a respeito da noção de imprevisibilidade, sabe-se que, para Glissant, o “Diverso” não é [apenas] uma mistura confusa e desordenada, esse é justamente o argumento dos que se posicionam em prol do Uno. Para Édouard Glissant, esta leitura filosófica é também poética à medida que pensa “A colisão, a intersecção, as refrações, as atrações, as convivências, as oposições, os conflitos entre as culturas dos distintos povos da totalidade-mundo contemporânea.”¹⁹ (2002, p. 82.). Isso implica considerar os contatos como significativos para essa totalidade-mundo, mas, também, para a compreensão da complexidade das interlocuções culturais e entre os sujeitos, tendo em vista que a noção de mestiçagem, como já recordada por Canclini (2019), pouco ou nada explica a hibridização das últimas décadas e das vindouras.

Na obra *Philosophie de la Relation*, discute-se sobre como os imaginários estão interligados: o imaginário de um lugar liga-se à realidade imaginável de outros mundos e vice-versa. Para o caribenho do Todo-o-Mundo, a filopoética implica uma reformulação do imaginário, por isso a poética e a filosofia se relacionam em prol da Relação dos sujeitos que integram as multidões. Isto é, somente a imprevisibilidade das relações entre as culturas e entre os sujeitos se opõe à aniquilação dos afetos. Se outrora a ideia de mestiço parecia explicar o fruto do contato entre indivíduos de culturas diferentes, Glissant compreende o imprevisível como algo adicional que surge nas trocas, nos choques e nos contatos interculturais. Por isso, o filósofo via no Mar caribenho um ambiente propício a essa troca imprevisível. O contrário da imprevisibilidade é o estático, e essa tentativa se nota nos processos de colonização e nas ações imperialistas de maneira ampla, posta a vontade de cristalizar os seus costumes, desconsiderando, inclusive, os costumes dos outros povos.

A proposta estético-política de Glissant passa pela compreensão de que promover os imaginários é se opor à negação das vidas. Nesse sentido, os arquipélagos são pontos plurais e não Unos destes imaginários, possibilitando pertencimentos, desde que compreendidos como partes da Relação (GLISSANT, 2021). Conforme a tese de doutorado *O poder de matar e a recusa em morrer: Filopoética afrodiáspórica como Arquipélago de libertação*, opondo-se ao pensamento continental, sistêmico e que se quer Uno, “pensar na tensão da filopoética é ser imerso no imprevisível e no diverso utópico dos povos que virão. A filopoética é a utopia. A filopoética traz o entendimento de um conhecimento forjado pelas suas paisagens, pelo tremor

¹⁹ No original: “La colisión, la intersección, las refracciones, las atracciones, las connivencias, las oposiciones, los conflictos entre las culturas de los distintos pueblos de la totalidad-mundo contemporánea.”

e trepidação do mundo.” (SANTOS, 2019, p. 135). Este pensamento do ambíguo afasta os pensamentos sistêmicos, que têm promovido, ao longo da história, a anulação e a inferiorização de povos – com séculos do pensamento colonizador, como lembrou Guimarães em entrevista a Lorenz.

Para o filósofo, o mar surge como símbolo dessa travessia pelo ambíguo porque, especialmente considerando, para suas conceituações, o contexto da escravidão, presumia-se que em terra havia as certezas dos objetivos, mas os resultados gerados pelos contatos foram incertos, imprevisíveis, inesperados. Não por coincidência, a noção de deriva e de pensamento de rastro perpassa a sua poética:

Ora, o africano deportando não teve a possibilidade de manter, de conservar essa espécie e heranças pontuais. Mas criou algo imprevisível a partir unicamente dos poderes da memória, isto é, somente a partir dos pensamentos do rastro/resíduo, que lhe restavam: compôs linguagens crioulas e formas de arte válidas para todos, como por exemplo a música de jazz, que é reconstituída com a ajuda de instrumentos por eles adotados, mas a partir de rastro/resíduos de ritmos africanos fundamentais (GLISSANT, 2005, p. 20).

Essa criação do imprevisível partindo “unicamente dos poderes da memória” é algo que se nota nos diversos processos de expatriação forçada, com banimento e desterro de grupos ou sujeitos. Por isso, a filopoética de Glissant vislumbra a negação da barbárie, de maneira que a Relação se coloca como opção para a liberdade dos sujeitos e para a interculturalidade. Glissant propõe não cair nas metódicas dicotomias, mas estarmos abertos à escuta do grito do mundo, posto que:

O imaginário é o imprevisível, está no contexto daquilo que não pode ser decalcado totalmente pela razão. No imaginário, está presente o que não foi totalmente desvelado, é o opaco. E esta opacidade consiste no tremor e no barulhamento de uma poética que ecoa arquipélagos de descolonialidade e, a depender da intenção ética-política, nesta opacidade guarda-se também projéteis. A intenção filopoética que atua nos imaginários, tendo os arquipélagos, as paisagens que as movimentam, busca estar reconectado com a terra, aberto à escuta do grito do mundo, como afirma Glissant, esta é a deriva de filosofar na guerra dos imaginários, em arquipélagos de libertação. (SANTOS, 2019, p. 216).

Esta intenção filopoética vê na literatura formas de eliminar a hierarquia entre modalidades da língua, entre os espaços e quanto à história (DAMATO, 1995). Conforme *Filopoética em Édouard Glissant: o criador de imaginários no mar em deriva opaca*, em Glissant, a estética, a política e a ética propõem um rompimento “da identidade raiz, a qual

congela e violenta o diverso. E a aventura do convite à viagem realizada pelo autor é dizer a beleza que falta ao mundo, nomear a violência da história, provocar ao mundo um pensamento utopia e dialogar com todo o mundo.” (SANTOS; OLIVEIRA, 2018, p. 3).

Compreendido que a busca tão somente pela estandardização é um processo contrário à aceitação da imprevisibilidade, para o autor, é na linguagem que se dá a relação com o outro, de maneira que ele a usa para levar à efervescência da Diversidade, partindo do mar do Caribe, mas, assim como o sertão rosiano, falando mesmo é sobre o mundo em Relação. Não se pretende, portanto, promover comunidades atávicas, que excluem o Outro e valorizam tão somente seus lados narcísicos. Como disse Scarpelli em *Guimarães Rosa no 50º de Grande sertão: veredas*:

Neste século pós-colonial, marcado pelo crescente fenômeno de mundialização e suas demandas de flexibilização de fronteiras econômicas, políticas e culturais, o Brasil e a América Latina patenteiam-se como modelo de heterogeneidade cultural, de hibridismo étnico e linguístico. Tais valores, fortemente explorados em *Grande sertão: veredas*, revelam-se aptos a desencadear uma nova aliança de singularidades e disponibilizar as bases utópicas para o redimensionamento de novas redes locais e internacionais. (2006, p. 47).

1.2.3 Transculturação narrativa: Hitler ao rádio? Raivoso

No que diz respeito ao modo como Guimarães Rosa correlaciona culturas de uma maneira peculiar, como deglutidor, Haroldo de Campos (2011) reflete sobre em texto no qual argumenta que, inclusive por se referir a si em terceira pessoa, o autor de *Grande Sertão: Veredas* vai para longe – e logo volta a circundar – da antropofagia do Movimento da década de 1920, primeira fase modernista. Para Campos, Rosa se distancia e se aproxima da prática antropofágica pela atitude da ostra, sendo o externo e o interno amalgamados. Não há, portanto, como no movimento proposto pelo *Manifesto antropofágico* (1928), a noção de “digerir” o legado europeu por vingança. Rosa assume-se deglutidor convicto, que embaralha os crepúsculos como resultados dos caminhos transfronteiriços. No texto ora poético ora didático de Campos, assim se explica Rosa:

“Dizem que Rosa é regionalista” – e dava uma risadinha típica dele. “Ah! Eu me divirto muito com isso... Porque dizem que eu fiz uma paisagem, um crepúsculo mineiro, e não é nada de crepúsculo mineiro, é um crepúsculo que eu vi na Holanda, misturei com uma coisa que eu vi em Hamburgo, com coisas de Minas, misturei tudo aquilo e joguei lá – e as pessoas dizem que eu estou fazendo uma cena do interior de Minas, e eu estou fazendo um omelete

ecumênico. O Rosa é como uma ostra: projeta o estômago para fora, pega tudo que havia pegado, de todas as fontes possíveis, e introjeta de novo no estômago, mastiga tudo aquilo e produz o texto para fora, pega tudo que tem a pegar de todas as fontes possíveis, reintrojeta de novo aquele estômago, mastiga tudo aquilo e produz o texto”. (CAMPOS, 2011, p. 54)

Pensamos, pois, que esse fazimento literário de Guimarães Rosa, como deglutidor, que “como uma ostra: projeta o estômago para fora, pega tudo que havia pegado, de todas as fontes possíveis, e introjeta de novo no estômago, mastiga tudo aquilo e produz o texto para fora, pega tudo que tem a pegar de todas as fontes possíveis”, antropófago contemplador das cidades grandes e das regiões interioranas, já possibilita a reflexão sobre uma literatura transfronteira. Pensemos ainda, por exemplo, que o próprio sertão de Rosa está e não está, como repete que “tudo é e não é” o narrador de *GSV*, dizendo sobre os espaços no interior e ao redor de Minas Gerais. Nas palavras do romancista: “Enquanto vou escrevendo, eu traduzo, extraio de muitos outros idiomas. Disso resultam meus livros, escritos em um idioma próprio, meu, e pode-se deduzir daí que não me submeto à tirania da gramática e dos dicionários dos outros” (ROSA, 1979, p. 8). Costumeiramente, a linguagem empreendida por Rosa em suas produções literárias é pensada pela crítica como bastante singular.

Para alguns outros estudiosos preocupados também em pensar nossas reivindicações no mundo da cultura, a literatura produzida na América Latina é linha de fuga aos estratos forjados em prol da articulação de uma “Literatura” sobre o previsível. Contrariamente a qualquer proposta de rigidez cultural, as narrativas, cujos autores são oriundos de países fora dos grandes centros de desenvolvimento, que se propõem a abrir um diálogo cultural, seriam narrativas de transculturadores. Assim considera Ángel Rama, em *Transculturación narrativa en América Latina* (1982), visto que a ideia de viagem, movimento e troca cultural assinala a obra do mineiro, inclusive porque as influências literárias diversas do autor concernem a “novas técnicas narrativas, conscientemente implantadas pelo autor em suas obras” (SANTOS, 2007, p. 22).

Ao escrever sobre a produção literária de João Guimarães Rosa, Ángel Rama recorda que, ao fim de 1937, Rosa decidiu submeter um conjunto de narrativas ao concurso Humberto de Campos, de modo que, para o teórico uruguaio, interessava ao escritor mineiro alcançar o prêmio, mas, antes de tudo, buscava saber sobre a relevância de seu livro. O júri do concurso era composto por renomados escritores como Graciliano Ramos, Marques Rebelo e Peregrino Júnior. Sob o título de *Contos* e assinalado por Viator²⁰ (!), essa foi a primeira impressão pública

²⁰ Do latim: viador, mensageiro viajante.

do que posteriormente ganharia o título de *Sagarana*. Diz Rama que, neste período, José Olympio, cuja editora era responsável pelo concurso em questão, buscou, sem sucesso, informações sobre quem seria o Viator.

Uma década depois, o livro *Sagarana* foi então publicado, de maneira que Graciliano Ramos se justificou a respeito do seu voto contrário àquela obra, quando participante do concurso em que fora júri, que a obra passara por uma série de mudanças. Sabe-se, por exemplo, que a quantidade de quinhentas páginas submetidas ao concurso foi reduzida em trezentas. (RAMA, 1978). Destaca ainda que:

Graciliano Ramos se distinguiu, na sua obra, pela precisão e pelo laconismo da escritura. Entretanto, foi sensível à riqueza linguística de Rosa, mesmo nos seus excessos (vinte adjetivos mais ou menos desconhecidos do leitor para dar movimento de alguns bois), porque percebeu que era orientada por um ‘doloroso interesse de surpreender a realidade nos mais leves pormenores’ e que dali provinha o que assim definiu: ‘seu diálogo é rebuscadamente natural: desdenha o recurso ingênuo de cortar ‘ss’, ‘ll’, e ‘rr’ finais, deturpar flexões, e aproxima-se, tanto quanto possível, da língua do interior. (p.77).

É nesse sentido que se começa a atribuição a Rosa da alcunha de transculturador, tendo em vista que "através da representação do diálogo cultural, há em seus textos a ocorrência simultânea de estratos orais e eruditos da cultura brasileira" (SANTOS, 2007, p. 27). O que seria, para Rama, desenvolvida nas produções futuras, a exemplo de *Grande Sertão: Veredas* (1956), como um projeto linguístico. O título de *Sagarana* já indica sua proposta, tendo em vista não apenas a importância que os neologismos terão em suas produções literárias, como o fato de que este título é formado “por uma adição dos termos, peculiar à língua alemã (uma das que dominou), [construindo] uma nova palavra onde tenta casar dois mundos linguísticos muito afastados entre si” (RAMA, 1978, p. 82). Isto é, há uma mescla entre o termo Saga, de radical alemã, que pode ser considerado algo universalmente atribuído às narrativas históricas “e o sufixo rã ou rana, o ‘guarani ou melhor tupo’ do padre Montoya” (*Ibidem*). Confirma ainda, Scarpelli, que é interessante apontar, na obra de Rosa, o intercâmbio entre línguas e culturas, tendo em vista o “trânsito realizado pelo escritor entre o sertão e o mundo, entre sua matriz linguística de base regional e os vários idiomas que ele vem a dominar.” (2000, p. 181).

A maneira peculiar do seu trato para com a linguagem pode ser observada inclusive em documentos do Itamaraty, a exemplo da jocosa carta enviada a Jorge Kirchhofer Cabral, cônsul em Frankfurt, tendo sido escrita inteiramente com palavras iniciadas com a letra C: “Cônsul Caro Colega Cabral, Compareço, confirmando chegada cordial carta”, publicada integralmente

em *Guimarães Rosa: Diplomata* (2007), aqui posta em Anexo. A repetição da letra “S” na frase inicial da narrativa “O recado do morro” deixa a leitura sibilante, formato também do caminho que tomará a comitiva: “Sem que bem se saiba, conseguiu-se rastrear pelo avesso um caso de vida e de morte (...) Desde ali, o ocre da estrada, como de costume, é um S, que começa grande frase.” (ROSA, 20016, p. 28).

Na crônica “A velha”, o som “R” é repetido – começando pela palavra Hitler, cuja pronúncia se assemelha ao nosso R em início de palavra – como se também ouvíssemos “a voz de Hitler ao rádio — rouco, raivoso” (ROSA, 2009, p. 207). A composição nos convida a pensar que não apenas a voz soa como “erres” severos – possivelmente ainda mais se relacionarmos à fala em alemão em uso do fonema /ʀ/ (“r”, “rr” ou “rh”), pronunciado como uma espécie de gargarejo, guturalmente – mas que também as mensagens dele são ríspidas.

Ríspida, aliás, é um termo que, no início de “Homem, intentada viagem”, outra das narrativas sobre a Alemanha nazista, é grafado de modo diverso do dicionarizado, que seria com r: “O qual foi um brasileiro, a-histórico e desvalido, nas épocas de 39 ou 38, a perambular pela Europa para-a-guerra, híspida de espaventos.” (ROSA, 2009, p. 212). Levanto a hipótese que esta Europa para-a-guerra, destes anos de 1938-9, é ríspida de assombrar por causa do seu hitlerismo – sendo, assim, o motivo da grafia com “h”. Nessa leitura, as escolhas pelas letras h e r, nestas narrativas, demarcam uma posição a respeito do Nazismo.

Destaca-se ainda que, “perguntado sobre as peculiaridades de sua linguagem literária, marcada pelo uso de neologismos, Rosa responde falando sobre seu ‘método que implica na utilização e cada palavra como se ela tivesse acabado de nascer’ (OTTE, 2018, p. 141). Evidentemente, as criações de Rosa não se limitam à formação de palavras. Ainda na narrativa “A velha”, lemos: “O nome Wetterhuse extinguiu-se num zumbido, com o que o Norte tem de mais brumoso. Mas, seguinte, na semana, voltava, a súplica, embaixada-de-jó, apelo insistido.” (ROSA, 2009, p. 207). O termo “embaixada-de-jó” não é dicionarizado. Neste texto, o narrador aponta receber no Consulado inúmeros pedidos daqueles que estão “sofridos imenso”, relacionando-os à figura bíblica de Jó, aquele que sofreu com úlceras malignas em todo o corpo. Em alemão, há a expressão *Jakobs Botschaft*, que significa mensagem de Jó, em se tratando da mensagem bíblica do personagem. Calha que o termo Botschaft também significa Embaixada. Há, assim, uma espécie de transcrição de um termo pensado em alemão e traduzido ao modo de Rosa.

Isto posto, pode-se afirmar que “A concepção da transculturação narrativa de Rama valoriza esses pontos; ela ilustra o efeito e o avanço, dentro dos estudos latino-americanos, da

antropologia cultural como aproximação globalizante da práxis e de produtor culturais do continente". (SANTOS, 2007, p. 27). *Embaixada-de-jó* é termo que passa por uma condição globalizante, reintrojetado no português e criando nova linguagem.

Na esteira destes jogos híbridos de linguagem e de narrativa, Silviano Santiago, em *O entre-lugar do discurso latino-americano* (1978), considera que o “elemento híbrido reina” na literatura publicada por latino-americanos:

A maior contribuição da América Latina para a cultura ocidental vem da destruição sistemática dos conceitos de unidade e de pureza; estes dois conceitos perdem o contorno exato do seu significado, perdem seu peso esmagador, seu sinal de superioridade cultural, à medida que o trabalho de contaminação dos latino-americanos se afirma, se mostra mais e mais eficaz. (SANTIAGO, 1978, p. 18)

Partindo dessa perspectiva de Santiago sobre essa *destruição sistemática dos conceitos de unidade e de pureza*, podemos considerar, ainda, que, quando trata de epistemologias do Sul, Boaventura (2017) analisa as insurgências, as irreverências e as incivilidades do pensamento do “Sul global”, isto é, de locais que divergem do “Norte global”, sendo este composto pela Europa e América do Norte, como oposições aos mandos coloniais e imperialistas. Na linha desses pensamentos, portanto, a produção literária de escritores do Sul global tem divergido das noções de pureza sustentada pela ideia de uma *Literatura Maior*, domesticada. Conforme o ensaio *Genealogia da Ferocidade*, publicado em 2017, também Silviano Santiago defende que o romance de Rosa é, diferente do que apresenta parte significativa de sua fortuna crítica, uma fera indomável. Riobaldo, mais conhecido protagonista de Rosa, conforme Scarpelli:

Pactário, traidor e devedor inadimplente (como o narrador protagonista do romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis) o narrador da obra prima rosiana coloca-se na posição ambígua de assimilação e resistência à tradição e aos preceitos de um legado colonial pelo qual é cobrado, mas do qual não se aceita devedor. (2006, p. 52.)

Transculturador que foi, o Guimarães Rosa que foi diplomata na Europa voltou ao Sul global pintando sua própria Minas Gerais como outra, com tons de neologismos entre-as-línguas.

1.2.4 Híbridismo Cultural

Néstor Canclini, antropólogo e filósofo argentino contemporâneo, quando questionado em entrevista sobre um modo possível de ler uma obra literária desenhada como um livro híbrido, considerando sua proposta de novas leituras feita em *El Mundo Entero como Lugar Extraño* (2015), respondeu:

Com incertezas. Efetivamente, o modo de construir a escrita tenta soar a incerteza que hoje experimentamos no mundo. Um romance linear, que vai do começo ao fim de uma maneira ordenada, existiu muitas vezes como intento de refletir um mundo que se percebia ordenado. Quando fazemos essa experiência de descontinuidade, de fragmentação do mundo que habitamos, muitos escritores buscam uma maneira de argumentar e de relatar um texto que corresponda a essa descontinuidade do mundo, a essa desconstrução de hábitos e rotinas para pensar em termos de inovação, de experiência incerta. Não vejo nada de desfavorável na incerteza. Parece-me que há mais riscos na rotina, na repetição, em fazer o mesmo. A incerteza tem a vantagem de nos abrir a outros modos de conceber o real e as relações entre as pessoas. Claro que é difícil viver permanentemente na incerteza. Necessitamos nos agarrar a um assento, a um país, a relações afetivas que nos pareçam mais ou menos duradouras, que nos deem confiança. Necessitamos tanto da incerteza como da confiança, mas é ilusório viver apenas na confiança. (CANCLINI *apud* FERRÉ-PAVIA; MENEGUELLI; MONTEIRO, 2015, p. 122).

A descontinuidade é uma característica da inserção das obras de Rosa no meio literário, levando em consideração um mercado que caminhava já aos modos da rápida urbanização também na literatura. Essa vida interiorana é experimentada, no entanto, com mesclas com outros espaços e pinturas de outros céus. Mesmo na contemporaneidade, muitas pessoas experimentam essa vida campesina no Brasil, se considerarmos que cerca de 40 milhões de brasileiros vivem em áreas rurais, conforme Censo de 2010²¹. Notemos, a título de comparação, que o número é maior que toda a população dos países escandinavos (Dinamarca, Finlândia, Islândia, Noruega e Suécia outras regiões) e de Cuba somados.

A dica de Canclini sobre uma análise barroca, isto é, de incertezas, é rica porque nos faz fugir dos lugares comuns e dos estereótipos. Como dito: “a incerteza tem a vantagem de nos abrir a outros modos de conceber o real e as relações entre as pessoas”. Desse modo, pensar o mundo inteiro como lugar estranho nos possibilita compreender peculiaridades e singularidades dos romances sobre esse mundo e mundos além. O próprio Rosa nasceu em uma cidade de baixíssima densidade demográfica, trabalhou em outra, como médico, também pelo interior,

²¹ Cerca de 30 milhões de pessoas vivem no campo desde 1940, diz IBGE. Disponível em: <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2010/11/cerca-de-30-milhoes-de-pessoas-vivem-no-campo-desde-1940-diz-ibge.html> Acessado em 23 de março de 2021.

mas também experimentou a vida em metrópoles, inclusive em uma das maiores cidades portuárias da Europa.

Mais uma vez destacando a obra de Peter Burke, nota-se que a concepção de Hibridismo Cultural tem sido estudada sobre as mais diversas perspectivas, inclusive promovendo um maior diálogo entre áreas do conhecimento tradicionalmente distintas, sendo o próprio teórico conhecido por seu caminho interdisciplinar, especialmente na área de história cultural. Para o professor inglês, “hibridização”, “crioulização” e “tradução cultural” são processos que circundam e explicam a noção de Hibridização – aqueles por dizerem respeito às mudanças culturais nas quais os que atuam para tal não o fazem de modo consciente, e este enquanto ação direta para a interlocução das culturas.

É na esteira desses pensamentos que Burke (2003) pensa tanto a metrópole e os portos, quanto as fronteiras. O autor entende a metrópole como uma metáfora dos contatos, mas também como *locus*, em um sentido mais literal, dizendo, “um local importante de troca é a metrópole, o cruzamento tanto de comércio quanto de cultura, onde pessoas de diferentes origens se encontram e interagem.” (p. 89). Além disso, destaca que “a importância dos portos como locais de encontro cultural é notável” (p. 90). É considerado, nesse contexto, que a presença constante de diversos grupos de imigrantes nos espaços metropolitanos impacta significativamente nessa troca cultural entre os sujeitos.

Os espaços fronteiriços, nesse sentido, dão lugar a um intercâmbio bastante intenso. Como caso famoso de fronteira cultural, é destacado o espaço entre o mundo cristão e o islã da região do leste europeu, havendo, apesar de oposições constantes entre nobres poloneses e húngaros contra turcos, similaridades nas vestimentas e, inclusive, no uso das cimitarras, distinguindo-os, “em conjunto”, de tradições ocidentais, como o uso da espada reta. Outro caso é a Espanha do fim do período medieval, de maneira que cristãos, judeus e mouros intercalaram e modificaram práticas culturais, havendo “poemas que passam do espanhol para o árabe e de volta para o espanhol, por exemplo, e há construções, inclusive igrejas, que foram ornamentadas por artesãos muçulmanos no estilo geométrico geralmente associados às mesquitas” (BURKE, 2003, p. 73). Isto dito, pontua que:

Estas zonas de fronteira, como cidades cosmopolitas, podem ser descritas como “interculturais”, não apenas locais de encontro, mas também sobreposições ou interseções entre culturas, nas quais o que começa como uma mistura acaba se transformando na criação de algo novo e diferente. (BURKE, 2003, p. 74)

Presume-se, desse modo, que por interseções entre culturas temos mais que um intercâmbio, de maneira que as distintas culturas passam por um processo de hibridismo. Por outro lado, é importante ressaltar que a noção de “limpeza étnica”, ainda que sem esse termo precisamente, muitas vezes significou reações extremas contra modos de estrangeirismo. No tópico intitulado *Purificação Cultural*, Burke resalta os casos dos idiomas, exemplificado, conforme Simon Swain, em *Hellenism and Empire: Language, Classicism and Power in the Greek World* (1996), com a situação do movimento em prol do retorno do grego “puro” no período helenístico como uma espécie de “resposta” aos estrangeirismos na língua. É dito, ainda, que no século XVI rechaçava-se tanto a italianização de termos na corte francesa como hoje acontece com o uso de termos em inglês (2003). Não são poucos os casos das tentativas de mobilização em prol do purismo de idiomas. Com base em Henri Estienne, em *Deux dialogues du nouveau langage François* (1980), Burke recorda os esforços para combater o “flanglês”, chamado de “*le défi américain*”. De maneira que, em plena guerra na Argélia e os ocorridos em maio de 1968, Charles de Gaulle sentiu que o que a França precisava era de um comitê para poderem lutar pela língua francesa. Na década de 70, aprovaram uma lei contrária ao uso de termos em inglês por parte de órgãos do governo.

Já na Alemanha, nos últimos anos do século XIX já se fundava o *Allgemein Deutsche Sprachverein*: uma associação em prol do idioma alemão. Como se é possível presumir, no século seguinte, precisamente na década de 30, houve uma intensificação dessa ojeriza aos idiomas estrangeiros no que concernia à substituição do alemão. Por isto, a década de 30 foi o período do *Fremdwortjagd*: retorno aos termos em alemão que tivessem sido trocados por palavras em outros idiomas. Neste período, por exemplo, *Universität* – termo cuja etimologia tem como base o latim, *Universitas*, mas que sua influência recente se dá pelo termo inglês *University* – precisava ser nomeado por *Althochschule*.

Baseando-se em estudos de Peter von Polenz, em *Sprachpurismus und Nationalsozialismus* (Purismo linguístico e Nazismo - 1967), diz Burke que, apesar de ter sido um processo anterior ao *Deutschtum* nazista, buscando promover as “germanidades”, essa atividade encontrou amparo nos ideais hitleristas – de maneira que o *Sprachverein* foi apoiado pelos nazistas, até que um dos estudiosos da linguagem integrante deste ideal purista criticou termos utilizados por Hitler. Possivelmente, pela associação do purismo linguista na Alemanha ao nazismo, esse movimento de negação de termos estrangeiros tem sido pouco notado desde então (BURKE, 2003, p. 87-88).

A segregação cultural é também, muitas vezes, uma maneira de resposta às conexões com outras culturas. Mesmo cidades políglotas e ditas cosmopolitas apresentam esses cenários,

quando se notam casos de imigrantes que vivem uma “vida dupla”, de maneira que aparentemente incorporam os modos de culturas do país em que residem, por exemplo em horário de trabalho, mas em seus lares voltam-se às culturas das quais são originários (2003, p. 90). Por essa *Variedade de Resultados*, diz o historiador:

Menciono uma possibilidade, apenas para rejeitá-la de imediato: a sobrevivência de culturas independentes. Em nosso mundo, nenhuma cultura é uma ilha. Na verdade, já há muito que a maioria das culturas deixaram de ser ilhas. Com o passar dos séculos, tem ficado cada vez mais difícil se manter o que poderia ser chamado de “insulação” de culturas com o objetivo de defender essa insularidade. (BURKE, p. 2003, p. 122)

Já no tópico intitulado *Variedades de Reações*, ainda do mesmo ensaio, o historiador cultural alerta que a noção de que a troca cultural é tão somente sinônimo de tolerância deve ser rechaçada pelos estudiosos, tendo em vista os diversos exemplos históricos em que *convivência* foi sinônimo de inferiorização cultural. A título de exemplo, é sabido que o Massacre de Toxcatl ocorreu quando os astecas realizavam a cerimônia aos deuses Tezcatlipoca e Huitzilopochtli, isso porque os espanhóis optaram por classificar sacrifícios humanos como algo abominável, mas lhes parecia justiça humana fundar territórios já ocupados tendo, por exemplo, o massacre de mexicas como pilar. Isto é, a história de muitos povos se construiu com base em narrativas muitas vezes forjadas nas habilidades de se argumentar a respeito da inferioridade de certos grupos sociais.

Nesse contexto, “a inferência de que hoje somos todos imigrantes, quer nos demos conta disso ou não, deve ser levada a sério, como a observação de Canclini de que a fronteira se encontra em toda parte” (2003, p. 107). Isto posto, após esses cenários abordados por Peter Burke, compreende-se a Hibridização cultural como um fenômeno que existe desde os primeiros deslocamentos de grupos humanos, tendo cada vez mais uma relação com os processos de globalização (bem como suas reações). Diz, ainda:

A análise de nossa cultura (ou culturas) passada, presente e futura que acredito ser a mais convincente é aquela que vê uma nova ordem surgindo, a formação de novos ecótipos, a cristalização de novas formas, a reconfiguração de culturas. (BURKE, 2003, p. 116)

Na obra *Culturas Híbridas* (2019), Canclini atenta para *A hibridização e sua família de conceitos*, de maneira que termos em torno de Hibridização respondem por uma série de processos relacionados a contatos interculturais, posto que algumas das “misturas modernas” não se adequam às utilizações de termos compreendidos como clássicos, tais quais “mestiças

ou sincréticas” (p. 27). Para o antropólogo argentino, termos como mestiçagem, sincretismo ou criolização foram utilizados para definir formas clássicas de hibridização. Entretanto, conforme sua defesa:

Como designar as fusões entre culturas de bairro e midiáticas, entre estilos de consumo de gerações diferentes, entre músicas locais e transnacionais, que ocorrem nas fronteiras e nas grandes cidades (não somente ali)? A palavra hibridização aparece mais dúctil para nomear não só as combinações de elementos étnicos ou religiosos, mas também a de produtos de tecnologias avançadas e processos sociais modernos ou pós-modernos. (CANCLINI, 2019, p. 24)

Na esteira dessa argumentação, defende o autor que as fronteiras entre os países e as metrópoles podem ser notadas como claros contextos desses “formatos”, “estilos” e “contradições” que se percebe no hibridismo cultural. Além disso, é dito que as “fronteiras rígidas estabelecidas pelos estados modernos se tornaram porosas” (2019, p. 24). Nesse sentido, nota-se que não há muitas culturas que não passam ou passaram por processos de hibridização. Por outro lado, destaca-se que isso não significa liberdade irrestrita ou mesmo indeterminação. Conforme se nota em casos de diversos imigrantes, muitas vezes esses processos ocorrem utilizando coações inclusive por parte dessa noção de fronteiras rígidas pensadas por alguns líderes.

Isto posto, compreende-se que a história moderna e contemporânea de muitos países é um imbricado dessas condições, ainda que com fatores e contextos evidentemente diferentes, que apontam para esses complexos processos contínuos de hibridismo cultural – mesmo com as tentativas por parte de agentes sociais de conter essa hibridização, esse plurilinguismo. Assim sendo, os hibridismos, como partes de escolhas, se fazem nas relações interculturais em uso e ato de transgressão e invenção, de trânsito e de conexão, contra os moldes reducionistas ocidentalizantes.

**

Este primeiro capítulo teve como propósito a apresentação de ensaios, artigos científicos, dissertações e teses da fortuna crítica mais contemporânea de João Guimarães Rosa, fora da trilha mais tradicional, bem como de conceitos operatórios de perspectivas que entram e saem dos chamados estudos culturais. Conceitos os quais, ao que me proponho, guiam minha leitura da obra transfronteira do autor. Para tanto, assumi as dinâmicas da inespecificidade do *corpus*,

assim como de pensar entre os conceitos, de dançar entre as teorias e formar tranças entre os textos de formatos diversos de/sobre Guimarães Rosa.

III - NÓS OUTROS: HAMBURGO, *KRISTALLNACHT* E A LITERATURA ROSIANA

Capítulo 2

A 117ª Divisão retornou a Hamburgo, para casernar, enquanto nós, nós outros, chorávamos ainda a França, e a Luftwaffe quebrava o seu martelo na bigorna inglesa. (O Mau Humor de Wotan, Guimarães Rosa).

Em entrevista que integra o livro *Sobre a ficção: conversas com romancistas*, de Ricardo Viel (2020), a escritora Dulce Maria Cardoso trata sobre “A importância de lembrar e de esquecer”. Tendo crescido em Luanda, sabe-se que a vida em Angola e a experiência da partida enquanto ocorria a guerra da independência foram significativas para suas produções literárias. Por isso, o entrevistador a indaga sobre a relação entre “guardar as coisas na memória” e a visão da guerra, de maneira que a romancista responde: “A guerra é muito notória mesmo para quem não quer ver. Meus pais não eram muito de conversar, nem a família era de conversar, mas as lojas fechavam, as escolas fechavam, não havia pão. E os vizinhos iam todos embora.” (VIEL, 2020, p. 46). É também nessa perspectiva que se pensa a relação entre a produção da literatura de Rosa e sua experiência, tendo em vista os registros a respeito das atividades diplomáticas, mas também corriqueiras, durante a Segunda Guerra Mundial.

Outrora capitão médico, em 1934 Guimarães Rosa é aprovado no concurso do Itamaraty, de modo que se tornou Cônsul de terceira classe. Em 5 de maio de 1938, dois anos após ter sido premiado pela obra *Magna* (1936), é nomeado Cônsul-adjunto em Hamburgo. Ainda que tenha publicado os contos *Mistério de Highmore Hall* em 1929, no jornal *O Cruzeiro*, e outros três contos, dentre os quais *Chronos kai anagke* (Tempo e destino), em 1930, considera-se o livro de poemas *Magma* a sua iniciação na vida literária. Acerca de sua experiência no Itamaraty, como bem recorda Ángel Rama:

Por esta data, que corresponde aos últimos anos da década de trinta, Guimarães Rosa já está instalado no Rio de Janeiro; colocou a sua assombrosa capacidade para a aprendizagem de idiomas estrangeiros a serviço de uma vontade de nova orientação de vida e, abandonando seu trabalho de médico, incorporou-se ao Ministério de Relações Exteriores do Brasil, que será, para o resto da vida, a sua própria casa” (1978, p. 75).

Essa tomada do Ministério de Relações Exteriores como própria casa na vida de Rosa parece demasiado significativa para sua percepção de mundo, somada ao fato de que nascera em um

pequeno povoado de Minas Gerais “que em nada se distinguia dos demais povoados sertanejos” (RAMA, 1978, p. 78).

Como se sabe, especialmente na Alemanha, a década de 30 ficou marcada pela promoção da exclusão social de grupos, de maneira que as pessoas de origem judaica foram ameaçadas pela radicalização da narrativa predominante. Sabe-se, ainda, que, “para além do discurso, as medidas anti-semitas moldam juridicamente a Alemanha Nazista, como em 1935, ano da publicação das duas leis que ficaram conhecidas como as *Leis de Nuremberg*” (RAMOS, 2009, p. 22). Ainda que a carreira diplomática seja, em tese, uma carreira associada ao mundo político, são conhecidas as considerações de Guimarães Rosa ao buscar distinguir a atividade política da diplomacia:

E jamais poderia ser político com toda essa constante charlatanice da realidade. O curioso no caso é que os políticos estão sempre falando de lógica, razão, realidade e outras coisas no gênero e ao mesmo tempo vão praticando os atos mais irracionais que se possam imaginar. Talvez eu seja um político, mas desses que só jogam xadrez, quando podem fazê-lo a favor do homem. Ao contrário dos ‘legítimos’ políticos, acredito no homem e lhe desejo um futuro. Sou escritor e penso em eternidades. O político pensa apenas em minutos. Eu penso na ressurreição do homem. (COUTINHO, 1983, p. 77).

É com esse olhar que, em *Guimarães Rosa: Diplomata*, Heloísa Vilhena de Araújo (2007) sugere que esta distinção entre o político e o diplomata é dada conforme sua experiência enquanto vice-cônsul na Alemanha, de maneira que *acreditar no homem* seria um modo de contrariar os discursos e as ações políticas do regime nazista, crença essa que costumeiramente era atribuída pelo escritor mineiro à sua origem sertaneja. Após afirmar a Günter Lorenz que a política é desumana, por reduzir o valor do ser humano a meros cálculos, Rosa é perguntado pelo entrevistador se foi essa a motivação para, em Hamburgo, se arriscar ao “arrebatar” judeus da Gestapo, de maneira que responde:

Foi alguma coisa assim, mas havia também algo diferente: um diplomata é um sonhador e por isso pude exercer bem essa profissão. O diplomata acredita que pode remediar o que os políticos arruinaram. Por isso agi daquela forma e não de outra. E também por isso mesmo gosto muito de ser diplomata. E agora o que houve em Hamburgo é preciso acrescentar mais alguma coisa. Eu, o homem do sertão, não posso presenciar injustiças. No sertão, num caso desses imediatamente a gente saca o revólver, e lá isso não era possível (LORENZ, 1973, p. 334).

Rosa se coloca, assim, no lugar de agente necessário frente às injustiças em questão. Este capítulo tem como proposta, portanto, uma leitura minuciosa de trechos do *Diário de*

Guerra do autor, bem como das crônicas escritas por Rosa, cujo contexto se remete à Alemanha, ainda que publicadas posteriormente à sua saída do país.

2.1 Kristallnacht

Polêmico e fundamental para a filosofia política moderna e contemporânea, a obra de Hannah Arendt, intitulada *Eichmann em Jerusalém*, publicada no início da década de 60, tem como epígrafe os seguintes ditos de Bertolt Brecht: “Ó Alemanha...Ouvindo as falas que vêm da tua casa, rimos. Mas quem te vê corre a pegar a faca”. Acompanhando o julgamento de Otto Adolf Eichmann, que foi general-tenente da Schutzstaffel (SS), o livro trata, dentre outras questões, sobre os movimentos de expulsão das pessoas de origem judaica. Com trechos de relatos do próprio Eichmann, lemos como contou ao juiz que, em sua leitura de mundo, Eichmann:

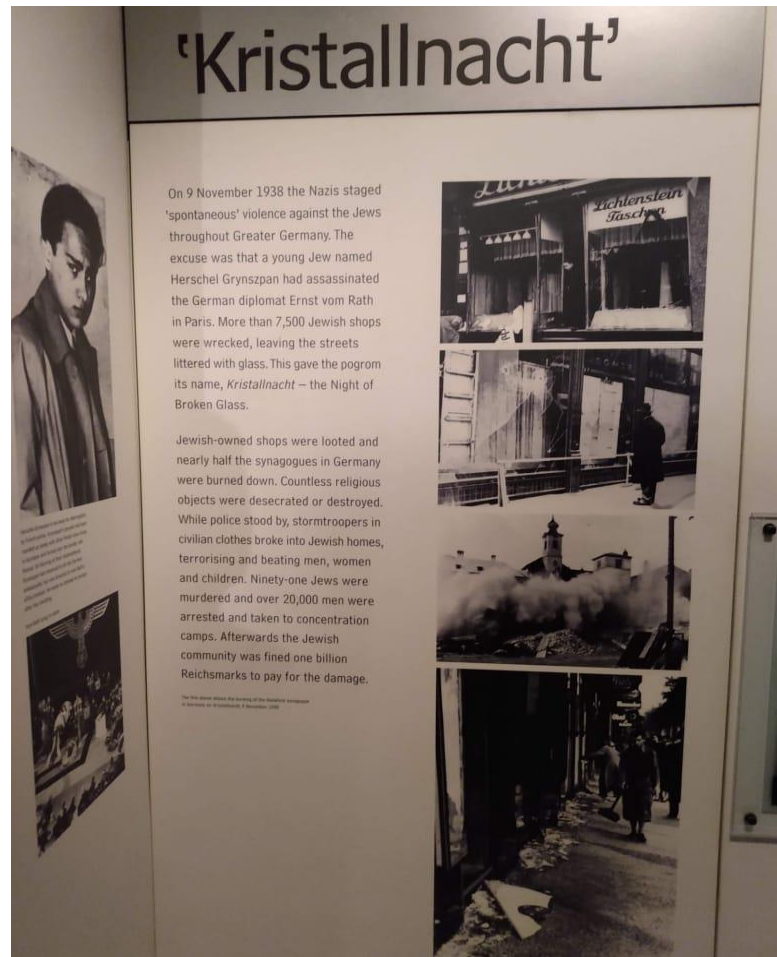
Considerava os judeus como oponentes para os quais era preciso encontrar uma solução mutuamente justa, mutuamente aceitável [...]. Essa solução, eu imaginei, seria colocar solo firme debaixo de seus pés, de forma que tivessem um lugar próprio, um solo próprio. E estava trabalhando alegremente em direção a essa solução. Eu cooperei para se chegar a essa solução, com muita alegria. (ARENDR, 1999, p. 69-70)

Neste trabalho, fruto de intensa pesquisa, a autora considera que, conforme trecho da colocação de Eichmann, este que fora um dos organizadores do Holocausto, o membro da SS via na expulsão não apenas uma solução adequada, enquanto um ato de salvação de judeus, como uma espécie de segunda solução da “questão judaica”. Para ele, portanto, uma maneira de assegurar que estivessem em qualquer outro local que não a Alemanha.

Sabendo-se que as “Leis de Cidadania do Reich” foram apresentadas pela autora como “primeira solução” tomada pelos líderes nazistas, como destaca Felipe Gondin Ramos em *Tribunal militar internacional de Nuremberg: análise histórica e legado jurídico* (2009), Arendt considera a existência de três fases dessemelhantes no período de dominação hitlerista da Alemanha, no tangente à questão judaica, de maneira que houve “a ‘Primeira Solução’, de 1933 a 1939, portanto, até antes do início da guerra, sendo a expulsão dos judeus do Estado” (RAMOS, 2009, p. 23), seguida pela “‘Segunda Solução’, entre 1939 e 1941, pela escravização dos judeus nos campos de concentração; e a ‘Solução Final’, a partir de 1941 até a libertação dos campos no fim da guerra, em 1945 – o extermínio.” (*Ibidem*). Aquilo que foi nomeado por início da Segunda Solução, por Hannah Arendt, tem como marco inicial a chamada

Kristallnacht, ocorrida em nove de novembro de 1938, acontecimento que sinaliza o início do despejo da população judaica e é evidenciado, portanto, em exposições, exibições, museus, memoriais e outros modos de assegurar a lembrança do impacto do ato no período.

Figura 2: *Kristallnacht – Imperial War Museum*. Londres, 2020.



Fonte: arquivo pessoal.

Conforme a Figura 3 (tradução livre abaixo), imagem de The Holocaust Galleries, A Noite dos Cristais significou um ponto elevado desse processo de expulsão. 1938 é também o

²² Em 9 de novembro de 1938, os nazistas praticaram violência "espontânea" contra os judeus em toda a Grande Alemanha. Usou-se como desculpa que um jovem judeu chamado Herschel Grynszpan havia assassinado o diplomata alemão Ernst vom Rath, em Paris. Mais de 7.500 lojas judaicas foram destruídas, deixando as ruas cheias de vidro. Isso deu ao pogrom o nome de Kristallnacht – a Noite do Vidro Quebrado. As lojas de propriedade dos judeus foram saqueadas e quase metade das sinagogas na Alemanha foram incendiadas. Incontáveis objetos religiosos foram profanados ou destruídos. Enquanto a polícia estava de braços cruzados, tropas de soldados nazistas com roupas civis invadiram os lares judeus, aterrorizando e espancando homens, mulheres e crianças. Noventa e um judeus foram assassinados e mais de 20.000 homens foram presos e levados para campos de concentração. Mais tarde, a comunidade judaica foi multada em um bilhão de marcos do Reich para pagar pelos danos. (Tradução nossa).

ano da chegada de Rosa à Alemanha para o seu trabalho no Consulado. E como bem recorda Georg Otte em *Entre Goethe e Hitler: o Diário de guerra de João Guimarães Rosa*:

O Diário cobre a primeira metade dos anos de Guerra, em que as forças aliadas apenas começaram a reagir às agressões da Alemanha nazista. Rosa vê e escuta o relampejar e o trovejar das explosões com os próprios sentidos, mas quase sempre de uma distância segura, já que os ataques da Força Aérea Real britânica se limitam, pelo menos nesses primeiros anos, a alvos de relevância estratégica como, por exemplo, o porto e a estação ferroviária de Hamburgo. Mesmo não sendo sem risco para a população, que tinha que procurar os abrigos a cada alarme registrado, as ações dos aliados – os Estados Unidos declararam guerra à Alemanha somente em dezembro de 1941 – ainda estavam longe do inferno da Operação Gomorra, de julho de 1943, quando as bombas incendiárias dos aliados visavam diretamente alvos civis. (2018, p. 137).

Conforme a professora Maria Consuelo Cunha Campos (2008), esta noite que passava em branco para o mundo foi devidamente percebida por Guimarães, “diplomata estrangeiro que estava há pouco tempo no país, em sua dimensão pavorosa.” (CAMPOS, 2008, p. 41). Isto é, ainda que o governo brasileiro e diversos outros estivessem longe de fazer oposição à Alemanha nazista em 1938, Rosa já firmava suas impressões sobre o projeto de destruição que se fazia em curso.

2.2 Diário Alemão

Em 1952, Natália Ginzburg publicava pela primeira vez *Todos os Nossos Ontens*, drama familiar sobre a vida durante a Itália fascista, em que se dizia sobre como “O fascismo era sobretudo feio, provinciano e ignorante.” (2020, p. 104), tendo os próprios membros familiares da escritora sido *partigiani*²³ e escrito sobre a micro-história desses contextos, a exemplo de seu filho, o historiador Carlo Ginzburg. Sabe-se que, como esta, há muitas produções de diversas naturezas sobre contextos da Segunda Guerra Mundial.

Pode-se dizer que os historiadores consideram os momentos iniciais da segunda guerra mundial como aqueles que se deram após a invasão do governo alemão à Polônia, em 1939. Até 1941, essa primeira fase foi marcada por diversos bombardeios das Forças Aéreas Alemãs às cidades inglesas, assim como das Forças dos chamados Aliados às cidades alemãs. Como escreve Rosa em *O Mau Humor de Wotan*, “Ao voltarem a Hamburgo, a Polônia estava finda. Falava-se na paz, o povo sonhava paz, e Hitler, pairando em Berchtesgaden, intuicionava sua

²³ Membro do movimento de luta armada de Resistência Italiana contra o fascismo. Possivelmente iniciado nos anos 20, ganhou força nos anos 40.

paz forçosa” (ROSA, 2009, p. 23). Recordar-se, nesse contexto, que Hamburgo foi uma das cidades mais atingidas, junto a Berlim e a Colônia.

Diz Georg Otte que:

Quando João Guimarães Rosa, numa anotação do dia 20 de março de 1940, comenta uma apresentação do Fausto com um breve “Heil Goethe!”, parodiando assim a saudação nazista “Heil Hitler!”, ele concentra em duas palavras todas as ambivalências e hesitações que marcam sua estada na Alemanha, quando exercia o cargo de cônsul adjunto no consulado brasileiro de Hamburgo. O comentário lapidar de Rosa é, sem dúvida, uma das pérolas do seu Diário de guerra, que contém anotações feitas de agosto de 1939 a janeiro de 1942 e cuja publicação está impedida até o presente momento por uma questão de direitos autorais. (2018, p. 136)

A leitura de trechos do Diário Alemão prova que os registros feitos por Guimarães Rosa são de naturezas distintas, havendo informações sobre alimentos e sobre outras questões, efetivamente como um caderno de anotações. Muitos desses registros são, no entanto, sobre o contexto que se apresentava cada vez mais bélico. Os registros são importantes, entre outros motivos, por se tratarem, possivelmente, das únicas anotações de um escritor da América do Sul acerca da atuação da Alemanha nazista, precisamente deste país. Sobre esses cadernos, sabe-se ainda que “O diário na Alemanha traz muitos comentários datados de 1939 a 1941, em tópicos e alguns textos em prosa. Também há colagens de recortes de jornais ou revistas alemães” (SOUSA, 2018, p. 247). Em *Guimarães Rosa na Alemanha* (2016), Jacobsen e Vilela destacam as impressões de Rosa neste período inicial:

Guimarães Rosa vive os prenúncios da Segunda Guerra Mundial, presencia a terrível Noite dos Cristais (9-10 de novembro de 1938) e os discursos inflamados de Hitler. Pouco depois, sua insatisfação no país era clara, como se lê em carta ao tio Vicente, datada de 19 de novembro de 1939: “Este povo é pobre, conservador e quase que só se interessa por carros blindados e aviões de bombardeio”. (2016, p. 4)

Ainda em forma de manuscrito, há registros como “Judias chorando no Consulado, por terem recebido a ordem de evacuação de Hamburgo, para o dia 24. Horrível” (JGR). Este datado de 22 de outubro de 1941. O Diário tem trechos com certos códigos de registro, além de algumas palavras criadas, neologismos, que posteriormente marcariam a produção literária do autor. Conforme Suzi Frankl, em *Caos e cosmos: leituras de Guimarães Rosa* (1976), autora que empreendeu uma pesquisa na biblioteca do autor, Guimarães costumeiramente fazia anotações de diversas naturezas também em suas leituras, sendo comuns rabiscos e sinais como “m%”, a

respeito de uma anotação sobre a ideia ser 100% própria. No registro do Diário, datado em 2 de março de 1940, sábado, lemos:

Hoje, ao sair da casa do C. Geral, às 10 e meia, vi os holofotes. Céu estrelado. Noite escura na terra e clara no céu. Dois holofotes imóveis – cones cruzados. E um terceiro, pendurando um ângulo invariável, corria, para lá e para cá, batendo meio céu e desrespeitando uma porção de constelações. Os aviões ingleses têm vindo a Berlim todos estes 4 dias. (Um avião foi alvejado – ou colhido pelo refletor (holofote) justamente a dois milímetros da Constelação do Centauro, entre a Ursa-Menor e o galho mais alto (a copa) do olmo de defronte a minha casa – m%). Esta tarde, o crepúsculo foi mais rosa e mais claro.²⁴

Neste trecho, tem-se “C. Geral” como referido ao Cônsul Geral Joaquim Antônio de Souza Ribeiro. Sobre o Cônsul, na obra *Sin fronteras: encuentros de mujeres y hombres entre América Latina y Europa* (2008), Eugenia Scarzanella e Mônica Raisa Schpun sugerem que o Joaquim Antônio de Souza Ribeiro desconhecia as atividades de Aracy e de Guimarães Rosa para conseguirem vistos permanentes para judeus alemães em direção ao Brasil, tendo em vista um relato de Margarethe Levy, a respeito de como Aracy de Carvalho havia coberto o documento antes do pedido de assinatura do seu superior, ainda em novembro de 1938. Sabe-se, no entanto, que a autora do relato conseguiu o visto, inclusive teve contato no Brasil alcançado também por Aracy, quem ligou para um amigo delegado e solicitou regularização da documentação desta senhora e de seu esposo (2008).

Esse tipo de informação certifica o impacto nas vidas dos sujeitos que receberam auxílio por parte tanto de Aracy, quanto de Guimarães Rosa, que viveram na Alemanha – nesse contexto totalitário, de tentativas de conter os processos de hibridização cultural – atuando por meio de uma série de atividades, que se utilizava, inclusive, da própria atividade diplomática. Recordase que, apesar de o fato da atuação de Aracy e de Guimarães Rosa em busca da “salvação de judeus perseguidos pelo Terceiro Reich ser amplamente documentada, o Diário não apresenta qualquer alusão a essas ações – nem teria como apresentar, para não colocar em risco os envolvidos e, sobretudo, os próprios judeus.” (OTTE, 2018, p. 137). Essa informação sobre essa atividade ser *amplamente documentada* diz respeito ao documentário *Outro Sertão* (2013), já citado. Em registro de dois meses anteriores ao supracitado, lemos:

18 de maio de 1940²⁵

²⁴ BRAVO! São Paulo, n. 126, fev. 2008, p. 28-39.

²⁵ *Ibidem*.

Fui, com Ara, a Harburg e à Reeperbahn, para ver os estragos das bombas e da Flak.

As cerejeiras floridas – flores alvas, em toalhas e véus. E as velas brancas das castanheiras. Vimos a caserna; o buraco da bomba, na praça. A árvore parcialmente descascada; etc etc. Mas, não vimos a (fábrica) de óleo. As casas destruídas. Os caminhões, com soldados, evacuando os moradores vizinhos. A Flak hamburguesa fracassou completamente: os “dandys” fizeram o que quiseram.

No caminho, vi um ninho de cegonhas: macho e fêmea deitados juntos dentro. O dia esteve bonito, levemente quente com o sol, mas friozinho à tarde. Lindos verdes, claros, nos bosques (Harburg) e na Moorweiden. Céu azul-sem-escândalo. Os balões (Sperrballonen) em Harburg, à beira do Elba. O luar continua. Virão hoje os “boys” da R.A.F.?

Um soldado levou, de ricochete, um estilhaço minúsculo de Flak, na perna – a coisa varou a polaina, e foi alojar-se no osso. O homem que se escondeu debaixo da cama, no hospital, e levou uma granada de Flak, na coxa.

Como se sabe, *Ara* é como chamava Guimarães a Aracy, sua segunda esposa, a quem conheceu já na Alemanha. Notamos que *Reeperbahn* se trata de uma grande avenida de Hamburgo, no bairro de St. Pauli, inclusive, hoje, marca turística da cidade. No trecho acima, o registro sobre Flak diz respeito à Artilharia Antiaérea. Além disso, “Dandys” é uma referência aos ingleses. Destacamos aqui que *Moorweiden* é o nome da rua em Hamburgo em que Rosa morou de 1938 a 1940.

Elba é um rio de Hamburgo, posteriormente citado em sua crônica *Homem, Intentada Viagem*: “Agora, já se estaria longe, navegantibundo, a descer o Elba, a entrar do Mar do Norte.” (2009, p. 214). Conforme o trecho destacado, nota-se que os registros mudam de tom entre curtos espaços. Contemplativo, escreve que *O dia esteve bonito, levemente quente com o sol, mas friozinho à tarde. Lindos verdes, claros, nos bosques (Harburg) e na Moorweiden. Céu azul-sem-escândalo*. Logo em seguida, pergunta-se se os rapazes da R.A.F., termo que se trata da Royal Air Force, a Força Aérea Britânica, viriam neste dia.

Conforme pesquisa da Universidade de Exeter do *Center for the Study of War, State and Society* (Centro para estudo da Guerra, Estado e Sociedade), intitulada *Bombing, States and Peoples in Western Europe 1940-1945: The Bombing of Germany 1940 – 1945*, ainda que se esperasse que a população se posicionasse contra as atitudes nazistas, não há grandes constatações dessas oposições. Especula-se que as opiniões dos cidadãos presentes na Alemanha em oposição a Hitler podem não ter claros registros devido ao medo das possíveis reações do regime totalitário, sendo preciso estar sempre em alerta a respeito da Geheime Staatspolizei (Gestapo), Polícia Secreta, fundada em 1933, bem como por causa dos possíveis informantes. Por isso, tanto a investigação das percepções individuais, como da consciência

social nesse período basicamente se restringem a documentos pessoais como cartas, cadernos, diários e relatórios particulares (BALDOLI, 2010).

Por vezes, como se pode presumir, a apresentação dos fatos não se dá de maneira isolada, como no trecho que segue:

19 de junho de 1940²⁶

Estou escrevendo na cama, ao som dos estampidos da Flak. Alguns são tétricos: como socos retumbantes, dados por punhos enormes no bojo elástico do ar alto. Outros ribombam festivos.

Uns tocam bombo ou tambor. Antes-de-ontem estão dizendo que caiu uma bomba no Alster, na Schwanenwik, perto de Hartwuststrasse. Houve peixes mortos, galhos de árvores arrancados, vidraças partidas. Eu penso que foi Flak. Às vezes parece que uma pedra grande caiu para cima, caiu no céu sonoro, que é água enorme, lagoa côncava (e sonora).

Escuto, baixo, nítido, esportivo, automobilístico, trepidante, o zumbido da Royal Air Force.

Registrando sobre um bombardeio no Alster, este que se trata de um afluente do rio Elba que corta a cidade hamburguesa, Guimarães apresenta, assim, que às vezes lhe parecia que “uma pedra grande caiu para cima, caiu no céu sonoro, que é água enorme, lagoa côncava (e sonora)”. Há também uma delimitação temporal, tendo em vista a data que comumente acompanha as anotações, além da espacial, posto que quase sempre há também nomes de avenidas, ruas, praças e afins, como são os casos de *Schwanenwik* e *Hartwuststrasse*, nomes de ruas de Hamburgo. Vale recordar que “Rosa, que teve o ‘azar’ de chegar à Alemanha nos primeiros anos da Segunda Guerra Mundial, se nega a aceitá-la como acontecimento incisivo, como se estivesse apostando no seu fim – o que explicaria seu apoio aos pilotos da Força Aérea Real britânica.” (OTTE, 2018, p. 142-143). Nesse contexto, a sensação de insegurança parece apenas crescer:

20 de setembro de 1940²⁷

Ontem houve Grossangriff, às 11 da noite. Chuva de bombas. Fui, com Ara, ver as casas destruídas, na Sierichstrasse e Mühlenkamp. Em Harburg, foi feio, tendo sido atingido um bunker.

Com o ataque noturno de ontem, o número deles se elevou a 83 (oitenta e três)!

De maneira que *Grossangriff* significa grande ataque, nota-se que, sendo *Sierichstrasse* e *Mühlenkamp* nomes de locais que sofreram bombardeamentos, Rosa dá continuidade a suas

²⁶ BRAVO! São Paulo, n. 126, fev. 2008, p. 28-39.

²⁷ Ibidem.

anotações sobre os acontecimentos ao seu redor. Vale recordar, ainda, que, no ano de 1941, o Consulado de Hamburgo foi parcialmente destruído por um bombardeiro. Segundo *Guimarães Rosa: Diplomata* (2007), de Heloísa Araújo, foi preciso que o próprio Rosa e o Cônsul geral entrassem no “Consulado-Geral, imediatamente depois de saberem dos bombardeios, a fim de recolher as coisas essenciais do arquivo, quando ainda não haviam sido retiradas da imediação, nas proximidades do mesmo, duas bombas de tempo” (Telegrama nº 141, de 14.05.1941, da Embaixada em Berlim *apud* ARAÚJO, 2007, p. 36). Dessa maneira, nota-se que o cotidiano era constantemente arriscado, somando-se a isso a facilitação dos vistos ao Brasil, algo contrário à política do Estado Novo. Em outro trecho, lemos:

20 de outubro de 1940, domingo²⁸

Alarme às 9 horas da noite!!!...

(Eu dormi pesado, e não ouvi: mas houve outro alarme, às 3 ½ da madrugada – a *Entwarnung* tinha sido às 11 horas da noite -, que durou até às 6 ½. O pessoal sofreu bastante. Mas eu não tenho a culpa. Não fui eu quem invadiu a Polônia...

Sendo *Entwarnung* o alerta que anuncia o fim do risco de bombas, nota-se a ironia a respeito da informação de que o alarme de “segurança” soava com frequência, de maneira que, na realidade, percebe-se a iminência constante de bombardeamento. Como dito, a invasão por parte dos soldados alemães à Polônia marca o início deste período de guerra mundial, aqui ironizada no trecho: *Não fui eu quem invadiu a Polônia...*

O discurso oficial nazista considerava não uma invasão, mas uma ação para fortalecer a noção de nação alemã. Prova disso é a adoção do lema *Alemanha acima de tudo* por parte do hitlerismo. O poema *Das Lied der Deutschen*, cujo primeiro verso foi tomado como lema nazista, *Deutschland über alles* (Alemanha acima de tudo), foi escrito em 1841, tendo como contexto reivindicações por parte da França quanto a áreas da Alemanha, que gerou a chamada Crise do Reno. “A reinterpretação da primeira estrofe num sentido imperialista e expansionista começou nos anos 1890, com a organização nacionalista-extremista *Altdeutscher Verband*, mas ganhou força com o movimento nazista, nos anos 1930.”²⁹. Dito isto, nota-se que a proposta de expansão do território alemão é colocada acima da importância das vidas dos indivíduos.

Não são poucos os recortes que tratam sobre os bombardeios, tendo em vista o cotidiano

²⁸ BRAVO! São Paulo, n. 126, fev. 2008, p. 28-39.

²⁹ DEUTSCHE WELLE. "Alemanha acima de tudo", um verso e um passado sombrio. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/alemanha-acima-de-tudo-um-verso-e-um-passado-sombrio/a-46002358> Acesso em 21 de junho de 2019.

dos que viviam em locais como Hamburgo. Ao fim de outubro de 1940, Rosa anuncia *uma nova fase da guerra aérea*:

25 de outubro de 1940³⁰

O ataque de ontem à noite foi o mais sério e terrível de quantos houve até hoje. Das 9 e 30 às 3:30, e depois das 4 e tanto até às 6 da manhã. Sempre com tiros e bombas tremendas. Parece que inaugurou para nós uma nova fase da guerra aérea. Será que começou mesmo o fim do mundo?! O trovão das bombas se repetiam, infernal. Havia corpos estranhos, como flechas luminosas e coloridas, horizontalmente no ar, em enfiadas pela Rothenbaumchaussee. Houve um Volltreffer na Lombardsbrücke. Quando a bomba caiu, a minha casa terremoteou de baixo pra cima, desde os alicerces. A vinda para o Consulado foi uma aventura automobilística, de tantos “Umleitung” e “Umwege”. A Lombardsbrücke gesperrt. Etc, etc.

Outros resultados = enormes explosões e incêndios imensos, no porto. Em Harburg, dizem que houve o diabo, que os estragos foram como nunca. 7 bombas explodiram perto da casa do Schlen. O Leidig eu Atlantic evacuados, bem como outras casas na Holzdam. Glockengiesserwall em parte gesperrt. Blindgängers na Lombardsbrücke, e, aqui perto, na Kunsthalle. Tivemos de descer à Keller, onde estou escrevendo, porque vão fazer rebentar os Blindgänger.

A *Rothenbaumchaussee*, rua no centro de Hamburgo, torna-se este local da destruição, dos “corpos estranhos”, de maneira que todos podem notar essa visão do “fim do mundo”. *Lombardsbrücke* trata-se de uma ponte, neste caso em que ocorreu um *Volltreffer*, isto é, uma bomba que acertou “em cheio”. Posteriormente conhecido por sua escrita rica em neologismos, aqui Rosa escreve “terremoteou” para se remeter a como sua casa estremeceu nesse momento. A ida ao Consulado é marcada por avisos de desvios: “Umleitung” e “Umwege”, com a ponte e ruas estando *gesperrt*, isto é, bloqueadas, havendo ainda *Blindgängers*, termo que se refere a bombas que não explodiram. Todos esses registros, conforme indica, foram feitos do porão: “Tivemos de descer à Keller, onde estou escrevendo, porque vão fazer rebentar os Blindgänger”. Rosa anuncia, no próximo mês, um dia de tiroteio (*Schiesserei*) intenso:

16 de Novembro de 1940³¹

A Schiesserei de ontem foi mesmo brava; houve muitos mortos e feridos; caíram muitas bombas explosivas, das baitas!

Fui ao cinema, com Ara. (...) Voltei para casa, a pé, no escuro. Quando chegava no meu quarto, antes de tirar o capote...ALARMA (8hrs15)

O tiroteio está bravíssimo hoje também. Já explodiram bombas! As portas e janelas da minha casa batem, golpeiam!

³⁰ BRAVO! São Paulo, n. 126, fev. 2008, p. 28-39.

³¹ BRAVO! São Paulo, n. 126, fev. 2008, p. 28-39.

Apesar de existir a possibilidade de o Caderno, Diário de Hamburgo, Diário de Guerra, ou como venha a ser designado, ter sido iniciado justamente por sua atividade diplomática, cabe ressaltar que não se tratava de uma obrigatoriedade de seu cargo de Cônsul-Adjunto. Outras vezes, no entanto, o trabalho pressupunha registros que foram também significativos para a compreensão da percepção de Rosa nos caminhos por ele percorridos.

Junho de 1941, Guimarães Rosa escreve um *Memorandum* à Embaixada do Brasil em Berlim, cuja ida se deu na “incumbência de correio diplomático”, apresentando suas impressões sobre Portugal e Espanha. Na ocasião, Guimarães comenta “inclinação pessoal de Salazar pelas Potências do Eixo” (ARAÚJO, 2007, p. 25). A escrita de Rosa, conforme afirma Vilhena, “torna compreensíveis inúmeros detalhes e natureza política, econômica e psicológica, bem como atitudes ligadas ao relacionamento bilateral de Portugal e Espanha com terceiros países, que agrega à sua informação.” (2007, p. 26).

Tendo passado, portanto, longos períodos da vida em uso frequente da sua atividade de escritor, fossem em registros da diplomacia, pessoais, literários ou de outras naturezas, nota-se também o interesse de Rosa por recortes de jornais, considerando a presença de alguns em seu Diário. Como já dito, alguns trechos deste material ainda não publicado apresentam considerações sobre as atividades de perseguição nazistas, especialmente direcionadas aos judeus. O confisco dos pertences foi um passo em conjunto à obrigatoriedade do uso das estrelas-de-davi nas roupas das pessoas de descendência judaica. Registra Rosa, pois, suas impressões, bem como artigo de jornal apresentando essa regulamentação:

20 de Setembro de 1941³²

Ontem começou a obrigação do distintivo na roupa dos judeus. Hoje, à tarde, vi o primeiro: um rapazola, simpático, de Knickerbocker dando o braço a um cego (distintivo de cego, no braço).

Comunicado oficial: o decreto policial sobre a identificação dos judeus de 1º de setembro de 1941 prevê, no § 3, que a regulamentação sobre a identificação dos judeus com a estrela de Davi e sobre a proibição dos judeus de deixar o município sem autorização por escrito da polícia local, assim como de usar ordens e condecorações e quaisquer outras insígnias, não se aplica a) ao cônjuge judeu vivendo em matrimônio misto, desde que dele tenham surgido descendentes e desde que estes não sejam considerados judeus, mesmo se o matrimônio deixou de existir ou o único filho tenha falecido na atual guerra, b) à esposa judia no caso de não ter havido filhos durante o matrimônio. (Artigo de jornal colado ao diário)³³

³² BRAVO! São Paulo, n. 126, fev. 2008, p. 28-39.

³³ PEIXOTO, Mariana. *Leia trechos dos 'Diários de guerra', manuscrito de Guimarães Rosa*. PORTAL UAI, 24 de fevereiro de 2019. Disponível em: <https://www.uai.com.br/app/noticia/artes-e-livros/2019/02/24/noticias->

As questões dos distintivos, com um marco evidente de diferenciação, bem como vestimentas específicas tornam-se algo de destaque nas análises sobre o Nazismo. Em Campos de Concentração tal qual o de Neuengamme, localizado em Hamburgo, a questão é marca do processo de desumanização. Mesmo em temperaturas negativas, prisioneiros, dentre os quais judeus, LGBTQIA+ e outros perseguidos políticos precisavam sair e trabalhar com trajes sem qualquer tipo de isolamento térmico. A hipotermia e as doenças respiratórias, relacionadas às condições, que incluíam falta de higiene dos locais, foram consideradas algumas das principais motivações de óbito dos prisioneiros.

Figura 3: Trajes obrigatórios para prisioneiros do KZ Neuengamme, em Hamburgo



Fonte: Arquivo Pessoal (2022)

Muitos são os registros no Diário de Guimarães Rosa que dizem sobre o cenário que se criava, no período em que é marcado como início da Guerra, de inferiorização aos judeus. Ainda sobre o assunto, em setembro de 1941, em uma sexta feira, Rosa escreveu: “Passamos na Grindelberg. A venda dos judeus. Até crianças de 4 anos, ou menos, com distintivo amarelo, infamante! E o povo do partido vendendo Abzeichen: hoje é a Swastika através dos tempos...”³⁴. O trecho acima denuncia a clara divisão entre aqueles que precisam obrigatoriamente utilizar o distintivo com a estrela de Davi, em sua passagem na *Grindelberg*, rua de Hamburgo com bastante comércio, e os que integravam o partido ou simpatizavam com, de maneira que

artes-e-livros.242079/leia-trechos-dos-diarios-de-guerra-manuscrito-de-guimaraes-rosa.shtml Acesso em: dez. de 2019.

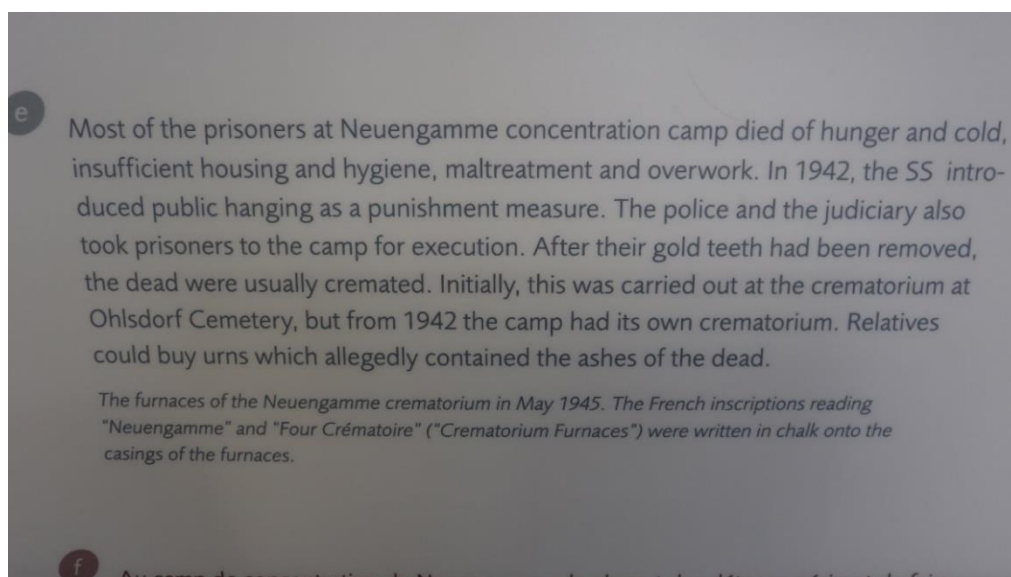
³⁴ BRAVO! São Paulo, n. 126, fev. 2008, p. 28-39.

vendiam e compravam *Abzeichen*: bótons e afins, especificamente, neste caso, com símbolos nazistas.

Ainda em 24 de março de 1940, Domingo de Páscoa, Rosa deixava registrado: “Os judeus não têm direito de comer todas as coisas que ainda estão ao alcance dos estômagos arianos. As ‘cartas-de-comida’ dos semitas são sobrecarimbadas com um J rubro. Eles não recebem cartas para ovos, nem Naehmittel”³⁵ (Cereais, tipos de nutrientes). Obviamente, o fato de que não recebiam carnes a mais, como as outras pessoas, considerando o trágico contexto de guerra, somava-se a uma série de outras restrições, como não poderem sair de casa após anoitecer, ou só poderem comprar em locais específicos, “casas fixadas”, onde, com frequência, já não havia mais alimentos ou quaisquer tipos de suprimentos de modo geral, distinguindo-os dos “arianos”.

Também em Neuengamme, o Memorial aponta a fome como um dos principais motivos de morte dos prisioneiros dos nazistas. A morte por inanição, como modo de desumanização, é registrada na exposição permanente, como é possível conferir nas primeiras linhas desta imagem que segue: “A maioria dos prisioneiros no Campo de Concentração Neuengamme morriam por fome e frio, falta de habitação e higiene, maltratos e excesso de trabalho.” (Tradução livre, figura 4).

Figura 4: Informe do Memorial do KZ Neuengamme, em Hamburgo



Fonte: Arquivo Pessoal (2022).

³⁵ Ibidem.

Como dito, as facilidades dadas por Guimarães e Aracy às muitas famílias de origem judaica para que pudessem fugir do nazismo não têm registros apresentados no Diário. Sabe-se, conforme pesquisa das documentaristas de *Outro Sertão* (2013), que, no primeiro semestre de 1939, o número de vistos de turistas concedidos a judeus pelo consulado do Brasil em Berlim foi nulo. Comparativamente, no mesmo período, o número de vistos de turistas concedidos a judeus pelo consulado do Brasil em Hamburgo foi de quase uma centena. Adriana Jacobsen e Soraia Vilela atribuíram essa diferença de números às atividades de Guimarães Rosa e Aracy Moebius Carvalho. É nessa perspectiva que, segundo Otte:

A revolta contra um sistema desumano derruba as barreiras impostas pelo ofício e se transforma numa postura rebelde também contra a disciplina diplomática. Não se trata de se posicionar, politicamente, a favor ou contra o nazismo, mas contra qualquer política que cometa “crimes contra a humanidade”, para usar o termo jurídico oficial, criado no contexto dos processos de Nuremberg, isto é, do julgamento dos líderes nazistas. (2018, p. 138)

Tendo em vista o flerte entre Getúlio Vargas e o governo alemão da época, recordemos que apenas houve oposição ao governo nazista em 1942, motivo pelo qual Guimarães Rosa passou 100 dias confinado em Baden-Baden, até ser trocado, junto com outros diplomatas latino-americanos, por alemães que se encontravam no Brasil.

Em *Matadouro 5 ou a cruzada das crianças* (1969), clássico moderno antiguerra, o ex-combatente Billy Pilgrim que, assim como o autor da obra, assistiu ao bombardeio de Dresden, justifica sua motivação por escrever sobre o tema em tal passagem: “O Senhor fez chover enxofre e fogo dos céus sobre Sodoma e Gomorra; e Ele destruiu as cidades e toda a área ao redor e todos os moradores das duas cidades e tudo o que crescia de suas terras” (VONNEGUT, 2005, p. 25). Seguindo, acrescenta: “A mulher de Lot, claro, foi orientada a não olhar para trás, onde todas aquelas pessoas e suas casas um dia estiveram. Mas ela olhou para trás, e eu a amo por isso, porque foi uma atitude muito humana” (Ibid., p. 26). Sua observação não se trata de um desrespeito a qualquer crença, mas de associação a uma narrativa bíblica de destruição ao bombardeio de Dresden, no qual resultou em duas vezes o número de mortes que houve com a bomba de Hiroshima – por ter sobrevivido e precisar, nesse ato de olhar para trás, narrar.

Como diz Georg Otte, “Por mais incipientes que sejam, as encenações verbais do Diário (...) elas não demonstram a fuga da realidade de um escritor em início de carreira, mas em busca da potencialização estética dessa realidade mediante a linguagem.” (2018, p. 148). Nesta leitura, seguimos às análises das crônicas escritas por Rosa em uso dessas experiências enquanto diplomata na Alemanha nazista.

2.3 As crônicas alemãs

Referências diretas ao Itamaraty são notadas nos textos *Histórias de Fadas, Os abismos e os astros, O homem de Santa Helena* e *O lago do Itamaraty*. Além disso, passam expressamente por Hamburgo os personagens de *O mau humor de Wotan, Zoo (Hagenbecks Tierpark, Hamburgo – Stellingen), O burro e o boi no presépio, A senhora dos segredos e Homem, intentada viagem*, todos estes textos reunidos, junto a outros, em *Ave, Palavra* (1970), miscelânea de gêneros literários, como bem informa a própria catalogação, publicada postumamente. O fato é que notamos a relevância tanto da sua atividade de diplomata quanto especialmente do seu período no Consulado Brasileiro na Alemanha, em Hamburgo, para sua produção literária. Conforme Waldete Freitas Barbosa:

O literato discorreu sobre a Alemanha nazista em quatro crônicas publicadas em periódicos e mais tarde reunidas em *Ave, palavra*, de 1970. Para essa comunicação selecionou-se a crônica – *O mau humor de Wotan* que apresenta a experiência do escritor vivida no exterior durante a perseguição aos judeus pelo nazismo. *Ave, palavra*-título escolhido por Guimarães Rosa que o definiu como uma – miscelânea, constituíra sua colaboração de vinte anos, descontínua e esporádica, em jornais e revistas brasileiras, durante o período de 1947 a 1967. Paulo Rónai foi o organizador do último livro de Guimarães Rosa. A primeira edição dessa obra póstuma foi publicada em 1970 pela editora José Olympio, reunindo 54 textos em 274 páginas. O título é uma saudação, como – “Ave, Maria”. Funciona como – “Salve, palavra”, Tematicamente, *Ave, palavra* é um dos livros mais variados de Guimarães Rosa. (2014, p. 2).

Considerando-se o trânsito entre países e culturas por parte de Guimarães Rosa, recorda-se, ainda, a relevância dos espaços das metrópoles, fronteiras e portos para o intercâmbio cultural (BURKE, 2003), o que implica, na posição de Rosa, uma vida de intercâmbios intensos. Mas, também, consideramos o fato de que muitos bombardeios ocorridos durante a Segunda Guerra se deram em locais estratégicos. Para os dois casos, tem-se Hamburgo, cidade alemã que comporta o terceiro maior porto da Europa e o maior porto da Alemanha, recebendo a alcunha de *Das Tor zur Welt*³⁶ (A porta para o mundo). Nesse contexto, *Ave, Palavra*, “guerra abaixo, guerra acima” (ROSA, 2009, p. 31) forma um conjunto de escritos tão rico quanto diverso.

2.3.1 A senhora dos segredos: começava a guerra

³⁶ Hamburg Magazin. *Das Tor zur Welt – Wahrzeichen Hamburger Hafen*. 18.02.2020. Disponível em: <https://www.hamburg-magazin.de/artikel/hamburger-hafen-das-tor-zur-welt> Acesso em jan. 2021.

Como lemos em *Vivemos em tempos de guerra* (2011), da pesquisadora da história da literatura em língua portuguesa Regina Zilberman: “Ainda que a experiência pessoal não seja ferramenta fundamental para um autor escrever sobre guerra, o testemunho de um evento bélico pesa bastante na produção literária.”³⁷. Sobre a horoscopista, também escreveu Rosa *Os abismos e os astros*, narrativa que também integra *Ave, Palavra*, na qual se lê:

Digredindo, recordarei Demétrio de Toledo, Cônsul-Geral e horoscopista amador, que ainda me foi dado conhecer. Publicava ele num jornal do Rio, em 1937 ou 1936, seus vaticínios siderais, com avance de mais de semana, e foi assim que, para determinado dia, profetizou “a morte de um ditador”. Interessou-me afirmação tão estricte e a ponto; se bem que a ela quase ninguém dando atenção. Chegou a data e Hitler, Mussolini, quejandos, continuaram viventes... (1970, p 70).

O narrador d’*Os abismos* acompanha a leitura de horóscopo e aguarda a morte de Hitler ou Mussolini após a publicação de que um ditador morreria. Já a menor das narrativas, conhecidas como crônicas ou contos da Alemanha, escritas por Guimarães Rosa, teve sua primeira publicação em “Antologia de Contos”, sessão do jornal Correio da Manhã, no dia 06 de dezembro de 1952. Na ocasião, a narrativa foi apresentada em apenas uma página. Posteriormente publicada em livro, possui pouco menos de quatro páginas de escritos.

“Não sei se creio em quiro e cartomantes; em astrólogos, sim, quase acredito. Pelo menos, duas vezes tive fé em Frau Heelst, dada e gabada então como horoscopista de Hitler.” (ROSA, 2009, p. 208). Assim inicia Rosa a narrativa *A Senhora dos Segredos*, em tom de dúvida acerca da crença na arte da previsão. O narrador, junto a “Ara” e outras “três teutas moças”, visita Frau Heelst, em Volksdorf, perto de Hamburgo. Na primeira visita, vão Ulrike Wah, Grétel Amklee, Lene Speierova e Ara – Ulrike é uma bávara “trigueira dinárica”, aparentemente sendo essa sua cor de pele; Grétel é simples, loura; e Lene é estonta ruiva. Não há descrição para a personagem nomeada Ara, supondo-se haver relação com Aracy de Carvalho, inclusive porque o termo é usado também em seu Diário, como em “Fui, com Ara, a Harburg e à Reeperbahn” (18 de maio de 1940), “Passeei hoje com Ara” (13 de junho de 1940) ou “Fui ao cinema, com Ara” (16 de novembro de 1940). Aparentemente, foram juntos porque a metodologia de grupo para consulta, conforme o narrador, flui melhor.

³⁷ ZILBERMAN, Regina. *Vivemos em tempos de guerra*. Zero Hora. Caderno Cultura. 22 out. 2011.

Figura 5: Aracy de Carvalho na Alemanha



38

Fonte: Templo Cultural Delfos, 2022.

Começando por Grétel, Heelst “Folheou tabelas, empregou lápis e compasso, traçou um círculo. Em concentração de matemático e não de vidente, foi formando números, trigonometria, signos”. (ROSA, 2009, p. 209). Um erro de informação de “latitude e longitude” parece ter corrompido a interpretação da horoscopista sobre a cliente que, na realidade, nascera em África. Corrigido o erro, “Ouvindo que ia depressa casar-se, e ter quatro filhos, a confirmação de Grétel correu larga, agradecida: — Die Liebe ist das Element des Lebens!³⁹”. Enfatiza-se que o interesse de Grétel se dava nas artes do amor, sendo esse, para ela, o elemento da vida.

Na narrativa, o trabalho prosseguiu com Lene Speierova, porém, alegando que seu estudo astral era mais complexo e que estava cansada, pediu por uma pausa no trabalho. “Mas Lene teimou, por sete varas: — Pelo amor do quê, Frau Heelst! Devo saber a minha sorte...” (ROSA, 2009, 210). “Daí, já Frau Heelst, cirúrgica, se decidira: — Ja, richtig... — era a sina da outra, a seu querer; pegasse, pois, fel e mel, a obrigação do enfrento”. Foram, assim, as duas teutas, juntas, para o estudo, de portas fechadas. Posteriormente, “Revieram: viu-se Lene em choro, trazia-a Ulrike, abraçadas, choravam juntas. — Terrível!... Terrível... — foi a revelação

³⁸ Aracy Moebius de Carvalho Guimarães Rosa – a coragem de uma mulher que salvou vidas. Templo Cultural Delfos. Disponível em: <http://www.elfikurten.com.br/2011/01/as-veredas-de-rosa-aracy.html> Acesso em dez. de 2021.

³⁹ O amor é o elemento da vida. (Tradução nossa).

única que Ulrike nos passou, num sussurro.” (ROSA, 2009, 210). Frau Heelst olhava da porta, no entanto, com face plácida.

Só na segunda ida a *Volksdorf* o narrador direciona pergunta à horoscopista. “só em meados de junho, e portanto depois quase de ano, quando o Dr. Goebbels andava visitando Dantzig”. Fazia, assim, a Frau Heelst, um questionamento:

— Haverá guerra? — Ach, nee... De modo nenhum. Sossegado esteja. A resposta era a resposta. Mas não a previra eu em jeito tão claro. O gato estava lá, dentro do círculo de sua cauda. Os olhos mencionavam os de Lene, outro vestido de Lene, de quem me faltavam notícias, a não ser que estava noiva de um sujeito de má fama, e por isso em luta com a mãe, que ela queria dar como louca e interdita. Eu ali, afinal, não passava de um estrangeiro, e os tempos eram perigosos. (ROSA, 2009, p. 10).

“Haverá guerra?” perguntou aquele que “não passava de um estrangeiro, e ouviu, de súbito, um Ach, nee...” Expressão idiomática que significa uma interjeição negativa, como “oh, não”. Pode-se recordar que, para Said, a condição “de não passar de um estrangeiro”, em específico quando se pensa a figura do escritor e do intelectual, é bastante significativa para as reflexões sobre as produções literárias, especialmente desde o século passado. Em *Representações do intelectual: as Conferências Reith de 1993*, o crítico literário afirmou, sobre o sentimento de estrangeiro em qualquer espaço que estivesse, que se via como:

um naufrago que, de certo modo, aprende a viver com a terra, não nela; ou seja, não como Robinson Crusóe, cujo objetivo é colonizar sua pequena ilha, mas como Marco Polo, cujo sentido do maravilhoso nunca o abandona e que é um eterno viajante, um hóspede temporário, não um parasita, conquistador ou invasor. (SAID, 2005, p. 67).

Em *Senhora dos Segredos*, prossegue o narrador: “Triviando conversa, pedi para saber como seria investigável astrologicamente aquele assunto, de paz ou guerra neste mundo sublunar; e ela grau em grau se descerrou, visto que o terreno da ciência é o da sã comunicação lata.” (ROSA, 2009, p. 210). O narrador pareceu ouvir com atenção, mas, apesar de seu interesse na estranheza do trabalho de Frau Heelst, sua leitura das expressões e dos sentimentos da mulher parecem um tanto desprovidas de maior afetuosidade.

Diferente de parte significativa da produção de Rosa, há um claro desacordo entre a leitura mística do mundo, neste caso representado pela horoscopista, já anunciada desde o início que era *gabada* como alguém que prestava seus serviços a Hitler, e a vida em suas sinuosidades. Continuando acompanhando a narrativa, lemos: “Com as estatísticas, globalmente, dos

nascimentos nas diversas partes do país... Talvez já pairasse, sobre centenas de milhares de vidas, o *influxo ominoso de Marte*.” Ouvindo, todavia, que não haveria guerra “mesmo demonstrativa, patriótica. Foi quase afetuosa a nossa despedida.” (*Ibidem*). Além da ironia desse trecho, afirmando que *ela foi quase afetuosa*, apesar de *patriótica*, o trecho que segue aponta para o contrário daquilo que havia previsto a horoscopista. Nota-se, ainda, um posicionamento irredutível do narrador ao se colocar como indisponível ao auxílio de Frau Heelst, apesar de sua clara aflição:

Mas, justo no dia, estava eu pensando outras coisas, aquela manhã precisamente, quando de Volksdorf me chamaram ao telefone. Frau Heelst, travada, aflita. Falou, falou, frases, urgente, desajuntava-as: ...Se lhe seria consentido emigrar, para o Brasil, para a América, qualquer canto de cidade nossa, onde ganhar seu sustento... Se podia vir ver-me, combinar o quê, pronto receber os papéis, partir... Não, não era mais possível. Nada deixavam os astros. Doze dias depois, começava a guerra. (ROSA, 2009, p. 11).

O pedido de ajuda vem com voz entrecortada, tendo como assunto a urgência de partir para qualquer lugar no Brasil ou próximo, de maneira que a possibilidade fosse assegurada pelo diplomata que fora seu cliente. Para Paulo Soethe, “refina-se a sensibilidade do escritor em relação à culpabilidade essencial do homem em sua atuação histórica. Pois mesmo a obra-prima de Rosa, em contexto plenamente diverso, é escrita sob essa consciência pessoal e social” (SOETHE, 2005, p. 297). Isto é, em GSV, a culpa que Riobaldo narra em centenas de páginas e que parece justificativa para o longo diálogo apresentado, tendo em vista tanto o fato que Diadorim foi morta por Hermógenes, por apoiar sua luta [havendo ainda a culpabilização em torno do pacto]⁴⁰, quanto por não ter sequer tentado se aproximar dela para iniciar um relacionamento amoroso, conforme sua paixão, inclusive pela possibilidade de leitura de Grande Sertão: Veredas, como *gesto testemunhal e confessional*.⁴¹

O Diplomata narrador ouve: “Falou, falou, frases, urgente, desajuntava-as: ...Se lhe seria consentido emigrar, para o Brasil, para a América, qualquer canto de cidade nossa, onde ganhar seu sustento... Se podia vir ver-me, combinar o quê, pronto receber os papéis, partir...”. Sua resposta, no entanto, é que é impossível. “Começava a guerra”, são as últimas palavras do narrador e assim está finda a narrativa.

⁴⁰ QUEIROZ, Mylena de Lima. Ver *Pacto diabólico [e outros pactos] em 'Grande sertão: veredas'* (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual da Paraíba, 2018. Disponível em: <http://tede.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/tede/3275>. Acesso em jan. de 2021.

⁴¹ SELIGMANN-SILVA, Márcio. Grande Sertão: Veredas como gesto testemunhal e confessional. *Alea* vol.11 no.1 Rio de Janeiro Jan./June 2009.

2.3.2 O Mau Humor de Wotan: o Führer não encontra tempo para amar

As brasileiras que se encontraram na Alemanha, Adriana Jacobsen e Soraia Vilela, pesquisaram bastante sobre esse período (1938-1942) da vida do escritor e apresentaram diversas e inéditas informações sobre Guimarães Rosa no premiado documentário *Outro Sertão* (2013), produção de Galpão Produções/Instituto Marlin Azul. A obra cinematográfica, a qual ainda circula tão somente nos circuitos alternativos, tem, junto a algumas pesquisas acadêmicas, despertado o olhar para esse *outro* lado de Guimarães Rosa.

Walnice Nogueira Galvão, estudiosa do lado rosiano do Sertão, tece elogios⁴² ao documentário, por trazer à tona tantas questões, desde rara entrevista ao crítico Walter Höllerer, a uma TV alemã em Berlim, 1962, até dados sobre correspondência entre o Ministério das Relações Internacionais e a Gestapo acerca do diplomata brasileiro – o que só o engrandece, como figura dissonante ao regime nazista. A respeito do período, as crônicas escritas quando residia na Alemanha registram algumas posições, como em *O Mau Humor de Wotan*. Wotan não é apenas o nome do deus germânico equivalente a Odin, como também nomeou o A7V: tanque alemão produzido durante a primeira guerra mundial, precisamente entre 1917 e 1918. Além disso, sob o título de „*Die Nazis und die Religion*“ (Os nazistas e religião, 2019), Kerstina Tretina teceu considerações sobre como ocultismo, runas e certo “cristianismo étnico alemão”, tendo como representação principal Wotan, fizeram parte da cosmovisão mitológica racista do nazismo⁴³ e ainda servem de cabide para o neonazismo. Em ensaio controverso, intitulado *Wotan*, publicado em 1936, que divide posicionamentos entre estudiosos do psicoterapeuta suíço, Jung sugere que a voz de Hitler era a projeção do inconsciente da população alemã do período, atuando como um deus da tempestade, um verdadeiro líder com ânsia de guerra.⁴⁴

Apesar de algumas defesas de que Jung não flertou com o nazismo, o fato é que a análise foi bem vista pelos apoiadores de Hitler, que desde antes já o exaltavam enquanto figura além de um simples político, relacionando-o ao mitológico Wotan. Guimarães inicia sua narrativa nos apresentando Heubel, quem “relia a cabala ou a bíblia”, quebrando a expectativa de um alemão exaltando tão somente essas origens germânicas que o título sugere. Sendo a mais longa

⁴² GALVÃO, Walnice Nogueira. *O outro sertão de Guimarães Rosa*. Jornal GGN, 26/04/2018. Disponível em: <https://jornalggm.com.br/noticia/o-outro-sertao-de-guimaraes-rosa-por-walnice-nogueira-galvao> Acesso em 21 de maio de 2020.

⁴³ „*Die Nazis und die Religion*“ (Os nazistas e religião, 2019). Disponível em: <https://religion.orf.at/v3/radio/stories/2949845/> Acesso em 23 de maio de 2020.

⁴⁴ Carl Jung Psychoanalyzes Hitler: “He’s the Unconscious of 78 Million Germans.” “Without the German People He’d Be Nothing” (1938) Disponível em: <https://www.openculture.com/2017/11/carl-jung-psychoanalyzes-hitler.html> Acesso em 25 de maio de 2020.

destas narrativas apresentadas neste tópico como *corpora*, nela, somos apresentados à personagem Márion Madsen, quem foi “rapidamente quase” sua “namorada à beira do Alster”, em 1938, precisamente em junho, posto que a narrativa nos informa que os morangos, em Hamburgo, estavam maduros. Não cedendo às investidas do narrador, a personagem se mostra interessada em compor, em breve, uma família. Casando-se e tendo filhos:

Márion Madsen, gentil afino de origens – alemã, dinamarquesa e belga – foi rapidamente quase minha namorada, durante um dia, à beira do Alster, em 1938. Maduros os morangos, tendo flor os castanheiros, já se falava com ira na Inglaterra, por causa da Tchecoslováquia. Mas os jovens casais remavam seus barcos para debaixo dos salgueiros-chorões, paravam por lá escondido tempo, só saíam para se encostar no cais da Uhlenhorster-Faerhaus, onde garçons de blusa branca serviam-lhes sucos de maçãs e sorvetes, enquanto a orquestra, ao livre, solvia Wagner e Strauss. Mesmo assim, Márion, loura entre canário e giesta e mais num tailleur de azul só visto em asas de borboletas, hesitava em ceder primaverazmente às gratidões do amor. — “Vou-me casar e ter filhos...” — prometia. — Para obedecer ao Fuehrer, Márionchen? Tão graciosa que fosse, os olhos pegavam seriedade gris demais. Levou minuto para responder, e dava: — “O Fuehrer não encontra tempo para amar... O Fuehrer sagrou-se à política...”. (ROSA, 2009, p. 22)

Apresentada como contempladora dos discursos hitleristas e mesmo seguidora dos pensamentos daquele que “não encontra tempo para amar”, este por ter se sagrado à política, a personagem nega-se às investidas do narrador diplomata, alegando que é preciso casar e ter filhos, porém tudo conforme os protocolos do Fueher. Assim, ela “hesitava em ceder primaverazmente às gratidões do amor”. Diz Paulo Soethe que esta crônica comprova claramente o quanto “a brutalidade do regime nazista deixou marcas profundas em Rosa. A visão de mundo hitlerista equivalia a uma espécie de parâmetro negativo, que cabia combater com rigor. A narrativa trata de um casal com que o narrador (...) sela amizade.” (2005, p. 298). Márion inicia um relacionamento com Heubel, quem, por isso, tornou-se próximo do narrador-cronista. Logo notamos que as narrações sobre a vida do casal ocorrem tendo como contexto quase paralelo os prelúdios da guerra: “Não se podia insistir. Márion furtava a mirada, e tornou a mencionar casamento. Casou-se, dali a mais de ano, quinze dias talvez antes do ataque à Polônia. Passou a ser Frau Heubel, mulher de Hans-Helmut.” (ROSA, 2009, p. 23). No trecho, o marco temporal é o ataque à Polônia, invasão que se deu em primeiro de setembro de 1939.

Heubel parece mudar de comportamento, na análise do narrador: “Fora uma judia a derradeira amiguinha de Heubel, que, e pelo dito, não simpatizaria com o Partido. Mas Márion, romântica, tonta e femininamente prenhe de prudência, experimentava aos poucos trazê-lo à linha de heil Hitler mais enfático.” (*Ibidem*). Poucos meses depois, vai à guerra. Atuando apenas

como chofer e datilógrafo, “míope e de medíocre físico, com lentes grossas”, mostrando-se, assim, fora do padrão atlético que a propaganda nazista apresentava sobre os seus soldados.

Figura 6: Hans-Helmut e Márion Heubel



Fonte: Arquivo de Detlev Heubel

A crônica de Guimarães sugere, sem admiração, que a Alemanha estava sob o Mau humor de Wotan:

Eu buscava contra Hitler um *mane-téquel-fares*, a catástrofe final dos raivados devastadores. Mas, a seguir, calava-me, com o meu amigo a citar Goebbels, o sinistro e astuto, que induzia a Alemanha, de fora a fundo, com a mesma inteligência miasmática, solta, inumana, com que Logge, o deus do fogo, instigava os senhores do Walhalla, no prólogo dos Nibelungen. (ROSA, 2009, p. 25).

Sendo *Mene, mene, Tequel e Parsim* termos bíblicos em aramaico que se referem a uma ideia de cisão, divisão, o narrador buscava persuadir o amigo definitivamente contra Hitler. De maneira que de Hitler é esperado como motivação para a “catástrofe final dos raivados devastadores” e Goebbels seria aquele que levaria a Alemanha ao seu fim, esta narrativa é, portanto, pensada pelas cineastas como mais claro desvelamento literário do Rosa do *Outro Sertão*. De modo inicialmente intercalado, posteriormente, no entanto, o contexto torna-se mais imbricado, ainda que Helmut fosse o *menos belicoso dos homens*:

Do modo, por falho namoro e pela forte camaradagem seguinte, vim a conhecer um meu amigo, que a Europa me descobriu. Conseguiram eles do Finanzamt algumas divisas, e foram para lua-de-mel em Bruxelas. Estavam

em paz por lá, durante Mlawa, durante Kutno e a destruição de Varsóvia. E nisso houve qualquer lógica recerta, porquanto Hans Helmut formara-se o menos belicoso dos homens, nada marcial, bem mesmo nem germânico, a não ser pelo estimar a ordem em trabalho contínuo, mais uma profundidade nebulosa no indagar a vida e o pausado método de existir. Nos gostos, porém, tocavam-no subtilidades de latino: de preferência ao sólido, escolhia o leve e lépido, o bonito; aconselhava Márion a maquilar-se; e, sempre que vez, como tradição, baixava à Itália amada de Goethe, de Teutos e Cimbros, para comer melhor e tentar esportes de inverno, entre as mais formosas mulheres do mundo, em Cortina d'Ampezzo. (ROSA, 2009, p. 24).

A amizade de Rosa com um homem chamado Hans-Helmut Heubel me foi confirmada pelo seu filho em Hamburgo, Detlev Heubel. Na narrativa, novamente, o relacionamento do casal Heubel é apresentado paralelo aos acontecimentos bélicos: “foram para lua-de-mel em Bruxelas. Estavam em paz por lá, durante Mlawa, durante Kutno e a destruição de Varsóvia” (ROSA, 2009, p. 25). A paz do casal contrasta com a guerra que se intensificava. Heubel também é apresentado pelo narrador como pouco belicoso e com gostos aparentemente menos rígidos que se esperaria de um soldado do partido Nazista. Ainda, em conversa após este trecho, segue: “Ao voltarem a Hamburgo, a Polônia estava fínda. Falava-se na paz, o povo sonhava paz, e Hitler, pairando em Berchtesgaden, intuicionava sua paz forçosa” (*Ibidem.*). Sendo Hans Helmut esse amigo do narrador descoberto pela Europa, que tinha “profundidade nebulosa no indagar a vida e o pausado método de existir”, nota-se que narrativa busca reforçar a caracterização de Helmut como um homem pouco agressivo, embora isso não impeça que seja *convertido* à filosofia que seguia Márion e, por isso, que acreditava na “paz forçosa” de Hitler, este que, na cidade de Berchtesgaden, em Kehlsteinhaus (Ninho da Águia), buscava sossego enquanto invasões eram ordenadas.

Começando a destoar também das perspectivas do seu amigo, o narrador afirma: “Minha aliada era a mãe, Frau Madsen, que me fazia repetir, seguidos, cada discurso de Churchill.” (RG, 2009, p. 24). Alguns dos trechos destacados ainda neste capítulo apresentam, com frequência, o suporte de Guimarães Rosa à Royal Air Force, a Força Aérea Britânica. Como se sabe, após a invasão da Polônia, a Inglaterra protagonizou a oposição à Alemanha nazista. Assim, segue dizendo que a Frau Madsen:

Lutava-se, em sinuoso, pelo direito de uma alma, nos amáveis serões em que brincavam-se adivinhações inocentes ou se jogava o skat. Por contra, Hans-Helmut depressa converteu Márion à sua essencial filosofia. De maneira, ela menos se acabrunhou, quando o chamaram enfim à farda, em dezembro. (*Ibidem.*)

Convocado pela primeira vez, Márion assegurava a seu esposo que nada aconteceria, apoiando, apesar do receio, que fosse enviado à guerra. “E foi despreocupado que Hans Helmut

partiu, envergava o feldgrau, plantado nas grandes botas de campanha; só com sombra de prévia saúde, decerto.” (ROSA, 2009, p. 24). O narrador segue atento, já após a ida de Hans, sempre buscando se informar sobre o desencadeamento dos fatos. Uma preocupação constante se dava, por parte de Márion, a esposa, acerca do número de soldados seguidores de Hitler que adoeciam de pneumonia ou algum tipo de inflamação semelhante, dado o frio. Helmut, no entanto: dobrava funções de chofer e dactilógrafo. Escapara então ao rigor do drill prussiano, e ganhava número de probabilidades para sair vivo do comprido da guerra, chances e estapaças (ROSA, 2009, p. 25).

“Mais gordo e corado”, voltou Hans da França. Conversando sobre vinhos e os presentes que trouxera, foi perguntado sobre a guerra, respondendo que, felizmente, vira apenas cavalos e cachorros mortos. Não mais. “Era um nenhum relato”, diz o narrador. Convocado pela segunda vez, o “sul-americano” continua a esperar informações sobre Hans. Pergunta a Márion se um “estrangeiro inamistoso” pode saber sobre o seu esposo.

Na narrativa, com cartas trocadas entre Helmut e Márion, o medo surge quando um dos envios é apresentado como impossibilitado, sendo o “destinatário inalcançável”. A esposa considera que a reconvocação se deu porque seus amigos ouviram o “nenhum relato” de Heubel, de maneira que, um deles sendo Capitão, achou que era necessária uma nova convocação para que visse mais. Assim dá sequência e final à narrativa:

Ele, Márion. Não voltará; não o veremos. Veio a exata fórmula, papel tarjado. Hans-Helmut Heubel passou, durante um assalto, e deram-lhe ao corpo a cruz-de-ferro. Seus traços ficarão em chão, ali onde teve de caber no grande fenômeno, para lá do Dniéper, nas estepes de Nogai. Ninguém fale, porém, que ele mais não existe, nem que seja inútil hipótese sua concepção do destino e da vida. Ou que um dia não venham a ser “bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra”. (ROSA, 2009, p. 29).

O fim marca também o destino do personagem sob o *Mau Humor de Wotan*, aquele mesmo que “nos gostos, porém, tocavam-no subtilidades de latino: de preferência ao sólido, escolhia o leve e lépido, o bonito” (ROSA, 2009, p. 23). As contradições de parecer o menos belicoso dos homens e ainda assim ter sido um soldado nazista deixa transparecer, ao longo da narrativa, o posicionamento do narrador a favor do ser humano e contra as ações hitleristas.

Como outrora apresentado, *Ara* conheceu Guimarães apenas na Alemanha, e lá mobilizaram-se em prol daqueles que precisavam urgentemente de vistos. Sobre a poliglota Aracy Moebius de Carvalho Guimarães Rosa, em revista⁴⁵ que acompanha o livro *Ainda Estou*

⁴⁵ Distribuída em dezembro de 2016 pela TAG, aos associados. Curadoria de Helio de la Peña.

Aqui (2015), de Marcelo Rubens Paiva – obra que trata sobre Maria L. Eunice Facciolla, mãe do escritor, viúva do deputado Rubens Paiva, advogada e símbolo da luta contra a ditadura –, Aracy abre a lista de brasileiras cujas atitudes revolucionárias influenciaram outras pessoas à luta por direitos políticos de grupos marginalizados:

Na década de 1930, Aracy era funcionária do consulado brasileiro em Hamburgo, na Alemanha, onde chefiava a seção de passaportes. Correndo diversos riscos e por iniciativa própria, salvou a vida de dezenas de judeus, que graças a ela emigraram para o Brasil, escapando da perseguição nazista. Para isso, teve de contrariar circulares secretas do Itamaraty da época de Getúlio Vargas: os consulados na Alemanha eram instruídos a não conceder vistos de entrada para pessoas de religião judaica. Aracy chegou a usar clandestinamente o carro do serviço consular para transportar judeus, que escondia em casa. Nessa época, conheceu seu futuro marido, o escritor João Guimarães Rosa, que era cônsul adjunto. Já idosa, ao ser questionada por que se arriscava ao conceder vistos a judeus, Aracy respondeu: “Porque era justo”. (TAG, dezembro de 2016)

Na breve Biografia publicada pela Fapesp sobre a paranaense, comumente chamada “Anjo de Hamburgo”, o título do texto já aponta para a luta cotidiana outrora travada pelo casal: *The War of the Rosas* (HAAG, 2011). Diz-se: “Ela é a única mulher mencionada no Museu do Holocausto em Israel como uma dos 18 diplomatas que salvaram judeus da morte.”⁴⁶ A todo esse cenário vivido intensamente pelo casal, o Prof. Dr. Roniere Menezes atribui, enquanto reflexo na literatura de Rosa, a noção de *poéticas da diplomacia*, de modo que vistos “os aviões, os toques de recolher, os bombardeios, a falta de alimentos, o ódio aos judeus misturam-se à vida pacata dos moradores (...) a rotina do cidadão Rosa rompe-se frente aos absurdos que encontra no espetáculo brutal das ruas.” (MENEZES, 2008, p. 3).

Em uma entrevista de 1938, publicada pela Omnibook Magazine em 1942, que integra a parte nebulosa da perspectiva de Jung sobre o nazismo, o psicanalista, ao comparar Hitler a Mussolini em encontro dos dois, aponta que: “Durante toda a performance ele sequer sorriu; era como se ele estivesse constantemente de mau humor. Não demonstrou nenhum sinal humano. Sua expressão era de um propósito obstinado e desumano, sem senso de humor.”⁴⁷ Além da falta de humor de Hitler, Jung afirma que seu poder diante da nação nazista parece

⁴⁶ No original: “She is the only woman mentioned in the Holocaust Museum in Israel as one of the 18 diplomats who saved Jews from death”. Tradução nossa. HAAG, Carlos. *The War of the Rosas*. Pesquisa Fapesp, 2011. Disponível em: <http://revistapesquisa.fapesp.br/en/2011/11/11/a-guerra-dos-rosas-2/> Acesso em 21. Dez 2018.

⁴⁷ No original: “During the whole performance he never laughed; it was as though he were in a bad humor, sulking. He showed no human sign. His expression was that of an inhumanly single-minded purposiveness, with no sense of humor.”. *Is tomorrow Hitler's?* Disponível em: http://www.oldmagazinearticles.com/carl_jung_studied_hitler-pdf Acesso em dez. 2021.

uma espécie de magia, fazendo uma análise entre o ressurgimento do culto de Wotan, a tríade bíblica e o Nazismo.

As cineastas que produziram o documentário supracitado encontraram Márion Madsen, conhecida de Rosa que inspirou *O Mau Humor de Wotan*, publicada em 1948. Márion tornou-se esposa de Hans-Helmut Heubel, personagem que dialoga neste trecho com o diplomata oriundo da América do Sul. Heubel foi morto em guerra, como soldado nazista. Madsen não sabia, até que poucos anos atrás, quando as documentaristas a procuraram, sobre a inspiração à personagem que passa de amiga do narrador a “prenhe” de interesse pelo hitlerismo e então viúva. Ainda que descrito como pouco bélico, Hans-Heubel também teve a vida ceifada pelo mau humor de Wotan.

2.3.3 *A Velha: um autor quando diplomata*

Assim inicia Rosa a crônica *A Velha*: “Sua primeira menção, um tanto confusa, foi em qualquer manhã, pelo telefone. Uma senhora, muito velha e doente, pedia que o Cônsul lhe fosse à casa, para assunto de testamento. Frau Wetterhuse.” (2009, p. 115). No contexto de um espaço de atividades diplomáticas narrada também por alguém com cargo na área, continua:

O recado se perdia, obrigação abstrata, no tumulto diário de casos, o Consulado invadindo-se de judeus, sob mó de angústias, famintos de partir, sofridos imenso, em desengano, público pranto e longo estremecer, quase cada rosto prometendo-se a coativa esperança final do suicídio. Vê-los, vinha à mente a voz de Hitler ao rádio — rouco, raivoso. Contra esses, desde novembro, se implacara mais desbordada e atroz a perseguição, dosada brutal. Viesse a guerra, a primeira ordem seria matá-los? (ROSA, 2009, p. 115)

O trecho apresenta o *tumulto diário de casos*, com o “Consulado invadindo-se de judeus” angustiados, às lágrimas, sem muitas saídas possíveis. O tom raivoso de Hitler no rádio confronta o contexto e o justifica, de maneira que se passa a indagar quais serão as próximas “soluções” para as pessoas de origem judaica: “Viesse a guerra, a primeira ordem seria matá-los?” A narrativa segue com a ida do narrador, Cônsul, aonde fora chamado, supostamente para assuntos outros. O que se segue no local, porém, é uma conversa que se relaciona à ida de uma das mulheres, em outros momentos, ao Brasil: “Vivi em vosso país, vossa pequena formosa cidade de Petropolyís... Conheci vosso bom Imperador – ele estudava o hebraico. Vosso Imperador estimava meu marido, Káspar... Dr. Káspar Eswepp, sabeis? Vosso Imperador nos convidava ao paço...” (ROSA, p. 116). Evocar a memória era a saída encontrada para fazer com

que o diplomata a ajudasse. “Só então entrou a falar sob força de fatos: dos campos-de-prisão, as hitlerocidades, as trágicas técnicas, o ódio abismático, os judeus tratados. Olhávamos, ali, na parede, de corpo inteiro, o marido. — ‘Ele era judeu, sabeis?’” (ROSA, p. 117). Recordemos, ainda, que a cidade de Hamburgo também possuía campo-de-prisão, tendo sido Neuengamme erguido em Hamburgo, em 1938, como uma espécie de extensão de Sachsenhausen, em Berlim.

Figura 7: Campo de Trabalho de Hamburgo. “Prisioneiros trabalhando nos poços de barro”, sem data. KZ Neuengamme



Fonte: Arquivo Pessoal (2022).

Destaca-se que o neologismo de Rosa, hitlerocidade, une-se ao nome Hitler e à condição de atrocidade, qualidade de quem é atroz, cruel, truculento. Além disso, sabemos sobre os “campos-de-prisão, as trágicas técnicas, o ódio abismático, os judeus tratados”. Após começar efetivamente o assunto central ao qual o diplomata fora chamado, lemos: a filha, também tão idosa Dame Angélica, seria teuto-hebreia uma *mischling*, ‘mestiça do primeiro grau’, segundo o código hediondo. Dona Verônica o disse, de soçobro. “A filha, por sua eiva aboriginal, corria grave perigo” (ROSA, 2009, p. 117). Havia, assim, um pedido em curso.

Já no *Diário de Guerra*, notamos, conforme trecho de artigo colado, oposição de Rosa às chamadas Leis de Nuremberg, também conhecidas como Lei de Cidadania do Reich. Para

Hannah Arendt (1999), essas foram as “primeiras soluções” tomadas pelo Regime Nazista, conforme o acompanhamento ao julgamento de Eichmann.

Na narrativa de Rosa, o momento seguinte aponta a motivação do convite: “Minha filha não é filha do meu marido. Nem ela, nem ele jamais o souberam... Foi em vosso país... O pai da minha filha era um amigo nosso, que nos frequentava... O pai de minha filha não era de sangue judeu...” (ROSA, 2009, p. 117). Dona Verônica, com essa revelação, assegura que sua filha é, na realidade, descendente de brasileiros, e não de judeus. Sequer olhando para a filha, encara o diplomata, ávida por alguma resposta:

Não sem intuito descobrira-me o inarrável. Tinha de satisfazer o problema, intentar o sarcimento. Sanar o obviável. — “Não? Sim?” E queria reforçar-se com minha opinião, tomar conselho. A filha não tinha sangue da outra raça. — “Por que, pois?” Pertencia-lhe, fidedigna, declarar aquilo, fatal como o sol, verifazer o real, renegar o inautêntico. Tomaria o grave passo. A tanto preço – o de se inquirar e malsinar-se, para o pouco restante da vida. Em dizer, porém, que não lhe era possível prestar fatos, produzir testemunhas, recorrer no caso à prova de sangue, nem ao menos apelar para a razão pública. Tão longe, tantos anos... Mas, quem sabe, poderia ter o apoio de um grande, forte país, de gente tão fidalga, de tanta ponderância! — “Sim. E?” Pegou o lenço, tivera um jacto de tosse. Ansiosa, querulante: — “Foi em vossa formosa, pequena cidade de Petropolyís...” (ROSA, 2009, p. 117).

Dado o contexto, é compreensível que a personagem tentasse alguma forma de alcançar o visto para a sua filha, tendo em vista que anteriormente fora apresentado por sua mãe o que estava se passando com os judeus na Alemanha das hitlerocidades.

Cabe notar que, além da perspectiva já apresentada, acerca das ações realizadas por Aracy e seu esposo, “a atividade de Guimarães Rosa no Consulado-Geral em Hamburgo, em favor dos judeus perseguidos, seria um exemplo, não de ação política, pois ação política era o Nazismo, mas sim de ação diplomática.” (ARAÚJO, 2007, p. 36). Isto é, considerando o ponto de vista do autor que separa diplomacia de política, tem-se, ainda, segundo defendido em *A imagem da Alemanha em Guimarães Rosa como retrato auto-irônico*, que a identidade pluripolar pensada por Franz Wimmer (2001) – enquanto algo que se nota no caso do turista cultural, nunca voltando semelhante de uma viagem – pode ser notada também na figura do diplomata (SOETHE, 2005).

Ainda sobre a narrativa de Rosa, o narrador se pronuncia, após ouvir o relato e pedido de Dona Angélica/Angélica: “Não, em fato. Não. Tive de sacudir a cabeça. Dame Angélica nem mesmo era brasileira. Tudo indeterminado, sem fundamento certo, apenas o citar de um romance perdido no antigo, tão esfiapável, pátina, voz para memória” (ROSA, 2009, p. 117). Por isto, reflete o narrador:

Quem iria querer crer? Ela mesma, Dona Verônica, não se lograva de ilusões. Ah, vivera demasiado tempo, distanciara-se das possibilidades manejáveis das coisas. Teve o chluque de um soluço. Ofegou. Ia abater-se. Súbito, porém, rompendo-se do desalento, algo flamejou nela, que nem um rebrilho de alma — uma glória — e exclamou: — “Ele foi um vosso compatriota, um homem nobre... O amor de minha vida!...” Sopitou-se, desopressa. Como poder pagar sua dívida dourada? Levantei-me; eu nem era um cooperador passivo do destino. Também aquelas senhoras presentes se levantaram, em sincera, distinta cortesia. Ali, borbulhavam pensamentos. Desfalecidos espíritos. (*Ibidem*).

Aparentemente inconsistente, o relato da senhora era insustentável, considerando os parâmetros do trabalho do Cônsul. Assim é concluída a crônica: “Só silêncio. (...) Dona Angélica passava-lhe meiga a mão por trás da cabeça. Todos nós jazíamos de pé, em volta dela. A longa mulher. O sistema do mundo. A velha vida.” (*Ibidem*).

Pode-se considerar, desta maneira, que, embora nenhuma destas narrativas trate sobre os auxílios mobilizados por Rosa aos judeus, duas delas (*A Velha* e *A Senhora dos Segredos*) dizem sobre um narrador diplomata que não liberou vistos para mulheres de origem judaica que lhe pediram ajuda. Seria, portanto, um cenário bastante vinculado a esse contexto que se nota em destaque documentado em *Outro Sertão* (2003), mas no seu inverso: a falta de auxílio por parte do “cônsul de Hamburgo”. Também em *Histórias de fadas*, presente em *Ave, Palavra*, lemos trecho opinativo sobre a Guerra e sobre a Aliança do Eixo: “ao tempo em que ainda se pelejava a desconforme guerra, em que aprovou a Nosso Senhor que aos **malignos poderes do Eixo** sobrepujássemos, expediu-se, na chancelaria do Itamaraty, a uma das nossas brasileiras embaixadas, o despacho telegráfico”. (2009, p. 33, destaque nosso).

Como lembra Said, “Em seus primeiros estágios, todos os nacionalismos se desenvolvem a partir de uma situação de separação.” (2003, p. 51). O autor de *Reflexões sobre o exílio: E outros ensaios* diz ainda que o nacionalismo implica uma unidade de língua, cultura e costumes, de maneira que o faz em busca de rechaçar os exilados. Neste caso, ao transfronteira é atribuída a falsidade, posto que a verdade só se nota, para o nacionalismo triunfante, entre os seus eleitos.

E logo adiante da fronteira entre "nós" e os "outros" está o perigoso território do não-pertencer, para o qual, e tempos primitivos, as pessoas eram banidas e onde, na era moderna, imensos agregados de humanidade permanecem como refugiados e pessoas deslocadas. (SAID, 2003, p. 52)

Ainda assim, talvez por serem dores que restaram de sua atividade na Alemanha, com as escritas dessas crônicas se dando após o Julgamento de Nuremberg, parece haver, nos

narradores de *A Velha* e de *A Senhora dos Segredos*, reminiscências do sentimento de culpa do autor por sentir que, diplomaticamente, poderia ter feito mais.

2.3.4 Projeto de vastidão: *Homem, Intentada Viagem*

Na crônica rosiana intitulada *Homem, intentada viagem*, o personagem Zeosvaldo é visto como um “navegantibundo”, mas não um “raso vezeiro vagamundo”, assim apresentado pelo narrador: “Brasileiro, a-histórico e desvalido, nas épocas de 39 ou 38, a perambular pela Europa para-a-guerra, hispida de espaventos.” (ROSA, 2009, p. 212). Sendo acrescido que “Veio a Hamburgo. Trazia-o uma comunicação do nosso Cônsul em Viena: ‘Não tem passaporte nem título de identidade e diz já ter sido repatriado duas vezes por esse Consulado-Geral. Deve haver aí algum papel que o refira’” (*Ibidem*). Este último trecho, aliás, é marcado com aspas, numa referência ao comunicado de Viena sobre o homem, como que uma citação direta. É-nos dito que, em pouco menos de três anos, é esta a terceira vez em que Osvaldo (ou Oswaldo) se encontra “na estrangeiria”. “Veterano, de disparatada veterância, coisa tão dessemelhada.” Dentre as quatro narrativas chamadas aqui de crônicas alemãs, vale ressaltar que esta é a que apresenta maior uso de neologismos e brincância com termos, o que pude constatar com maior intensidade na tentativa de traduzi-la para o alemão (*Mann, beabsichtigte Reise*, em Apêndice).

A linguagem singular traz, por exemplo, os termos “O bem-encarado”, “bem-trapilho, um rico diabo”, os quais são criações roseanas que partem das expressões mal-encarado, maltrapilho e pobre diabo. A narrativa que segue uma ordem de apresentação de caso desde a primeira linha, “Por exemplo: José Osvaldo”, leva-nos a considerar que Oswaldo era ele mesmo uma viagem por vir. Percebe-se, por essas primeiras palavras, que o cronista vê no caso Zeosvaldo um exemplo – dentre tantos outros, o que não diminui os esforços por singularizar a experiência deste homem que chegou ao Consulado em que estava aquele que relata enquanto cronista. O autor faz uso de metáforas e comparações para nos apresentar o exemplo posto: “Comum como uma terça-feira, otimista como um pau de cerca, risonho como um boi no Egito, indefeso como um pingo d’água sozinho, desmemoriado como um espelho.” (ROSA, 2009, p. 212) Giorgio Agamben, em *A comunidade que vem*, vê no “exemplo” uma opção ao falso dualismo de optar apenas pela “inefabilidade do indivíduo” ou pela “integilibilidade do universal”, assegurando que: “O inteligível, segundo a bela expressão de Gersônides, não é um universal nem o indivíduo enquanto compreendido em uma série, mas ‘a singularidade enquanto singularidade qualquer’” (AGAMBEN, 2013, p. 10). Singulariza-se, pois, sabendo-

se que “a gente nem tem ideia de como, por debaixo dos enredos da vida, talvez se esteja é somente e sempre buscando conseguir-se no sulco pessoal do próprio destino, que é naturalmente encoberto”.

Segundo sua reflexão, um exemplo é algo nem específico nem universal, trata-se do que é “Mais Comum, que elimina toda comunidade real. Daí a impotente onivalência do ser qualquer.” (AGAMBEN, 2013, p. 18). Nota-se, pois, o “ser-dito”, como exemplares da “comunidade que vem”. O teórico também apresenta como ambiente ilustrativo das singularidades o Limbo, segundo as questões de Tomás de Aquino. A natureza límbica, transfronteiriça, adequa-se pelo fato de os “exemplos” estarem, teoricamente, além da perdição e da salvação – seres em conjunto que possibilitam as singularidades quaisquer porque, longe da noção de culpa e de justiça, lá estão eles: “Nem bem-aventurados como os eleitos, nem desesperados como os condenados, eles são plenos de uma alegria para sempre não destinável.” (AGAMBEN, 2013, p. 14). Zé Osvaldo, ser qualquer, assinala sua natureza límbica com a sua condição de sujeito apátrida.

O personagem rosiano, que logo será deportado mais uma vez, representa o próprio imprevisível, sendo este o motivo de suas “tântalas” repatriações: quando impera tão somente a ordem, o imprevisível precisa ser afastado, as fronteiras precisam ser fechadas, pois representam o perigo. No entanto, a contenção da força poética que é a Relação nunca é completa porque a Poética da Relação irradia, sendo força relativa que se espalha e se contrapõe ao conceito de totalitário. A percepção da imprevisibilidade como algo unicamente negativo, assim, é uma oposição à poética da Relação, posto que “A visão poética consente viver com a ideia de imprevisibilidade, porque autoriza a conceber a imprevisibilidade não como algo negativo, mas como algo positivo e possibilita mudarmos nossa sensibilidade”⁴⁸ (GLISSANT, 2002, p. 102, tradução nossa). Aquele ser, enquanto imigrante indocumentado, isto é, sem qualquer tipo de documento de identificação e, portanto, sem pátria, irradiava imprevisibilidade a cada transfronteira que vivia, assim como dizem as linhas de forças glissantianas a respeito do movimento, dos fazimentos e das Relações. Na crônica sobre o transfronteira, reflete Rosa:

Frequentava ali, como se, em lugar do interior, em porta de farmácia: o aspecto e atitude desmentindo as linhas tortas de seu procedimento. Não seria louco, a não ser da básica e normal doideira humana, a metafisicamente dita. Valeria, sim, saber-se o grau virtual de sua aloprabilidade. A gente nem tem ideia de como, por debaixo dos enredos da vida, talvez se esteja é somente e sempre buscando conseguir-se no sulco pessoal do próprio destino, que é

⁴⁸ No original: “La visión poética consente vivir con la idea de impredecibilidad, porque autoriza a concebir la impredecibilidad no como algo negativo, sino como algo positivo y hace posible que cambiemos nuestra sensibilidad”.

naturalmente encoberto; e, se acaso, por breve trecho e a-de-leve, se entremostra, então aturde, por parecer gratuito absurdo e sem-razão. (ROSA, 2009, p. 213)

O homem de aparência plácida frequentava o local de maneira simplória, “como se, em lugar do interior, em porta de farmácia”. O narrador reflete também sobre a condição humana, ao sugerir que ele “não seria louco, a não ser da básica e normal doideira humana, a metafisicamente dita.”. No sertão de Riobaldo, o narrador-anfitrião dissera: “Ah, mas, no centro do sertão, o que é doideira às vezes pode ser a razão mais certa e de mais juízo!” (GSV, p. 400). Resta considerar, assim, que a descrição do personagem Zé Oswaldo apenas o singulariza, não o inferioriza. O narrador diz, ainda, que:

Convém ver. Só raros casos puros, aliás, abrem-nos aqui um pouco os olhos. Notavelmente, o de Zé Oswaldo. Não é dizer fosse um raso vezeiro vagamundo, por ânimo de vadiagem e hábito de irrealidade, atreito às formas da aventura. Outra a sua famigeração e círculo de motivos: sujeito a um rumo incondicional, à aproximação de outro tempo, projeto de vastidão, e mais que se pense; propósito de natureza — a crer-se em sua palavra. E o saberia? Sem efeito, que é que a gente conhece, de si mesmo, em verdade? Nem pretendia explicar-se, certo a certo, em quando respondia a umas perguntas, ali, observado entre lente e lâmina, sentado no banco, no faz-nada. Comum como uma terçafeira, otimista como um pau de cerca, risonho como um boi no Egito, indefeso como um pingo d’água sozinho, desmemoriado como um espelho. Dava trabalho, retilhar-lhe as pegadas. (ROSA, 2009, p. 213)

O “por exemplo”, que abre a crônica, Chamado de “Projeto de vastidão”, denominado “sujeito a um rumo incondicional”, Zeosvaldo é “exemplo” que nos faz abrir “um pouco os olhos”, compreendendo que sua marginalização é mais um efeito do Mau Humor de Wotan que salta à vista que a imprevisibilidade, isto é, a impossibilidade de prever as mudanças ocasionadas pelos contatos entre as pessoas e as culturas, é algo que provocara pavor ao governo alemão iniciado na década de 30, optando pelos pensamentos sistêmicos. Zé Oswaldo seguia “desmemoriado como um espelho”, aparentemente desnordeado com a situação. Após reflexão acerca do “exemplo” Zeosvaldo, diz o cronista: “Segue-se que enfim partiu, na sexta. Sumária foi sua expedição. Não tinha bagagem, nem mesmo pacotilha. Sumiu-se, liso e recontente, o sorriso sem defeito (...). Ninguém se lembrou de dar-lhe algum dinheiro, só se pensou nisso mais tarde”. (*Ibidem*).

Muito depois, o narrador é informado de que o transfronteira havia se jogado ao mar, em uma dessas tantas repatriações: “De novo, também, foi repatriado, para a epilogação. O nada acontece muitas vezes.” Dão-se as últimas palavras da crônica: “Assim – na entrada da Guanabara – sabe-se que ele se atirou de bordo; perturbado? Acabou por começar. Isto é,

rematou em nem-quequando, zeosvaldo, mar abaixo, na caudalosa morte. Só morreu, com as coisas todas que não soubesse. Inconseguiu-se?” (ROSA, 2009, p. 215).

No que diz respeito ao ensaísta martinicano, em entrevista, Glissant discorre sobre aquilo que chama de Poética da Relação, explicitando o lugar do seu projeto ético e estético literário no que diz respeito às relações com outras culturas e com outros indivíduos. Sobre seu projeto de escrita, no que diz respeito a uma relação mundial, pensa: “A paixão e a poética de Todo-o-Mundo podem apontar para uma relação incomum com o Lugar e fragilizar os reflexos condicionados”⁴⁹ (2002 p. 101). Zé Oswaldo possibilitou ao narrador diplomata uma saída de um olhar condicionado, sendo ele esse projeto de vastidão enquanto homem simples “como uma terça-feira”.

A respeito das relações entre as escritas do filósofo martinicano e as obras do escritor de *Tutaméia*, diz Henrique de Toledo Groke que: “no contexto das produções de Édouard Glissant e João Guimarães Rosa, se está ciente da inextricável rede de relações do convívio humano, aí incluídas suas invenções e intervenções no mundo.” (2012, p. 255). Cabe lembrar que Guimarães Rosa não só escreveu sobre, como viveu entre as fronteiras, inclusive pelo seu trabalho na Divisão de Fronteiras do Itamaraty, que vigorou até sua morte, o que possibilitou diversos encontros imprevisíveis. Além disso, a Chefe da Seção de Passaporte em Hamburgo na década de 40, descendente de portuguesa e de alemão, casaria-se com o escritor cordisburguense não no Brasil, mas no México, por procuração, visto que ambos foram casados anteriormente, e, nas terras brasileiras, a separação judicial só foi possibilitada pela chamada Lei do Divórcio, em 1977: fora preciso, portanto, a saída das fronteiras legais brasileiras para legitimar o casamento dos brasileiros que se conheceram na Alemanha.

Desta viagem de Guimarães à Alemanha, cujo resultado era imprevisível, inclusive pelo inesperado mal estar a Rosa, gerado pelo contexto político alemão no período, as crônicas aqui já citadas, literariamente, dizem sobre algumas dessas passagens. Já praticamente após duas décadas desde a sua partida do país de Heubel, Rosa publica, no jornal *O Globo*, em 18.02.1961, a crônica sobre o personagem Zé Oswaldo.

Em texto que consta no arquivo do Itamaraty, assinado por João R. de Souza Ribeiro, Cônsul-Geral de Hamburgo na época em que também Rosa prestava serviço ao Itamaraty, há um registro sobre uma pessoa com “extravagante aventura de percorrer o mundo, sem papéis de identificação”, cujo nome próprio é José Oswaldo:

⁴⁹ No original: “La pasión y la poética de la totalidad-mundo pueden señalar una relación insólita com el Lugar y enervar los reflejos condicionados”

José Oswaldo (...) tinha em seu poder uma ordem de expulsão das autoridades policiais do Reich, por vadiagem, e é reincidente na prática de vir a Europa como clandestino, em vapores alemães, e voltar repatriado pelos Consulados brasileiros. Em vista destes antecedentes não dei passaporte ao patricio José Oswaldo para impedir que ele, de posse do mesmo, desembarcasse em qualquer porto de escala e continuasse na sua extravagante aventura de percorrer o mundo, sem papéis de identificação e em estado de indigência, maltrapilho e faminto, como se apresentou neste consulado. Encaminhei-o à Polícia Marítima do Rio de Janeiro com uma carta – Salvo Conduto – explicativa de sua situação com o pedido de bem identificá-lo. (RIBEIRO *apud* MENEZES, 2008, p. 5)

Ángel Rama denomina transculturador aquele que molda, apresenta e mobiliza “[...] de modo imprevisito e original as contribuições artísticas da modernidade” (2001, p. 213), por desafiar a cultura estática, o que lhe parece claro na figura de personagens como Riobaldo, “Espécie de Fausto sertanejo”, como tenta Rosa explicar em poucas palavras ao crítico Walter Höllerer, na entrevista já citada. Aqui buscamos refletir sobre como sua literatura transfronteira pensa Zeosvaldo: “Vago, vivo Zé Oswaldo, entre que confusas, em-sombras forças mediava, severas causas? Contou-nos os sucessivos episódios do que se lhe dera, de ingentes turlupinadas e estradas, desta vinda e feita” (ROSA, 2009, p. 214). Ouvir as narrativas dos outros é prerrogativa para a Relação em sua poética.

Na página da Universität Tübingen, organizadores do ciclo de estudos (2017-2018) em homenagem a Rosa justificam a escolha do autor porque “Sua obra tem influenciado as novas gerações de escritores de literatura de língua portuguesa também fora do Brasil.”. Acrescentam ainda que “Sua profissão de médico em cidades pequenas no Brasil, e depois de diplomata, assim como seu interesse por línguas estrangeiras, lhe possibilitaram um olhar singular sobre a cultura do Outro. A construção de um discurso da alteridade é o ponto de partida e de chegada da complexa obra de Guimarães Rosa.”⁵⁰ Isto é, porque Rosa vira e falara que o encontro entre os seres é sempre “um constado de enormes diversidades” (1985, p. 20).

50

Idem.

IV - O BRASIL RURAL TRANSFRONTEIRIÇO: TRANSFRONTEIRA NO SERTÃO MUNDO DE GUIMARÃES ROSA

Capítulo 3

“Mundo muito grande: isso por aí é gerais, tudo sertão bruto, tapuitama...” (Meu tio o Iauaretê, Guimarães Rosa)

Tapuitama, tapuytáma; tapuya táma⁵¹. Da *língua geral do Brasil*, terra do tapuia, do estranho; sertão. “Mundo muito grande”, esclarece o onceiro de *Meu Tio o Iauaretê* ao viajante que chega ao seu local de confluências de biomas, de dialetos e de culturas. Viajantes, aliás, são muitos os personagens de Rosa, como o protagonista de *Páramo*, quem viaja pela Bogotá da década de 40. No sertão de Rosa, há desde os viajantes sem nomes, como o que ouve o sobrinho da onça Iauaretê, em *Meu Tio*, e o que ouve Riobaldo, em *Grande Sertão: Veredas*, aos sete da comitiva em *O recado do Morro*. Pela pluralidade e amplitude das questões e das experiências humanas, diz também o narrador de *GSV* que o sertão é o mundo, que “o sertão está em toda parte”.

É também no sertão mundo que nos propomos a pensar a obra de Guimarães Rosa como transfronteira, numa travessia que nesta pesquisa se deu, conforme os capítulos anteriores, considerando registros do *Diário Alemão*, desde o ano da Kristallnacht, ano também de chegada de Rosa a Hamburgo para o trabalho consular. Ainda, somaram-se análises das crônicas alemãs, as quais constituíram o capítulo intitulado *Nós outros: Hamburgo, a noite dos cristais e a literatura rosiana*. Concordamos, pois, com Zilberman (2011), quando assegura ser muito significativo o peso de um testemunho de guerra, considerando o seu período em Hamburgo (1938-1942), na produção de um escritor como Guimarães.

Na crônica *O Mau Humor de Wotan*, novamente aqui enfatizamos a posição de “nós, nós outros”, referindo-se à oposição do narrador à invasão dos nazistas a Paris, em maio de 1940, em que lemos: “A 117ª Divisão retornou a Hamburgo, para casernar, enquanto nós, nós outros, chorávamos ainda a França, e a Luftwaffe quebrava o seu martelo na bigorna inglesa” (*O Mau Humor de Wotan*, Guimarães Rosa). Até a entrada da União Soviética nos chamados Aliados, que ocorreu em 1941, e considerando a invasão à França, o Reino Unido basicamente protagonizou a oposição à Alemanha nazista em 1940. O apoio à oposição ao Nazismo é

⁵¹ O DICCIONARIO anonymo da lingua geral do Brasil, publicado de novo com seu reverso por Julio Platzmann. Edição facsimilar. Leipzig: B. G. Teubner. 1896.

evidente no *Diário Alemão*. Em 21 de outubro de 1940, registrou Guimarães em seu Diário: “Estou escutando a mensagem de Churchill – o tigre do Mundo! Radiografada, aos franceses. E escuto o roncar dos aviões dos Tommies. Duas mensagens. Viva!...”⁵². Tommies significando soldados britânicos, aliado ao uso do termo “tigre do Mundo” para tratar sobre a liderança de oposição à Luftwaffe, fica evidente a leitura de Guimarães Rosa de que, na Alemanha hitlerista, ele se aliava aos *outros*.

Na obra de Rosa, é possível destacar sua propensão a narrar sobre aqueles que a Literatura e o meio social consideravam outros, concordando com Aline Àvila, quem diz que “O autor sempre demonstrou interesse especial em representar componentes das minorias, que também construíram a História. Em diversas de suas narrativas, ele dá voz a seres de exceção, os excluídos e marginalizados.” (2017, p. 56). Entre narrativas de roceiros, veredeiros, parentes e imigrantes, o autor que juntou um crepúsculo que viu na Holanda, misturou com uma coisa que viu em Hamburgo, com coisas de Minas e “jogou lá”, parece ter aproveitado o hibridismo do nosso idioma, a interculturalidade da religiosidade afro-brasileira e a experiência de condição e de contatos com imigrantes – tendo sido ele mesmo muitas vezes estrangeiro – para compor sua produção transfronteira. As narrativas *O recado do Morro* (1956) e *Meu Tio o Iauaretê* (1962) foram selecionadas para pensarmos com maior direcionamento ao sertão mundo a condição transfronteira, em trânsito e de conexões, da obra de Guimarães Rosa. Este capítulo trata sobre esta composição singular em sua literatura, por ser plural.

3.1 Por um Rosa em trânsito

Ler *Páramo*, obra de Guimarães Rosa publicada postumamente em *Estas Estórias*, em 1968, faz necessária uma leitura bastante minuciosa – no inverso do *close reading* – para compreender que o desgaste emocional e mental do protagonista se relaciona ao *soroche* (mal das alturas), mas é também social e político, motivado pelo estado constante de conflito em que estava a Bolívia. Escallón, em *Guimarães Rosa e o Bogotazo*, atenta para o fato de que a narrativa, “longe de permitir uma leitura autônoma (quer dizer, não contaminada pelo biográfico, pelo histórico ou pela biblioteca), afirma o seu valor na referência a outros textos, eventos e culturas ‘periféricos’ a respeito dos quais exige uma leitura em filigrana.” (ESCALLÓN, 2013, p. 277). Destaca-se, assim, o seguinte trecho de *Páramo*:

⁵² Bravo!

Baixei a um mundo de ódio. Quem me fez atentar nisso foi uma mulher, já velha, uma índia. Ela viajava, num banco adiante do meu, num desses grandes bondes daqui, que são belos e confortáveis, de um vermelho **sem tisme**, e com telhadilho prateado. (...) Sei que, de repente, ela se ofendeu, com qualquer observação do condutor, fosse a respeito do troco, fosse acerca de algo em suas maneiras, simples coisa em que só ela podia ver um agravo. A mulher ripostou, primeiro, rixatriz, imediatamente. Daí encolheu-se, toda tremia. Ela cheirava os volumes da afronta, mastigava-a. Vi-a vibrar os olhos, teve um rir hienino. Era uma criatura abaçanada, rugosa, megeresca, uma índia de olhos fundos. (ROSA, 1976, p. 186)

O pesquisador atenta para o termo *sem tiste*, referência que o protagonista faz ao bonde vermelho em que estava a mulher furiosa, num *mundo de ódio*. Bonde *sem tiste*, isto é, sem ter sido queimado pelo fogo.

Em 9 de abril de 1948, a Colômbia foi cenário de um assassinato ao líder considerado progressista Jorge Eliécer Gaitán, o que desencadeou uma série de revoltas populares, marcadas pelo incêndio dos bondes vermelhos de empresa estadunidense que circulavam em Bogotá – palco da morte e estopim do período conhecido como *La Violencia*, que durou de 1948 a 1958. Rosa estava na Colômbia, precisamente em Bogotá em 1948, em trabalho diplomático.

Figura 8: Bogotazo – Bogotá em 9 de abril de 1948 – bonde queimado (à esquerda).



Fonte: *El Informador*.

⁵³ Fonte: El Bogotazo: incendios y saqueos tras el asesinato de Jorge Eliécer Gaitán. El Informador. Disponível em: <https://www.elinformador.com.co/index.php/general/79-nacional/123587-el-bogotazo-incendios-y-saqueos-tras-el-asesinato-de-jorge-eliecer-gaitan>. Acesso em jan. de 2022.

Em *O exílio em Páramo de Guimarães Rosa: dilaceramento e superação* (2007), Maria Luiza Scher Pereira não apenas leva em consideração a biografia em constante movimento e exílio de Rosa, como afirma que:

A partir do exílio como uma condição necessária ao intelectual, e tomando especificamente a situação descentrada do intelectual latino-americano, de certa forma um exilado nos dois lugares, pode-se focalizar artistas e escritores brasileiros que viajaram entre a Europa e a América Latina, no contexto do século XX, sobretudo entre os anos 40 e o final dos anos 50. Entre eles, **Guimarães Rosa pode ser lido como uma das figuras mais interessantes do cenário cultural brasileiro segundo essa perspectiva do intelectual em trânsito.** (2007, p. 5)

Quando Rosa saiu do trabalho diplomático em Hamburgo, em 1942, ele começou a atuar em Bogotá. A sua segunda passagem durou de 1945 a 1951. Possivelmente escrito neste período em que a Colômbia vivia um turbilhão de eventos, portanto, foi não apenas *Páramo*, mas também *Meu Tio o Iauaretê*. Não só diplomata em atuação, Rosa foi também um escritor em trânsito, em movimento.

3.2 Transfronteira é abrir-se ao encantamento pelo outro

A narrativa intitulada *Homem, Intentada Viagem*, muitas vezes aqui já destacada, marca um encantamento evidente: o cronista tem seu cotidiano de trabalho consular impactado pela presença de Zé Osvaldo, de maneira que passa a observar cada movimento, seu modo de ser e estar no mundo, sua propensão à viagem, sua condição que a muitos pode parecer, como referencia o narrador, que se trataria de um “raso vezeiro vagamundo”. O contato do narrador com o personagem o fez indagar “Sem efeito, que é que a gente conhece, de si mesmo, em verdade?” e refletir que “A gente nem tem ideia de como, por debaixo dos enredos da vida, talvez se esteja é somente e sempre buscando conseguir-se no sulco pessoal do próprio destino, que é naturalmente encoberto” (ROSA, 2009, p. 213). Descobrir, desvelar pressupõem tirar do coberto, movimentar-se ao ponto de tirar o véu. Sendo Zé Osvaldo um transfronteira, um ser em movimento, em viagem, foi importante também que o narrador estivesse aberto a se indagar, porque “com o atropelo de divertimentos e trabalhos, a gente não só negligencia, mas mesmo negligencia e negligencia”. Mas o narrador-testemunha percebeu o encantamento de Zé Osvaldo, abrindo-se ao outro. Simas e Rufino, pedagogos de estudos decoloniais, veem o encanto como política de atravessamento, visto que:

O encantado é aquele que obteve a experiência de atravessar o tempo e se transmutar em diferentes expressões da natureza. A encantaria, no Brasil, plasmada na virada dos tambores, das matas e no transe de sua gente cruza inúmeros referenciais para desenhar nas margens do Novo Mundo uma **política de vida firmada em princípios cósmicos e cosmopolitas**. (2020, p. 16)

O nosso destaque na citação é movivado pelo encontro entre supostos distantes *cosmos* e *cosmopolita*. Muitas vezes críticos literários viram Guimarães Rosa como um homem cosmopolita, viajante e diplomata. Várias outras, sua obra é vista como parte de um sertão cósmico, mas quase sempre a crítica coloca a obra do autor em enclave, parecendo menores os seus intercâmbios culturais. Como atenta Maria Scher Pereira, mesmo uma breve “passagem pela biografia mostra os múltiplos deslocamentos e desenha o perfil do Rosa viajante, em trânsito contínuo entre o sertão e o mundo. Aliás, é com o pseudônimo de Viator que concorre com um livro de contos ao prêmio de literatura Humberto de Campos” (2007, p. 5). Já destacada também foi a fortuna crítica de Rosa que destaca caminhos diversos de personagens estrangeiras nas narrativas do autor.

Neste sentido, o escritor de *Grande Sertão*, para nós, firma sua produção tanto em princípios cósmicos como em cosmopolitas, com sua contística que apresenta personagens ciganas, como em *Faraó e a água do rio*, *O outro ou o outro* e *Zingarêsca*, narrativas de *Tutaméia – Terceiras Histórias* (1967); a cronística que tem obras como *Cipango*, história de imigrantes japoneses, e *A Senhora dos Segredos*, na qual apresenta a “horoscopista” alemã, ambas apresentadas em *Ave Palavra* (1970); e o romance, reunidor de uma multidão que inclui vaqueiros, peregrinos, roceiros, interioranos e prostitutas, tem ainda o turco seô Assis Wababa, e sua filha Rosa’uarda – sobre o qual Rosa a Campos anunciara “as pessoas dizem que eu estou fazendo uma cena do interior de Minas, e eu estou fazendo um omelete ecumênico” (CAMPOS, 2011, p. 54). A firma-se, assim, como política de vida “na virada dos tambores, das matas e no transe de sua gente” (SIMAS; RUFINO, 2020, p. 18), entre roceiros, sobreviventes, indígenas, estrangeiros e seus rastros de mistérios.

3.3 Morro que abre o sertão: recados⁵⁴ dos mundos possíveis

⁵⁴ "Recado": de forma geral, os encantados são os intermediários entre o universo dos mortos e o universo dos vivos, são os mensageiros que passam "recados" com a participação dos médiuns, os cavalos que se cavalgam. Muitos são os "recados dos santos" ou mensagens que podem advir de jogos de búzios, de sonhos que o filho ou filha de santo tenha, do pio de um pássaro durante algum ritual (veja-se: "E, longe, piava outro passarinho — um sem nome que se saiba — o que canta a toda essa hora do dia, nas árvores do ribeirão: — Toma-a-benção-ao-seu-ti-í-

Publicado pela primeira vez em dois volumes, apenas alguns meses antes da publicação de *Grande Sertão: Veredas* (1956), posteriormente *Corpo de Baile* ganhou três divisões. Na divisão chamada *No Urubuquaquá, No Pinhém*, que seria a segunda parte (edição Nova Fronteira, 2016), a primeira narrativa das três é *O recado do Morro*, podendo ser classificada como conto ou novela. *O recado do morro* fica, assim, ao centro de *Corpo de Baile*, e a leitura que fazemos é que também é narrativa-locus de diálogo entre culturas. Trabalhadores da terra são parte de uma comitiva que mescla distintos, possibilitando que um religioso e um estudioso do norte da Europa os acompanhem até a festa do Rosário, festa de *batuque* e de *samba sapateado*. Guiados por Pedro Orósio, homem espiritualizado, o alemão-rana Olquiste pode participar da viagem que trança um recado entre os homens, trançando também o cósmico e o cosmopolita.

O morro se abre em busca de avisar um caso de morte que está por vir, e os urubus também sabem. O recado, que é viagem em movimento, diz também aqui sobre o diverso. Encontro de espiritualidades, elementos da Umbanda povoam esta narrativa de Rosa, religiosidade de confluência de culturas e práticas que burlam uma interpretação de mundo restritamente ocidentalizante. Entre pedras, cavernas e entidades, o recado precisa que os homens sejam parte integrante de um coletivo, e também os europeus se envolvem na composição. Olquiste, ou Alquiste, brinda com *Skol* e ouve de volta *Escola*, mas todos aqui se entendem. Os excêntricos convidam os homens “letrados” a outros modos de entendimento do mundo, agora não mais desencantados.

3.3.1 Outros: veredeiros, roceiros, sobreviventes

Em *Conflitos ambientais no sertão roseano: a atualização do carrancismo contra veredeiros e quilombolas em Minas Gerais* (2020), o antropólogo João Batista de Almeida Costa chama de carrancismo ambiental o impedimento das práticas tradicionais de manuseio ecológico, conservação e solidariedade em espaços geográficos sertanejos identificados e referidos em obras de Guimarães Rosa, como *Sagarana* (1946) e *Grande Sertão: Veredas* (1956) – práticas impedidas por imposição do agronegócio. No romance de Rosa, uma das falas de Riobaldo sobre como “viver é muito perigoso” diz respeito às imagens de violência no campo

o, João!...). (SILVA e MARINHO, 2020, p. 48. Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli | V.10., N.2., JAN.-MAR. 2021, p. 33-53)

contra crianças e adultos vulnerabilizados, expulsos de suas terras pelo processo criminoso chamado grilagem⁵⁵, termo herdeiro da falsificação de documentos por uso de grilos para tomada de terras. Além disso, a personagem de Seô Habão, ao buscar “reduzir tudo a conteúdo” por meio da exploração do trabalho, marca uma condição de semi-escravidão dos seus trabalhadores: geraizeiros, veredeiros, vazanteiros, pessoas simples do cerrado. O comportamento de Seô Habão, ao reduzir o outro a conteúdo, o que implica uma noção de “descarte”, é modo colonial de ver o mundo e de habitar a terra. Conforme *Encantamento: sobre política de vida*:

A colonização (pensamos a colonização como fenômeno de longa duração, que está até hoje aí lançando seus venenos), gera “sobras viventes”, seres descartáveis, que não se enquadram na lógica hipermercantilizada e normativa do sistema, onde o consumo e a escassez atuam como irmãos siameses; um depende do outro. Algumas “sobras viventes” conseguem virar sobreviventes. Outras, nem isso. Os sobreviventes podem virar “supraviventes”: aqueles capazes de driblar a condição de exclusão, deixar de ser apenas reativos ao outro e ir além, afirmando a vida como uma política de construção de conexões entre ser e mundo, humano e natureza, corporeidade e espiritualidade, ancestralidade e futuro, temporalidade e permanência. (SIMAS; RUFINO, 2020, p. 12).

Este modo colonial, portanto, para os autores, implica uma série de pessoas levadas à exclusão – o que não significa que algumas delas não consigam driblá-la, mas isso dependerá de uma variedade de processos, conexões, ações de permanência e manejo da vida em natureza como políticas de vida. Viventes que sobram, jogados à margem, aliás, são muitos dos personagens que integram as narrativas de Rosa: loucos, jagunços, pobres, matadores, crianças, nômandes. A complexidade é condição da vida na obra de Guimarães Rosa, de maneira que, recordemos, o próprio Riobaldo é sujeito de várias facetas e fez ele mesmo um pacto para trazer a ordem para o sertão – leitura que Willi Bolle, em *Grandesertão.br* (2004), faz, que se trata, de fato, de uma quebra de laço com o grupo social em que o jagunço integra e um elo com a classe que os domina, com sujeitos como Seô Habão. Riobaldo, *Rio-baldo*, é em si contradição, podendo baldo significar desprovido, carente, falho, carecido, mas que também é Rio, é

⁵⁵ Por ser um negócio altamente lucrativo, tem íntima relação com outros tipos de crime, como garimpo e narcotráfico, sendo quase sempre praticado por grupos organizados e bem capitalizados, que não raramente usam pequenos produtores como “laranjas”, ou seja, como aqueles que aparecem como os invasores, como se estivessem reivindicando a terra para si, quando na verdade são apenas pagos para estar na linha de frente. Entre as principais consequências, estão o aumento do desmatamento, das queimadas, da concentração fundiária e da violência no campo. O termo “grilagem” vem da descrição de uma prática antiga, que consiste em envelhecer documentos forjados para conseguir a posse de determinada área de terra. Os papéis falsificados eram colocados em uma caixa com grilos para que, com o passar do tempo, a ação dos insetos desse aos documentos uma aparência envelhecida e “autêntica”. ALCÂNTARA, Araqué. Grilagem. WWF. Disponível em: https://www.wwf.org.br/natureza_brasileira/areas_prioritarias/amazonia/ameacas_riscos_amazonia/desmatamento_na_amazonia/grilagem_na_amazonia/ Acesso em 3 de jan. de 2022.

caldaloso, é vida corrente. Essas reflexões me levaram ainda ao livro *Políticas de Riobaldo: A justiça jagunça e suas máquinas de guerra* (2021), em que o autor pontua que GSV poderia ser reescrito na atualidade pensando os conflitos que se dão em áreas periféricas. O motivo se dá pelo fato de que o jagunço de Guimarães Rosa não é o mesmo jagunço a serviço dos coronéis. “Aparece então uma oposição entre duas ordens diferentes: aquela dos jagunços guerreiros, que afirmam a jagunçagem como esteio de suas vidas, e aquela de jagunços a serviço de outros interesses, como o de fazendeiros e de coronéis.” (PORTO, 2021, p. 81). Trata-se, nessa leitura, de uma percepção que distingue a vida severa jagunça da manutenção da ordem política a mando de coronéis e fazendeiros, usando de capangas pelo sertão. “O romance de Rosa me permitiu explorar uma justiça da perspectiva nômade e anárquica dos jagunços em oposição a uma justiça do Estado, dos juízes e dos tribunais”, diz Renan Porto. Uma justiça em uso do que se tem em mãos contra as injustiças das sentenças, dos tribunais.

Nesse sentido, *O Recado do Morro*, como viagem-enlace de alemão-rana, frei, fazendeiro, tangedor de burro cargueiro, criança e louco-beato-profeta, guiados por um roceiro que viaja descalço, é narrativa dos sobreviventes que têm a capacidade de transitar entre os diversos e agir como política de vida, marcando uma produção de Rosa entre viagens e encruzilhadas⁵⁶. Em entrevista concedida à TV alemã, em 1962, encontrada alguns anos atrás pelas documentaristas e integrada ao documentário de Jacobsen e Vilela, *Outro Sertão* (2013), Guimarães Rosa comenta que seu romance tem um fundo telúrico e um fundo metafísico. O fundo telúrico implica ligação com a Terra, também como ocorre com Pedro Orósio, guia roceiro. Em *Pé-duro, chapéu-de-couro*, texto que integra *Ave, Palavra*, estudo sobre roceiros e vaqueiros na cidade baiana de Cipó, durante um São João, Guimarães Rosa escreve sobre como foram importantes as considerações de Euclides da Cunha sobre os sertanejos. Por outro lado, ele afirma também que no próprio *Os Sertões* se encerrou aquele ciclo de “vaqueiros reais” e que o evento em Cipó o apresentava “extremas misturas humanas”, sobre as quais ele narra suas vestes de diversidades em “pormelhores”. Sobre o título que dá nome ao texto, explica:

A alcunha [pé-duro] parece ter sido dada primeiro aos negros, ou aos índios, de calosas plantas, pés de sola grossa, trituradora de torrões e esmagadora de espinhos. Daí, aos bois da raça conformada à selvagem semiaridez, o curraleiro beluíno e brasílico. (...) Mas o nome se estendeu a outros seres, os ‘da terra’. (ROSA, 1970, p. 138)

⁵⁶ ZILLY, Berthold apud Ulrike Wiebrecht. Ein monumentales, vieldeutiges Raetsel. Literatur/Literatura. Tópicos. 04/2016. https://www.topicos.de/fileadmin/user_upload/topicos/ausgaben/pdf/2016/4/416_57_wiebrecht.pdf

Nota-se a extensão da expressão de pé-duro, conforme o estudo dele, que se relaciona originalmente aos indígenas e aos negros, passando por uma classificação de uma raça de boi taurino predominante no Nordeste brasileiro, denominando novamente outros seres “da terra”. Brasileirismo, a expressão atualmente indica “indivíduo que vive fora dos centros urbanos; roceiro”. Na Bahia, a expressão significa “trabalhador da terra”. No mesmo estudo, Rosa considera os roceiros como seres de um ambiente ecológico.

Quando roceiros, veredeiros, gerazeiros são entendidos como esses *Outros* com capacidade de transitar, invocar a terra, curar o outro, eles são lidos como encantados, como parte de um encanto e também abertura à mescla, visto que, “por primar pela coexistência, pela alteridade e por entender que a vida é radical ecológico, a lógica do encanto não exclui experiências ocidentais como contribuições para a potencialização da vivacidade.” (SIMAS; RUFINO, 2020, p. 12). Jogados à fronteira da cultura pela noção de civilidade, a produção de Rosa os percebe como parte vívida desse imaginário transfronteira que nos reconecta a um mundo em que se afastar do desencantamento da condição limitante do olhar colonial é possível, casando com o que sustentam Simas e Rufino:

Toda vez que na mata se ouve um barulho, o pássaro do sonho nos visita, a fumaça é soprada para afugentar o aperreio, um caboclo atira suas flechas invisíveis para nos lembrar que viver é mais que as sobras do olho-gordo e da escassez gerida pelos “homens de bem”. Recuperar o sentido ancestral/espiritual da ideia de conexão é necessário para nos interligar às teias e tecnologias da biosfera que são capazes de nos fazer respirar e apontar caminhos na labuta entre vivacidade e a peçonha do desencanto. (2020, p. 8)

O telúrico e o metafísico, o cósmico e o cosmopolita, assim, se encontram na obra de Rosa para relembrar um futuro ancestral possível.

3.2.2 Morro que se abre, que transita

Um solitário em uma gruta desce ao povoado, para acompanhar o casamento de um fantasioso que se apaixonou por uma imagem de uma mulher. Esse primeiro, que ouve o que diz o morro, o qual persiste em batuques de festa e morte, se encarrega – ainda que a contragosto – de ser viagem da mensagem transfronteira dessas vozes que outros não escutam. Assim começa e se encaminha o recado daquele morro, no conto de Guimarães Rosa que apresenta que o morro tem alma, que o homem não pode ser o centro de tudo e que a velha etnografia pouco tem a ensinar e muito tem a aprender com a pujança e a esperança da integração de

saberes. Viagem sinuosa de um recado e de um conjunto de pessoas, a narrativa vai se contruindo em andanças neste lugar que se refere ao ponto de encontro entre vaqueiros que desciam da Bahia e iam ao Morro da Garça, mas também é metáfora de caminho que potencializa as vivacidades dos seres.

Publicado em português, em 2015, *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami* é um manifesto, um tratado ético contra a violência direcionada aos povos da Floresta Amazônica, o qual tem como porta voz Davi Kopenawa, o xamã-narrador que, assim como Riobaldo, narra de maneira sinuosa, por saber que “contar é muito, muito dificultoso” (GSV, p. 253). A edição de *A queda do céu* (2015) pela Companhia das Letras traz o prefácio de Eduardo Viveiros de Castro, que tem como título “Recado da Mata”. Dada a importância de se entender o recado passado, diz ele que:

Muitos estudos antropológicos ganhariam insuspeitos sentido e relevância ao serem ‘tratados’ pela sessão xamânica encenada em *A queda do céu*. Mas tomo a liberdade de sugerir ao leitor que a mais alta significação poética deste livro excepcional, significação que em nada diminui, muito pelo contrário, sua verdade histórica, etnográfica, ecológica e filosófica, talvez se torne ainda mais comovente — isto é, capaz de nos pôr em movimento junto com ela — se, ao fechá-lo, abramos o conto “O recado do morro”, que está no Corpo de baile de Guimarães Rosa. O título deste prefácio, “O recado da mata”, foi-nos, de resto, inspirado por uma alusão de José Miguel Wisnik (2014) ao conto de Rosa. Todos se recordarão que naquela narrativa desfila uma caravana de personagens literalmente excêntricos, exteriores, nômades ou eremitas, trogloditas, loucos, profetas, andarilhos, uma gente que ouve inquietantes mensagens da natureza a que permanecemos surdos — esquecidos, diria Davi. (CASTRO *apud* KOPENAWA, 2015).

A alta significação poética é movimento que pode nos deixar acompanhar. A interpretação de que as verdades etnológicas, ecológicas e filosóficas se enriquecem com a relação profunda com Kopenawa, líder indígena que assinala a obra como primeiro coautor, leva à indicação da leitura do conto de Guimarães Rosa intitulado “Recado do Morro”, a qual já estava na homenagem feita no título do prefácio, agora explicada no trecho acima, em alusão à multidão de personagens excêntricos e proféticos que compõem a narrativa-comitiva. Viveiros de Castro comenta uma alusão de José Miguel Wisnik, em fala intitulada “Recados do Morro e da Mata”, atentando para o fato de a palavra “recado”, como usada no português brasileiro, tem um teor de singularidade que a torna única, o que o professor relaciona ao encantamento poético do sertão mundo. O recado é uma mensagem em trânsito, em viagem, em movimento, que se desloca, a ser passada. É mensagem transfronteira. Na narrativa, o recado do Morro da Garça é entoado desde o eremitão Gorgulho, depois reinterpretado por figuras não menos excêntricas como o Nominedômine, até que chega a um cantador “que percebe epifanicamente a

transcendental importância do que é transdido naquela algaravia heráldica e hieroglífica, e a sublima em um ‘romance’ cantado” (CASTRO *apud* KOPENAWA, 2015).

3.3.3 Estrada⁵⁷ e festa⁵⁸: recado do diverso

É interessante analisar como o conto de Guimarães apresenta léxicos e imagens com fortes conotações ao universo da Umbanda, religião brasileira que mescla elementos de religiões africanas, indígenas e cristãs, a qual tem como crença que a move a noção de leis da natureza e do plano espiritual atreladas ao espírito de irmandade.

Quanto aos léxicos, atentam Lima e Marinho em *Espiritualidade afro-brasileira em O recado do Morro, de Guimarães Rosa: imaginário e glossário da Umbanda* (2020), que há muitos estudos sobre o conto *O recado do morro*, mas neles não aparecem os termos “‘orixá’, ‘umbanda’, ‘candomblé’, ‘terreiro’, ou quaisquer das divindades próprias às culturas ameríndias, afro-americanas, caboclas, mulatas, cafuzas, luso-afroameríndias, afro-brasileiras, tupiniquins ou pindorâmicas” (2020, p. 34).

Na Umbanda, as experiências socialmente compartilhadas de diferentes culturas, a saber, de vários candomblés de África, como banto e jeje-iorubá; com práticas muçulmanas, como o uso do turbante; de espiritualidades ameríndias, com elementos como Abya Yala; práticas ciganas, como uso do tarô e da quiromancia etc., refletem planos de natureza mágica, esotérica e poética que burlam a compreensão dita Ocidental, demarcada por uma noção de homogeneidade e por uma leitura de mundo de polos – mau e bom, correto e incorreto, sagrado e profano –, como é o caso da “religiosidade caótica e desconcertante dos tricksters e loucos, sobretudo na figura de Exú, o brincalhão que burla a lógica, que é o paradoxo em pessoa, simultaneamente velho e menino, homem e mulher” (p. 38, 2020). Além disso,

A Umbanda incorpora a veneração de elementos telúricos, ígneos, eólicos, hídricos e etéricos, como terra, fogo, ar, água e éter, o culto às ervas e aos animais, às pedras e aos cristais, aos morros (reino de Oxalá) e às cavernas (reino de Obaluaê), o trânsito entre símbolos, linhas, povos, legiões, falanges, obreiros, entre outras tantas entidades anímicas, a conciliação de religiosidades das mais diversas origens geográficas, a reverência a um panteão de deuses negros, brancos, ameríndios, cafuzos, caboclos, mamelucos, orientais. Pelo caminho do sincretismo inclusivo, a Umbanda, fenômeno espiritual genuinamente brasileiro, concebe-se como **uma utópica proposta**

⁵⁷ "Estrada": lugar de Exú, morada dos caminhantes, andarilhos, vagamundos, almas errantes.

⁵⁸ "Festa": sinônimo de "gira" ou "giro", o termo ocorre nada menos de 39 vezes no conto! Diz-se dessas festas: "A festa era de pretos e brancos, mas mais dos pretos".

ecumêmica de inclusão social da religiosidade popular. (SILVA e MARINHO 2020, p. 39).

Entre pedras, morros, cavernas e entidades, o sincretismo evidenciado na Umbanda perpassa, como um recado, uma proposta intercultural enquanto prática espiritual singular dos povos no Brasil. Notemos que os povos das florestas e os povos dos terreiros têm em comum os Encantados, designação dos espíritos de ancestrais, além do domínio da forja de instrumentos de ferro, como facão ou enxada. É na narrativa de Rosa que, “Sem que bem se saiba, conseguiu-se rastrear pelo avesso um caso de vida e de morte, extraordinariamente comum, que se armou com o enxadeiro Pedro Orósio.” (ROSA, 2016, p. 25). O roceiro, portanto, domina a arte da forja.

Na narrativa, um naturalista escandinavo segue viagem ao sertão, como homem letrado, para traduzir esse espaço inclusive em fotografias, em um livro. Um frei, também de sua região ao norte da Europa, o acompanha, assim como um fazendeiro mineiro, sendo ele mesmo também filho de fazendeiro. Seô Alquiste ou Olquiste é um deles, o nome é registrado com mais de uma opção, criando uma relação com a pronúncia e suas variações, tal como ocorre com o nome “Zéosvaldo” ou “Zé Oswaldo”, personagem de *Homem, Intentada Viagem* (1961). Alquiste, Frei Sinfrão e Jujuca do Açude formam uma tríade: “três patrões, entrajados e de limpo aspecto, gente de pessoa” (ROSA, 2016, p. 26). Mas é Pedro Orósio, roceiro, o guia que conduz a comitiva. Na parte de trás, tangendo os burros cargueiros, segue um Ivo de Tal, Ivo da Tia Merência.

A jornada é vagarosa, visto que todos vão observando a diversidade da região e seus muitos elementos naturais: pedras violáceas, rochedos com figuras e letras, cafurnas, córregos, lagozinhas, cactos, gameleiras, papagaios roucos, caracará surgindo, tamanduá passando. Seo Alquiste anotava em seu caderno e fotografava quando podia esses elementos da natureza, em caminho ao Rio São Francisco, de saída daquele lugar outrora chamado Vista-Alegre, tendo por nome Cordisburgo. Acerca daquele que lidera a comitiva, Ana M. Machado, em *O recado do nome: leitura de Guimarães Rosa à luz do Nome de seus personagens* (2013), reflete:

O destinatário da mensagem é o vaqueiro Pedro Orósio e a predestinação já estava marcada, claramente, em seu Nome e na dispersão do mesmo pelo texto. A quem poderia o morro falar, se não àquele que é seu homólogo, que é pedra, montanha, terra? A quem é Pedro como pedra, Orósio com soma de oros (montanha) e ósio (escolhido). (...) E Pedro é Pedrão Chãbergo. Pedrão que é a grande pedra ou montanha. Chã que é chão, que é planície e que é simplicidade (2013, p. 115).

A pedido de Seo Alquiste, pergunta o Frei a Pedro, quem, conforme Ana Machado, é também Pé-Boi, o que reforça sua ligação com a terra: “— Quer saber donde você é, Pedrão. Se você nasceu aqui?”:

Não. Pê-Boi era de mais afastado, catrumano, nato num povoadim de vereda, no sertão dos campos-gerais. Homem de brejo de buritizal entre chapadas arenosas, terra de rei-trovão e gado bravo. E, mesmo agora, só se ajustara de vir com a comitiva era porque tencionavam chegar, mais norte, até ao começo de lá, e ele aproveitava, queria rever a vaqueirama irmã, os de chapéu-de-couro, tornar a escutar os sofrês cantando claro em bando nas palmas da palmeira; pelo menos pisar o chapadão chato, de vista descoberta, e cheirar outra vez o resseco ar forte daqueles campos, que a alma da gente não esquece nunca direito e o coração de geralista está sempre pedindo baixinho. Porque Pedro Orósio **não era serviçal de seu Juca do Açude** — ele trabucava forro, plantando à meia sua rocinha, colhia até cana e algodão. (ROSA, 2016, p. 29)

Nascido e criado nos campos-gerais, Pedro Orósio é catrumano, conhecedor dos Buritis, das minas d'águas, dos bichos das matas, e não era serviçal. “Pê-boi” se disponibilizava para guiar a comitiva para rever os amigos de chapéu de couro e ouvir as cantorias, sendo ele de um pequeno povoado sertanejo de vereda. O narrador reforça o vínculo telúrico de Pedro naquela região, aproveitando-o para “pelo menos pisar o chapadão chato, de vista descoberta, e cheirar outra vez o resseco ar corte daqueles campos, que a alma da gente não esquece nunca direito e o coração de geralista está sempre pedindo baixinho” (2016, p. 10). Para ilustrar melhor a relação entre termos de *O recado do Morro* no que diz respeito à espiritualidade da Umbanda, segue

tabela:

Tabela 2: Elementos sagrados da Umbanda em O recado do Morro

Elementos em <i>O recado do Morro</i>	Dicionário da Umbanda / Glosário da Umbanda
<p>Anteriormente, lemos sobre “o mudo passar alto dos urubús, rodeando, recruzando —; pela guisa esses sabem o que-há-de-vir.” (p. 9)</p> <p>Era para ele se sentar nesse, na boleia: carecia de pegar duas dúzias de urubús, prendia as juntas deles adiante; então, levantava um pedaço de carniça, na ponta duma vara</p>	<p>URUBU — Ave preta muito conhecida e que apenas se alimenta de carnes em decomposição. O urubu é tido como símbolo da desgraça. (Dicionário da Umbanda, 2007, p. 198)</p>

<p>desgraçada de comprida: os urubús voavam sempre atrás, em tal guisa, o trem subia viajando no ar. (p. 25)</p>	
<p>Aí quem estava saudando era o Laudelim Pulgapé, bons olhos o conhecessem. Como sempre amigos, se encontravam. A — e bem — era ideia: o Laudelim podia vir junto, companhia confortada. — “Vamos batucar hoje, Pulgo velho, na beirada do Cuba, numa casa?”. (p. 39)</p> <p>“Pode sossegar, Pê, que lá também vai ter moça, e muitas... É baile de bom batuque, samba sapateado!” (p. 44)</p>	<p>BATUQUE — Dança, sapateado. É também o nome que é dado aos terreiros e centros espíritas em alguns lugares do Norte, sobretudo na Bahia e no Amazonas. Batuque é também o nome das danças que os escravos africanos praticavam sob o som de um instrumento com a semelhança de um tambor. (Dicionário da Umbanda, 2007, p. 30)</p>
<p>Pedro Orósio (também acudindo por Pedrão Chãbergo ou Pê-Boi, de alcunha), e teve aparente princípio e fim, num julho-agosto, nos fundos do município onde ele residia. (p. 7)</p>	<p>FUNDOS DO MUNICÍPIO – se a prática da Umbanda somente foi autorizada por Getúlio Vargas, ainda em 1960 havia repressão por parte do Estado e somente a constituição de 1988 reconhece a liberdade da prática de cultos religiosos. Em 2020, facções criminosas próximas a caciques evangélicos proíbem as giras em favelas e bairros periféricos. Ao longo dos séculos, as religiões de encantaria continuam condenadas a práticas escondidas aos olhos do público, nos "fundos do município", em franca negação do direito à cidadania plena. (Léxico da Umbanda em O recado do Morro, 2021, p. 45)</p>
<p>Pê-Boi era de mais afastado, catrumano, nato num povoadim de vereda, no sertão dos campos-gerais</p> <p>Ao sim, tinha viajado, tinha ido até princípio de sua terra natural, ele Pedro Orósio, catrumano dos Gerais.</p>	<p>CATRUMANO – corruptela popular para "quadrúmano", ou seja, "que possui quatro mãos; quadrímano" (Houaiss). Em termos de Umbanda, o termo remeteria às 4 mãos que o médium teria, quando em estado de possessão: as suas próprias e as mãos do encantado ou do orixá. Note-se que cada médium só pode ser cavalgado por uma única entidade a cada episódio de possessão, mas</p>

	as entidades podem cavalgar mais de um médium simultaneamente. "Cera-benta" ou "cera santa". (Léxico da Umbanda em O recado do Morro, 2021, p. 44)
(...) Grupos congos em cetim branco, e faixa, só faltando os mais adornos; e a rapaziada nova, com uniforme da <i>guarda-marinheira</i> .	FALANGE DOS MARINHEIROS – Chefe Tarimã – Falange da linha de Yemanjá (Orixá do mar. Nossa Senhora da Conceição). (Dicionário da Umbanda, 2007, p. 30)
Chegou a Morte — aconforme um que cá traz, um dessa banda do norte, eu ouvi — batendo tambor de guerra!	TAMBOR DE GUERRA – Batá-cotô, tambor utilizado pelos negros escravizados durante as lutas com os inimigos. (Dicionário da Umbanda – adaptado –, 2007, p. 29)

Fonte: tabela elaborada pela autora.

Além destas marcas, tem-se a importância da Gruta do Maquiné, local de extrema importância para o guia da viagem — “tão inesperada de grande, com seus sete salões encobertos, diversos, seus enfeites de tantas cores e tantos formatos de sonho, rebrilhando risos na luz” (2016, p. 11). Além disso, no domingo acontece o festejo da Festa do Rosário. A festa é dedicada à Nossa Senhora do Rosário, que é louvada especialmente por negros no Brasil, desde o período colonial.

Na narrativa, os caminhantes encontram Gorgulho, seu Malaquias, aquele que morava sem companhia humana em uma urubuquaque, casa de urubus, há mais de 3 décadas. De bengala, alpercata, barba longa branca e amarela, sobrevivia da lavoura e fazia balaio. Mas não era sozinho, respondia com um “nós”, e Pedro Orósio explicava que talvez fosse sobre Gorgulho e um seu anjo-da-guarda, juntos.

Outra viagem, portanto, se inicia na narrativa, visto que, movitado pela ida até o irmão Zaquia, também chamado de Catraz, quem decidira se casar, Gorgulho descia ao povoado para impedir tal feito. Enquanto isso, resmungava sobre como o morro lhe mandava recado que ninguém pediu: “Del-rei, del-rei, que eu cá é que não arrecebo dessas conversas, pelo semelhante! Destino, quem marca é Deus, seus Apóstolos! E que toque de caixa? É festa? Só se for morte de alguém” e o morro grita o recado: “Serão descarregamentos subterrâneos, o desabar profundo de camadas calcáreas, como nos terremotos de Bom-Sucesso” (ROSA, 2016, p. 35).

Catriz recebe e repassa o recado, agora direcionando a Joãozezim, menino que narra agora para o outro, Guegué. Anunciador do apocalipse, Santos-Óleos faz parte dos que ouvem e anunciam agora o recado do Morro. No final de semana em que ocorreria uma festividade de reunião das comunidades interioranas locais, Santos-Óleos aproveita o ajuntamento de pessoas no sábado que antecede a festa para narrar o fim que se anunciava, em forma de recado – do recado. Após baixar a poeira da vila, Pedro Orósio e Laudelim conversam com Coletor, quem reforça e repassa o recado do profeta apocalíptico. Laudelim é trovista, repentista, e cantava sem incomodar. Acompanhando a comitiva, decifrou a mensagem do Coletor, sexto recadeiro, ao ouvir o sermão de Dominedominê, transformando o recado em canção. É nessa grande estrutura sustentada por saberes de diversas naturezas, entre passagens e travessias, entre profecias, visões e cantorias, que o recado segue viagem:

— ...E um morro, que tinha, gritou, entences, com ele, agora não sabe se foi mesmo p’ra ele ouvir, se foi pra alguns dos outros. É que tinha uns seis ou sete homens, por tudo, caminhando mesmo juntos, por ali, naqueles altos... E o morro gritou foi que nem satanaz. Recado dele. Meu irmão Malaquia falou del-rei, de tremer peles, não querendo ser favoroso... Que sorte de destino quem marca é Deus, seus Apóstolos, a toque de caixa da morte, coisa de festa... Era a Morte. Com a caveira, de noite, feito História Sagrada... Morte à traição, pelo semelhante. Malaquia dixe. A Virgem! Que é que essa estória de recado pode ser?! Malaquia meu irmão se esconjurou, recado que ninguém se sabe se pediu.... (2016, p. 38)

Com recado que não podia deixar de ser ouvido, visto que o morro “gritou foi que nem satanás”, a história vai se metamorfoseando e um sentido maior vai se compondo à medida que a viagem se faz, confabulando-se. O recado passa por tremer peles, expressão que pode fazer referência ao processo de transe e incorporação de encantados, ao fim chegando aos outros na festa que “era de pretos e brancos, mas mais de pretos”, para que Pedro Orósio consiga entender antes que a morte o alcance, visto que o recado “era a Morte”. “Com a caveira, de noite, feito História Sagrada...Morte à traição, pelo semelhante”. O trançado entre os sujeitos e entre os distintos saberes marca a noção da relação, que é muito significativa para a produção do filósofo Glissant, posto que isso implica um modo ético frente à reflexão sobre o Diverso no mundo. Toma espaço, na reflexão, a “desierarquização”, ação necessária a uma poética do diverso, dando espaço ao imbricamento, destruindo as fronteiras que geram o cerceamento dos indivíduos e, assim, as exclusões. “Aceitar as diferenças é, evidentemente, perturbar a hierarquia da escala.” O recado apenas segue viagem pela compreensão dessa aceitação da diferença, do diverso, por parte de todos que integram a comitiva.

Os preparativos para a festa do Rosário seguem e, conforme a relação com os elementos da Umbanda, os urubus desde antes anunciam uma desgraça. O cenário vai se moldando para a noite da culminância, o domingo do Rosário, após o chamado sábado de véspera:

Desabalou de vez, olho da rua a longe, quase correndo, feito pulando rego, tinha de alargar também as pernas — aqueles rolos de pano nos pés dele foiçavam porção de poeira. Por um vago, a gente estremecia, salteado do aflêcho comandante daquela voz, que instava calafrios: quase que se ia acreditando. As mulheres se benziam. Aí já havia pessoas em praça — pois era véspera de festa, o arraial se apostava com limpezas e arcos embandeirinhados, estando cheio de forasteiros; por maior, pretos. Outros, que acordaram com a latomia do Nominedômine em seu ir e desvir, durado em mais de quarto-de-hora, já tinham vestido roupa, e saíam como público. Que era que deviam de fazer? Ir chamar os frades? O dôido, direto para a igreja do Rosário, era capaz de obrar muitos desatinos. Devia-se de ir para lá. Pedro Orósio também já estava pronto, fora de portas. Aquele dia-de-sábado principiava bem. (ROSA, 2016, p. 41)

Para José Miguel Wisnik, em *Recado da Viagem* (1998), a figura de Alquiste, enquanto pesquisador e botânico, pode fazer referência aos vários cientistas que viajaram ao Morro da Garça, como é o caso do paleontólogo dinamarquês que fez escavações em grutas calcárias em Minas Gerais, no século XIX, Peter Wilhelm Lund, primo de Søren Kierkegaard. “Mas, outras coisas, que seo Alquiste e o frade, e seo Jujuca do Açude referiam, isso ficava por ele desentendido, fechado sem explicação nenhuma; assim, que tudo ali era uma Lundiana ou Lundlândia, desses nomes.” (ROSA, 2016, p. 22). *Lundiana* ou *Lundlândia* parece remeter ao sobrenome do estudioso. No *Recado*, o personagem ora se integra ora aproveita para fazer os seus registros acerca do festejo interiorano:

Também muitos já revestidos, para figurar na festança do dia-seguinte. Os dos ranchos: os moçambiqueiros, de penacho e com balainhos e guizos prendidos nas pernas; grupos congos em cetim branco, e faixa, só faltando os mais adornos; e a rapaziada nova, com uniforme da guarda-marinheira. Imponente foi quando comungaram o preto Zabelino, todo sério, e a preta Maria-da-Fé, com um grande ramo de flores nos braços, quens iam ser rei-congo e rainha-conga. Seo Alquiste estava presente, com seo Juca do Açude e seo Jujuca, e as senhoras da Fazenda, e acabada a missa seo Alquiste aproveitou para bater chapa de todos os fardados. Música ia tocar era no outro dia, no outro dia era que era o registrado da festa. Uns gritavam desde agora seu grande contentamento: — “Viva a Senhora do Rosário! Viva a grande santa Santa Efigênia! Viva o nosso santo São Benedito!” Mesmo, em diversas casas, na Rua dos Pequí e Rua dos Pacas, se ajuntavam pessoas, e era aquele guararape brabo: rufando as caixas, baqueando na zabumba. Mor, lombaca acima, indo para a Matriz do Sagrado Coração, uma turma se rodeara, à sombra de uma árvore grande, ali também ainda ensaiavam: era o pessoal do Mascamole — ele e o Tú, cunhado seu, vindos do Santomé. Muito reluziam. O povo vivava.

E o Tú e o Mascamole, chefes, tribuzando no tambor: tarapatão, barabão, barabão!... Tudo era grande muito movimento. (2016, p. 61)

Os congadeiros deixam preparadas as vestimentas, o lugar, as flores, e começam a baquear na zabumba. Enquanto isso, Alquiste fotografa as pessoas com o festejo preste a iniciar. Quando finalmente inicia, Laudelim, músico local e também recadeiro, pode iniciar sua canção:

— Não convém, oh Grande Rei,
juntar a noite com o dia...
— Não pedi vosso conselho,
peço a vossa companhia!
Meus sete bons cavaleiros
flôr da minha fidalguia...

Um falou pra os outros seis
e os sete com um pensamento:

— A sina do Rei é a morte,
temos de tomar assento...
Beijaram suas sete espadas,
produziram juramento.

A viagem foi de noite
por ser tempo de luar.

Os sete nada diziam
porque o Rei iam matar.
Mas o Rei estava alegre
e começou a cantar...

— Escuta, Rei favoroso,
nosso humilde parecer:
.....”

(p. 79)

O trecho final da canção de “Laud’lim” alertava para trabalho dos bons sete cavaleiros, com recado dado por um aos demais sobre sina de morte em modo de viagem. O “rei”, antes “del-rei”, de nada ainda sabia e fazia parte da festa. Ao ouvir a canção de Laudelim, Seo Juca

pedia “que recantasse e acompanhasse em surdina”, e ia explicando a canção na festa em que os escravizados de outrora se vestiam de reis. Tarefa que se levava, pois “o senhor Alquist queria comentar muito, em inglês ou francês, ou mesmo em seus cacos de português, quando não se ajudando com termos em grego ou latim” (2016, p. 82). Pedro Orósio, graças aos recadeiros, entende o recado passado do morro inicialmente a Malaquias, tendo seguido junto à viagem pelo sertão.

E o Pedro vinha voltando, aliviado, caçava seu lugar em seu banco, dava com os olhos em seo Alquiste. Esse sorria, e para ele levantava o copo, à saúde, nas praxes. Dizia: — “Escola!...” E ele Pedro retribuía com o mesmo bom gesto, também já tornava a ter sede de cerveja, mais bebia. Nisso o Laudelim retomava a cantar a recém grande cantiga, para os frades ouvirem, pois frei Flôr e frei Sinfrão estavam chegando. (ROSA, 2016, p. 82)

Por “Escola” se pressupõe uma resposta a *skol*, termo derivado de idiomas escandinavos para saúde: “à saúde, nas praxes”. – Skol!, teria tido seo Alquiste. – “*Escola!*”, “E ele Pedro retribuía com o mesmo bom gesto, também já tornava a ter sede de cerveja” (2016, p. 82), lemos na narrativa. Ora, Alquiste não conseguiria aprender sobre as festividades que pôde apreciar caso tivesse apenas como referência a cultura letrada, não de maneira a participar ativamente de um trançado envolvendo grupo de sujeitos, os quais seu processo de formação – cientificismo europeu – historicamente buscou apequenar. Nesta narrativa, dissemina-se, assim, a singularidade, sem que os procedimentos de exotismo hegemônicos europeizantes existam. Quem faz *escola* é o quatumando e os outros recadeiros. Alquiste ou Olquiste que aprenda.

Ainda sobre o recado, mas pensando a relação estabelecida por Viveiros de Castro, ele encerra seu prefácio com o seguinte trecho: “Davi [Kopenawa] é o elo crucial da rede, o ponto final da série de personagens ‘excêntricos’ de ‘O recado do morro’ (...), com os xapiri que transmitem o recado cifrado da mata. Um recado, recordemos, ominoso. Um aviso. Uma advertência. Uma última palavra.” Viveiros de Castro se faz também personagem, deixando que o recado seja passado. Bruce Albert, antropólogo francês nascido em Marrocos, Fundador da ONG Pró-Yanomani, experimentou, em mais de 30 anos de convivência com yanomani, outros modos de saberes. Tendo então se apresentado como mediador cultural, entendendo as arbitrariedades do discurso hegemônico e assim formulando um produto de tradução cultural bastante singular na antropologia, Albert é também parte da comitiva que dá o recado. Ainda que antropólogo europeu, finalmente não apresenta uma obra com uma série de desencantamentos.

Em *Águas a lume de lua: uma reflexão sobre os alternativos modos de ver e dizer o mundo na ficção rosiana*, Anita Martins Rodrigues de Moraes (2008) afirma que a obra de Guimarães Rosa é um convite a modos de dizer o mundo que são costumeiramente desvalorizados pela visão ocidental. Pensemos que, no campo da filosofia, uma crítica do pensamento filosófico-científico se fez urgente após a compreensão de que a racionalidade foi base, e não oposição, a grandes crises do século XX, como o caso do genocídio nazista. Ela lembra que, para Adorno e Horkheimer, a generalização se torna modo de controle de grupos sociais, destacando a tendência do pensamento filosófico-científico ocidental de tomar esse caminho, anulando-se, pois, as singularidades dos seres. “Trata-se de apagar a face dos seres, inclusive humana (no caso do nazismo, e, em verdade, de todos os colonialismos), operando-se o que chamam de ‘desencantamento do mundo’.” (MORAES, 2008, p. 2). Na contramão dessa visão:

A obra rosiana não reproduz os estabelecidos modos de representar a sociedade brasileira por dicotomias, como entre campo e cidade, civilização e barbárie, modernidade e tradição, etc. Tampouco reproduz o gesto regionalista de dar a conhecer o sertanejo, explicando-o ao leitor urbano. Ao contrário, constrói uma narrativa que convida à revisão dos pressupostos partilhados pelos homens “cultos”, “letrados”, a respeito de si e do outro. (MORAES, 2008, p. 2)

A cosmovisão da obra rosiana se faz como terceira margem, como alternativa ao futuro, como modo de valorização e compreensão das diversidades que povoam centros e periferias, ocidente e oriente, primeiro e terceiro mundo, contra a simplificação pelas categorias binárias, as quais essencializam muito mais o polo visto como mais frágil. A mensagem transfronteira segue como força poética e política de atravessamento, recado dos mundos possíveis que nos tomam – enquanto recebedores, intérpretes, transcriutores e anunciadores – partes grandes e miúdas desse todo de potência ecológica, em que se trançam fitas, ervas, flores, balaios, redes, cabelos, bandeirolas, danças, trançando saberes que espaços em desencantos esquecem, assassina. O recado chega e nos deixa atentos contra as tentativas de nos aniquilarem, de impedirem nossos movimentos, por sabermos que viver é travessia e é encantamento.

Recados das singularidades, recados contra a generalização, recados dos mundos possíveis asseguram a potência do nosso conceito norteador: transfronteira, como movimento para além das fronteiras e das delimitações, caso estas busquem não potencializar, mas amedrontar, domesticar, apequenar. Termo cunhado por Guimarães Rosa em crônica escrita sobre Zé

Osvaldo, transfronteira é o recado passado, aqui, sobre haver mundos possíveis que se estendem nas singularidades dos muitos.

Ainda sobre esta narrativa, Maria Rosa Duarte de Oliveira considera, em *Guimarães Rosa: viagem e espaços nômades entre identidade e alteridade* (2019), que o transitar entre fronteiras pressupõe um jogo frequente entre identidade e alteridade, e que o recado é também parte do migrar. Nas considerações de Said sobre Exílio, o palestino lembra as *Reflexões de uma vida mutilada*, de Adorno, em que dissera que, ainda que frágil, as palavras que se tornaram seu novo lar. O Recado do Morro nos parece, portanto, uma narrativa híbrida que é encontro e é viagem; é viagem porque se faz no recado enquanto lar das palavras-música-códigos entre os homens. São eles mesmo parte e caminho do recado, que é a mensagem que nos resta. É encontro porque há uma série de inesperadas descobertas que só são possíveis pelos contatos entre os diversos seres que compõem a comitiva. Pensando *As representações do imigrante na obra de Guimarães Rosa*, Aline Ávila reflete que:

Na novela “O recado do morro”, de *Corpo de baile*, de 1956, o tema do estrangeiro é muito importante para o desenvolvimento da história que se passa durante o trajeto de uma viagem de expedição financiada por um naturalista europeu e motivada por seus estudos. Além disso, é o estrangeiro aquele que primeiro percebe que o recado do morro, aparentemente sem nexos, era algo importante, um recado de vida ou de morte, uma “canção a formar-se”. Na marcha da excursão do estrangeiro, vão se juntando vozes ignoradas do sertão, como os marginais da razão, os loucos, os fanáticos, os excêntricos, para os quais o escritor mais uma vez dá voz para contarem a história deles e do sertão. No circuito dessa viagem, ampliam-se as vozes narrativas e as várias formas de diversidade. À medida que os diversos “atores culturais” vão aderindo à expedição e suas vozes marginais vão se juntando à voz da cultura europeia, representada pelo saber do alemão, as grandes diferenças entre o saber científico e o saber dos sertanejos vão se apagando. (2017, p. 65)

Reflete-se, assim, sobre a união das vozes de pessoas do sertão colocadas à margem, *como os marginais da razão, os loucos, os fanáticos, os excêntricos, para os quais o escritor mais uma vez dá voz para contarem a história deles e do sertão*, junto à cultura do alemão-rana que mobiliza a viagem, sendo a diversidade crucial para a interpretação do recado na narrativa. “Antigamente, os brancos falavam de nós à nossa revelia e nossas verdadeiras palavras permaneciam escondidas na floresta. Ninguém, além de nós, podia escutá-las” (2015, p. 389)⁵⁹, disse Kopenawa. Escritor cosmopolita, Rosa optou por uma literatura de imaginário novo, no

⁵⁹ KOPENAWA, D.; ALBERT, B.A *Queda do céu: palavras de um xamã Yanomami*. 1ªed., São Paulo: Companhia das Letras, 2015

qual os intelectuais vindos da Europa ouvem a oralidade dos mundos rurais brasileiros livres do tom civilizatório. A festa do Rosário, em *O Recado do Morro*, abraça tradições ancestrais em tom de globalização, anunciando mundos possíveis: mas é preciso desierarquizar os saberes, pluralizá-los.

3.4 O sobrinho do Iauaretê é transfronteira da transfronteira

João Guimarães Rosa é conhecido por seu apreço a idiomas. Entre os seus textos, especialmente em *Estas Estórias* e *Ave, Palavra*, há desde registros de estudos de línguas indígenas, no interior do Brasil, a narrativas⁶⁰ escritas em e sobre solos estrangeiros, com expressões em dinamarquês, alemão, francês, espanhol e em suas mesclas. A noção de que o português brasileiro é idioma aberto lhe foi base para explorar inúmeras possibilidades. Procedimentos de formação de expressões e palavras que ganharam vida em seus textos podem ser notados em diversas narrativas, sendo, em *Meu Tio o Iauaretê*, a gente-onça elemento significativo para explorar a inventividade, inclusive pela escolha do animal, visto que

Os estudiosos já apontaram a notável onipresença dessa onça mítica pelas Américas, entre povos de origens diferentes, e pertencentes a grupos linguísticos diferentes. O culto do chamado ‘jaguar solar’ aponta para a dimensão mais que brasileira, também americana, do conto. Conhecem-se, em alguns lugares mais, em outros menos, evidência desse culto em toda parte, desde um pouco ao norte do México até o extremo sul do continente. (GALVÃO, 2008, p.12)

O filho de Mar’Iara extrapola também as fronteiras das identidades à medida que é uma soma complexa político-econômico-histórico-literária de identificações. Narrador autodiegético, o sobrinho do Iauaretê nos apresenta os tantos nomes que tem e também nome nenhum, desconça e depois desgenta, sendo ele ao mesmo tempo do povo da fronteira Brasil-Colômbia e do interior dos Brasis. Logo ao início, explica: “Sou fazendeiro não, sou morador... Eh, também sou morador não. **Eu- toda parte.** Tou aqui, quando eu quero eu mudo.” (ROSA, 2015, p. 155).

⁶⁰ Exemplos: *História de fadas* (dinamarquês), *O Mau Humor de Wotan* (alemão e francês), *Páramo* (espanhol).

3.4.1 Outros: indígenas, estrangeiros, e seus rastros de mistérios

Em *Uns índios (sua fala)*, texto que integra *Ave, Palavra* (1970), Rosa registra uma visita à terra indígena dos Terenos, em Mato Grosso, povo de língua Aruak, em 1947. “Conversei primeiro com dois, moços e binominados: um se chamava U-la-lá, e também Pedrinho; o outro era Hó-ye-nó, isto é Cecílio”, escreve. Sobre o contato com o idioma Aruak, diz ainda:

Uma língua não propriamente gutural, não guarani, não nasal, não cantada; mas firme, contida, oclusiva e sem molezas — língua para gente enérgica e terra fria. Entrava-me e saía-me pelos ouvidos aquela individida extensão de som, fio crespo, em articulação soprada; e espantava-me sua gama de fricativas palatais e velares, e as vogais surdas. (ROSA, 1970, p. 97).

Conhecido o interesse de Guimarães Rosa por idiomas, o que é confirmado não apenas por entrevistas e trechos das suas obras, mas por seu trabalho no Itamaraty, nota-se a atenção em registrar características específicas da língua que ouve. A experiência no Pantanal, desta vez, possibilita o registro de termos como cores e comentários sobre som das palavras, modos de conversar e identidades linguísticas dos Terenos, “língua para gente enérgica, anotou”. E seguiram alguns verbetes, como

vermelho — a-ra-ra-i'ti
verde — ho-no-no-i'ti
amarelo — he-ya-i'ti
branco — ho-po-i'ti
preto — ha-ha-i'ti
(Ibidem).

Rosa nota, e anota, que “i'ti” deve significar “cor” e que, assim, “a-ra-ta-i'ti” seria “cor de arara”, ou algo semelhante. E o mesmo se estendia aos outros termos. Aprendeu, depois, que “i'ti” significa “sangue”. A sua percepção estava correta, desde que entedesse que “cor”, na língua Aruak, é sangue. Verde, portanto, seria “sangue de folha”. Após este reconhecimento, ele escreve que “toda língua é rastro de mistério”.

Na já citada famosa entrevista com Gunter Lorenz (1983), Rosa destaca a natureza pujante do nosso idioma. Não português apenas, mas brasileiro:

L: Não seria mais fácil e mais correto se agora conversássemos um pouco sobre o aspecto puramente filosófico, sobre as diferenças entre o português europeu e o brasileiro, sobre as conclusões que você tirou disso? Acho que assim seria mais fácil de entender isso que você chama de aspecto metafísico.

GR: Bem, sim, você tem razão. Temos de partir do fato de **que nosso português-brasileiro é uma língua mais rica, inclusive metafisicamente**, que o português falado na Europa [...]

L: Pelo processo de mistura com elementos indígenas e negróides com os quais se fundiu no Brasil...

GR: Exato, este foi um enriquecimento imenso e já pode ser notado no exterior pela quantidade de diferentes dicionários europeus e americanos do mesmo idioma. Naturalmente, **tudo isto está a nossa disposição**, mas não à disposição dos portugueses. Eu, **como brasileiro, tenho uma escala de expressões mais vasta** que os portugueses, obrigados a pensar utilizando uma língua já saturada. (p. 87)

Para o escritor, a natureza limitante do português europeu contrasta com as possibilidades amplas do português brasileiro, afirmando que a condição de brasileiro lhe dá amplitude de “escala de expressões”. Se nas crônicas alemãs notamos expressões e neologismos empreendidos por Rosa enquanto escritor desse idioma que ainda não se esgotou, aberto que é, a exemplo dos termos “hitlerocidade” e “bom-trapilho”; ou mesmo no *Diário Alemão* é possível ler registros como “terremoteou”, narrativas posteriores foram marcadas por maior ênfase a essa possibilidade da invenção. Há termos que não foram criados por Guimarães, mas também marcam a inventividade sobre a qual ele conversava com Lorenz. Em *O Recado do Morro*, lê-se que, na região à qual se refere à região do Morro da Garça, é possível que um “riachinho”, ou um ribeirão, seja sugado pela porosidade dos gerais e surja em outros espaços: “Fim do campo, nas sarjetas entremontãs das bacias, um ribeirão de repente vem, desenrodilhado, ou o fiúme de um riachinho, e dá com o emparedamento, então cava um buraco e por ele se soverte, desaparecendo num emboque”. (ROSA, 2016, p. 27). O termo que nomeia o fenômeno surge em seguida, em palavra quase impronunciável: “*anhanhonhacanhuva*”. A palavra de origem tupi se refere à água parada que cai em sumidouro. *Anhanhonhacanhuva*. O português europeu registra sumidouro, termo que, aliás, nomeou a *Quinta do Sumidouro*, local-museu em Minas de ponto de exploração de minérios por parte de Fernão Dias e Borba Gato, no século XVII. *Anhanhonhacanhuva* era o termo usado pelos nativos para nomear o local de “sumida de riachinho” antes da tomada colonial. A onomatopeia para rio que some e que surge ilustra a imensidão da disposição do idioma brasileiro, que ele mesmo some e surge nos elementos afro e indígenas.

Pensemos o caso “*Cara-de-Bronze*”, narrativa que integra *Corpo de Baile*, especificamente na divisão chamada *No Urubuquaquá, no Pinhém*, a qual apresenta um importante trecho para a narrativa em que há o encontro dos vaqueiros do local e dos homens

que integram uma comitiva com a função de comprar gados para a fazenda. Entre eles está Moimeichêgo. Assim como em *GSV*, há o representante da cultura letrada, externo às vivências locais, Moimeichêgo apresenta características semelhantes. O nome dado à personagem aponta sua condição ensimesmada, atrelando idiomas distintos cujos processos culturais dos países e impérios – França, Inglaterra/Estados Unidos, Alemanha e Império Romano – promoveram cosmovisões chamadas ocidentalizantes: *moi* (francês), *me* (inglês), *ich* (alemão) e *ego* (latim). *Eu, eu, eu, eu*. Moimeichêgo, conforme carta ao tradutor italiano Bizzarri, é um pouco do próprio Guimarães, inquiridor nas viagens “Bem, meu caro Bizzarri, por hoje, já exagerei. Encerro. Apenas dizendo ainda a Você que o nome MOIMEICHEGO é outra brincadeira: é: moi, me, ich, ego (representa ‘eu’, o autor...) Bobaginhas” (ROSA, 2003, p.95). Há, na brincadeira, uma constatação de um lugar pessoal que é também um lugar de formação europeia – Rosa estudou em uma escola bilíngue teuto-brasileira – e de filho de vendeiro no interior do país; quase opostos, mas assumindo, na brincância com as palavras, buscar não replicar este olhar limitante.

Em *Genealogia da Ferocidade*, Silviano Santiago considera que Rosa é “transformador da fala do jagunço, um tradutor infiel das anotações alheias” (2017, p. 89), considerando as várias experiências dele com viagens por Minas, pelo Nordeste, pelo Centro-Oeste e suas anotações. Em *A velha* talvez se apresente, antes de traduzir infielmente as falas jagunças, um belo exemplo de infidelidade tradutória. A expressão aqui já comentada “Embaixada-de-Jó” é apresentada no contexto em que pessoas seguiam ao Consulado para suplicar por ajuda. Não há registro, em língua portuguesa, da expressão em questão. *Hiobsbotschaft* (Hiobs – Jó), do alemão, pode significar “Mensagem de Jó”, ou ainda, de uso obsoleto, “más notícias”. *Botschaft* significa Embaixada. Rosa, assim, “traduziu” a expressão “Mensagem de Jó” para o alemão, que seria *Hiobsbotschaft* e, dada a relação *Embaixada* com o ambiente consular, retraduziu por “Embaixada-de-Jó”, dando um significado único em seu texto.

Procedimento semelhante ocorre em *Meu Tio o Iauaretê*. Antes de tudo, como recordam Ávila e Trevisan, “a língua tupi majoritariamente empregada no conto não é a língua falada à época da chegada dos primeiros europeus à terra posteriormente chamada Brasil, mas sim o *nheengatu*, como passou a ser chamada a evolução da língua geral amazônica a partir de meados do século 19” (2014, p. 298). Vale ressaltar que o *Nheengatu* é um idioma que surge anos após iniciarem o processo de colonização nas terras em que hoje são Maranhão e Pará⁶¹ e

⁶¹ Quando os portugueses chegaram ao Brasil, em 1500, a língua que se falava na maior parte da costa brasileira era aquela que hoje chamamos tupi antigo. Os indígenas da costa que falavam variantes dialetais dessa língua eram chamados genericamente de tupis, segundo o que mostra Anchieta em seu auto teatral “Na Aldeia de

identificarem semelhanças com o dialeto tupi já conhecido na costa atlântica de Pernambuco. Esta mescla se tornou o principal idioma utilizado por missionários no período, levando a língua rios amazônicos acima, “congregando indígenas das mais variadas proveniências étnicas e linguísticas” (2014, p. 300). Além de termos do idioma-mescla *nheengatu*, Rosa também “cria traduções” do tupi antigo. A expressão “boca-torta”, na narrativa, não tem relação direta com seu significado em português. O sobrinho do Iauaretê diz ao viajante a seguinte frase: “Ó homem doido... Eu – onça! Nhum? Sou o diabo não. Mecê é que é diabo, o boca-torta” (ROSA, 2015, p. 175). Boca-torta, assim, significa diabo. Segundo o tupinólogo Eduardo Navarro, na obra *Curso de Língua Geral (Nheengatu ou tupi moderno): A língua das origens da civilização amazônica* (2011), Jurupari, personagem mitológico dos povos indígenas da América do Sul, vem de *Íurupari*, que significa "boca torta" (îuru, "boca" + apar, "torta"). Diabo, na língua portuguesa, teria referente em *Íurupari* no tupi antigo. O termo *boca-torta* em *Meu Tio o Iauaretê* é, portanto, uma “retradução”, tal qual *Embaixada-de-Jó* – como tais, existindo só na obra transfronteira de Rosa.

Parece-nos, assim, que Guimarães Rosa aproveita a imensidão de possibilidades de uma linguagem aberta em contato com a sua própria formação poliglota, sabendo, como afirmou a Lorenz, que a “vida é uma corrente contínua [e] a linguagem também”.

3.4.2 O filho de Mar'Iara Maria é o híbrido

Meu tio o Iauaretê se trata de uma narrativa em que um onceiro recebe um homem, sobre o qual não obtemos informações, e que começa a narrar sua relação com as onças naquele ambiente durante uma noite. Há uma composição com similaridades à narrativa de *Grande*

Guaraparim” (versos 183-189). Eram eles os potiguaras, os tupinambás, os caetés, os tupiniquins, os tupis da capitania de São Vicente etc. Os tupis eram considerados os pais de todos os índios da costa, segundo o que nos informa o jesuíta Simão de Vasconcelos. A língua tupi de São Vicente, a de Pernambuco (gramaticalizada pelo padre Luís Figueira) e a do Maranhão tinham algumas diferenças com relação ao tupi que Anchieta gramaticalizou. (...) A língua geral amazônica não foi língua de nenhum grupo indígena antes da chegada dos europeus à América. Ela começou a se formar no Maranhão e no Pará da língua falada pelos tupinambás que ali estavam e que foram aldeados pelos missionários jesuítas, juntamente com muitos outros índios de outras etnias e de outras línguas. Essa língua foi aquela em que se expressou a civilização amazônica, que se definiu a partir da inserção dos índios no mundo do colonizador branco mediante sua escravização ou pela mestiçagem. Dezenas de povos indígenas diferentes a falaram. Índios de diferentes línguas e culturas conheciam-na. Com ela passou a se formar o Brasil caboclo do Norte, a civilização ribeirinha da maior região deste país. Até 1877 a língua geral foi mais falada que o português na Amazônia, inclusive nas suas cidades, grandes ou pequenas, situadas às margens dos seus rios e igarapés: Belém, Manaus, Macapá, Santarém, Tefé, Óbidos etc. Somente naquele ano é que o português a sobrepujaria no norte do Brasil, quando mais de quinhentos mil nordestinos, fugidos da seca, migraram para a Amazônia. Foi por meio das línguas gerais que a América indígena encontrou-se com a América portuguesa. **Elas representavam um encontro de mundos.** (NAVARRO, 2011, p. 6-7)

Sertão: Veredas, visto que o narrador tem a voz e o visitante apenas traz marcas nas próprias inquietações da fala do narrador.

Nome meu minha mãe pôs: Bacuriquirepa. Breó. Beró, também. Pai meu me levou para o missionário. Batizou, batizou. Nome de Tonico, bonito, será? Artonho de Eiesus... Depois me chamavam de Macuncozo, nome era de um sítio que era de outro dono, é – um sítio que chamavam de Macuncozo... Agora, tenho nome nenhum, não careço. Nhô Nhuão Guede me chamava de Tonho Tigreiro. Nhô Nhuão Guede me trouxe pr'aqui, eu nhum, sozim. Não devia! Agora tenho nome mais não... (ROSA, 2015, p. 174)

Artonho de Eiesus foi o nome dado ao agora desnomeado sobrinho do Iauaretê. O nome fora dado por seu pai, *homem branco*, e o seu nome de matador de onça, trabalho que fazia a mando de Nhô Nhuão, seu patrão, era redução do Nome paterno somado à sua função: Tonho Tigreiro. Sobre seu pai Pedro, o sobrinho de Iauaretê nos diz: “Meu pai era bugre índio não, meu pai era homem branco, branco feito mecê, meu pai Chico Pedro, mimbauamanhanaçara, vaqueiro desses, homem muito bruto.” (ROSA, 2015, p. 170). Em *Jaguanhenhém: um estudo sobre a linguagem do iauaretê*, Ávila e Trevisan notam que *mimbaua*, do *nheengatu*, significa “animal doméstico, criação”, *manhana*, “espionar, vigiar, tomar conta”, somado ao sufixo – *sara* –, que indica agente, profissão, tem-se “tomador de conta de animais de estimação, guardador de rebanhos, ou seja, pastor” (2014, p. 323).

O pai do sobrinho da onça é “pai de todo mundo”, segundo sua definição. *Tonho Tigreiro*, assim, foi nome dado por este que é “pai de todo mundo” e que serve para “Aquele Nhô Nhuão Guede, pai da moça gorda, pior homem que tem”, quem o chama assim. O narrador diz: “[ele] me botou aqui. Falou: – ‘Mata as onças todas!’ Me deixou aqui sozinho, eu nhum, sozinho de não poder falar sem escutar...”. Tonho Tigreiro servia ao patrão Nhô Nhuão, em seu trabalho de assassinar onças, solitário no meio rural. Conforme Lélia Gonzalez, no espaço rural há algumas categorias que podem ser identificadas como marginais no processo produtivo, dentre as quais está “rural ‘sob patrão’ (colonos semisservis de fazendas tradicionais, comunidades ‘dependentes’ ou ‘cativas’, trabalhadores ‘vinculados’ por métodos coercitivos etc.)” (ROSA, 2015). Aliado ao fato de que seu pai é “tomador de conta de animais”, praticamente um domesticador, a identificação de Tonho Tigreiro traz reminiscências opressoras. Também foi o pai quem o levou para o batismo entre os missionários. Em conversa com o visitante, ele fala: “Padre, não, missionário, não, gosto disso não, não quero conversa.” (ROSA, 2015, p. 174). Apesar dessa fala, a catequização é parte transitória dele, quem causou assassinatos dentre os

quais movidos por uma caça aos que quebraram os 7 pecados⁶² capitais, pecados estes listados e difundidos pela igreja católica no século XIV, século também da expansão do cristianismo por parte do processo de colonização, especialmente nas Américas. Nesse sentido,

“Desonçar a região” não é outra coisa que expandir a fronteira agrícola, substituindo a fauna selvagem por animais domesticados. De novo, a própria devastação da selva não seria um processo desencadeado por uma alma natural terrível ou castigadora, mas uma consequência da própria voragem civilizatória que impõe domesticação a tudo que não conhece, ou não quer reconhecer, através de tudo que exclui: a produção do lobisomen é o dispositivo específico de domesticação da floresta. E domesticação é escravidão. A guerra civil, ou o estado de natureza, é na novela rosiana – como, aliás, em *La vorágine* e “A benfazeja” –, o verdadeiro fundamento positivo do contrato social e não o seu avesso. (ESCALLÓN, 2014, p. 380)

Tonico é domesticado, mas ele recorda também ser (ou ter sido) Bacuriquirepa, nome e feições dadas pela mãe: “Ã-hã, por causa que eu tenho cabelo assim, olho miudinho... É. Pai meu, não. Ele era branco, homem índio não. A’ pois, minha mãe era, ela muito boa. Caraó, não. Péua, minha mãe, gentio Tacunapéua, muito longe daqui.” (ROSA, 2015, p. 174). Não satisfeito, ele também lembra que “Depois me chamavam de Macuncozo, nome era de um sítio que era de outro dono, é – um sítio que chamavam de Macuncozo” (Ibidem). Sobre o termo, resposta de Guimarães Rosa a Haroldo de Campos no célebre *A linguagem do Iauaretê*, lemos:

“[...] O macuncozo é uma nota africana, respigada ali no fim. Uma contranota. Como tentativa de identificação (conscientemente, por ingênua, primitiva astúcia? Inconscientemente, por culminação de um sentimento de remorso?) com os pretos assassinados; fingindo não ser índio (onça) ou lutando para não ser onça (índio), numa contradição perpessante, apenas, na desordem, dele, final. O sobrinho-do-iauaretê emite aquele apelo negro, nigrífico, pseudo-nigrificante, solto e só, perdido na correntezza de estertor de suas últimas exclamações”. (ROSA *apud* CAMPOS, 1992, p. 62)

Notemos que a “contranota” de Guimarães pouco explica diretamente a relação africana do nome e a condição da onça, do onceiro que trabalhava “mor de desonçar este mundo todo”, cujos alvos prediletos eram pretos: seria remorço? Seria ritual antropogáfico? Crioulização? Podemos ler como uma identificação momentânea com a filiação paterna, mas seu processo de identificação, como um todo, é complexo e artesanal. Ainda, cabe refletir que:

Quando se analisa a estratégia utilizada pelos países europeus em suas colônias, verifica-se que o racismo desempenhará um papel fundamental na internalização da “superioridade” do colonizador pelos colonizados. E ele apresenta, pelo menos, duas faces que só se diferenciam enquanto táticas que

⁶² Pedro Bijibo: gula; Seo Rioporo: ira; Jababora: avareza; Preto Tiodoro: inveja; Maria Quirinéia (perdoada): luxúria; veredeiro seo Rauremiro e família: soberba. ESCALLÓN, Bairon Oswaldo Vélez. Meu tio o yavaratê – à margem da estória. Lit. teor. hist. crit. vol.16 no.1 Bogotá Jan./June 2014.

visam ao mesmo objetivo: exploração/opressão. Refiro-me, no caso, ao que comumente é conhecido como racismo aberto e racismo disfarçado. O primeiro, característico das sociedades de origem anglo-saxônica, germânica ou holandesa, estabelece que negra é a pessoa que tenha tido antepassados negros (“sangue negro nas veias”). De acordo com essa articulação ideológica, miscigenação é algo impensável (embora o estupro e a exploração sexual da mulher negra sempre tenham ocorrido), na medida em que o grupo branco pretende manter sua “pureza” e reafirmar sua “superioridade”. Em consequência, a única solução, assumida de maneira explícita como a mais coerente, é a segregação dos grupos não brancos. (GONZALEZ, p. 117-118)

Nesse sentido, as complexas relações afetivas em *Meu Tio o Iauaretê* podem se vincular a essas composições colonizador-colonizados e suas implicações. Além disso, “como o Sobrinho-do-Iauaretê teme o parente regressivo, podemos intuir que a maior ameaça que o espreita é a de um retorno impossível, a de uma purificação que, pela sua semelhança com a pureza pregada pelos seus opressores, só pode conduzi-lo à catástrofe.” (ESCALLÓN, 2014, 384). O sobrinho é Bacuriquirepa, filho de Mar’Iara Maria, mas também é Tônico, Artonho, é Macuncozo e é de nome nenhum, híbrido do híbrido que nega a purificação imposta pelo colonizador – quem, diz o ex-desonçador, é “pai de todo mundo”, é estrutura patriarcal e opressora.

3.4.3 Autodeterminação estratégica: eu sou onça

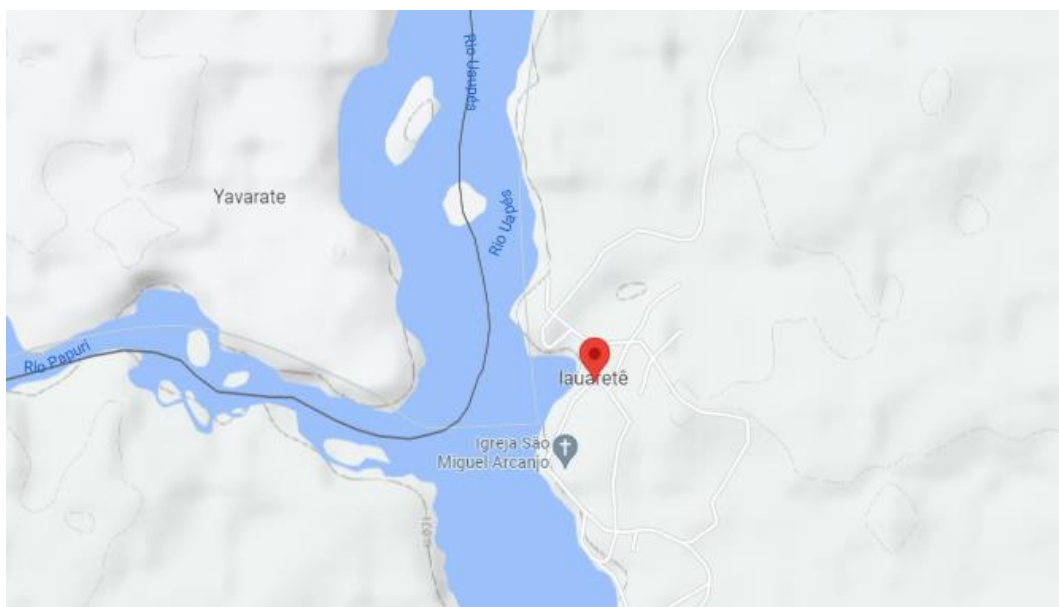
Onça não é homem branco europeu. O imaginário colonial não apenas nos viu como limitados como sempre buscou nos limitar, por exemplo, estrutural, linguageira e imagetivamente. Sempre buscou sequestrar o que temos de diverso e espalhou que somos seres primitivos. A noção espalhada e eurocêntrica de Novo Mundo para este lugar que foi chamado de América Latina pressupunha que não havia saberes antes, que não havia povos, que não havia mundo até o início do processo de colonização. As limitações impostas pelo processo colonial ainda sustentam estruturas enquanto um modo de sociedade, enquanto um modo de perceber arte, de perceber literatura, de perceber identidade.

Limitar o outro implica fixar fronteiras e excluí-lo destes espaços, negar acesso, negar existências plurais. O inverso não seria apagar as fronteiras, mas transbordá-las ou, na linha do pensamento de Viveiros de Castro, “não se trata de apagar contornos, mas de dobrá-los, adensá-los, enviesá-los, irisá-los, fractalizá-los” (2015, p.28).

A narrativa de *Meu tio o Iauaretê*, nesse sentido, transborda fronteiras, dentre as quais: *espaciais*, quando Iauaretê/Iauaretê é nome de povoado do município brasileiro de São Gabriel

da Cachoeira⁶³, no estado do Amazonas, na margem esquerda do rio Uaupés, região fronteira com a Colômbia:

Imagem 1: Iauaretê / Yavarate; Uaupés/Papuri. Fronteira Brasil-Colômbia.



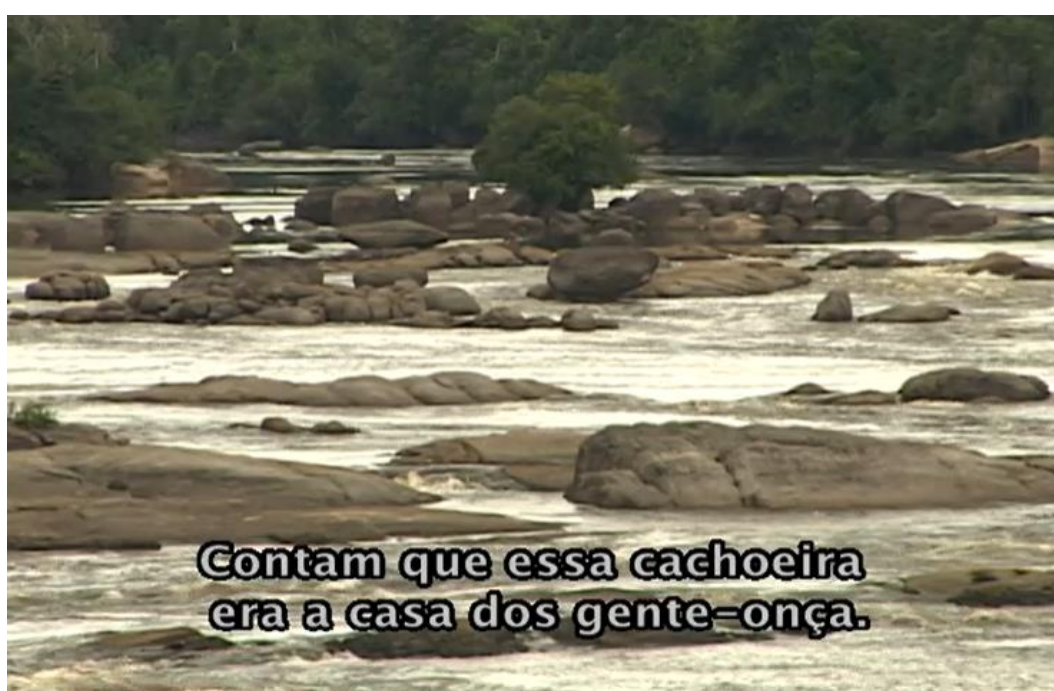
Fonte: Google Maps.

O local, que pela relação com Yavarate possui materiais oficiais binacionais e bilíngues, foi palco de conflitos na colonização recente no Amazonas. O ponto de confluência dos rios Papuri e Uaupés tem suas margens fortemente povoadas pelos povos indígenas Tukano, Tariano, Pira-Tapuia, Wanano, Arapasso e outros. Conforme o documentário *Iauaretê, Cachoeira da onça* (2014), Iauaretê e suas redondezas foram cenário de encontro de seringueiros e compradores que buscavam explorar indígenas, bem como de, já na terceira década do século passado, Missões Salesianas em busca de desestruturar elementos espirituais, territoriais e sociais das comunidades indígenas locais. Como nota o historiador Mauro Gomes da Costa em *Os Povos indígenas e as Missões Salesianas do Amazonas* (2014), lideranças nativas

⁶³ A região de Iauaretê é banhada pelos rios Uaupés e Papuri, que formam a chamada “cabeça do cachorro” no mapa do Brasil e delimitam um bom trecho da fronteira com a Colômbia. Também demarcam o limite oeste da Terra Indígena Alto Rio Negro, no noroeste do Amazonas. As calhas destes rios são habitadas por povos indígenas pertencentes a diversas etnias da família linguística Tukano Oriental, Aruak e Maku, distribuídos ao longo de suas margens e de seus afluentes em mais de uma centena de comunidades e povoados. “Iauaretê é uma palavra de origem tupi, significa “Cachoeira da Onça”. O nome faz alusão aos primeiros moradores do local, os *Yai-Masa* (palavra tukano traduzida por ‘gente-onça’), que habitavam a região no tempo em que os primeiros ancestrais dos povos indígenas chegaram. Conta-se que os *Yai-Masa* começaram então a perseguir os ancestrais a fim de devorá-los, travando uma série de batalhas contra Ohkômi, ancestral do povo Tariano. Mas *Ohkômi* era esperto e sempre se transformava em algum animal, fruta ou objeto para fugir das investidas de seu perseguidor.” Iauaretê, a Cachoeira da onça. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1606/>

começaram a buscar promover a autodeterminação indígena mais fortemente, como modo de combate à hegemonia missionária e estatal. Esse processo de autodeterminação dos Tarianos passou pela coleta de narrativas sagradas deste povo, relato mítico base do *Iauaretê, Cachoeira da onça* (2014), de maneira que, como a gente-onça, benzedores, pajés e mestres de dança, e outros de forte relação com elementos da terra, Ahkomi possuía poderes de se encantar em forma animal. Ahkomi é o nome do principal e primeiro ancestral do povo Tariano, o qual vive em Iauaretê e narra:

Imagem 2: Cachoeira gente-onça.



Fonte: Documentário *Iauaretê, Cachoeira das onças* (2014)

Em *O som do Rugido da Onça*, Micheline lembra que outras narrativas míticas sobre pessoas em seus devires-animais também fazem parte de diversas culturas indígenas. Como recorte do tema selecionado aqui por Rosa, buscamos salientar que o relativamente recente processo de autoidentificação dos moradores de *Iauaretê, a Cachoeira da onça*, evidentemente se dá como urgência frente ao cenário de invasões, de tentativas de usurpar culturas materiais e imateriais dos povos originários.

Em *Meu Tio o Iauaretê*, o processo de identificação do narrador-onceiro até onça depende de uma série de acontecimentos e passagens sobre extermínio de onças na região: “Agora, eu já sei: onça é que caça pra mim, quando ela pode. Onça é meu parente.” (ROSA, 2015, p. 157). Inclui-se o fato de que a própria onça que narra fora também onceiro, dado o

ambiente em que cresceu e o modo de vida que trilhou conforme o trabalho indicado pelo seu pai e sua formação cristã. Em *“Meu Tio o Yavararé” – à margem da estória*, Bairon Vélez Escallón reflete sobre como Guimarães Rosa conhecia o local, fronteira entre Colômbia e Amazônia, pelo seu trabalho nos Departamentos da Fronteira no Brasil. Além disso, reforçamos aqui que, quando saiu do Consulado em Hamburgo, Rosa iniciou um novo trabalho consular em Bogotá (1942-1944; 1945-1951). Escallón também destaca que, embora a narrativa tenha sido publicada pela primeira vez só em 61, Rosa havia finalizado a escrita da primeira versão de *Meu Tio o Iauaretê* em 49. Em 1948, Rosa estava em sua segunda passagem por Bogotá, inclusive tendo presenciado o Bogotazo – “uma revolta fundamental para a história latino-americana do século XX”⁶⁴.

Por outro lado, neste parágrafo que segue, atentamos ao(s) lugar(es) em que ocorriam as caças de onças, do trabalho de “desonçar”:

Da banda dali é o rio Sucuriú, vai entrar no rio Sorongo. Lá é sertão de mata-virgem. Mas, da banda de cá é o rio Ururau, depois de vinte léguas é a Barra do Frade, já pode ter fazenda lá, pode ter gado. Matei as onças todas... Eh, aqui ninguém não pode morar, gente que não é eu. Eh, nhem? Ahã- hã... casa tem nenhuma. Casa tem atrás dos buritis, seis léguas, no meio do brejo. Morava veredeiro, seu Raoremiro. Veredeiro morreu, mulher dele, as filhas, menino pequeno. Morreu tudo de doença. De verdade. Tou falando verdade!. (ROSA, 2015, p. 161)

A região do rio Sucuriú contempla norte e leste do estado de Mato Grosso do Sul. “Rio Ururau” pode se referir ao rio do Ururuí, que percorre o município de Campos de Goycatazes, no Rio de Janeiro. Barra do Frade pode dizer respeito à Barra do Rio Formoso, conforme registros⁶⁵ dos séculos XVI e XVII, então situado na Capitania de Paranambvca, agora estado da Bahia. As hipóteses menos importam como lugares precisos e mais são relevantes por uma motivação: o sobrinho do iauaretê fala da confluência entre três regiões brasileiras, Centro-Oeste, Nordeste e Sudeste.

⁶⁴ ESCALLÓN, Bairon Oswaldo Vélez. Guimarães Rosa e o Bogotazo. Revista Luanda. UFSC, 2012. <https://revistalanda.ufsc.br/PDFs/ed2/BAIRON%20V%20C3%89LEZ%20ESCALL%20C3%93N.pdf>

⁶⁵ "Descrição do Brasil desde o Recife de Pernambuco ao sul até o Rio São Miguel", pelo capitão Willem Jansz, pg. 171: "Mar adentro em frente de Serinhaém está a ilha de Santo Aleixo. ... Duas pequenas léguas a sul desemboca o Rio Formoso. A entrada é entre dois recifes, com uma profundidade de 13 pés, no máximo. É um belo rio que produz bastante açúcar. Um pequeno trecho rio adentro, os portugueses tiveram uma pequena fortaleza com 4 peças, a qual foi conquistada pelos nossos e demolida em parte, levando a artilharia e depois abandonando o fortim. Quem quer entrar aqui, oriente-se por um morro calvo com três árvores. Ao vê-lo também verá outro morro ao sul do primeiro mencionado, de cujo lado do norte encontra-se uma árvore isolada de todas as demais. Mantenha-a a oeste e dirija-se à árvore até ter passado o recife do sul; depois dirija-se a sul até ter o rio aberto e poderá entrar quando quiser. A três léguas do Rio Formoso pela costa a sul-sudoeste está o Rio Una.". http://lhs.unb.br/atlas/Barra_do_frade

Seja sobre o ambiente das etnias de filiação linguística Tukano Oriental, Aruak e Maku, que guarda a *Cachoeira da Onça*, no povoado de Iauaretê, noroeste amazônico e fronteira com a Colômbia, seja sobre a trijunção Centro-Nordeste-Sudeste, em meio ao sertão, o território do sobrinho de Iauaretê é transfronteira, é de confluência de cultura, de povos, de biomas. A autoidentificação de onça vem pela constatação de que é urgência de vida, de sobrevivência e de resistência. Processo complexo, na narrativa de Rosa a onça fora onceiro. Este trecho breve apresenta desde o “Eu cacei onça, demais” ao “onça meu parente”, trazendo à tona esse movimento de identificação:

Eu **cacei onça**, demais. Sou muito caçador de onça. Vim pra aqui pra caçar onça, só pra mor de caçar onça. Nhô Nhuão Guede me trouxe pra cá. Me pagava. Eu ganhava o couro, ganhava dinheiro por onça que eu matava. Dinheiro bom: glim- glim... Só eu é que sabia caçar onça. Por isso Nhô Nhuão Guede me mandou ficar aqui, mor de desonçar este mundo todo. Anhum, sozinho, mesmo... Araã... Vendia couro, ganhava mais dinheiro. Comprava chumbo, pólvora. Comprava sal, comprava espoleta. Eh, ia longe daqui, pra comprar tudo. Rapadura também. Eu longe. Sei andar muito, andar ligeiro, sei pisar do jeito que a gente não cansa, pé direitinho pra diante, eu caminho noite inteira. Teve vez que fui até no boi do Urucuia... É. A pé. Quero cavalo não, gosto não. Eu tinha cavalo, morreu, que foi, tem mais não, cuéra. Morreu de doença. De verdade. Tou falando verdade... Também não quero cachorro. Cachorro faz barulho, onça mata. Onça gosta de matar tudo... Hui! Atiê! Atimbora! Mecê não pode falar que eu matei onça, pode não. Eu, posso. Não fala, não. Eu não mato mais onça, mato não. É feio que eu matei. **Onça meu parente.** (ROSA, 2015, p. 158)

Já parente de onça, o sobrinho de Iauaretê não aceita julgamento por parte do visitante, “Mecê não pode falar que eu matei onça, pode não. Eu, posso”. No monólogo-diálogo, identificam-se possíveis investidas do visitante, quando o narrador precisa negar presentes, “Quero cavalo não, gosto não. Eu tinha cavalo, morreu, que foi, tem mais não, cuéra. Morreu de doença. De verdade. Tou falando verdade... Também não quero cachorro. Cachorro faz barulho, onça mata. Onça gosta de matar tudo... Hui! Atiê! Atimbora!” (ROSA, p. 158). A imagem do visitante reforça uma busca por essencialização da onça, quem a nega à medida que não aceita os comentários sobre esse processo de identificação e que não aceita os presentes como cavalo ou cachorro, os quais sequer lhes seriam úteis.

Ao longo da narrativa, a palavra medo surge mais de 30 vezes. Algumas delas são usadas, ao início, para acalmar o visitante: “Onça açuada, vira demônio, senta no chão, quebra pau, espedaça. Ela levanta, fica em pé. Quem chegou, tá rebentado. Eh, tapa de mão de onça é pior que porrete... Mecê viu a sombra? Então mecê tá morto... Ah, ah, ah... Ã, ã- ã- ã... **Tem medo não, eu tou aqui.**” (ROSA, 2015, p. 157). Ao caminhar da conversa, enquanto o visitante

oferece *cachaça boa* ao sobrinho do Iauaretê, o uso do termo com relação ao comportamento do visitante, conforme fala do narrador, muda de teor:

O mais bonito que tem é onça Maria- Maria esparramada no chão, bebendo água. Quando eu chamo, ela acode. Cê quer ver? Mecê tá tremendo, eu sei. Tem medo não, ela não vem não, vem só se eu chamar. Se eu não chamar, ela não vem. **Ela tem medo de mim também, feito mecê...** Eh, este mundo de gerais é terra minha, eh, isto aqui tudo meu. Minha mãe havera de gostar... **Quero todo o mundo com medo de mim.** Mecê não, mecê é meu amigo... Tenho outro amigo nenhum. (ROSA, 2015, p. 164)

Ainda que ele diga “mecê não, mecê é meu amigo”, antes já foi dito que ele quer que todos o temam e, diz também: “Mecê tá tremendo, eu sei”. A narrativa segue e é apresentado que, se ele não tem medo, deveria ter: “Se onça urrar, eu falo qual é. Eh, nem carece, não. Se ele esturrar ou miar, mecê logo sabe... Mía sufocado, do fundo da goela, eh, goela é enorme... Heeé... Apê! Mecê tem medo? Tem medo não? Pois vai ter. O mato todo tem medo. Onça é carrasca.” (ROSA, 2015, p. 174-175).

A narrativa tem por desfecho – aberto – o momento em que o visitante mira a arma para matar o sobrinho, quem estrategicamente é onça. Estrangeiro de si, o sobrinho do Iauaretê ataca e desfigura o Nome do Pai ao deixar de “desonçar” o mundo para desgentá-lo. Se transfronteira é termo dado a José Oswaldo por sua condição de imigrante sem pátria, em constante viagem, o sobrinho do Iauaretê tem seu corpo-território tão vasto, “lugaroso, toda parte”, que configura novos mundos pelo inverso da colonização – redutora, purificante e segregadora. Como diz Viveiros de Castro:

Quanto aos humanos não-ocidentais, é-se discretamente levado a suspeitar que, em matéria de mundo, eles são, na melhor das hipóteses, apenas modestamente aquinhoados. Nós, só nós, os europeus, somos os humanos completos e acabados, ou melhor, grandiosamente inacabados, os exploradores destemidos dos mundos desconhecidos [...] os “configuradores de mundos” (CASTRO, 2015, p. 27).

O argentino Constantin v. Barloewen, em entrevista acerca das possibilidades interculturais dos teóricos do Sul Global, em específico nas Américas, diz que percebe um solo fértil para um mundo multipolar, um mundo de arquipélagos, “como a América Latina já conhece há muito tempo” e diz ainda: É claro que existem exemplos europeus de *pensadores*. No entanto, a especificidade do latino-americano está nessa coesão do pensamento “entre literatura, política e ciência, na mistura dessas três formas e também na relação com questões

sociais”⁶⁶ bem como “com questionamentos sobre a justiça.”. Haveria, assim, uma lógica híbrida, em que várias identidades são possíveis. O antropólogo diz ainda: “Este é o ponto: a identidade intercultural é sempre mais do que uma ou outra identidade. Ela é um terceiro fator, algo novo muito mais abrangente, porque abarca em si várias identidades e tradições culturais distintas.” (BARLOEWEN *apud* VILELA, 2008, p. 1). Lemos, na obra de Rosa, a existência dessa terceira margem também como uma condição transfronteira, que promove esse intercâmbio e, mais que isso, essas identidades que são fugas de um modo ocidentalizado, abraçando o intercultural.

Na obra do autor diplomata, há procedimentos interessantes de serem pensados ao longo de diversas narrativas que envolvem um olhar “externo” frente a um processo de/em trânsito. Em *Homem, Intentada Viagem*, o narrador homodiegético é testemunha da presença de Zé Oswaldo no Consulado, este homem “transfronteira” em viagens diversas, portanto, um viajante, mas também, de certo modo, um visitante do Consulado. Em *Grande Sertão: Veredas*, a narrativa se inicia com um travessão e abre o longo monólogo-diálogo de Riobaldo, narrador autodiegético que conversa por três dias com um visitante sobre suas várias fases e incertezas na vida – tendo Riobaldo sido professor, jagunço, líder, fazendeiro. Em *Meu tio o Iauaretê*, o narrador também autodiegético, e em modo monólogo-diálogo, conversa com um “cipruara”, isto é, com um visitante, ao narrar seu processo complexo – *inenarrável?* – de trânsito entre culturas as quais divergem entre si ao mesmo tempo em que convivem.

Em *As veredas completam 110 anos*⁶⁷, publicado em junho do ano de 2018, Francisco Costa, editor-chefe da *Revista USP*, dizendo que o faz para não ser visto como muito suspeito para falar de Rosa, lembra o texto de Antonio Medina Rodrigues, *Reflexões sobre a escrita no Brasil*, em que o já falecido estudioso tece uma série de elogios a escritores outros, como a Machado de Assis, mas condena a produção literária de Rosa. Medina aponta o caráter “anômalo” da dicção rosiana, o “apelo”. Medita afirma ainda que a obra de Guimarães Rosa deixou, na literatura brasileira, um “impasse aberto”.

Há de se concordar com todas as adjetivações. Posto que é um apelo à própria transfronteira que se faz na escrita de Rosa – seja em *Páramo*, relato de um afetado pelo *soroche* em uma cidade andina, seja na crônica *Homem, intentada viagem*, na qual escreve sobre Zeosvaldo, aquele que passou por Hamburgo, Trieste, Helsinque, Bordéus e Antuérpia, ou em

⁶⁶ VILELA, Soraia. A era das identidades. Entrevista à DW de Constantin von Barloewen. Deutsche Welle. <https://www.dw.com/pt-br/antrop%C3%B3logo-descreve-era-das-identidades-m%C3%BAltiplas/a-3721270> 2008

⁶⁷ COSTA, Francisco. *As veredas completam 110 anos*. São Paulo: Jornal da USP, 26/06/2018. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/as-veredas-completam-110-anos/>

Meu tio o Iauaretê, escrita anômala e aberta, cujo narrador se propõe a romper a linearidade dos processos de opressão Europa-América Latina sendo híbrido filho de Mar'Iara Maria, bugra, mas também branco, mestiço, Macuncôzo e onça, diz ele: *Eu-Toda parte*.

V - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tomo de empréstimo o trecho da conclusão de *O mundo desdobrável: ensaios para depois do fim* (2021), de Carola Saavendra, porque, assim como ela, “não acredito em conclusões, elas dão sempre a ilusão (reconfortante) de que chegamos a algum lugar. Quando melhor seria não contar com isso”. Gostaria, por outro lado, de lembrar e reforçar que o percurso desta tese, como dito na introdução, foi bastante sinuoso, como o caminho de *O Recado do Morro*, ou caudaloso como o Rio São Francisco e as memórias de Riobaldo e Diadorim. Produções acadêmicas sobre Goethe como um sertanejo, na citação de Rosa; Guimarães e sua biblioteca alemã, a construção de sua “Babel Sertaneja”⁶⁸ e de sua poética de “vocação intercultural e transnacional”⁶⁹, para lembrar apenas estas, foram revisões fundamentais que inclusive se situam temporal e conceitualmente em percep es mais contemporâneas da obra de Guimarães. Penso que a leitura da fortuna crítica perscrutando personagens estrangeiras na obra de Rosa, junto aos conceitos operatórios de migra o enquanto processo constitutivo da literatura, imprevisibilidade dos encontros, transcultura o narrativa e hibridismo, talvez bem se relacionem com a primeira epígrafe desta tese doutoral: “Toda terra é feita dessa gente que se move”.   no movimento que notamos e destacamos elementos da obra de Guimarães Rosa: movimento da linguagem, dos personagens, dos recados, do contato, do deslocamento espacial.

O capítulo seguinte iniciou como motiva o histórica e de memória e seguiu alimentando esta no o, tendo em vista as cria es, a tragicidade do narrador das crônicas frente ao cenário e mesmo o diálogo com o *Diário* que fora escrito durante a Segunda Guerra Mundial, o marco da Noite dos Cristais e a cronística de guerra do autor. Com isso *O Mau Humor de Wotan*, *A senhora dos segredos*, *A velha e Homem*, *Intentada Viagem* marcam mais que uma escrita em um período sensível   história alemã: marcam uma sensibilidade ao ler os contextos diversos de pessoas durante o nazismo; o espanto com o Consulado lotado de pessoas pedindo ajuda; uma leitura de mundo pouco dicot mica; uma admira o   gente que se move. Ainda, como pensou Glória Anzaldúa, para sobreviverem às fronteiras, precisaram “viver *sin fronteras*/ ser uma encruzilhada”. Este capítulo, portanto, tratou destes cruzamentos todos de vidas, textos e movimentos revelados no Diário e nas crônicas alemãs.

⁶⁸ ÁVILA, Aline Maria Magalhães de Oliveira. Babel sertaneja: personagens estrangeiras de Guimarães Rosa. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Ciências e Letras – Unesp, Araraquara, 2017.

⁶⁹ SCARPELLI, Marli Fantini. A fronteira transnacional do grande sertão rosiano. Revista V a atlântica, São Paulo, USP, n. 4, out, 2000.

Movimento, aliás, é motivo que nos guia no capítulo final de análise. Ao pensar a transfronteira no sertão mundo de Rosa, coube-nos antes perceber e mesmo defender um Guimarães Rosa em trânsito. Como escritor brasileiro que viveu o nazismo, e escreveu sobre, que viveu o Bogotazo, e escreveu durante, que se ironizou nos narradores, lê-lo como autor de enclave nos parece negar o movimento ao outro que a obra de Guimarães carrega e propõe: o interesse pela propensão à viagem, por desvelar aquilo que o automático da vida atropela e encobre, pelos mistérios que os idiomas guardam, pela novidade – e mesmo embate – que é o contato com o outro, pelo cósmico e pelo cosmopolita. Uma obra como *O recado do morro*, narrativa em que se inter cruzam viagens e em que os seres têm suas interpretações necessárias possibilitadas pelo espaço intercultural com o outro, assim, foi uma grata surpresa ao se revelar como recado de mundos espirituais outros possíveis. A umbanda como religiosidade que burla uma leitura de mundo estritamente ocidentalizante fortalece o entendimento da obra de Guimarães como tendo a complexidade como condição de puljança e de mescla. O morro se abre, assim, como recado de morte e de vida, estrada e festa, entre elementos como urubu, batuques, samba, sapateado, médium e tambor de guerra. Juntos, os recadeiros são excêntricos necessários ao caminho do recado. Narrativa em tom de coletividade, *O recado do morro* desierarquiza e pluraliza modos de saberes.

Radicalização deste movimento é a do sobrinho da onça verdadeira. *Meu Tio o Iauaretê* reforça o interesse de Rosa por idiomas e suas mesclas, sobre a inventividade que o português brasileiro e seus intercâmbios linguísticos e culturais possibilitam. O sobrinho de Jaguar Solar deglute identidades, fronteiras espaciais, fronteiras linguísticas; é/foi filho de homem branco, *mimbauamanhanaçara*, domesticador de animais; foi matador de onça, foi batizado por missionário, assassinava guiado pelos 7 pecados capitais; agora é/torna-se onça, macuncozo: é soma inconcluída de identidades em narrativa cujos espaços apresentados também marcam a confluência de biomas, de dialetos e de modos de estar no mundo. A narrativa-onça que ruge contra o colonialismo e suas limitações impostas, mesmo que o pai do sobrinho do jaguar (e o de todo mundo) seja o reforço dessas fronteiras, desfigura o Nome do Pai e se faz transfronteira, aberta, inspirada em todas as palavras possíveis.

Ao fim deste percurso, não posso deixar de pontuar que estudar conceitos, contextos e textos literários sobre vítimas das perversidades das negligências governamentais e explorações estruturais, as quais permitem e promovem vulnerabilização de grupos e de corpos, é parte de um projeto pessoal, profissional e político que faz entender que vereda significa mais que

caminho estreito, pois também é lugar de liberdade e resistência⁷⁰. Eu me sinto, como pesquisadora, também alguém que se fez um pouco encruzilhada nessa jornada, por exemplo ao ter que aprender alemão e que se viu estudando um pouco de tupi e nheengatu para dar o mergulho na obra de Guimarães Rosa ao qual eu me propus.

Por fim, esta tese de doutorado busca afirmar que a estética transfronteira se coloca como alternativa a limitações que cerceam linguagem, narrativa, imaginário, identidade. Que essencializam. Pensemos, para exemplificar, que o nazismo, quebra do contrato pressuposto entre os países do Norte Global, como doença do colonialismo, fora limitador e redutor do Outro. O colonialismo e suas facetas impuseram compartimentações, reduções e inferiorizações. Dito isto, a produção literária de Guimarães Rosa fez possível uma leitura que diz sobre o encontro entre o cósmico e o cosmopolita, com a convicção que se faz transfronteira, pelo *corpus* aqui em destaque, da Alemanha para-a-guerra das crônicas ao sertão mundo. São narrativas em que mundos possíveis estão em contato, com referências múltiplas mescladas entre idiomas, veredas, estradas, navio, viagens; em que se notam identidades híbridas, em trânsito. Isto é, expandindo espaços reduzidos e limitados, por meio de uma obra de encruzilhadas, de encontros inescapáveis, que se abre ao encantamento do diverso, que é transfronteira.

Para ler Rosa, tomei a liberdade de, em um movimento lateral de leitura, fazer também um omelete ecumênico de teorias e conceituações que se fizeram com leituras de distintos. Teóricas e teóricos como Josefina Ludmer, Néstor Canclini, Davi Kopenawa, Lélia Gonzalez, Édouard Glissant foram fundamentais para seguirmos trançando entre os diversos, como modo de política de vida, com um trabalho como conjunto, não necessariamente um *per se* de análises. Em minha defesa, a motivação se dá pela obra de Guimarães Rosa, que é recado que viaja e dança, quando faz de uma festa do Rosário, em *Corpo de Baile*, que é um encontro dos distintos em horizontal; que é rugido de jaguara⁷¹, à medida que toma este animal que representa a América Latina, como bem nota a pernambucana Micheliny Verunschik, autora de *O som do Rugido da onça* (2020), e nos marca com um rasgo inconfundível. Permito-me a deixar essa conclusão – termo que desgosto –, perpassando as questões centrais desta tese como possibilidades de bases de uso para travessias outras, futuras, minhas ou de outrem. Pois parece-

⁷⁰ <https://www.caa.org.br/biblioteca/noticia/a-luta-dos-veredeiros-para-manter-as-veredas-vivas>

⁷¹ “Foi aí que jaguara deu seu rugido, e o som do rugido da onça se multiplicou por tudo que é lado, e ninguém sabia dizer que evento era aquele e de onde tinha vindo aquele atroado tão cheio de ferocidade rimbombando por todos os cantos” VERUNSCHK, Micheliny. **O som do rugido da onça**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

nos, afinal, que o modo transfronteira das narrativas de Rosa diz sobre mundos possíveis, por vir, e sobre rasgos necessários.

REFERÊNCIAS CÓSMICAS E COSMOPOLITAS

DO AUTOR

ROSA, João Guimarães. **A senhora dos segredos**. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 6 dez. 1952.

ROSA, João Guimarães. **A velha**. O Globo, Rio de Janeiro, 3 jun. 1961.

ROSA, João Guimarães. **Ave, Palavra**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora: 1ª Edição, 1970.

ROSA, João Guimarães. **Ave, palavra**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

ROSA, João Guimarães. **Estas Estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. FICÇÃO COMPLETA EM DOIS VOLUMES VOLUME II. EDITORA NOVA AGUILAR, 1994.

ROSA, João Guimarães. **Homem, intentada viagem**. Rio de Janeiro, O Globo, 18 fev. 1961. (Publ. em Ave, Palavra).

ROSA, João Guimarães. **João Guimarães Rosa**: correspondência com seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

ROSA, João Guimarães. **Literatura e vida**. Arte em revista, ano I, 2: 5-17, São Paulo, maio/agosto 1979.

ROSA, João Guimarães. Meu Tio o Iauaretê. IN: ROSA, João Guimarães. **Estas Estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

ROSA, João Guimarães. **No Urubuquauá, no Pinhém (Corpo de Baile)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

ROSA, João Guimarães. **O mau humor de Wotan**. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 29 fev. 1948.

ROSA, João Guimarães. O recado do Morro. IN: ROSA, João Guimarães. **No Urubuquauá, no pinhém** (Corpo de Baile). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

ROSA, João Guimarães. **Sagarana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

ROSA, João Guimarães. **Tutaméia** (Terceiras estórias). 8 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

REFERÊNCIAS TEÓRICAS E LITERÁRIAS

AGAMBEN, Giorgio. **A comunidade que vem**. Tradução e notas Cláudio Oliveira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém**. Tradução José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural**. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2003.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Edusp, 4ª edição 8ª reimpressão, 2019.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. **Metafísicas Canibais: elementos para uma antropologia pós-estrutural**. São Paulo: Cosac Naify, 1ª ed., 2015.

COSTA, Mauro Gomes da. Os povos indígenas e as Missões Salesianas do Amazonas: as disputas de poder, as estratégias civilizatórias e a autodeterminação indígena. **Tellus**, ano 14, n. 26, p. 49-74, Campo Grande, MS, 2014.

COTA, Débora. **Em “trânsito”**: incursões pela crítica de Josefina Ludmer. XI Congresso Internacional da ABRALIC Tessituras, Interações, Convergências 13 a 17 de julho de 2008 USP – São Paulo, Brasil. Disponível em: https://abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/043/DEBORA_COTA.pdf
f Acesso em: 24 de março de 2020.

DAMATO, Diva Barbaro. **Edouard Glissant: poética e política**. São Paulo: ANNABLUME (FFLCH), 1995.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Kafka: por uma literatura menor**. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Lisboa: As-sírio & Alvim, 2002

FERRÉ-PAVIA, Carme, MENEGUELLI, Gisella, MONTEIRO, Esmeralda. Entrevista com Néstor García Canclini. **Revista Cadernos de Estudos Sociais e Políticos**, v.4, n.8, jul-dezembro 2015.

GINZBURG, Natália. **Todos os Nossos Ontens**. Tradução de Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

GINZBURG, Jaime. Guimarães Rosa e o terror total. IN: BURNS, Tom, Elcio Cornelsen (eds.): **Literatura e Guerra**, Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

GLISSANT, Edouard. **El discurso antillano**. Caracas: Monte Ávila Editores Latinoamericana, 2002.

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade** (tradução de Enilce Albergaria Rocha). Juiz de Fora: UFJF, 2005.

GLISSANT, Édouard. **Poética da Relação**. Portugal: Porto Editora, 2011.

GLISSANT, Édouard. **Poética da Relação**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

GLISSANT, Édouard. Propos recueillis par D. Laferrière. Étincelles. Montréal, abr./mai., 1983, apud DAMATO, D. B. **Édouard Glissant: Poética e Política**, op. cit.

GNISCI, Armando. A Literatura Mundial como futuro da Literatura Comparada. **E-escrita Revista do Curso de Letras da UNIABEU Nilópolis**, v. I, Número2, Mai. -Ago. 2010.

LUDMER, Josefina. **Josefina Ludmer: “algumas ‘nuevas escrituras’ borran fronteras”**, entrevista a Susana Haydu. La biblioteca, 2006, p. 26-31.

LUDMER, Josefina. **Literaturas pós-autônomas**. Desterro: Sopro, 2010, p. 1-4.

MIGNOLO, Walter. **Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política**. Cadernos de Letras da UFF. Dossiê Literatura, língua e identidade, nº 34, p. 287-324, 2008.

NAVARRO, Eduardo de Almeida. **Curso de Língua Geral (Nheengatu ou tupi moderno): A língua das origens da civilização amazônica**. Prefácio de D. Edson Damian. São Bernardo do Campo: Paym, 2011.

[https://tupi.fflch.usp.br/sites/tupi.fflch.usp.br/files/CURSO%20DE%20L%C3%8DNGUA%20GERAL%20\(NHEENGATU\).pdf](https://tupi.fflch.usp.br/sites/tupi.fflch.usp.br/files/CURSO%20DE%20L%C3%8DNGUA%20GERAL%20(NHEENGATU).pdf)

OLIVEIRA, Maria Rosa Duarte. **Agamben, Glissant, Zumthor: Voz. Pensamento. Linguagem**, 2015.

PINTO, Altair (Org.) **Dicionário da Umbanda**. Editora Eco, 2007.

<https://ticun.files.wordpress.com/2015/09/dicionacc81rio-da-umbanda-altair-pinto.pdf>

RAMA, Ángel. **Dez mestres da narrativa latino-americana**. Seleção, Introdução e Estudos Críticos de Ángel Rama. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

RAMA, Ángel. **Transculturación narrativa en América Latina**. 1ª Edición, Siglo XXI: México, 1984.

RAMA, Ángel. **Transculturación narrativa en América Latina**. - 2ª ed. Buenos Aires: Ediciones El Andariego, 2008.

RAMOS, Luiz Felipe Gondin. **Tribunal militar internacional de Nuremberg: análise histórica e legado jurídico**. Florianópolis: UFSC, 2009.

REZENDE, Maria Valéria e MENEZES, Roberto. **Conversa de Jardim**. Belo Horizonte: Editora Moinhos, 2018.

ROCHA, Enilce do Carmo Albergaria. A utopia da diversidade nas escritas de Édouard Glissant e Mia Couto.

SAAVEDRA, Carola. **O mundo desdobrável**: ensaios para depois do fim. Belo Horizonte: Relicário, 2021.

SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio. In: SAID, Edward. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p.46-60.

SAID, Edward. **Representações do intelectual**: as Conferências Reith de 1993. Tradução: Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: **Uma Literatura nos Trópicos**: ensaios sobre dependência cultural. São Paulo: Perspectiva, 1978, p. 18.

SANTIAGO, Silviano. **Genealogia da ferocidade**: ensaio sobre Grande sertão: veredas, de Guimarães Rosa. Recife: Cepe, 2017.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Para uma sociologia das emergências**. Lisboa: Jornal de Letras, Artes e Ideias, 19 de julho a 1 de agosto de 2017. Disponível em: http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/Para%20uma%20sociologia%20das%20emerg%C3%Aancias_JL_19Julho2017.pdf. Acesso em 11 de Novembro de 2019.

SANTOS, Luis Carlos Ferreira dos. **O poder de matar e a recusa em morrer**: Filopoética afrodiaspórica como Arquipélago de libertação. Salvador: UFBA, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/30575/1/TesedeDoutoradoLuisCarlosFerreira.pdf>. Acesso em 11 de Nov. de 2019.

SANTOS, Luis Carlos Ferreira; OLIVEIRA, Eduardo David. Filopoética em Édouard Glissant: o criador de imaginários no mar em deriva opaca. **Anais do Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros: (Re)existência Intelectual Negra e Ancestral**. 18 anos de enfrentamento. Uberlândia - MG, 12 a 17 de Outubro de 2018.

SCARZANELLA, Eugenia; SCHPUN, Mônica Raisa. **Sin fronteras**: encuentros de mujeres y hombres entre América Latina y Europa (siglos XIX-XX). Iberoamericana Editorial Vervuert, S.L.; Edição: 1 (1 de dezembro de 2008)

SIMAS, de Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. **Encantamento**: sobre política de vida. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2020.

SPIEGELMAN, Art. **Maus**: a história de um sobrevivente. Tradução Antônio de Macedo Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

VERUNSCHK, Micheliney. **O som do rugido da onça**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

VIEL, Ricardo. **Sobre a ficção**: conversas com romancistas. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

VONNEGUT, Kurt. **Matadouro 5**. Porto Alegre: L&PM, 2005.

WELLEK, René; WARREN, Austin. **Teoria da literatura e metodologia dos estudos literários**. Tradução Luís Carlos Borges. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (Coleção “Leitura e Crítica”)

ZILBERMAN, Regina. **Vivemos em tempos de guerra**. Zero Hora. Caderno Cultura. 22 out. 2011.

FORTUNA CRÍTICA E HEMEROGRÁFICA DO AUTOR

ARAÚJO, Heloísa Vilhena. **Guimarães Rosa: Diplomata**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2007. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/al000177.pdf> Acesso em: 25 de março de 2020.

ÁVILA, Aline Maria Magalhães de Oliveira. **Babel sertaneja: personagens estrangeiras de Guimarães Rosa**. 2017. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras – Unesp, Araraquara, 2017. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/152399>. Acesso em 20. Fev. 2019.

BARBOSA, Waldete Freitas. **A face do caos: a crônica de guerra em Guimarães Rosa**. 2011. 122 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Belém, 2011. Programa de Pós-Graduação em Letras. Disponível em: <<http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/9450>>. Acesso em: 15 de outubro de 2018.

BARBOSA, Waldete Freitas. **A face do caos: Guimarães Rosa e a Segunda Guerra Mundial**. **Anais XIV Abralic**. Belém: Universidade Federal do Pará. 2014. Disponível em: <https://silo.tips/download/a-face-do-caos-guimaraes-rosa-e-a-segunda-guerra-mundial>. Acesso em: 20 de Dezembro de 2018.

BARBOSA, Waldete Freitas. **Guimarães Rosa, cronista de guerra**. Londrina. Estação Literária, v.11, jul. 2013.

BONOMO, Daniel R. **A biblioteca alemã de João Guimarães Rosa**. *Pandaemonium germanicum* 16/2010.2, p. 155-183 – Disponível em: www.fflch.usp.br/dlm/alemao/pandaemoniumgermanicum Acesso em: 25 Fev. 2019.

CAMPOS, Haroldo de. **Depoimentos sobre João Guimarães Rosa e sua obra**. Rio de Janeiro. Nova Fronteira: 2011.

CAMPOS, Haroldo de. **Metalinguagem e outras metas**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

CAMPOS, Maria C. C. **João Guimarães Rosa 40 anos de encantamento**. Tópicos Cadernos Brasil-Alemanha, Berlim-Alemanha, p. 40 - 41, 01 jun. 2008.

COUTINHO, Eduardo de Faria (org.) **Guimarães Rosa**, Civilização Brasileira, Rio 1983.

DECOL, René Daniel. **Aracy Guimaraes Rosa**. Digestivo Cultural, Ensaios, 07 mai. 2007. Disponível em:

http://www.digestivocultural.com/ensaios/ensaio.asp?codigo=207&titulo=Aracy_Guimaraes_Rosa. Acesso em 27 de junho de 2020.

ESCALLÓN, Bairon Oswaldo Vélez. **Guimarães Rosa e o Bogotazo**. Revista Luanda. UFSC, 2012.

ESCALLÓN, Bairon Oswaldo Vélez. **Meu tio o yavaratê** – à margem da estória. Lit. teor. hist. crit. vol.16 no.1 Bogotá Jan./June 2014.

ESCALLÓN, Bairon Oswaldo Vélez. **O Páramo é do tamanho do mundo**: Guimarães Rosa, Bogotá, Iauaretê. Tese (Doutorado em Curso de Pós-graduação em Literatura) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.

GROKE, Henrique de Toledo. Édouard Glissant e João Guimarães Rosa: encontro de escritas, linhas de fuga. **Cadernos de Letras da UFF**, v. 22, n. 45, 2012 p. 255-282

JACOBSEN, Adriana e VILELA, Soraia. Guimarães Rosa na Alemanha: outro sertão. **Cadernos de Literatura Brasileira**. São Paulo: IMS, 2006.

LORENZ, G. **Diálogo com a América Latina**: panorama de uma literatura do futuro. Tradução de Rosemary Costhek Abílio e Fredy de Souza Rodrigues. São Paulo, EPU, 1973.

LORENZ, Günter. **Diálogo com Guimarães Rosa**. In: COUTINHO, Eduardo F. (org.). Guimarães Rosa. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1983. (Fortuna crítica, 6).

MACHADO, Ana M. **O recado do nome**: leitura de Guimarães Rosa à luz do Nome de seus personagens. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2013.

MENEZES, Roniere. **Poética e diplomacia em João Cabral e Guimarães Rosa**. XI Congresso Internacional da ABRALIC: Tessituras, Interações, Convergências. São Paulo: USP, 2008.

MORAES, Anita Martins Rodrigues de. **Águas a lume de lua**: uma reflexão sobre os alternativos modos de ver e dizer o mundo na ficção rosiana. XI Congresso Internacional da ABRALIC. Tessituras, Interações, Convergências. São Paulo: USP, 2008. Disponível em: https://abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/037/ANITA_MORAES.pdf

OLIVEIRA, Maria Rosa Duarte de. **A viagem em Guimarães Rosa**: espaços nômandes entre identidade e alteridade. Brasília. Revista Cerrados, v. 17, n. 25, 2008.

OTTE, Georg. **Entre Goethe e Hitler**: o Diário de guerra de João Guimarães Rosa. Belo Horizonte: O Eixo e a Roda, v. 27, n. 3, p. 135-150, 2018

OTTE, Georg. **O "Diário de Guerra" de João Guimarães Rosa**. Suplemento Literário Minas Gerais, n. Especial Guimarães Rosa, 5/2006 p. 34-35

PORTO, Renan Nery. **Políticas de Riobaldo**: a justiça jagunça e suas máquinas de guerra. 2019. 90 f. Dissertação (Mestrado em Direito Civil Constitucional; Direito da Cidade; Direito

Internacional e Integração Econômica; Direi) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

PORTO, Renan Nery. **Políticas de Riobaldo - a justiça jagunça e suas máquinas de guerra**. Recife: CEPE, 2021.

REICHEL, Peter. **Briefwechsel zur Nationalhymne der Bundesrepublik Deutschland, 1952 / 1991**. Disponível em: https://www.1000dokumente.de/pdf/dok_0255_hym_de.pdf Acesso em 10 de junho de 2020.

RIBEIRO, João R. de Souza. **Ofício de repatriação de José Oswaldo**. Hamburgo, 12 de maio de 1939. Rio de Janeiro: Arquivo do Itamaraty.

SANTIAGO, Silviano. **Genealogia da ferocidade**. Pernambuco: CEPE, 2017

SANTOS, Herbert Nunes de Almeida. **De Angel Rama a João Guimarães Rosa, la transculturación narrativa en la literatura brasileña: una análisis del cueto Famigerado**". 2007. Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2007. Disponível em: <http://www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/435> Acesso em 20 de dezembro de 2018.

SCARPELLI, Marli Fantini. A fronteira transnacional do grande sertão rosiano. **Revista Via atlântica**, São Paulo, USP, n. 4, out, 2000.

SCARPELLI, Maria Fantini. **Guimarães Rosa no 50º de Grande Sertão: Veredas**. Belo Horizonte: O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira. ISSN 0102-4809 (impresa) / ISSN 2358-9787 (eletrônica), 2006.

SILVA, Gustavo Castro; MARINHO, Marcelo. **Espiritualidade afro-brasileira em O recado do Morro, de Guimarães Rosa: imaginário e glossário da Umbanda**. 2020

MACABÉA – **Revista Eletrônica do Netlli** | V.10., N.2., JAN.-MAR. 2021, p. 33-53. Disponível em: <http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/MacREN/article/view/2796> Acesso em 01 de janeiro de 2022.

SCHER PEREIRA, M. L. (2019). **O Exílio em “Páramo” de Guimarães Rosa: Dilaceramento e Superação**. *Psicanálise & Barroco Em Revista*, 5(1), 7–21. <https://doi.org/10.9789/1679-9887.2007.v5i1.7-21>

SOETHE, Paulo Astor. **A imagem da Alemanha em Guimarães Rosa como retrato auto-irônico**. Belo Horizonte: Scripta, 2005. v.9. n.17.

SOETHE, Paulo Astor. **Ethos, corpo e entorno: sentido ético da conformação do espaço em 'Der Zauberberg' e 'Grande sertão: veredas'**. São Paulo: USP. 1999.

SOETHE, Paulo Astor. **Goethe war ein sertanejo: das selbstreflexive Deutschland-Bild Guimarães Rosas**. In: *Wechselseitige Perzeptionen: Deutschland – Lateinamerika im 20. Jahrhundert*. Frankfurt am Main: Vervuert, 2007.

SOUSA, Roberta da Costa de. O Diário de Guimarães Rosa: visões da Alemanha Nazista. **GARRAFA**. v. 16, n. 45, Jul-Set 2018. “O Diário de Guimarães Rosa...”, p. 245 – 251.

DOCUMENTOS, JORNAIS, REVISTAS E OUTRAS MÍDIAS

BRASIL. **Almanaque do pessoal para 1940 até 31 de dezembro de 1939**. Rio de Janeiro: Rodrigues & Cia, 1940.

BRAVO! São Paulo, n. 126, fev. 2008, p. 28-39.

CARELLI, Vicent. (Direção). **Iauaretê, a cachoeira das onças**. (Doc.). Realização Vídeo nas Aldeias, 2006. Disponível em: <http://www.isuma.tv/video-nas-aldeias/iauaret%C3%AA-port>

COSTA, Francisco. **As veredas completam 110 anos**. São Paulo: Jornal da USP, 26/06/2018. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/as-veredas-completam-110-anos/>

DEUTSCHE WELLE. **Alemanha acima de tudo, um verso e um passado sombrio**. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/alemanha-acima-de-tudo-um-verso-e-um-passado-sombrio/a-46002358> Acesso em: 18 e maio de 2020.

DEUTSCHE WELLE. **DAAD premia germanista brasileiro Paulo Soethe**. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/daad-premia-germanista-brasileiro-paulo-soethe/a-18648230> Acesso em: 20 de maio de 2020.

GALVÃO, Walnice Nogueira. **O outro sertão de Guimarães Rosa**. Jornal GGN, 26/04/2018. Disponível em: <https://jornalggn.com.br/noticia/o-outro-sertao-de-guimaraes-rosa-por-walnice-nogueira-galvao>. Acesso em: 02 de nov de 2019.

HAAG, Carlos. *The War of the Rosas*. Pesquisa Fapesp, 2011. Disponível em: <http://revistapesquisa.fapesp.br/en/2011/11/11/a-guerra-dos-rosas-2/> Acesso em: 03 de nov de 2019.

Hamburg Magazin. **Das Tor zur Welt – Wahrzeichen Hamburger Hafen**. 18.02.2020. Disponível em: <https://www.hamburg-magazin.de/artikel/hamburger-hafen-das-tor-zur-welt> Acesso em 20 de jul de 2020.

JACOBSEN, Adriana; VILELA, Soraia. (Direção). **Outro sertão** (doc.). Brasil, 2013, 73 min.

JENTZSCH, Cornelia. **Lyrischer Dialog zwischen Ost und West**. 2020. https://www.deutschlandfunk.de/von-goethe-inspirierter-neuer-divan-lyrischer-dialog.700.de.html?dram:article_id=468941

PEIXOTO, Mariana. **Leia trechos dos 'Diários de guerra', manuscrito de Guimarães Rosa**: Única cópia pública dos escritos do autor de 'Grande sertão: veredas' durante a Segunda Guerra Mundial está disponível para consulta na UFMG. PORTAL UAI, 24 de fev de 2019. Disponível em: <https://www.uai.com.br/app/noticia/artes-e-livros/2019/02/24/noticias-artes-e-livros,242079/leia-trechos-dos-diaros-de-guerra-manuscrito-de-guimaraes-rosa.shtml> Acesso em 22 de mar de 2020.

RUSHDIE, Saldman. **Não há fronteiras na literatura.** Fronteiras do Pensamento. Disponível em: <https://www.fronteiras.com/videos/nao-ha-fronteiras-na-literatura>. Acesso em 29. mar de 2020.

VILELA, Soraia. A era das identidades. Entrevista à DW de Constantin von Barloewen. Deutsche Welle. <https://www.dw.com/pt-br/antrop%C3%B3logo-descreve-era-das-identidades-m%C3%BAltiplas/a-3721270> 2008

APÊNDICES

ANHÄNGE

APÊNDICE A. BIOGRAFIAS DAS PESSOAS ENTREVISTADAS⁷²

Biografien der interviewten Personen

Adriana Guimarães Jacobsen é realizadora audiovisual e pesquisadora formada em letras pela Universidade Federal do Espírito Santo. Graduada em Ciências da comunicação, é mestre em Comunicação social pela Universidade Livre de Berlim. Foi pesquisadora pela Universidade Federal do Paraná, em cotutela, com a Universidade Livre de Berlim. Vive e trabalha como editora de imagens entre o Brasil e a Alemanha, em Berlim. Apesar do sobrenome, não tem nenhuma relação de parentesco com Rosa. Junto a Soraia Vilela, dirigiu *Outro Sertão* (2013).

Adriana Guimarães Jacobsen ist eine audiovisuelle Regisseurin und Forscherin mit einem Abschluss in Sprachen und Literatur von der Federal University of Espírito Santo. Sie hat einen Abschluss in Kommunikationswissenschaften, einen Master in Sozialer Kommunikation der Freien Universität Berlin. Sie war wissenschaftliche Mitarbeiterin an der Bundesuniversität Paraná, in co-tutella, mit der Freien Universität Berlin. Lebt und arbeitet als Bildredakteurin zwischen Brasilien und Deutschland, in Berlin. Trotz ihres Nachnamens hat sie keine Verwandtschaft mit Rosa. Zusammen mit Soraia Vilela führte sie Regie bei *Outro Sertão* (2013).

Detlev Heubel é dançarino profissional junto a Christine Heubel, em Hamburgo, na Alemanha. É filho de Hans-Helmut Heubel e Márion Madsen Heubel, casal protagonista da crônica *O Mau Humor de Wotan*, publicada inicialmente em 1948. Gentilmente, cedeu-me fotografias da família, tradução do conto em alemão e participou como convidado do seminário II da Universidade de Hamburgo *In(ter)dependência*⁷³, no semestre de inverno 2021/2022, em aula seguinte após minhas conduções de debates sobre as crônicas alemãs de Guimarães Rosa.

⁷² A conversa com Adriana Jacobsen ocorreu em 01 de Outubro de 2021. A conversa com Detlev Heubel ocorreu em 17 de janeiro de 2021.

⁷³ Disciplina ministrada pelo Prof. Dr. Markus Schäffauer. Arquivo virtual: <https://www.stine.uni-hamburg.de/scripts/mgrqispi.dll?APPNAME=CampusNet&PRGNAME=COURSEDETAILS&ARGUMENTS=-N000000000000001,-N000650,-N0,-N379595355991529,-N379595355910530,-N0,-N0,-N0>

Detlev Heubel ist professioneller Tänzer, Partner von Christine Heubel, in Hamburg, Deutschland. Er ist der Sohn von Hans-Helmut Heubel und Márion Madsen Heubel, dem Protagonistenehepaar der erstmals 1948 erschienenen Chronik *O Mau Humor de Wotan*. Er hat mir freundlicherweise Fotos der Familie und eine Übersetzung der Erzählung ins Deutsche zur Verfügung gestellt und daran teilgenommen als Gast im Seminar II an der Universität Hamburg *In(ter)dependence*, im Wintersemester 2021/2022, im Unterricht nach meinen Debatten über die Deutschen Chronik von Guimarães Rosa.

APÊNDICE B. ENTREVISTAS (Perguntas gerais)**Interviewtranskripte**

1. Considerando as leituras das chamadas crônicas alemãs de Guimarães, pode-se dizer que os elementos que ligam os contos à cidade de Hamburgo, na Alemanha, são claramente reconhecíveis? Além disso, você acha que as relações nos textos são claras em relação ao período em que Guimarães Rosa esteve na Alemanha?

1. Lässt sich angesichts der erwähnten Lektüre der sogenannten deutschen Erzählungen von Guimarães sagen, dass Elemente, die die Geschichten mit der Stadt Hamburg verbinden, gut erkennbar sind? Glauben Sie außerdem, dass die Beziehungen in den Texten in Bezug auf die Zeit, als Guimarães Rosa in Deutschland war, zwischen 1938 und 1942, klar sind?

2. Tendo em vista o documentário "Outro Sertão", sobre os anos de 1938-1942 de atuação de Rosa na cidade, quão significativo lhe parece o período em que João Guimarães Rosa esteve em Hamburgo como vice-cônsul para a escrita das crônicas "A Velha", "A Senhora dos Segredos", "O Mau Humor de Wotan" e "Homem, Intentada Viagem"?

2. Für wie bedeutsam halten Sie angesichts des Dokumentarfilms „Outro Sertão“ über die Jahre 1938-1942 von Rosas Wirken in der Stadt die Zeit, als João Guimarães Rosa Vizekonsul in Hamburg für das Verfassen deutscher Chroniken war? („A Velha“, „A senhora dos segredos“, „O Mau Humor de Wotan“ und „Homem, Intentada Viagem“)

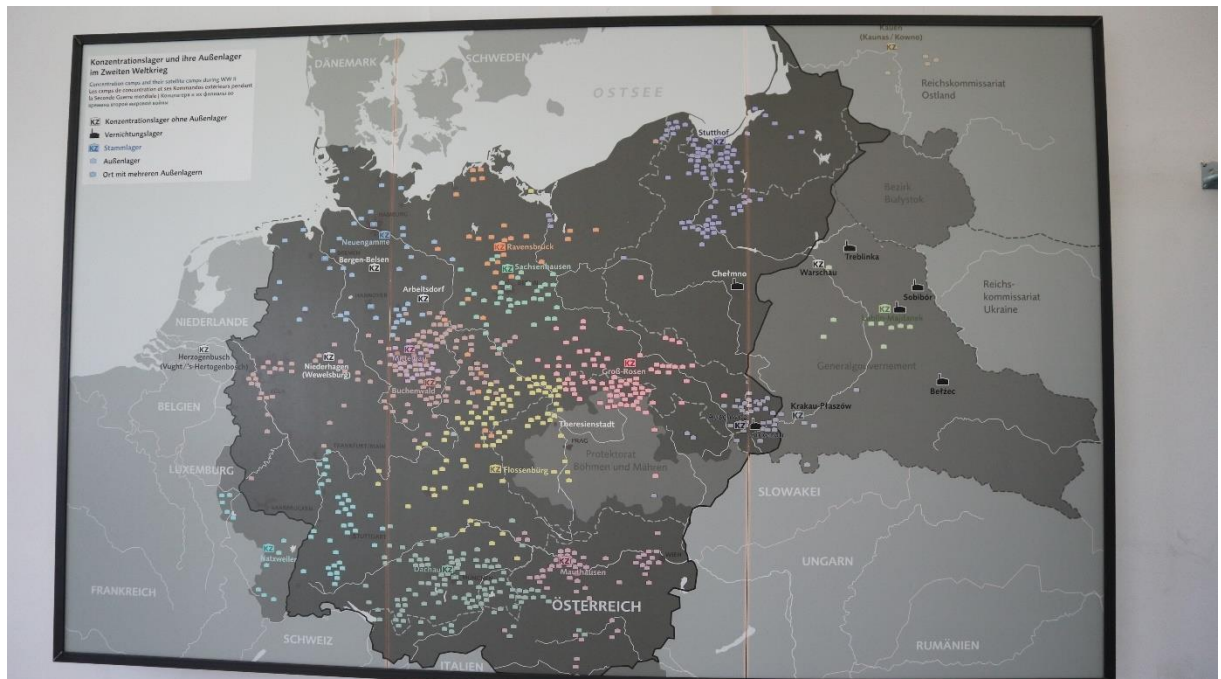
APÊNDICE C. IMAGENS DE NEUENGAMME, CAMPO DE TRABALHO FORÇADO DE HAMBURGO – ARQUIVO PESSOAL (JAN. 2022)

Bilder des KZ Neuengamme, Hamburg – Personenarchiv (Jan. 2022)

Localização do KZ (Konzentrationslager – Campo de Concentração) de Neuengamme, em Hamburgo



Campos de Trabalho forçado e suas extensões durante a Segunda Guerra Mundial



Entrada principal do KZ Neuengamme



Fornalha outrora utilizada para trabalho forçado dos prisioneiros



Na entrada principal do KZ, escultura Der sterbende Häftling (O Prisioneiro Morrendo) da artista francesa Françoise Salmon.



Sala com listas dos nomes de pessoas aprisionadas no Campo de Neuengamme



APÊNDICE D. HOMEM, INTENTADA VIAGEM. Tradução livre para o alemão.

Mann beabsichtigte Reise (Text von Guimarães Rosa ins Deutsche übersetzt)

Mann, beabsichtigte Reise

Zum Beispiel: José Osvaldo.

Wer war ein Brasilianer, a-historisch und hilflos, in den Zeiten von 39 oder 38, durchstriefte Europa in Richtung Krieg, hissid des Aufruhrs. Kam nach Hamburg. Eine Mitteilung unseres Konsuls in Wien brachte ihm: „Er hat weder Pass noch Personalausweis und sagt, er sei bereits zweimal von diesem Generalkonsulat repatriiert worden. Es muss dort irgendein Papier geben, das sich auf ihn bezieht.“

Und in der Tat: Es ist möglich, dass er sich zum dritten Mal in den kleinen drei Jahren hier im Ausland wiedersah und in größtem Mitleid darauf rechnete, dass wir ihn wieder nach Hause schicken würden. Veteran, enormer Veteran, so etwas ganz anderes. Er war rot, klein, würde in die Dreißiger gehen. Der gutaussehende, willkommene, ohne Narrenblick, ohne Gefühl für seine Lage, eher ganz ungestört bleiben. Es wurde in frischer Gelassenheit durchgeführt, eine Ruhe ausstrahlend, sehr angestrengt, sehr korrekt. Manchen kam es uns wie aus dem Norden vor, anderen ein bisschen aus Minas Gerais; naja irgendwie. Darüber und über mehr sprach er vorerst nicht. Der letzte Pfennig, den ihm Moreira da Silva in Wien geschenkt hatte, war weg, in seiner Tasche kein Pfennig. Allerdings trug er saubere Kleidung, nicht unerklärlicherweise zerknittert, und sogar mit einer Blume auf der Brust, einer dieser halbtrockenen, halbgrünen Blumen. Ein gutlumpt, ein reicher Teufel. Aber, lil, lilil, beim Evangelium, fast lilienhaft wie die Lilien auf dem Feld, es war fröhlich.

Es war notwendig, in konsularischen Behörden die Reise zu leiten, am Freitag von dem nach Brasilien abfliegenden Linienschiff Hamburg-Süd in den Genuss des „Päckchen-Perks“ und dann mit der Regel, Rückkehrer zu fahren. Es musste nur nach dem Ticket gefragt werden. Es war jedoch Anfang der Woche, und José Osvaldo musste vier Tage warten. Mit dem Mindestbetrag, den er für Essen und Unterkunft in einer Herberge erhielt, leistete er sich selbst eine großartige Hilfe. Er hielt sich inmitten von Problemen nicht auf.

Während dieser Zeit versäumte er es nicht, so viel wie möglich im Konsulat zu verbringen – von der Eröffnung bis zur Schließung – es war gut, einen Reisenden ohne Neugier zu sehen. Er würde auf der Bank im Gesellschaftsabteil neben dem Tresen erscheinen, der den großen Raum trennte, in dem die Hilfskräfte arbeiteten. Er sah sie an, ruhig, manchmal

schelmisch, mit ernstem Lächeln. Er sprach keine Sprache, fastete auf alles. Seine Flüssigkeit, neutral, störte nicht. Er verkehrte dort, als ob er statt auf dem Land vor der Tür einer Drogerie stünde: Sein Aussehen und seine Haltung strafte die krummen Linien seines Verfahrens Lügen. Es wäre nicht verrückt, außer dem grundlegenden und normalen menschlichen Wahnsinn, dem metaphysisch so genannten. Es wäre in der Tat lohnend, den virtuellen Grad seiner Alloprabilität zu kennen. Die Menschen haben keine Ahnung, wie man unter den Verstrickungen des Lebens vielleicht allein ist und immer versucht, in den persönlichen Groove des eigenen Schicksals zu geraten, das natürlich vertuscht wird; und wenn es sich zufällig für eine kurze und geringfügige Strecke zeigt, dann verwirrt, weil es grundlos absurd und unvernünftig erscheint. Es sollte gesehen werden. Tatsächlich öffnen uns hier nur seltene Reinfälle ein wenig die Augen.

Dies ist insbesondere der Fall von Zé Osvaldo. Es heißt nicht, dass er eine Wandertmann war, aus einer Laune der Landstreicherei und einer Gewohnheit der Unwirklichkeit geneigt er zu den Formen des Abenteuers. Ein anderer ist seine Berühmtheit und sein Motivkreis: einem unbedingten Kurs unterworfen, dem Nahen einer anderen Zeit, einem Projekt der Weite und mehr als man denkt; Zweck der Natur – seinem Wort zu glauben. Und würdest du es wissen? Ohne Wirkung, was wissen wir wirklich über uns selbst? Er hatte auch nicht die Absicht, sich richtig für falsch zu erklären, wenn er dort einige Fragen beantwortete, zwischen Linse und Klinge zusah, auf der Bank saß und nichts tat. Gewöhnlich wie ein Dienstag, optimistisch wie ein Zaunpfahl, lächelnd wie ein Ochse in Ägypten, wehrlos wie ein einzelner Wassertropfen, unerinnert wie ein Spiegel.

Es war Arbeit, seine Fußspuren nachzuverfolgen.

Seine Stadt, der Fluss. Er hatte niemanden. Er hatte das Ding, das ihm immer wieder kam, so oft: das Bedürfnis wegzugehen und weiterzugehen, sich zu exportieren, sich zu verausgaben, ohne Ziel, auf die Dauer an die vorletzten Ufer. Nur nicht der einfache Wunsch, dem Normalen, dem logischen Spiel zu entfliehen, Sorgfalt zu verbreiten, eine praktische Art des Schimärens. Doch was zunächst wie eine friedliche Forderung aussah, wurde zu einer enormen Energie der Richtung, Zukunft, Distanzwille

— der Raumbunger der Ersticken. Dann würde er auf ein Schiff steigen, das hatte er schon oft getan. Er war sein ganzes Leben lang nach Europa zurückgekehrt: Er war in Hamburg, Triest, Helsinki, Bordeaux und Antwerpen repatriert worden. Er ging willkürlich mit, wie so viele andere seiner abstrakten Rasse, innerlich gerufen, um der Niederlage zu folgen, ohne Kenntnis von seinem Geheimen.

Zuerst hatte er sich ohne jede Formalität als Schiffсарbeiter auf griechischen oder panamaischen Dampfern engagiert, als Außenstehender reisend. Aber er war ein Wesen, das mit der Erde gefangen war, auf dem Trockenen, Nichtsegler, er hatte nicht einmal ein Tattoo. Sie landeten in einem fernen Hafen, er entkam. Jetzt hat er sich endlich gar nicht mehr gemeldet: er ist an Bord gegangen, heimlich grinsend, mit mathematischer Genauigkeit, ohne das oder das, man will, was man will, man drang ein. Das Meer war nur sein Fortbewegungsmittel, sein unsicheres Instrument, eine pochende Entfernung. Das Meer, das weit weg ist. Er war immer von der anderen Seite.

Seinen Landkünsten waren keine Wunder zu entnehmen, der Stoff arabischer Märchen. Nur — die offene Lizenz, Abstinenz und Percurrence, das Wenden, das Wandern, um zu sehen. Immer zu anderen Ultras, für Ligen: itiv und latitudinär, paragyn, in der missverstandenen Reise, durch und durch. Bis du ein für alle Mal aufgibst und dich unglücklich machst und eine Naht machst. Dort würde er zu einem Konsulat gehen, den Sicherheitsdienst benutzen, sie würden ihn repatriieren.

Vage, lebendig Zé Osvaldo, zwischen welchen verwirrten, im Schatten liegenden Kräften vermittelte, schwerwiegende Ursachen? Er erzählte uns die aufeinanderfolgenden Episoden dessen, was er ihm gegeben hatte, von enormen Turlupinationen und Straßen, von diesem Kommen und Gehen.

In Genua gelandet, ging er wie immer in die Welt hinaus, herumlungern und fremd. Die italienische Polizei hat ihn erwischt. Aber sie wussten nicht, was sie mit ihm anfangen sollten, da die fehlenden Dokumente jeden Ausweisungsvorgang übersäten. Sie übergaben ihn dem Grenzschutz, der ihn nachts an den Rand Jugoslawiens brachte, und sie schmuggelten ihn heimlich – durch Ausflüchte – dorthin. Es scheint, dass es in diesen Gegenden manchmal üblich war, so zu arbeiten. Denn später hat es die jugoslawische Polizei auch nachts und heimlich unter Karabinern auf die ungarische Seite geschafft. Er wurde von den Ungarn gefangen, sie schmuggelten ihn zurück nach Jugoslawien.

Eben, die Jugoslawen rocken es wieder für Ungarn. Und die Ungarn schließlich nach Österreich. Aber da war es ihm schon langweilig, so viel über die Grenzen geworfen zu werden. Bevor andere ihm vorausgingen, um ihn zu verpfänden, versuchte er, sich nach Wien zu schicken, so gut er konnte.

Nur ein Scherz, fragten wir ihn: Warum hat er nicht versucht, seine schlaue Kunst hier zur Geltung zu bringen, indem er sich in eines der Schiffe schlich, die im Hafen ankamen, und in Richtung Fluss segelte? Ob aus Sportlichkeit oder aus naiver Zustimmung, es beeinflusste ihn. Den ganzen Tag verschwand er. Aber als er am nächsten Tag zurückkam, war es, um sein

Versagen mit gleichem Frieden zuzugeben. Er war im Hafen gewesen, nicht sehen, um zu sehen. Er hatte ein würdiges Schiff gefunden, mehr als eines. Aber die Bemühungen waren nicht erfolgreich, die Überwachung dort war streng.

Daraus folgt, dass er am Freitag endgültig abgereist ist. Zusammenfassung war seine Expedition. Er hatte kein Gepäck, nicht einmal einen Rucksack. Er verschwand glatt und zufrieden, sein Lächeln makellos, der Evergreen an seinem Revers. Niemand dachte daran, ihm Geld zu geben, es wurde erst spät daran gedacht, nachdem das Schiff abgefertigt worden war; mit dem trampeln von spaß und arbeit wird nicht nur vernachlässigt, sondern sogar vernachlässigt und vernachlässigt. Inzwischen wäre man weit weg, Seefahrer, die Elbe hinab, in die Nordsee einfahrend.

Aber am anderen Morgen wurde Hamburg-Süd die Summe von zehn Mark in Rechnung gestellt, die er gegen eine grobe Quittung mit Bleistift und im Sinne „dieser Anforderung“ erhielt. Der entwickelte Zeosvaldo, fähig und ruhig, weiß sich selbst zu dienen! Und es würde nicht wiederkommen – aber der Wind, der Vogel?

Ja, dass er Jahre später tatsächlich nach Europa zurückkehrte, er konnte die Firma nicht stoppen. Auch er wurde wieder zur Epilogation repatriert. Nichts passiert oft. So ist bekannt, dass er am Eingang von Guanabara an Bord gesprungen ist; gestört? Es hat gerade angefangen. Das heißt, er endete im Nicht-was-wann, zeosvaldo, hinunter zum Meer, im sintflutartigen Tod. Er ist einfach gestorben, mit all den Dingen, die er nicht wusste.

Hat er nicht weitergemacht?

APÊNDICE E. PUBLICAÇÃO ORIGINAL DE "MAU HUMOR DE WOTAN" - COM O ADICIONAL DE AMPLIAÇÃO PARA LEITURA (Correio da Manhã, 29 fev. 1948) Originalveröffentlichung des Textes "O Mau Humor de Wotan" - vergrößert zum Lesen

2.ª SEÇÃO

Correio da Manhã

DOMINGO 29 de Fevereiro de 1948

Rua Gonçalves Dias 6 - RUI DE JANEIRO - Av. Gomes Freire, 81-83.

O MAU HUMOR DE WOTAN

J. GUIMARÃES ROSA

HANS-Holmut Heubel lia Emerson e Prentice Mulford e acreditava num destino plástico e minucioso, produzido pelo homem. Com saudade, por isso me empenho em remontar à causa ou à série de causas que me trouxeram a conhecê-lo. E recuo até Márion, Márion Madsen, gentil mistura de origens — alemã, dinamarquesa e belga — foi vagamente minha namorada, durante um dia, à beira do Alster, na primavera de 1938. Amadureciam os morangos, floriam os castanheiros, e já se falava com tra na Inglaterra, por causa da Tchecoslováquia. Mas os casais remavam seus barquinhos para debaixo dos salgueiros, ficavam por lá longo tempo, escondidos, e só saíam para vir encostar no cais do Uhlenhorster-Faehrhaus, o n de garçons de blusa branca serviam-lhes apfelsaft e sorvetes, enquanto a orquestra, no ar livre, dissolvia Wagner e Strauss. Mesmo assim, Márion, que era loira como uma giesta e vestia tailleur de um azul só visto em asas de borboletas, hesitava em ceder primaverilmente às facilidades do amor.

Estavam em paz por lá, durante Milawa, durante Kutno, durante a destruição de Varsóvia. E nisso houve — e a qualquer — lógica misteriosa, porquanto Hans-Helmut seria o menos belicoso dos homens, nada marcial, bem pouco germânico, a não ser pelo amor à ordem e ao trabalho contínuo, pela profundidade nebulosa no encetar a vida, pelo passado método de exatidão. Nos gostos, porém, aninhamo-nos sutilezas de latinos: de preferência ao sólido, escolhia sempre o leve, o lígido, o bonito, aconchegava Márion a maquiagem; e, como tradição, sempre que podia, balçava a filha amada de Goethe, para comer bem e fazer esportes de inverno, entre as mulheres mais formosas do mundo, em Cortina d'Ampezzo. Quando voltaram a Hamburgo, a Polónia estava vencida; falava-se na paz, o povo desceira a paz, e Hitler, pairando em Berchtesgaden, insistia para poderes. Hans-Helmut apresentou-se, mas não o

recrutaram; deram que aguardasse convocação. Na verdade, a sorte trabalhava com ele; e bem que ele o merecia, a mais de cultivar a correção íntima e o otimismo independente e atabalho — Instrumentos que põem a rodar em favor de alguém o limpo destino dirigido. Por todo o outono, estávamos sempre juntos, e várias eram as noites conversas. Meu amigo tinha uma sensata curiosidade por tudo que fosse do Brasil, e eu opinava que ele devia emigrar para cá, depois da guerra, para ser dono de pequena fábrica de qualquer coisa, de bebidas por exemplo. Kitzko, pedíamos outro schnaps e outra cerveja, e estávamos pelos grandes assuntos internacionais. A esquerda amigüinha de Hans-Helmut tinha sido uma judia, e, pelo dito, ele não simpatizava muito com o Partido. Mas Márion, atrevida, patriota e principalmente cheia de prudência, tentava trazer os pontos à linha do heil Hitler mais sonoro. Minha aliada em tudo isso era Frau Madsen, a mãe de Márion, que me fazia repetir, semanas seguidas, cada último discurso de Churchill. Lutava-se almeças e intensamente, como enje e demônios pela posse de uma alma, nos amáveis serões em que jugávamos o akat ou briticávamos de adivinhações inocentes.

presentes para Márion, tinha trazido um corré de pano para um smoking e uma dúzia de garrafas do bom borghois. Trazia também a França, Sim, requintar-se mais em muitas coisas. — Les Français, vous savez... Tja die Franzosen... Sabem beber, inventaram a arte da bebida... An tete do Jantar, um cálice, um verre... l'après... A noite, o conhaque; encore une fine! Front, ma p'tite! — levava cope com Márion. — Tu es pas mal... Je t'aime... Contava como, em Paris, duas mulheres, muito elegantes, tinham-no convidado para uma hora de intimidade. E mesmo as duas? — Bech!... Acumul um cigarro, nonschaltantimant... E respondi: — Ben leh verra... Oh, douce France! Márion sorria, segura do marido, de sua estirpe fidelidade íntima. Os dois se namoravam, bem nos quinze anos. Mas alguns perguntou: — É a guerra? Heubel endireitou o busto e alçou o devar e pano da túnica, repentinamente sério. — Gut... A noiva Divisa vinha na retaguarda... No caminho quase não tinha havido combates... So war'a...

Natal se acabasse esta guerra!... Mas Márion dizia o capelinha, ranciosa, realizada, preparando, com olhos ostarvas, as roupinhas para o bebê. Notem, porém: antes de Natal, a mão do fatum voltei a Heubel, num gesto simpático: ele foi chamado de novo às filis, de novo para o acompanhamento de Münster, onde veteranos de blitzkrieg voltavam, a aprender, de a até 7, dia por dia, as artes de bem combater. — Nosso Hans-Helmut continua guiando autônomo e diallografando? — eu perguntava. — Oh, sim, sim, sim... Márion respondia, com olhos de ver anjos no ar, o ventre, mano e mano, se arredondando. Pelo inverno, fora o regêio e as arimas, tudo era o vento de Mato e a rotina tristonha da guerra. Vi Márion menos vezes. Aconteceu, raro também, que Hans-Helmut pudesse vir a Hamburgo, em curtas licenças. Uma delas, para conhecer o filho — Betty, tão claro, tão rido, tão gorduchinho — que chegara, como em geral chegam os mentirosos, trazendo ainda o aroma de algum país de felicidade. Seguindo assim, semanas, vinham mais, e mais estragadores, os bombardeios aéreos. Na penúltima do grande hall da Hauptbahnhof, era maior a muda proleto dos soldados que embarcavam. Já, minha

— Por que não? Alguém falou na fé que move montanhas... Não, eu não sei se você está sendo sincero. Mas, você disse bem Hans-Helmut acredita, o... — Sou ultimano o salivark. Merionzinha... — Oh, mais Hebert! Sem querer, você está me torturando... — Mas, Márion... — Não estou bem certa, eu não devia falar, eu não queria pensar... Mas, você não se deu de propósito arrebitado, profundamente abatido, sem a segurança e a calma das outras ocasiões... Sim... Tenho que dia esteja sentido mádo... — Um momento de depresso conta bem pouco, Hans-Helmut respira... — Não estou bem certa, eu não sei como você está, gostaria que você tivesse visto... Oh, meu amigo, você tem de ajustar-me, temos de fazer alguma coisa! Vamos escrever-lhe cartas energicas, animadoras, muitas cartas... Minha mãe é católica, eu sou católica, não duas vezes rezar rezar de joelhos, noites inteiras, tudo vale!... Não, obrigada, tenho que rezar de joelhos, noites inteiras, tudo vale!... Não, obrigada, tenho que rezar de joelhos, noites inteiras, tudo vale!... Ah, guarde o endereço, veja! Feid-postnummer 1082 D; apenas nada mais... Adeus, tenho de ir ver meu filho, Christian, por tudo; au! Wiedersehen... Até à vista, sim, intrépida, pequena Márion, você, no apartamento de Hahnenstrasse, guardando o tábore do seu bomocinho Dietz, e contemplando o retrato bondoso de Hans-Helmut. Até à vista, para você lá, quando vosso amor vos reunir. Por ora, estroada a guerra, impiedosa, para lá do Danúbio, bombas caídas do céu massaram Heubel, "Fritz Eszter ter edis Ritter", — clangoram históricas zinfarras, anunciando, no rádio, se

HANS-Holmut Heubel lia Emerson e Prentice Mulford e acreditava num destino plástico e minucioso, produzido pelo homem. Com saudade, por isso me empenho em remontar à causa ou à série de causas que me trouxeram a conhecê-lo. E recuo até Márion, Márion Madsen, gentil mistura de origens — alemã, dinamarquesa e belga — foi vagamente minha namorada, durante um dia, à beira do Alster, na primavera de 1938. Amadureciam os morangos, floriam os castanheiros, e já se falava com tra na Inglaterra, por causa da Tchecoslováquia. Mas os casais remavam seus barquinhos para debaixo dos salgueiros, ficavam por lá longo tempo, escondidos, e só saíam para vir encostar no cais do Uhlenhorster-Faehrhaus, o n de garçons de blusa branca serviam-lhes apfelsaft e sorvetes, enquanto a orquestra, no ar livre, dissolvia Wagner e Strauss. Mesmo assim, Márion, que era loira como uma giesta e vestia tailleur de um azul só visto em asas de borboletas, hesitava em ceder primaverilmente às facilidades do amor.

— Para agradecer ao Fuehrer, Márionchen? Por mais graciosa que fosse, seus olhos tomavam seriedade demasiado funda. Levou um minuto para responder, e divagou, ainda assim: O Fuehrer não tem tempo para amar... O Fuehrer consagrou-se à política... Não podia insistir. Márion furtava a mirada, e tornou a falar em casamento. E casou-se, mais de um ano depois, quinze dias, talvez, antes da invasão da Polónia. Passou a ser Frau Heubel, mulher de Hans-Helmut. Desse modo, por um frusto namôro e pela pura camaradagem de depois, foi que vim a conhecer um meu amigo, pode bem ser que o amigo melhor que a Europa me proporcionou: Eles conseguiram do Finanzamt algumas divisas, e ganharam também permissão de transpor a fronteira; foram para a lua-de-mel em Bruxelas, onde Heubel tinha um tio. Estavam em paz por lá, durante Milawa, durante Kutno, durante a destruição de Varsóvia. E nisso houve qualquer lógica misteriosa, porquanto Hans-Helmut seria o menos belicoso dos homens, nada marcial, bem pouco germânico.

2ª SEÇÃO

DOMINGO
29 de Fevereiro de 1948

Correio da Manhã

O MAU HUMOR DE WOTAN

Rua Gonçalves Dias 8 - RIO DE JANEIRO - Av. Gomes Freire, 61/63.

J. GUIMARÊS ROSA

HANS-Helmut Heubel, de Emer-son e Frontes Mulford e acreditado num destino pida-lico e minucioso, produzido pelo homem. Com sanidade, por isso me expenho em rememorar á casua ou á série de causas que me trouxeram a conhecê-lo. E recuo até Márion.

Márion Madsen, gentil mistura de origens — alemã, dinamarquesa e boém — foi vagamente minha namo-reda, durante um dia, á beira do Alster, na primavera de 1936. Ama-durecemos os morangos, fomos os castanheteiros, e já se falava com ira na Inglaterra, por causa da "Tóca-coslaváquia. Mas os casais remavam seus barquinhos para debaixo das selvaieiras, flavam por lá longo tempo, escondidos, e só assim para vir encostar no cais do Uventhor-ter-Fachthaus, onde o garçom de duas brancas servia-lhes cafelões e sorvetes, enquanto a orquestra, no ar livre, dissonava Wagner e Strauss.

Mesmo assim, Márion, que era loira como uma gata e vestia tailleur de um azul só visto em saas de borbo-leta, hebalava em eoder primaverim-ente as fadísticas do amor.

— Quero casar e ter muitos fi-lhos... — repetia.

— Para agradar ao Fuehrer, Má-riónchen?

Por mais graciosas que fosse, seus olhos tomavam seriedade desconhec-tanda. Levou um minuto para res-ponder, e divagou, ainda assim:

— O Fuehrer não tem tempo para amar... O Fuehrer consagrarse á política...

Não podia insistir. Márion fur-tava a palavra, e tornou a falar em casamento. E casou-se, mais de um ano depois, quinze dias, talvez, antes da invasão da Polónia. Passou a ser Frau Heubel, mulher de Hans-

Helmut. Dêse modo, por um frustro namoro e pela pura camaraderagem de depois, foi que vim a conhecer um meu amigo, pode bem ser que o amigo melhor que a Europa me proporcionou:

— Eles conseguiram do Finanzamt algumas dividas, e ganharam tam-bém permisso de transportar a fron-teira; foram para a lua-de-mel em Bruxelas, onde Heubel tinha um tio. Estavam em paz por lá, durante três semanas, durante Kétois, durante a destruição da Varóvia. E não houve a tal e qual "lógica mis-teriosa, porquanto Hans-Helmut se-ria o menos belicoso dos homens, nada marcial, bem pouco germâ-nico, e no trabalho continuo, pela pro-fundidade nebulosa no encetar a vida, pelo passado método de exatiti.

Nos gostos, porém, animavam-no muitas de coisas de preferência ao sólido, escolhia sempre o leve, o lépido, o bonito; acomodava Má-rión a mesquiter-se; e, como tradi-ção, sempre que podia, balcava á Itália amada de Goethe, para comer bem e fazer esportes de inverno, entre as mulheres mais formosas do mundo, em Cortina d'Ampezzo.

Quando voltaram a Hamburgo, a Polónia estava vencida; falava-se na paz, e povo descejava a paz; e Hitler, parlando em Berchtesgaden, intencionava par poderosa. Hans-Helmut acrescentou-se, mais não o

recrutaram; deram que aguardasse convocação. Na verdade, a sorte trabalhava com ele; e bem que ele o merecesse, á máis de cultivar a correção íntima e o otimismo inde-pendente e associado — instrumentos que pben a rodar em favor de algu-m o limpo destino dirigido.

Por todo o outono, estavam sempre juntos, e várias eram as nossas conversas. Meu amigo tinha uma sensata curiosidade por tudo que fosse do Brasil, e eu opinava que ele devia emigrar para cá, de-pois da guerra; para ter dono de pequena fábrica de qualquer coisa, de bebidas, por exemplo. Então, pe-diamos outro schnaps e outra cer-veja, e entravam pelos grandes assuntos internacionais. A ferra-menta amigável de Hans-Helmut tinha sido uma judia, e pelo dito, ele não simpatizava muito com o Partido. Mas Márion, atiana, na-riote e principalmente cheia de prudência, tentava trazer os pou-cos á linha do heil Hitler mais no-rrero. Minha aliada em tudo isso era Frau Madsen, a mãe de Márion, que me fazia repetir, semanas re-guidas, cada último discurso de Churchill. Lutava-se sinuosa e in-temessamente, como anjo e demónios skat ou brincavões de adivinha-ções floccitantes.

Por contra, Hans-Helmut de-

presentes para Márion, tinha trazi-do um corio de piano para um smoking e uma dúzia de garrafas do bom borghois. Trazia também a França. Sim, requintara-se mais em muitas coisas.

— Les Français, vous savez... Tja dia Franzóis... Sabem beber, in-ventaram a arte da bebida... An-tes do jantar, um cálice, um verre... l'après... A noite, o conhaque; en-cora une fine! Frost, ma p'tite! — locava copo com Márion. — Tu es pas mal... je t'aime... Paris, duas mulheres, muito elegantes. Unham-no convidado para uma hora de in-tilimidade. E mesmo as duas?

— Bech!... Acendi um cigarro, nongachabaissimant... E respondi-lhe: — Bon teh verra!... Oh, douce France!

Márion sorria, segura do marido, de sua estrita fidelidade indocida. Os dois se amavam, bem nos quinze anos. Mas algum perguntou: — É a guerra?

Heubel endireitou o busto e al-tou devar-se pano de tónica, re-pentinamente sério.

— Gist... A nossa Divisão vinha na retaguarda... No caminho quase não tinha havido combates... Se war'a...

Por fim, sorriu, e plausou um delo na pontia do nariz, remexendo o lábio num trejeito engraçado.

Natal se acabasse esta guerra... Mas Márion dizia o capitão, sa-didosa, realizada, preparando, com mãos catonadas, as roupinhas para o bebê.

Notem, porém: antes do Natal, a mãe do fatum voltou a Heubel, num gesto simples: ele foi chamado de novo ás filis, de novo para o acampamento de Munster, onde ve-teranos de blitzkrieg voltavam a aprender, de a até x, dia por dia, as artes do bom combater.

— Nossa Hans-Helmut continua guiando automóvel e datilografan-do? — eu perguntava.

— Oh, sim, sim, sim... Márion respondia, com olhos de ver anjos no ar, o ventre, mano e mano, se arredondando.

Pelo inverno, fora o região e as fraldas, tudo era o vento de láste e a rotina tristonha da guerra. Vi Márion menos vezes. Antecorreu, raro também, que Hans-Helmut pu-de-se vir a Hamburgo, em curias licenças. Uma delas, para conhe-er o filho — Betty, tio claro, tio ri-der, tio gorduchinho — que chegara, como em geral chegam os menthos trazendo ainda o aroma de algum país de felicidade.

Seguindo assim, semanas, vinham mais, e mais estrapados, os bom-bardeios aéreos. Na penumbra do grande hall do Hauptbahnhof, era maior a muda proclamação dos solda-dos que embarcavam, já sem as

— Por que não? Alguém falou na-ão que move montanhas... — Não, eu não sei se se você está sendo sincero. Mas, você disse bem Hans-Helmut acredita, e... — Sei ultimamente o saltar. Ma-riónzinha... — Oh, mein lieber! Sem querer, você estava torturando... — Mas, Márion... — Hites, mein Freund, eu não de-ria falar, eu não queria pensar... Mas, depois de ver, de se despedir ex-tribunado, profundamente abatido, sem a segurança e a calma das pa-tras casadas... Sim... Tenho que ele esteja sentido mádo... — Um momento de depressão conta bem pouco. Hans-Helmut res-ga... — Não estou bem certa. Até o seu rosto era outro, gostava que você tivesse visto... Oh, meu amigo, você tem de ajudá-me, temos de fazer alguma coisa! Vamos escre-ver-lhe cartas energias, animá-lo, fazer muitas cartas... Minha mãe é católica, eu sou católica; nós duas vamos deixar recar de joelhos, noites inteiras, tudo vale!... Não, obri-gada, tenho recar de meus lenço... Ah, guarda o endereço; veja! Meu aniversário 1939 D, apenas nada mais... Adeus, tenho de ir ver meu filho. Obrigada, por tudo; até Wiedersehen!

Até á vista, sim, intrépida, pregu-oso Márion, voo no apartamento de Hahnenstrasse, guardando o tér-ço do seu homentoso Deller, e contemplando o retrato bondoso de Hans-Helmut. Até á vista, para não esquecer, quando vosso amor vos reunir. Por ora, estroada a guerra, impiedosa, para lá do Danúbio, bombas caídas do céu massacraram Holger, "Pitux Essen, der edle Ritter... — clangoram históricas sinfarras, anunciando, no rádio, os

E foi des-
preocupado que Hans-Helmut parti-
tiu, envergando o feldgrau e plan-
tado nas grandes botas de campã-
nha; só com uma sombra de saud-
ade prévia, naturalmente.

Lembre-se, o inverno de 1939-
1940 foi duro. Patinando em cima
do Alster gelado, Márion contava-
nos notícias do marido. Não, não
era vida cômoda, no Munsterlager,
no acampamento de Munster. Me-
tade da tropa adoecia de pneumo-
nia ou gripe, enquanto o resto se
adestrava sem cessar, suando e se
arrastando na neve, durante horas,
a 30.º sob zero, no chão da velha
charneca de Lueneburg.

Mas Hans-Helmut se colocara bem,
por poder único da sua boa estrêla:
fôra distribuído ao Estado-Maior da
Divisão, onde dobrava funções de
datilógrafo e chauffeur. Escapara
assim ao rigor do drill prussiano, e
ganhara maior número de fichas
de probabilidade, para sair vivo do
comprido da guerra, com suas pe-
rigosas estapaças. Alegrou-me sa-
ber isso, porque Heubel era míope
e medlocamente robusto, com len-
tes grossas, sem físico para bata-
lhas e balonetas. No escritório, sim,
me agradava imaginá-lo, com sua

prezada silhueta metafísico-mercanti-
l. Porque, cada vez que com êle
me avistava, acudia-me mais viva
que nunca a palavra "burguês", su-
blimada e prestigiada, no que seu
sentido abrange de menos obtuso.

Mas, passou o frio, passou o in-
verno, passaram pela Lombards-
bruecke trens com soldados, passa-
ram os dias agudos de Oslo, Nar-
vik e Lillehammer. As vêzes, mes-
mo Márion não sabia de nada. Só
que Hans-Helmut certamente es-
taria vivo, com saudade e saúde.
E que não esteve na Noruega. Es-
teve na França. Depois da blitz e
do armistício, tivemos carta dêle.
Achava-se aboletado, perto de Chan-
tilly, num castelo, onde havia um
parque ameno e infundáveis vinhos,
em adegas soberanas. Eram cartas
vagarosas e pacíficas, cheias, in-
clusive, de um crescente amor pela
França. Comecei a aceitar aquela
tese: Hans-Helmut não dava, em
seu coração, o menor pouso á
guerra, e por isso o destino o sus-
pendia fora da guerra, mesmo es-
tando assim no meio dela.

Quem irá, porém, esmugar o grão
de areia gerador, no seio de uma
montanha, ou descobrir num esque-

2.ª SEÇÃO

Correio da Manhã

DOMINGO
29 de Fevereiro de 1948

Rua Gonçalves Dias 5 - RIO DE JANEIRO - Av. Gomes Freire, 81/83.

O MAU HUMOR DE WOTAN

J. GUIMARÃES ROSA

HANS-Helmut Heubel lia Emerson e Prentice Mulford e acreditava num destino platônico e minucioso, produzido pelo homem. Com saúde, por isso me empenho em remontar à causa ou à série de causas que me trouxeram a conhecê-lo. E recuo até Márion, Márion Madsen, gentil mistureza de origens — alemã, dinamarquesa e belga — foi vagamente minha namorada, durante um dia, à beira do Alster, na primavera de 1938. Amadurecidos os montões, foram os castanholeiros, e já se falava com tra na Inglaterra, por causa do Teuto-castanholeiro. Mas os casais remavam seus barquinhos para debaixo dos salgueiros, ficavam por lá longo tempo, escondidos, e só assim para vir encostar no cais do Ueberhorster-Fährhaus, onde e garçons de blusa branca serviam-lhes uvas e sorvetes, enquanto a orquestra, no ar livre, dissonava Wagner e Strauss.

— Quero casar e ter muitos filhos... — repetia.

— Para agradar ao Fuehrer, Márionchen?

— Por mais graciosas que fosse, seus olhos tomavam seriedade demasiado funda. Levou um minuto para responder e divagou, ainda assim:

— O Fuehrer não tem tempo para amar... O Fuehrer consagrou-se à política...

Não podia insistir. Márion furava a miúda, e tornou a falar em casamento. E casou-se, mais de um ano depois, quinze dias, talvez, antes de invadir a Polónia. Passou a ser Frau Heubel, mulher de Hans-

Helmut. Dêsse modo, por um frustro namorado e pela pura camaradagem de depois, foi que vim a conhecer um meu amigo, pode bem ser que o amigo melhor que a Europa me proporcionou.

— Eles conseguiram do Financiam algumas divisas, e ganharam também permissão de transportar a fronteira; foram para a luz-de-mel em Braxelas, onde Heubel tinha um tio. Estavam em paz por lá, durante a guerra, durante a queda e durante a destruição de Varsóvia. E não houve a qualquer lógica misteriosa, porquanto Hans-Helmut seria o menor bilhéu dos homens, nada marcado, bem pouco germânico, e não ser pelo amor à ordem e ao trabalho contínuo, pela profundidade nebulosa no encerrar a vida, pelo passado medido de castel.

Nos gostos, porém, amavam-se no sentido de latinos: de preferência ao sólido, escolhia sempre o leve, o líquido, o bonitão, acomodava Márion a mequilar-se; e como tradição, sempre que podia, baixava à Itália amada de Goethe, para comer bem e fazer esportes de inverno, entre as mulheres mais fortes do mundo, em Cortina d'Ampezzo.

Quando voltaram a Hamburgo, a Polónia estava vencida; falava-se na paz, o povo desejava a paz, e Heubel, retirando em Berchtesgaden, intencionava paz poderosa. Hans-Helmut apercebeu-se, mas não o

recrutaram; deram que aguardasse convocação. Na verdade, a sorte trabalhava com ele; e bem que ele o merecia, a mala de culhargar a correção íntima e o oitimismo independente e absoluto — instrumentos que põem a rodar em favor de alguém o limpo destino dirigido.

Por todo o outono, estavam sempre juntos, e várias eram as nossas conversas. Meu amigo tinha uma sensata curiosidade por tudo que fosse do Brasil, e eu opinava que ele devia emigrar para cá, depois da guerra, para ser dono de pequena fábrica de qualquer coisa, de bebidas, por exemplo. Então, pedíamos outro chá e outra cerveja, e entrávamos pelos grandes assuntos internacionais. A direita amigável de Hans-Helmut tinha sido uma judia, e pelo dito, ele não simpaticava muito com o Partido. Mas Márion, ariana, patriótica e principalmente cheia de prudência, tentava trançar as poucas à linha do bell Hitler mais honroso. Minha atada em tudo isso era Frau Madsen, a mãe de Márion, que me fazia repetir, semanas seguidas, cada último discurso de Churchill. Lutava-se silenciosa e intencionalmente, como antes e depois pela posse de uma alma, nos amáveis serões em que julgávamos o skat ou brincávamos de adivinhações inocentes.

— Por fim, sorria, e pingou um dedo na ponta do nariz, remexendo os lábios num trejeito engraçado. E terminou:

— E a guerra?

— Heubel endireitou o busto e alisou o cabelo o pano da túnica, repentinamente sério.

— Guit... A nossa Divisão vinha na retaguarda... No caminho quase não tinha havido combates... Se wara...

— Por fim, sorria, e pingou um dedo na ponta do nariz, remexendo os lábios num trejeito engraçado. E terminou:

— Mas Márion disse o esplêndido, radiosa, realizada, preparando, com olhos ostensivos as roupinhas para o bebê.

— Nolem, porém! antes do Natal, a mãe do fatum voltou a Heubel, num gesto simples: ele foi chamado de novo à fila, de novo para o escapamento de Münster, onde veteranos de batalhões voltavam a aprender, de a até 2 dia por dia, as artes de bem combater.

— Não! Hans-Helmut continua guiando automóveis e datilografando? — eu perguntava.

— Oh, sim, sim, sim... — Márion respondia, com olhos de ver anjos no ar, o ventre, manso e manso, se arredondando.

Pelo inverno, fora o régulo e as frotas, tudo era o vento de láde e a rotina tristonha da guerra. Vi Márion menos vezes. Aconteceu, raro também, que Hans-Helmut pudesse vir a Hamburgo, em curtas licenças. Uma delas, para conhecer o filho — Detty, tão claro, tão rido, tão gorduchinho — que chegara, como em geral chegam os meninos, trazendo ainda o aroma de algum país de felicidade.

Segundo assim, semanas, vinham Márion e mais estragadores, os bombardeiros aéreos. Na penumbra do grande hall da Hauptbahnhof, era maior a muda proclamação dos soldados que embarcavam, já em

— Por que não? Alguém falou na fé que move montanhas...

— Não, eu não sei se você está sendo sincero. Mas, você disse bem! Hans-Helmut acredita, e... — Seu último o salara, há rionhã...

— Oh, mein Heber! Sem querer, você estava torturando...

— Mas, Márion...

— Hita, mein Freund, eu não devia falar, eu não queria pensar... — Não, eu não sei se você está sendo sincero. Mas, você disse bem! Hans-Helmut acredita, e... — Seu último o salara, há rionhã...

— Um momento de desespero conta bem pouco. Hans-Helmut reagiu...

— Não estou bem certa. Até o seu rosto era outro, gostaria que você tivesse visto... Oh, meu amigo, você tem de ajudar-me, tem de fazer alguma coisa! Vamos escrever-lhe cartas energéticas, animadas, muitas cartas. Minha mãe é católica, eu sou católica, mas duas vezes tenho medo de joelhos, noites interitas, tudo vale... Não, obrigada, não vou fazer isso. Não, obrigada, por tudo; até Weidenbach...

Até à vista, sim, intrépida, pequena Márion, você se apartava de Heubelmanntrasse, guardando o herco do teu humezinho Detty, e contemplando o retrato bondoso de Hans-Helmut, até à vista, para você ver, quando fosse amor vos reunir. Por ora, estrada a guerra, impudica, para lá do Handbómbas caídas do céu massacraram Heubel... "Fuehrer Essen, der edle Hitler..." — clangoram históricas sinfarras, anunciando, no rádio, os

— Nosso Hans-Helmut continua guiando automóveis e datilografando? — eu perguntava.

— Oh, sim, sim, sim... — Márion respondia, com olhos de ver anjos no ar, o ventre, manso e manso, se arredondando.

Pelo inverno, fora o régulo e as frimas, tudo era o vento de léste e a rotina tristonha da guerra. Vi Márion menos vezes. Aconteceu, raro também, que Hans-Helmut pudesse vir a Hamburgo, em curtas licenças. Uma delas, para conhecer o filho — Detty, tão claro, tão rido, tão gorduchinho — que chegara, como em geral chegam os meninos, trazendo ainda o aroma de algum país de felicidade.

Seguindo assim, semanas, vinham mais, e mais estragadores, os bombardeiros aéreos. Na penumbra do grande hall da Hauptbahnhof, era maior a muda proclamação dos soldados que embarcavam. Inge, minha moça vizinha, encomendou ao namorado mela dúzia de blusas búlgaras. Nós olhávamos para os Balcãs. Mas, entre o jornal e o rádio, crescendo os dias, todos penávamos de pensar em abril, como se suas primeiras flores já tivessem de vir envenenadas.

Foi por acaso, numa noite menos fria, que me encontrei, no teatro, com Márion e a mãe. Estava limpa, e contente — "Viajo amanhã. Vou vê-lo." — anunciou. — "Vai despedir-se. A Divisão de Hans-Helmut foi removida para outra parte..." — acrescentou Frau Madsen, quase ao meu ouvido, como se quisesse poupar à filha o sofrimento supérfluo que as palavras arranham. Apressai duas linhas num cartão, para o meu amigo, e entrei a provocar algum assunto, mencionando também, como colsa assente e firme, a pretendida invulnerabilidade de Heubel. Depois, como a peça era variada e alegre, nos divertimos. Ainda no outro intervalo, não me admirei de ver, no bar, sentada a uma mesa distante da nossa, Anne-lise K. Estava com um vago senhor, de certa idade, e trocou com Márion, afetuosa, um aceno e sorriso. — "É o pai da tua amiga?" — perguntel. — "Sim, é o dr. Sch. Desagradável, unsympathisch, não acha?" — respondeu Márion, provando sua cerveja. Nem isso, nem melhor — achei, comendo meu sanduíche de engula defumada, e observando-o: pareceu-me neutro, um ar sem marcas, sem definição; não olhava para o nosso lado.

2.ª SEÇÃO

Correio da Manhã

DOMINGO
20 de Fevereiro de 1948

Rua Gonçalves Dias 5 - RIO DE JANEIRO - Av. Gomes Freire, 51/53

O MAU HUMOR DE WOTAN

J. GUIMARÃES ROSA

HANS-Helmut Heubel lia Emerson e Prentice Mulford e acreditava num destino pântico e minucioso, produzido pelo homem. Com saúde, por isso me empenho em remontar à causa ou à série de causas que me trouxeram a conhecê-lo. E recuo até Márion. Márion Heubel, gentil mistura de origens — alemã, dinamarquesa e belga — foi vagamente minha namorada, durante um dia, a beira do Alster, na primavera de 1938. Amadurecidos os montanhas, floridos os castanhais, e já se falava com tra na Inglaterra, por causa da Tchecoslováquia. Mas os casais remavam seus barquinhos para debaixo dos salgueiros, flutuavam por lá longo tempo, escondidos, e só assim para vir encostar no cais de Uhlenhorster-Fährhaus, onde e garçons de blusa branca serviam-lhes cafés e sorvetes, enquanto a orquestra, no ar livre, dissonava Wagner e Strauss. Mesmo assim, Márion, que era loira como uma gata e usava tailleur de um azul tão vivo em sua de bordureta, beataiva e cedia primaverilmente às facilidades do amor.

— Quero casar e ter muitos filhos... — repetia.

— Para agradar ao Fieber, Márionzinha?

Per mais graciosas que fosse, seus olhos tornavam-se seriedade demasiado funda. Levou um minuto para responder, e divagou, ainda assim:

— O Fieber não tem tempo para amar... O Fieber consagrou-se à política...

Não podia lembrar. Márion furava a mirada, e tornou a falar em casamento. E casou-se, mais de um ano depois, quinze dias, talvez, antes de invadir a Polónia. Passou a ser Frau Heubel, mulher de Hans-

Helmut. Dêsse modo, por um frustro namorado e pela pura camaraderagem de depois, foi que vim a conhecer um meu amigo, pode bem ser que o amigo melhor que a Europa me proporcionou:

— Eles conseguiram do Finanzamt algumas dividas, e ganharam também permissão de transportar a fronteira; foram para a luz-de-mel em Bruckas, onde Heubel tinha um tio. Estavam em paz por lá, durante a Miava, durante o Kofas, durante a destruição de Varsóvia. E não houve a qualquer falta misteriosa, porquanto Hans-Helmut seria o mesmo belicoso dos homens, nada marcado, bem pouco germânico, e não ser pelo amor à ordem e ao trabalho continuo, pela profundidade nebulosa no encisar a vida, pelo passado nefasto de castigo, ao solido, escolhia sempre o leve, o fêpido, o bonito, aconchegava Márion a mequilar-se; e como tradição, sempre que podia, baixava à Itália amada de Goethe, para comer bem e fazer esportes de inverno, entre as mulheres mais fortes do mundo, em Cortina d'Ampezzo.

Quando voltaram a Hamburgo, a Polónia estava vencida; falava-se na paz, o povo desejava a paz, e intencionalmente, como antes e depois, pela posse de uma alma, nos amáveis serões em que julgávamos o skat ou bistrucamos de adivinhações inocentes.

recrutaram; deram que aguardasse convívio. Na verdade, a sorte trabalhava com eles; e bem que eles o mereciam, a mala de calhazar a correção íntima e o otimismo independente e absoluto — instrumentos que põem a rodar em favor de alguém o limpo destino dirigido.

Por todo o outono, estivámos sempre juntos, e várias eram as nossas conversas. Meu amigo tinha uma sensata curiosidade por tudo que fosse do Brasil, e eu opinava que ele devia emigrar para cá, depois da guerra, para ser dono de pequena fábrica de qualquer coisa, de bebidas, por exemplo. Então, pedíamos outro chá, e outra cerveja, e entrávamos pelos grandes assuntos internacionais. A depressão amigável de Hans-Helmut tinha sido uma juíza, e pelo dia, ele não simpaticava muito com o Partido. Mas Márion, atenta, patriota e principalmente cheia de prudência, levava trêz ou poucos a linha do bell Hitler mais honroso. Minha aliada em tudo, mas era Frau Heubel, a mãe de Márion, que me fazia repetir, semanas seguidas, cada último discurso de Churchill. Lulava-se aliouza e intencionalmente, como antes e depois, pela posse de uma alma, nos amáveis serões em que julgávamos o skat ou bistrucamos de adivinhações inocentes.

presentes para Márion, tinha trazido um corte de pano para um smoking e uma dúzia de garrafas de bom borghonia. Trazia também a França. Sim, requintara-se mais em muita coisa.

— Les Français, vous savez... Tja die Françoise... Sabem beber, inventaram a arte de beber... Antes do jantar, um cálice, um verve... l'après... A noite, o coquet; encoraja-me fine! Prost, ma p'tite! — locava copo com Márion. — Tu es pas mal... Je t'aime...

Contava como, em Paris, duas mulheres, muito elegantes, tinham-no convidado para uma hora de intimidade. E mesmo se duas?

— Doch!... Acendi um cigarro, nongabahehant... E respondi: — Ben leh vverrà... Oh, douce France!

Márion sorria, segura do marido, de sua estrita fidelidade nórdica. Os dois se namoravam, bem nos quinze anos. Mas alguém perguntou:

— E a guerra?

Heubel endireitou o busto e alisou devar-se o pato da túnica, repentinamente sério.

— Cui... A nossa Divisão vinha na retaguarda... No caminho quase não tinha havido combates... Se wara...

Por fim, sorriu, e pingou um dedo na ponta do nariz, remecendo o lábio num trejeito engraçado.

Natal se acabou esta guerra... Mas Márion dizia e explodia, redidiosa, realizada, preparando, com mãos ostensivas as roupinhas para o bebê.

Nitem, porém! antes do Natal, a mão do fatum voltou a Heubel, num gesto simples: ele foi chamado de novo à fila, de novo para o escapamento de Münster, onde veteranos de bilhetes voltavam a aprender, de a até 2 dia por dia, as artes de bem combater.

— Maso Hans-Helmut continua guiando automóveis e daltlografando? — ou perguntava.

— Oh, sim, sim, sim... — Márion respondia, com olhos de ver anjos no ar, o ventre, manso e manso, se arredondando.

Pelo inverno, fora o regido e as frotas, tudo era o vanto de idade e a rotina tristonha da guerra. Vi Márion menos vezes. Aconteceu, raro também, que Hans-Helmut pudesse vir a Hamburgo, em curtas licenças. Uma delas, para conhecer o filho — Detty, tão claro, tão ridor, tão gorduchinho — que chegara, como em geral chegam os meninos, trazendo ainda o aroma de algum país de felicidade.

Segundo assim, semanas, vinham mais, e mais estrangeiros, os bombardeios aéreos. Na penumbra do grande hall da Hauptbahnhof, era maior a muda proleção dos soldados que combavam. Já...

— Por que não? Alguém falou na fé que move montanhas...
— Não, eu não sei se você está sendo sincero. Mas, você disse bem Hans-Helmut acredita, e...
— Seu otimismo o salvará, Márionzinha...
— Oh, mein Heber! Sem querer, você está-me torturando...
— Mas, Márion...
— Bitte, mein Freund, eu não devia falar, eu não queria pensar... Mas, desta vez, ele se despediu acabrunhado, profundamente abatido, sem a segurança e a calma das outras ocasiões... Sim... Tenho que éle esteja sentindo medo...
— Um momento de depressão conta bem pouco. Hans-Helmut reagirá...
— Não estou bem certa. Até o seu rosto era outro, gostaria que você tivesse visto... Oh, meu amigo, você tem de ajudar-me, temos de fazer alguma coisa! Vamos escrever-lhe cartas energicas, animadoras, muitas cartas... Minha mãe é católica, eu sou católica, nós duas vamos rezar de joelhos, noites inteiras, tudo vale!... Não, obrigada, Adeus, tenho de ir ver meu filho. Obrigada, por tudo; auf Wiedersehen...
Até à vista, sim, intrépida, pequena Márion, você no apartamento da Hahnemannstrasse, guardando o bêrço do teu homenzinho Detty, e contemplando o retrato bondoso de Hans-Helmut. Até à vista, para você mãe, quando vosso amor vos reunir. Por ora, estronda a guerra, bombas caídas do céu massacram Belgrado. "Prinz Eugen, der edle Ritter..." — clangoram históricas fanfarras, anunciando, no rádio, os

— Ach, nein, pergunto se você acredita?
— Por que não? Alguém falou na fé que move montanhas...
— Não, eu não sei se você está sendo sincero. Mas, você disse bem Hans-Helmut acredita, e...
— Seu otimismo o salvará, Márionzinha...
— Oh, mein Heber! Sem querer, você está-me torturando...
— Mas, Márion...
— Bitte, mein Freund, eu não devia falar, eu não queria pensar... Mas, desta vez, ele se despediu acabrunhado, profundamente abatido, sem a segurança e a calma das outras ocasiões... Sim... Tenho que éle esteja sentindo medo...
— Um momento de depressão conta bem pouco. Hans-Helmut reagirá...
— Não estou bem certa. Até o seu rosto era outro, gostaria que você tivesse visto... Oh, meu amigo, você tem de ajudar-me, temos de fazer alguma coisa! Vamos escrever-lhe cartas energicas, animadoras, muitas cartas... Minha mãe é católica, eu sou católica, nós duas vamos rezar, rezar de joelhos, noites inteiras, tudo vale!... Não, obrigada, tenho aqui o meu lenço...

Ah, guarde o enderço, veja: Feldpostnummer 16962 D., apenas nada mais... Adeus, tenho de ir ver meu filho. Obrigada, por tudo; auf Wiedersehen...
Até à vista, sim, intrépida, pequena Márion, você, no apartamento da Hahnemannstrasse, guardando o bêrço do teu homenzinho Detty, e contemplando o retrato bondoso de Hans-Helmut. Até à vista, para você mãe, quando vosso amor vos reunir. Por ora, estronda a guerra, bombas caídas do céu massacram Belgrado. "Prinz Eugen, der edle Ritter..." — clangoram históricas fanfarras, anunciando, no rádio, os comunicados extraordinários. Falamos de Platão, falemos de Sófocles — a svástica ondela sobre Himeto, Olimpo e Parnaso — ninguém detém o correr dos carros couraçados. Bem os soldados cruzavam-se com o regresso das andorinhas e cegonhas. Já se combatia em Creta. Mas, sob os canhões e aviões, o plácido oceano azul, o velho mar dos deuses, thalassava, thalassava... E, do fundo de longes batalhas, tinha o telefone, trazendo-me uma voz doce e amiga:
— Alô — wie geht's dir? — sou eu. Márion. Recebi uma carta!

2.ª SEÇÃO

Correio da Manhã

Rua Gonçalves Dias 8 - RUA DE JANKER - A7 Gomes Freire 81/83

DOMINGO
20 de Fevereiro de 1948

O MAU HUMOR DE WOTAN

J. GUIMARÃES ROSA

HANS-Helmut Heubel de Emerson e Prentice Mulford e acreditava num destino plástico e minucioso, produzido pelo homem. Com cuidado, por isso me empenho em remontar à causa ou à série de causas que me trouxeram a conhecê-lo. E recuo até Márion.

Márion Madson, gentil mistura de oriens — alemã, dinamarquesa e belga — foi vagamente minha namorada, durante um dia, à beira do Akter, na primavera de 1928. Ansdurciam os invernos, floriam os castanheiros, e já se falava com tra na Inglaterra, por causa da Tchecoslováquia. Mas as coisas remanavam seus barquinhos para detulho dos salientes. ficavam por lá longo tempo, escondidos, e só assim para vir encostar no cais do Uthenborer-Fabrikhaus, onde de garçons de blusa branca serviam-lhes apfelstrai e sorvetes, enquanto a orquestra, se ar livre, dissolvia Wagner e Strauss. Mesmo assim, Márion, que era lútra como uma glória e vestia talheres de um azul só visto em anos de borboletas, tentava em cozer primaverilmente as facilidades do amor.

— Quero casar e ter muitos filhos... — repetia.

— Para agradar ao Fuehrer, Marionchen?

Por mais graciosas que fosse, seus olhos tomavam seriedade demasiada funda. Levou um minuto para responder, e divagou, ainda assim:

— O Fuehrer não tem tempo para amar... O Fuehrer consagrou-se à polítlco...

Não podia indetir. Márion furtava a mirada, e tornou a falar em casamento. E casou-se, mais de um ano depois, quinze dias, talvez, antes da invasão da Polónia. Passou a ser Frau Heubel, mulher de Hans-

Helmut. Dêse modo, por um frusto número e pela pura camaradagem de depois, foi que vim a conhecer um meu amigo, pode bem ser que o amigo melhor que a Europa me proporcionou.

Eles conseguiram do Finnsami algumas dividas, e ganharam também permissão de tranapar a fronteira, foram para a sua-decimet em Bruxelas, onde Heubel tinha um tio Estavann em paz por lá, durante Milava, durante Kutno, durante a destruição de Varsóvia. E nisso houve qualquer lógica misteriosa, porquanto Hans-Helmut seria o menos bellosos dos homens, nada marcial, bem pouco herármico, a não ser pelo amor à ordem e ao trabalho contínuo, pela profundidade nebulosa no encetar a vida, pelo passado método de existir. Nos gostos, porém, animavam-se autilizes de liltano, de preferência ao sólido, escolhia sempre o leve, o rápido, o boitico, aconchegava Márion a maquilar-se; e como tradição, sempre que podia, balneava a filha amada de Goethe, para comer bem e fazer repastes de inverno, entre as mulheres mais fornosas do mundo, em Cortina d'Ampezzo.

Quando voltaram a Hamburgo, a Polónia estava vendida; falava-se na paz, o povo desejava a paz, e Hitler, pairando em Berchtesgaden, instilava para poderosas. Hans-Helmut apresentou-se, mas não o

recrutaram; deram que aguardasse convocação. Na verdade, a sorte trabalhava com ele; e bem que ele o merecia, a mais de cultivar a correção íntima e o otimismo independente e absoluto — instrumentos que põem a nodar em favor de algum o limpiço destino dirigiço.

Por todo o outono, estávamos sempre juntos, e várias eram as nossas conversas. Meu amigo tinha uma sensata curiosidade por tudo que fosse do Brasil, e eu opinava que ele devia emigrar para cá, depois da guerra, para ser dono de sequena fábrica de qualquer coisa, de bebidas, por exemplo. Então, pedimos outro echnaps e outra cerveja, e entrávamos pelos grandes assuntos internacionais. A derradeira amiguinha de Hans-Helmut tinha sido uma judia, e, pelo dito, ele não simpulava muito com o Partido. Mas Márion, ariana, patriota e principalmente cheia de grãndia, tentava trazer os pontos à linha do heil Hitler mais sonoro. Minha aliada em tudo isso era Frau Madson, a mãe de Márion, que me fazia repetir, semanas seguidas, cada último discurso de Churchill. Lutava-se situação e futuramente, como arlos e demônios pela posse de uma alma, nos amáveis serões em que julgamos o skai ou brincávamos de adivinhações inocentes.

Por contra, Hans-Helmut de-

presentes para Márion, tinha trazido um corio de pano para um smoking e uma dúzia de garrafas do bom borgonha. Trazia também a França. Sim, requintar-se tinha em muita coisa.

— Les Français vous savent, Tia die Françoise... Sabem beber, inventaram a arte da bebiada... Antes do jantar, um cálice, um verre... l'après... A noite, o conhaque; encora uma flasi Frosti, ma p'liet! — tocvaa copo com Márion. — Tu es pas mal... de t'aima...

Contava como, em Paris, duas mulheres, muito elegantes, tinham-no convidado para uma hora de limitidade. E mesmo as duas?

— Bechi... Acendi um cigarro, nonschatschaintant... E respondi: — Des leh verrei... Oh, douce France!

Márion sorria, segura de marido, da sua estrita fidelidade nórdica. Os dois se amavam, bem nos quinze anos. Mas alguém perguntou: — E a guerra?

Heubel encitricou o busto e aludiu devar o pano da túnica, repentinamente sério.

— Gut... A nossa Divisão vinha na retaguarda... No caminho quase não tinha havido combates... Se war's...

Por fim, sorriu, e plimpuo um delo na ponta do nariz, remexendo o lábio num trejeito engraçado. E terminou:

Natal se acabasse esta guerra!... Mas Márion dizia o esplêndido, rãdico, realidade, preparando, com mãos estensivas, as roupinhas para o bebê.

Noten, porémi antes do Natal, a mão do fatum voltou a Heubel, num escamamento de Munster, onde veteranos da blitzkrieg voltavam a aprender, de a até o dia por dias, as artes de bem combater.

— Maso Hans-Helmut! contínuo guilando automóvel e ditiografando? — eu perguntava.

— Oh, sim, sim, sim... — Márion respondia, com olhos de ver anjos no ar, o ventre, manso e manso, se arredondando.

Pelo inverno, fora o regão e as firmas, tudo era o vento de léste e a rotina trãdica da guerra. Vi Márion menos vezes. Aconteceu, raro também, que Hans-Helmut pudesse vir a Hamburgo, em curtas licenças. Uma delas, para conhecer o filho — Detty, tão claro, tão rido, tão gorduchinho — que chegara, como em geral chegam os meninos, trazendo ainda a aroma de algum país de felicidade.

Seguido assim, semanas, vinham mais, e mais estragados, os bombardeios aéreos. Na penumbra do grande hall da Hauptbahnhof, era maior a muda proleção dos soldados que embarcavam, fuge, minha

— Por que não? Alguém falou na fé que move montanhas...
— Não, eu não sei se você está sendo sincero. Mas, você disse bem Hans-Helmut acredita, o...
— Seu optimismo o salvará, Marionchen...
— Oh, mein Hebel! Sem querer, você está-me torturando...
— Mas, Márion...
— Bitte, mein Freund, eu não devia falar, eu não queria pensar... Mas, desta vez, éle se despediu acuradamente, profundamente abalado, sem a segurança e a calma das outras ocasiões... Sim... Tenho que estar sentindo medo...
— Um momento de depressão conta bem pouco, Hans-Helmut reagirá...
— Não estou em outro, caria. Até o seu rosto era outro, gostava que você tivesse visto... Oh, meu amigo, você tem de ajudá-me, temo de fazer alguma coisa! Vamos escrever cartas, muitas cartas... Minha mãe é católica, eu sou católica, não das vovozes tezar, rezar de joelhos, noites inteiras, tudo valei... Não, obrigada, tenho aqui o meu lenço... Ah, guardo o enderço, veja! Felicitissimamente José D. guerra nada mais... Adeus, tenho de ir ver meu filho, Obrigada, por tudo: auf Wiedersehen...
Até à vista, sim, intrépida, pequena Márion, vobé, no apartamento da Hohenmannstrasse, guardando o bíbrco de tea, o bomestinho Detty, e contemplando o retrato bondoso de Hans-Helmut. Até à vista, para você trã, quando vossa amor vos roubar. Por era, estonda e guerra, quando, para lá do Danúbio, Bombas caídas do céu massacraram Bãrãczko, "Prinz Eugen, der erste Ritter," e cãngaram históricas fantozas, anunciando, no rádio, os

Ouça, vou ler, éle não conta quase nada... Você pensa, você acha... Recebeu também, um cartão? Leia, leia... Sim, estou ouvindo... Mas, não diz quase nada!... Sim, na minha carta, éle fala numa cidade relativamente grande, em pastores coifados com a gluga, nas camponezas com largos aventais floridos... Em teu cartão, menciona o movimento do porto, as plantações de cucuruza... Sim, éle tenta dizer-nos que está na Rumânia... Em Constanza, você pensa? Ah, tudo correrá bem, Deus continua a protegê-lo... Jawohl, oh ja, ho ja... Mas, não deixe de responder logo ao cartão. Obrigada, meu amigo... Não se esqueça de Hans-Helmut... Éle precisa de ajuda, precisa mais do que você pensa...

Sim, querida Márion, todos vamos precisar de ajuda... Vorwaerts! Los! Milhões de guerreiros penetram no Léste, rasgam a Rússia. Máquinas de combate rolam através da estepe, como formigas selvagens. Pochól, továrichchi! Porém, diante, um bravo defensor morria matando, ou se abriam só ruínas e o caos da destruição, como, no segundo versículo de Moisés, a terra apenas criada: tóhu-vabóhu — informe e vazia. E correram conquistas. En-

trou outubro. Multidões de homens estão caindo, alô, Marionzinha? Tenho novidades... De quando? De setembro, 18... Um cartão, escrito a lápis... Sim, vou ler: "... e o pior é ter de avançar, dias inteiros, pela planície que nunca termina. Meus olhos já estão cansados. Raramente, enxergo um trigo, umas choupanas. Chove, e a lama é tenaz e pegajosa. O russo recua com tal rapidez, que nunca os vemos. Quando você estiver com Márion, diga-lhe que eu penso nela todo o tempo, e no menino..."

A longa marcha continuada, a fadiga dos horizontes, o barro negro da Ucrânia, os bandos de passaros revoando por sobre o incêndio das searas, e um coração de amante a dilatar-se, grande como a ilimitada paisagem sarmata e, como a desolação infinita da ausência. Meu caro Heubel. Meu caro Hans-Helmut, — recebi, há três dias, o teu cartão. Márion, a quem o li, pelo telefone, pediu-mo, pois deseja guardar cada linha que vem de ti. Ela e o Detty estão perfeitamente bem. Como já deves saber, Márion pretende ir passar algum tempo na Baviera, com o pequeno, fugindo ao perigo dos bombardeios aéreos, e assim poderás

2.ª SEÇÃO

Correio da Manhã

DOMINGO
29 de Fevereiro de 1948

Rua Gonçalves Dias 5 - RIO DE JANEIRO - Av. Gomes Freire 51/52

O MAU HUMOR DE WOTAN

J. GUIMARÃES ROSA

HANS-Helmut Heubel, de Emerson e Prentice Mufford e acreditava num destino plástico e minucioso, produzido pelo homem. Com cuidado, por isso me empenho em ressonar à causa ou à série de causas que me trouxeram a consciência. E recuso a Mária. Mária Madson, gentil mistura de ortens — niemi, dinamarquesa e bela — foi vagamente minha namorada, durante um dia, à beira do Akter, na primavera de 1938. Amadureciam os morangos, fioriam os castanheiros, e já se falava com tra na Inglaterra, por causa da Tchecoslováquia. Mas os casais remanavam seus barquinhos para debaixo dos salgueiros, ficaram por lá longo tempo, escondidos, e só saíram para vir encostar no calce do Uhenhorster-Fabrikhaus, o d.e. garçons de blusa branca serviam-lhes apressado e sorriente, enquanto a orquestra, ao ar livre, desolava Wagner e Strauss. Mesmo assim, Mária, que era loira como uma gata e vestia tailleur de um azul ao vivo em sua de borboletas, levava em ceter primaverilmente a facilidade do amor.

— Quero casar e ter muitos filhos... — repetia.

— Para agradar ao Fuehrer, Mária?

— Por mais graciosos que fosse, seus olhos tomavam seriedade demasiada funda. Levou um minuto para responder, e divagou, ainda assim: — O Fuehrer não tem tempo para amar... O Fuehrer casar-se-á só por política...

Não podia insistir. Mária levava a metade, e tornou a falar em casamento. E casou-se, mais de um ano depois, quinze dias, talvez, antes de invadir a Polónia. Passou a ser Frau Heubel, mulher de Hans-

Helmut. Dêse modo, por um truísmo nórdico e pela pura camaradagem de depois, foi que vim a conhecer um meu amigo, pode bem ser que o amigo melhor que a Europa me proporcionou.

Eles conseguiram do Finamami algumas divisas, e ganharam também permissão de transpor a fronteira; foram para a lua-de-mel em Bruxelas, onde Heubel tinha um tio. Estavam em paz por lá, durante algumas semanas, durante a destruição de Varsóvia. E não houve qualquer coisa de maldade, porquanto Hans-Helmut seria o menos belicoso dos homens, e não se pôde ser a ordem e ao trabalho contínuo, pela profundidade nebulosa no encostar a vida, pelo passado melido de exatidão. Nos gostos, porém, animavam-no a escolha do hábito: de preferência ao sêtilo, escolhia sempre o leve, o rápido, o bonito, acomodava Mária a maquiagem; e, como tradição, sempre que podia, baixava a língua amada de Goethe, para comer bem e fazer esportes de inverno, entre as mulheres mais fortes do mundo, em Cortina d'Ampezzo.

Quando voltaram a Hamburgo, a Polónia estava vencida; falava-se na paz, o povo desejava a paz, e Hitler, patando em Berchtesgaden, intencionava paz poderosa. Hans-Helmut apresentou-se, mas não o

recrutaram; deram que aguardasse convocação. Na verdade, a sorte trabalhava com eles e bem que eles o merecia, a mais de cultivar a correção lúbrica e o otimismo independente e absoluto — instrumentos que põem a rodar em favor de si mesmos o limpo destino dirigido.

Por todo o outono, estavam sempre juntos, e várias eram as nossas conversas. Meu amigo tinha uma sensata curiosidade por tudo que fosse do Brasil, e eu opinava que ele devia emigrar para cá, depois da guerra, para ser dono de pequena fábrica de qualquer coisa, de bebidas, por exemplo. Então, pedíamos outro schnaps e outra cerveja, e entrávamos pelos grandes assuntos internacionais. A esquerda amigável de Hans-Helmut tinha sido uma judia, e pelo dito, ele não simpatizava muito com o Partido. Mas Mária, atenta, petricista e principalmente cheia de prudência, levava trê-lo aos poucos à linha do best Hitler mais honroso. Minha aliada em tudo isso era Frau Madson, a mãe de Mária, que me fazia repetir, algumas vezes, cada último discurso de Churchill. Lutava-se sinuosa e intensamente, como anjo e demônio, pela posse de uma alma, nos amáveis ares em que julgamos a estát ou bric-à-brac de adivinhações inocentes.

Por contra, Hans-Helmut de-

presente para Mária, tinha trazido um corte de pano para um smoking e uma dúzia de garrafas do bom borghonia. Trazia também a França. Sim, requirira-se mais em suas coisas.

— Les Français, vous savez... Tja, dia Francoses... Sabem beber, janta do jantar, um cálice, um verre... l'après... A noite, o conhaque; enquanto que Mária, na p'fite — par mal... Je l'aimé... Contava como, em Paris, duas mulheres, muito elegantes, tinham convidado para uma hora de intimidade. E mesmo as duas — Douch... Acendiu um cigarro nongschalantissimi... E respondeu: — Dem leh verra... Oh, douce France!

Mária sorria, segura do marido, da sua estranha fidelidade nórdica. Os dois se amavam, bem nos quinze anos. Mas alguém perguntou: — É a guerra?

Heubel endireitou o busto e ali se desvagar o pato de tónica, repentinamente sério.

— Gue... A nossa Divisão vinha na resguarda... No caminho quase não tinha havido combates... So war'ra...

Por fim, sorriu, e pincou um dedo na ponta do nariz, remexendo os lábios num trejeito engraçado. E terminou:

— Ora os de guerra os engra-

Natal se acabasse esta guerra... Mas Mária dizia e esplêndida, realizada, preparando, com mãos ativas, as roupinhas para o bebê.

Notem, porém: antes do Natal, a mão do fatim voltou a Heubel, num gesto simples; ele foi chamado de novo às filas, de novo para o acampamento de Blumster, onde veteranos da blitzkrieg voltavam a aprender, de a não z, dia por dia, as artes do bem combater.

— Nossa, Hans-Helmut continua falando autômatas e dialógicas — eu perguntava.

— Oh, sim, sim, sim... — Mária respondia, com olhos do ver anjos no ar, o ventre, manso e manso, se arrefecendo.

Pelo inverno, fora o regêlo e as frias, tudo era o vento de Mate e a rotina tristonha da guerra. Vi Mária menos vezes. Aconteceu, raro também, que Hans-Helmut pudesse vir a Hamburgo, em certas licenças. Uma delas, para conhecer o filho — Ditty, tão claro, tão ridículo, tão gerdichinho — que chegara, como em geral chegam os meninos, trazendo ainda a aroma de algum país de felicidade.

Seguindo assim, semanas, vinham mais, e mais estragadores, os bordados aéreos. Na penumbra do grande hall da Hauptbahnhof, era maior a muda proclamação dos soldados que embarcavam. Logo, minha

— Por que não? Alguém falou na tá que move montanhas... — Não, eu não sei se você está sendo sincero. Mas, você diz bem Hans-Helmut acredita, e... — Seu otimismo o selvava, Mária... — Oh, mein Heber! Sem querer, você está-me torturando... — Não, meu Heber, eu não devia falar, eu não queria pensar... Mas, desta vez, ele se despediu acerbado, profundamente abatido, sem a segurança e a calma das outras ocasiões... Sim... — Um momento de tempo que de coisa sentindo meio... — Não estou bem certa. Até o sei resto era outro, costaria que você tivesse visto... Oh, meu amigo, você tem de ajustar-me, temos de fazer alguma coisa! Vamos escrever-lhe cartas energéticas, animadoras, muitas cartas... Minha mãe é católica, eu sou católica, mas duas vamos rezar, rezar de joelhos, noites inteiras, tudo vale!... Não, obrigado, tenho aqui o meu livro... Ah, guarde o endereço, veja Feldpostnummer 1059 D, apresse sua mala... Adeus, tenho de ir ver meu filho. Obrigado, por tudo; au! Wiedersehen...

Até à vista, sim, intrépida, pequena Mária, você, no apartamento da Hahnemannstrasse, guardando o bôrgo do teu bom menino Ditty, e contemplando o retrato bondoso de Hans-Helmut. Até à vista, para você três, quando vou ao amor vou reunir. Por ora, estronada a guerra, impiedosa, para lá do Dandilo, Bombas caídas do céu massacraram Balgrado. "Fritz Hagel, der selb Hitler..." — clangaram histórias fanfarras, anunciando, no rádio, os

ficar mais tranqüilo a respeito deles... Mas, como é difícil aquecer e inculcar um entusiasmo, quando todos em torno só estão pensando imagens de sofrimento... — Meu amigo, Mária e eu esperamos que conserves o teu consciente otimismo, a despeito de tudo. Mária...

— Alô? Sim, é Mária... Alô! Você pode vir ver-me, agora, agora? Minha mãe está no Harz, meu sogro em Halstembeck, e eu preciso de alguém... Venha, Heber Freund, é terrível, terrível...

Oh, minha querida, que lance tão terrível assim poderia vir acometer-te, a esta hora, em tua morada da Hahnemannstrasse, que os altos castanheiros sombreiam na tarde de outono? Que palavras vão explicar esta tua palidez, teus olhos inchados? — Você veio. Obrigada...

— Que é isto, Mária? Cartas? — As que o correio me devolveu, há duas horas. Empfaenger unerreichbar...

— "Destinatário impossível de ser encontrado"... De certo o correio militar tem dificuldade em localizar as unidades, no movimento e confusão da ofensiva...

— Não, meu amigo, a organização no exército é implacavelmente perfeita. Não, não, só há uma esperança: que Hans-Helmut tenha sido feito prisioneiro dos russos... Se não, se... Ah, mas então tudo para mim está perdido? Não existe uma Providência?!

— Mária... — Estou calma... Nem precisava de estar tão lúcida assim, no pior dia da minha vida... Já chorei, sem escutar meu choro...

— Você tem de ser forte... — Não. Não é isso. É que agora tudo acabou. Posso repousar no sofrimento. E posso ter ódio. Ah, um ódio selvagem, o ódio de Kriemhilde contra Hagen! Você sabe que Hans-Helmut me recomendava jamais irritar-me contra quem quer que fosse; mas, daqui por diante, talvez só o ódio me reste... Oh, como os abomino, e como este mundo está cheio de monstros!

— Quem, Mária? — Quem? Você tem lembrança do dia em que Hans-Helmut e eu fomos convidados para jantar com os K.? Deus devia ter-me partido uma perna... Você conhece o dr. Sch., o pai de Annelise? Veja um homem vulgar, sem nenhum calor de alma, com a cabeça cheia de grandes

2.ª SEÇÃO

Correio da Manhã

DOMINGO
29 de Fevereiro de 1948

Rua Gonçalves Dias 5 - RIO DE JANEIRO - Av. Gomes Freire, 51/53

O MAL HUMOR DE WOTAN

J. GUIMARÃES ROSA

HANS-Helmut Heubel lia Emerson e Prentice Mulford e acreditava num destino platônico e minucioso, produzido pelo homem. Com saúde, por isso me empenho em remontar à causa ou à série de causas que me trouxeram a conhecê-lo. E recuo até Máriaon. Máriaon Masten, genito mistura de origens — aliás, dinamarquesa e belga — foi vagamente minha namorada, durante um dia, a beira do Alster, na primavera de 1938. Amadureci os montãos, formei os castanhões, e já se falava com tra na Inglaterra, por causa da Teotostovquia. Mas os casais remavam seus barquinhos para debaixo dos salgueiros, ficavam por lá longo tempo, escondidos, e só assim para vir encostar no cais do Uhlenhorst-Fährhaus, onde Heubel tinha um tio. Estavam em paz por lá, durante o inverno de 1939, durante a destruição de Varsóvia. E não houve a qualquer lógica misteriosa, porquanto Hans-Helmut seria o mesmo belicoso dos homens, nada marcial, bem pouco germânico, e não ser pelo amor à ordem e ao trabalho contínuo, pela profundidade nebulosa no encasar a vida, pelo passado nefasto de castri.

— Quero casar e ter muitos filhos... — repetia.

— Para agradar ao Fuhrer, Máriaon?

— Per mais graciosos que fosse, seus olhos tomavam seriedade demasiado funda. Levou um minuto para responder, e divagou, ainda assim:

— O Fuhrer não tem tempo para amar... O Fuhrer consagrou-se à política...

Não podia insistir. Máriaon furtava a mirada, e tornou a falar em casamento. E casou-se, mais de um ano depois, quinze dias, talvez, antes de invadir a Polónia. Passou a ser Frau Heubel, mulher de Hans-

Helmut. Dêsse modo, por um frustro namorado e pela pura camaraderagem de depois, foi que vim a conhecer um meu amigo, pode bem ser que o amigo melhor que a Europa me proporcionou.

— Já conseguiram do Financiam algumas divisas, e ganharam também permissão de transportar a fronteira; foram para a lus-de-mel em Braxelas, onde Heubel tinha um tio. Estavam em paz por lá, durante o inverno de 1939, durante a destruição de Varsóvia. E não houve a qualquer lógica misteriosa, porquanto Hans-Helmut seria o mesmo belicoso dos homens, nada marcial, bem pouco germânico, e não ser pelo amor à ordem e ao trabalho contínuo, pela profundidade nebulosa no encasar a vida, pelo passado nefasto de castri.

Nos gostos, porém, amavam-se muito, e não simpatizava muito com o Partido. Mas Máriaon, atrevido, patriota e principalmente cheio de orgulho, tentava trazer-lhe os poucos à linha do bel! Hitler mais honroso. Minha atada em tudo era Frau Masten, a mãe de Máriaon, que me fazia repetir, semanas seguidas, cada último discurso de Churchill. Lutava-se silenciosa e intencionalmente, como anjo e demônio, pela posse de uma alma, nos amáveis serões em que julgávamos o skat ou brincávamos de adivinhações inocentes.

recrutaram; deram que aguardasse convocação. Na verdade, a sorte trabalhava com ele; e bem que ele o merecia, a mala de culhaver a correção íntima e o otimismo independente e absoluto — instrumentos que põem a rodar em favor de alguém o limpo destino dirigido.

Por tudo o quanto, estávamos sempre juntos, e várias eram as nossas conversas. Meu amigo tinha uma sensata curiosidade por tudo que fosse do Brasil, e eu opinava que ele devia emigrar para cá, depois da guerra, para ser dono de pequena fábrica de qualquer coisa, de bebidas, por exemplo. Então, pedimos outro schampá e outra cerveja, e entrávamos pelos grandes assuntos internacionais. A depressãozinha amigulha de Hans-Helmut tinha sido uma judia, e pelo dia, ele não simpatizava muito com o Partido. Mas Máriaon, atrevido, patriota e principalmente cheio de orgulho, tentava trazer-lhe os poucos à linha do bel! Hitler mais honroso. Minha atada em tudo era Frau Masten, a mãe de Máriaon, que me fazia repetir, semanas seguidas, cada último discurso de Churchill. Lutava-se silenciosa e intencionalmente, como anjo e demônio, pela posse de uma alma, nos amáveis serões em que julgávamos o skat ou brincávamos de adivinhações inocentes.

presentes para Máriaon, tinha trazido um corte de pano para um smoking e uma dúzia de garrafas do bom borghino. Trazia também a França. Sim, requintara-se mais em muito coisa.

— Les Français, vous savez... Tja die Franzenen... Sabem beber, inventaram a arte de bebê-lo... Antes do jantar, um cálice, um verve... l'après... A noite, o conhaque; encora me fine! Prout, ma p'tite! — locava copo com Máriaon. — Tu es pas mal... de l'alma...

Contava como, em Paris, duas mulheres, muito elegantes, tinham-no convidado para uma hora de intimidade. E mesmo se quis?

— Dochl... Acendi um cigarro, nongabastantant... E respondi: — Ben leh vverrà... Oh, douce France!

Máriaon sorria, segura do marido, de sua estrita fidelidade mística. Os dois se namoravam, bem nos quinze serões. Mas alguém perguntou:

— É a guerra?

Heubel endireitou o busto e alisou o cabelo do pato da túnica, repentinamente sério.

— Gue... A nossa Divisão vinha na retaguarda... No caminho quase não tinha havido combates... Se wara...

Por fim, sorriu, e pimpoa um dedo na ponta do nariz, romecendo os lábios num trejeito engraçado. E terminou:

Natal se acabasse esta guerra... Mas Máriaon dizia e explodia, redidiosa, realizada, preparando, com mãos ostensivas as troupinhas para o bebê.

Nitem, porém! antes do Natal, a mão do fatum veio para Heubel, num gesto simples: ele foi chamado de novo à fila, de novo para o campamento de Munster, onde verteramos da bilheteira voltavam a aprender, de a até 2, dia por dia, as artes de bem combater.

— Nossas Hans-Helmut continua guilando autônoma e daltlografando? — ou perguntava.

— Oh, sim, sim, sim... — Máriaon respondia, com olhos de ver anjos no ar, o ventre, manso e manso, se arredondando.

Pelo inverno, fora o regido e as frotas, tudo era o vanto de idade e a rotina tristonha da guerra. Vi Máriaon menos vezes. Acostumava raro também, que Hans-Helmut pudesse vir a Himmburg, em curtas licenças. Uma delas, para conhecer o filho — Detty, tão claro, tão ridivo, tão gorduchinho — que chegara, como em geral chegam de menthon, trazendo ainda o aroma de algum país de felicidade.

Segundo assim, semanas, vinham manso e mais estragadores, os bombardeios aéreos. Na penumbra do grande hall da Hauptbahof, era maior a muda proleção dos soldados que embarravam, em minha

— Por que não? Alguém falou na fé que move montanhas...
— Não, eu não sei se você está sendo sincero. Mas, você disse bem! Hans-Helmut acredita, e...
— Bem ultimamente saíra, riontibil...
— Oh, mein Hebel! Sem querer, você estava torturando...
— Mas, Máriaon...
— Não, mein Freund, eu não devia falar, eu não queria pensar... Mas, deita vez, ele se despidiu acerbunhado, profundamente abatido, sem a segurança e a calma das outras ocasiões... Sim... Tenho que éle sejeia senhido mudo...
— Um momento de despresso conta bem pouco. Hans-Helmut respira...
— Não estou bem certa. Até o seu rosto era outro, gostaria que você tivesse visto... Oh, meu amigo, você tem de ajudar-me, temos de fazer alguma coisa! Vamos escrever-lhe cartas energéticas, animadoras, muitas cartas. Minha mãe é católica, eu sou católica, não duas semanas reatou de joelhos, noites inteiras, tudo vale... Não, obri... Ah, guarde o endereço, veja! Feid...
— Obrigada, por tudo; até Weidensho...
Até à vista, sim, intrépida, pediu Máriaon, vós no apartamento da Himmensstrasse, guardando o bérço do teu hermaninho Detty, e contemplando o retrato bondoso de Hans-Helmut. Até à vista, para vocês três, quando vosso amor vos reunir. Por ora, estronda a guerra, impudras, para lá do Danúbio, bombas caídas do céu massacraram Heubel... "Pflue Exzer, ter edie Hitler..." — clangaram históricas sinfarras, anunciando, no rádio, os

conceitos: a glória marcial, a austeridade da raça, Frederico-o-Grande e Bismarck, Prússia e Sparta, sel mais que... Você já terá encontrado indivíduo assim, há muitos desses... Podem discursar, durante horas, sobre a futura grandeza da pátria, mas são também capazes de pisar na mão de uma criança. Bitte, dê-me um cigarro...

— E o genro, o capitão K.?
— Inexistente... Entendendo de sua profissão e influenciado pelo dr. Sch. Recht ein Idiot... Perdô-me. Continuo contando. Prôpriamente durante o jantar, tudo ainda correu razoável... O capitão K. descrevia suas façanhas e as de toda a Wehrmacht, na Bélgica, e na França, e Annelise e o pai escutavam-no altamente comprazidos, se bem devesses estar ouvindo aquilo pela trigésima vez. Em certos momentos, o dr. Sch. tomava ocasião para intercalar seus sermões doutrinários... Pobre do meu Hans-Helmut, tão simples, tão sincero, sem atitudes... Tendo-me ao seu lado, ele se sentia feliz, e a felicidade faz-nos ficar ingênuos... A hora do café, o dr. Sch. pediu-lhe que falasse, que narrasse também suas impressões de campanha. Ah, por que não lhe fiz um sinal, por que não lhe tapei a boca?!

— E Hans-Helmut...
— Ele estava feliz, sorria para mim, fumava seu charuto... "Ora, eu, da guerra, só vi uns cachorros e cavalos, mortos, felizmente..." — foi quase tudo o que ele disse... Mas, se você visse o olhar feroz que o dr. Sch. lhe deitou... A partir daí, o homem cerrou-se em silêncio carrancudo, ignorou a presença de Hans-Helmut. Seu rancor era demonstrativo. Gelou-se o ambiente, não obstante toda a boa-vontade de Annelise... Quase a seguir, nos despedimos...

— E, depois...
— Pouco tempo depois, Hans-Helmut era de novo convocado. Casualidade? Bem, ao apresentar-se, foi avisado de que não continuaria a servir no Estado-Maior, mas sim na tropa. Que teria urdido o capitão K.? Pois Hans-Helmut passava a fazer parte da companhia por ele comandada. Cândidamente ainda pensou que isso seria uma vantagem. Procurou-o. Sabe você como o capitão K. o recebeu? Duro, empertigado, rispido: — "Agora, aqui, não admito nenhuma espécie de intimidade, tome bem nota. E, na minha Companhia, não permitirei, absolutamente, tiblezas ou eplcurismos!" — ainda ousou dizer sarcástico...

2.ª SEÇÃO

Correio da Manhã

DOMINGO
29 de Fevereiro de 1948

Rua Gonçalves Dias 5 - RIO DE JANEIRO - Av. Gomes Freire, 51/53

O MAL HUMOR DE WOTAN

J. GUIMARÃES ROSA

HANS-Helmut Heibel lia Emerson e Prentice Mulford e acreditava num destino pântico e minucioso, produzido pelo homem. Com saúde, por isso empenho em remontar à causa ou à série de causas que no trouxeram a conhecê-lo. E recou no Márion.

Márion Heibel, gentil mistura de origens — aliás, dinamarquesa e belga — foi vagamente minha namorada, durante um dia, à beira do Alster, na primavera de 1938. Amadurecidos os montagens, foram os castanheteiros, e já se falava com tra na Inglaterra, por causa da Teosofia. Mas as coisas estavam boas barulhentos para debater dos salteiros, ficavam por lá longo tempo, escondidos, e só assim para vir encostar no céu de Uhenbergeter-Feltrinhaus, onde e garçons de blusa branca serviam-lhes suculentos e sorvetes, enquanto a orquestra, no ar livre, desfilava Wagner e Strauss.

Memo assim, Márion, que era loira como uma gata e vestia tailleur de um azul só visto em seus de borboleta, beataiva em cada primavera, a facilidade do amor.

— Quero casar e ter muitos filhos... — repetia.

— Para agradar ao Fuhrer, Márionchen?

— Per mais graciosas que fosse, seus olhos tomavam seriedade demasiado funda. Levou um minuto para responder e divagou, ainda assim:

— O Fuhrer não tem tempo para amar... O Fuhrer consagrou-se à política...

Não podia insistir. Márion furtava a mirada, e tornou a falar em casamento. E casou-se, mais de um ano depois, quinze dias, talvez, antes de invadir a Polónia. Passou a ser Frau Heibel, mulher de Hans-

Helmut. Dêsse modo, por um frustro namorado e pela pura camaradagem de depois, foi que vim a conhecer um meu amigo, pode bem ser que o amigo melhor que a Europa me proporcionou.

Éles conseguiram do Finanzamt algumas dividas, e ganharam também permissão de transportar a fronteira; foram para a luz-de-mel em Braxelas, onde Heibel tinha um tio. Estavam em paz por lá, durante a Milva, durante Katus, durante a destruição de Varsóvia. E não houve a qualquer lógica misteriosa, porquanto Hans-Helmut acria o menos belicoso dos homens, nada marcado, bem pouco germânico, e não ser pelo amor à ordem e ao trabalho continuo, pela profundidade nebulosa no encisar a vida, pelo passado nefasto de castri.

Nos gostos, porém, amavam-no as mulheres de alto nível, de preferência as soltas, escolhia sempre a leve, o lépido, o bonito, acomodava Márion a mequillares; e como tradição, sempre que podia, baixava à Itália amada de Goethe, para comer bem e fazer esportes de inverno, entre as mulheres mais fortes do mundo, em Cortina d'Ampezzo.

Quando voltaram a Hamburgo, a Polónia estava vencida; falava-se na paz, o povo desejava a paz, e Heibel, retirando em Berchtesgaden, intencionava paz poderosa. Hans-Helmut arrependeu-se, mas não o

recrutaram; deram que aguardasse convívio. Na verdade, a sorte trabalhava com éle; e bem que éle o merecia, a mala de calhaver a correção íntima e o otimismo independente e absoluto — instrumentos que põem a rodar em favor de alguém o limpo destino dirigido.

Por tudo o quanto, andávamos sempre juntos, e várias eram as nossas conversas. Meu amigo tinha uma sensata curiosidade por tudo que fosse do Brasil, e eu opinava que éle devia emigrar para cá, depois da guerra, para ser dono de pequena fábrica de qualquer coisa, de bebidas, por exemplo. Então, pedimos outro chá, e outra cerveja, e entrávamos pelos grandes assuntos internacionais. A depressão amigável de Hans-Helmut tinha sido uma juízo, e pelo dia, éle não simpaticava muito com o Partido. Mas Márion, atenta, patriota e principalmente cheia de prudência, tentava trazer-lhe aos poucos à linha do bell Hitler mais honroso. Minha aliada em tudo isso era Frau Maden, a mãe de Márion, que me fazia repetir, semanas seguidas, cada último discurso de Churchill. Lutava-se silenciosa e intencionalmente, como asjas e demônios pela posse de uma alma, nos amáveis serões em que julgávamos o skat ou brincamos de adivinhações inocentes.

Por fim, sorriu, e pincou um dedo na ponta do nariz, remecendo os lábios num trejeito engraçado.

— E a guerra?

— Não sei. A nossa Divisão vinha na retaguarda... No caminho quase não tinha havido combates... Se war's...

Por fim, sorriu, e pincou um dedo na ponta do nariz, remecendo os lábios num trejeito engraçado.

Natal se acabasse esta guerra!... Mas Márion dizia e explodia, redidiosa, realizada, preparando, com olhos ostensivos as roupinhas para o bebê.

Nitem, porém! antes do Natal, a mão do fatum voltou a Heibel, num gesto simples: éle foi chamado de novo à fila, de novo para o scampamento de Münster, onde veteranos de batalhas voltavam a aprender, de a até 2, dia por dia, as artes de bem combater.

— Maso Hans-Helmut continua guiando automóveis e dactilografando? — ou perguntava.

— Oh, sim, sim, sim... Márion respondia, com olhos de ver anjos no ar, o ventre, manso e manso, se arredondando.

Pelo inverno, fora o regão e as freixas, tudo era o vanto de láde e a rotina tristonha da guerra. Vi Márion menos vezes. Acostumava raro também, que Hans-Helmut pedisse vir a Hamburgo, em curtas licenças. Uma delas, para conhecer o filho — Detty, tão claro, tão ridor, tão gorduchinho — que chegara, como em geral chegam os meninos, trazendo ainda o aroma de algum país de felicidade.

Segundo assim, semanas, vinham mais, e mais estragadas, os bombardos aéreos. Na penumbra do grande hall da Hauptbahnhof, era maior a muda proleção dos soldados que embarcavam. Já, minha

— Por que não? Alguém falou na fé que move montanhas...
— Não, eu não sei se você está sendo sincero. Mas, você disse bem Hans-Helmut acredita, e...
— Seu optimismo o salvará, não rionhinho...
— Oh, mein Heibel! Sem querer, você sempre torturando...
— Mas, Márion...
— Não, meu Freund, eu não devia falar, eu não queria pensar... Mas, desta vez, éle se despediu acerbamente, profundamente abatido, sem a segurança e a calma das outras ocasiões... Sim... Temo que éle esteja sentindo medo...
— Um momento de desespero conta bem pouco. Hans-Helmut resigna...
— Não estou bem certa. Até o seu rosto era outro, gostaria que você tivesse visto... Oh, meu amigo, você tem de ajudarme, temos de fazer alguma coisa! Vamos escrever-lhe cartas energicas, animadoras, muitas cartas... Minha mãe é católica, eu sou católica, mas duas vamos reatar, rezar de joelhos, noites inteiras, tudo vale!... Não, obrigada, tenho aqui a meu topoi... Ah, guarda o endereço, veja! Feid-póstumamente! Mãe D, apenas nada mais... Adius, tenho de ir ver meu filho. Obrigada, por tudo; au! Wiedersehen...
— Até à vista, sim, intrépida, pequena Márion, você no apartamento da Hohenmannstrasse, guardando o bebê do teu homenzinho Detty, e contemplando o retrato bondoso de Hans-Helmut. Até à vista, para você, não, quando vouo amor vos reunir. Por ora, estroada a guerra, impiedosa, para lá do Danúbio, bombas caídas do céu massacraram Bergrado. "Prive Exzer, der edle Hitler..." — clamaram históricas sinfarras, anunciando, no rádio, os

— Mas, assim, desprovido de qualquer treinamento, não preparado, e míope, desajetado para partilhar os esforços da tropa aguerridíssima! E logo no momento de começar a maior ofensiva, quando sua Divisão passava a atuar na vanguarda... Por que você não tentou alguma coisa, Márion? Por que não recorreu a Annelise?

— Oh, meu amigo, se o fiz! Cheguel a implorar. E tive de romper com ela, quando passou também a desprezar-me... Depois, recorremos a outras pessoas. Foi inútil. E era isso o que estava oprimindo Hans-Helmut: não o medo egoísta e animal, ou a preocupação de esquivar-se, por subterfúgios, dos riscos que todos devem correr; mas a repugnância, o enorme horror à maldade humana, à intolerância... Ah, só assim puderam matá-lo, corroendo alguma coisa em seu íntimo... Mas, não! diga, diga, você acha, então, que éle... morreu?!

Morreu, Márion. Não voltará para você; não o veremos mais aqui; não vai retornar à sua amada Alemanha. Chegou a comunicação oficial, o papel tarjado de preto. Hans-Helmut tombou durante um assalto, e deram ao seu cadáver a cruz-de-ferro.



Certo seus restos ficarão em chão longinquo, lá onde teve de ceder ao obscuro fenômeno chamado morte, para lá do Dnieper, nas estepes de Nogai. Ninguém poderá provar-nos, porém, que éle não mais existe, nem que não seja uma hipótese a examinar a sua concepção do destino e da vida, nem que um dia não venham a ser bem-aventurados os mansos, porque éles herdarão a terra.

APÊNDICE F. PUBLICAÇÃO ORIGINAL DE "A SENHORA DOS SEGREDOS" – COM O ADICIONAL DE AMPLIAÇÃO PARA LEITURA (Correio da Manhã, 6 dez. 1952) Originalveröffentlichung des Textes "A Senhora dos Segredos" - vergrößert zum Lesen

ANTOLOGIA DE CONTOS

A SENHORA DOS SEGREDOS

J. GUIMARÃES ROSA

(Seleção de Marina Amaral Brando)

NÃO sei se creio em quiro e cartomantes; em astrólogos, sim, quase acredito. Pelo menos duas vezes tive fé em Frau Heelst, dada e gabada então como horoscopista de Hitler.

Foi em Volkstorf, perto de Hamburgo. De auto, por entre muros e árvores, chegava-se lá num pulo. E, como, a consultas dessas em grupo vai-se melhor, estavam Ulrike Wab, Gretel Ambler, Lene Speterova, Ara e eu.

Custoso agora traduzi-las — Gúida, Lene e Ulrike — as três moças alemãs, tão longe deixadas, mas que, conosco, aquela tarde, alegremente se atravaram a querer poder espiar um triz de seus destinos. Ulrike, a bavara, sóta sem pausas; trigueira dinárica, de corpo subido e pernas longas, como as de uma nórdica. Gretel, sua prima, da Turíngia, simples louca, que vinha de achar o mar do amor e reduzia, em jeito de susto: — Die Liebe ist das Element des Lebens!

E Lene, sudeta, de esquinados olhos verdes com cintilo de pedras, espessa ruiva, eslavas maçãs do rosto, bonita, mas logo infundida em azo inquietante e imprevisível.

Frau Heelst nos recebeu não profissional, com lisa benevolência. Era uma ampla senhora, lavada e enxugada, livre nas roupas, definitiva. Admirei-lhe as maneiras e sua ciência dos astros, que devia ser plena, a ponto de dar-lhe tanto desdém do ritual cabalístico. Apenas tinha perto de si um gato, amarelo, sentado, que trazia tudo para dentro de seus olhos e gerava no ambiente eletridade e amoníaco.

Princiando por Gretel, Frau Heelst curvou-se no trabalho. Folheou tabelas, usou lápis e compasso, traçou um círculo. Em concentração de matemático e não de vidente, foi formando números, trigonometria, signos. Ao cabo dos cálculos, voltou-se. E anunciou — tendências inatas, passado principal, futuro próximo — o que a Gretel tocava, segundo o céu antigo. Gretel escutou-a, sem reagir, sem um pestanejão. Falou, ao fim:

— Sinto, cara senhora, mas o explicado, até onde sei, a mim não pode aplicar-se, absolutamente não. Frau Heelst não hesitou um til. Só:

— Assim, minha filha, as indicações que me deu devem ter sido de algum modo inexatas. Nasceu mesmo às 6 da manhã, e em 1915?

Rápida, foi Ulrike Wab quem apontou o erro: Gretel não era de Erfurt, como desatentadamente dissera, mas nascida em Darassalam, na África Oriental, de onde teria vindo menina. E latitude e longitude contam, nos assinalamentos siderais.

Frau Heelst acariçou o gato. Com o mesmo composto afínico, retomou a tarefa, que não durou menos nem mais que da primeira mão. Mas os resultados novos se disseram muito certos. Ao ouvir que la c'pressa casar-se, e ter quatro filhos, a confirmação de Gretel caiu larga: — Die Liebe ist das Element des Lebens!

E então veio a vez de Lene Speterova, de Marienbad, com 24 anos, vestida de verde. Esperávamos. Subito, sim, mal começara a recolher-se, Frau Heelst se desassentou. Apanhou-nos os olhos, com uma mirada em arco, e informou, um tanto desviadamente,

que o estudo astral da moça punha-se mais difícil, se mostrava confuso, que preferia não prosseguir. Dava por atenuar-se nas palavras, mas tocou o sobreombro todo o fim.

Lene insistiu, um centímetro. Frau Heelst demorou, dona de si. Naturalmente, não, em nota alguma, chamamos de apost-la; que sem dúvida concorda, adiar, em melhor ocasião voltaríamos. Porém Lene insistiu, por sete vezes.

— Pelo amor de Deus, Frau Heelst! Devo saber Ulrike, minha sóte...

quando assimpta tempo, quase de trizo a trizo, inevitável, e que agora parecia afiar-se em pequeno dolo. Mas Frau Heelst, atropela, se desdém. Percebi, era a dona da outra, a seu querer: embrosar-lhe, pois, foi a moça, a obrigação dela, advinda. Mas, profunda é a malícia de uma moça, no seu subdolo: aproveitou que a senhora tentava de ser a deteira de portas, adiante na presença da interessada, e de uma prouta mais, como testamunha; e, para isso mesmo, encobriu

As duas concordaram, de bruro estretas, uma e



o mesmo a mim, vive que algum lance a pliar, outra, na firmeza normalda.

— Não, não, não, não... e Frau Heelst ito redondo. — Este ouzra vém aqui...

— Não, não, não, não... e Frau Heelst ito redondo. — Este ouzra vém aqui...

— Não, não, não, não... e Frau Heelst ito redondo. — Este ouzra vém aqui...

— Não, não, não, não... e Frau Heelst ito redondo. — Este ouzra vém aqui...

— Não, não, não, não... e Frau Heelst ito redondo. — Este ouzra vém aqui...

— Não, não, não, não... e Frau Heelst ito redondo. — Este ouzra vém aqui...

— Não, não, não, não... e Frau Heelst ito redondo. — Este ouzra vém aqui...

— Não, não, não, não... e Frau Heelst ito redondo. — Este ouzra vém aqui...

— Não, não, não, não... e Frau Heelst ito redondo. — Este ouzra vém aqui...

— Não, não, não, não... e Frau Heelst ito redondo. — Este ouzra vém aqui...

— Não, não, não, não... e Frau Heelst ito redondo. — Este ouzra vém aqui...

— Não, não, não, não... e Frau Heelst ito redondo. — Este ouzra vém aqui...

— Não, não, não, não... e Frau Heelst ito redondo. — Este ouzra vém aqui...

— Não, não, não, não... e Frau Heelst ito redondo. — Este ouzra vém aqui...

— Não, não, não, não... e Frau Heelst ito redondo. — Este ouzra vém aqui...

— Não, não, não, não... e Frau Heelst ito redondo. — Este ouzra vém aqui...

— Não, não, não, não... e Frau Heelst ito redondo. — Este ouzra vém aqui...

— Não, não, não, não... e Frau Heelst ito redondo. — Este ouzra vém aqui...

— Não, não, não, não... e Frau Heelst ito redondo. — Este ouzra vém aqui...

— Não, não, não, não... e Frau Heelst ito redondo. — Este ouzra vém aqui...

— Não, não, não, não... e Frau Heelst ito redondo. — Este ouzra vém aqui...

— Não, não, não, não... e Frau Heelst ito redondo. — Este ouzra vém aqui...

usado, e cada um bebia sua sombra curiosidade, como um vinho fino. Então, depois, respiraram. E extremamente vivas Lene rompeu em pranto, amparando-se em Ulrike, que a abraçava, tentando-a a si, afagava-a a si, não afagava-a; choravam juntas.

— Terrível... Terrível... — foi a última revolta que Ulrike nos passou, num sussuro.

E no entanto, no resto de Frau Heelst, à porta, só liamos brandura e seriedade, e nada a não ser bondade em seus olhos azuis.

— Não, não, não, não... e Frau Heelst ito redondo. — Este ouzra vém aqui...

— Não, não, não, não... e Frau Heelst ito redondo. — Este ouzra vém aqui...

— Não, não, não, não... e Frau Heelst ito redondo. — Este ouzra vém aqui...

— Não, não, não, não... e Frau Heelst ito redondo. — Este ouzra vém aqui...

— Não, não, não, não... e Frau Heelst ito redondo. — Este ouzra vém aqui...

— Não, não, não, não... e Frau Heelst ito redondo. — Este ouzra vém aqui...

— Não, não, não, não... e Frau Heelst ito redondo. — Este ouzra vém aqui...

— Não, não, não, não... e Frau Heelst ito redondo. — Este ouzra vém aqui...

— Não, não, não, não... e Frau Heelst ito redondo. — Este ouzra vém aqui...

— Não, não, não, não... e Frau Heelst ito redondo. — Este ouzra vém aqui...

— Não, não, não, não... e Frau Heelst ito redondo. — Este ouzra vém aqui...

— Não, não, não, não... e Frau Heelst ito redondo. — Este ouzra vém aqui...

— Não, não, não, não... e Frau Heelst ito redondo. — Este ouzra vém aqui...

— Não, não, não, não... e Frau Heelst ito redondo. — Este ouzra vém aqui...

— Não, não, não, não... e Frau Heelst ito redondo. — Este ouzra vém aqui...

— Não, não, não, não... e Frau Heelst ito redondo. — Este ouzra vém aqui...

— Não, não, não, não... e Frau Heelst ito redondo. — Este ouzra vém aqui...

— Não, não, não, não... e Frau Heelst ito redondo. — Este ouzra vém aqui...

— Não, não, não, não... e Frau Heelst ito redondo. — Este ouzra vém aqui...

— Não, não, não, não... e Frau Heelst ito redondo. — Este ouzra vém aqui...

— Não, não, não, não... e Frau Heelst ito redondo. — Este ouzra vém aqui...

— Não, não, não, não... e Frau Heelst ito redondo. — Este ouzra vém aqui...

— Não, não, não, não... e Frau Heelst ito redondo. — Este ouzra vém aqui...

Princiando por Gretel, Frau Heelst curvou-se no trabalho. Folheou tabelas, usou lápis e compasso, traçou um círculo. Em concentração de matemático e não de vidente, foi formando números, trigonometria, signos. Ao cabo dos cálculos, voltou-se. E anunciou — tendências inatas, passado principal, futuro próximo — o que a Gretel tocava, segundo o céu antigo. Gretel escutou-a, sem reagir, sem um pestanejão. Falou, ao fim:

— Sinto, cara senhora, mas o explicado, até onde sei, a mim não pode aplicar-se, absolutamente não. Frau Heelst não hesitou um til. Só:

— Assim, minha filha, as indicações que me deu devem ter sido de algum modo inexatas. Nasceu mesmo às 6 da manhã, e em 1915?

Rápida, foi Ulrike Wab quem apontou o erro: Gretel não era de Erfurt, como desatentadamente dissera, mas nascida em Darassalam, na África Oriental, de onde teria vindo menina. E latitude e longitude contam, nos assinalamentos siderais.

Frau Heelst acariçou o gato. Com o mesmo composto afínico, retomou a tarefa, que não durou menos nem mais que da primeira mão. Mas os resultados novos se disseram muito certos. Ao ouvir que la c'pressa casar-se, e ter quatro filhos, a confirmação de Gretel caiu larga: — Die Liebe ist das Element des Lebens!

E então veio a vez de Lene Speterova, de Marienbad, com 24 anos, vestida de verde. Esperávamos. Subito, sim, mal começara a recolher-se, Frau Heelst se desassentou. Apanhou-nos os olhos, com uma mirada em arco, e informou, um tanto desviadamente,

ANTOLOGIA DE CONTOS

A SENHORA dos SEGREDOS

J. GUIMARAES ROSA

(Seleção de Marina Amaral Brandão)

NÃO sei se creio em queros e cartomantes; em astrólogos, sim, quase acredito. Pelo menos duas vezes tive fit em Frau Heelst, dada e gabada então como horoscópiça de Hitler.

Foi em Volkdorf, perto de Hamburgo. De após, por entre muros e árvores, chegava-se lá num path. E, como a consultei duas em grupo vale-me melhor, eram Ulrike Wab, Gretel Amblee, Lena Speitrova, Ara e eu.

Custoso agora traduzi-las — Grãda, Lena e Ulrike — as três moças alemãs, tão longe delatadas, mas que, comover, aquela tarde, alegraram-se a atravessarem a quarteir para espisar um tito de seus destinos. Ulrike, a bavara, não sem panaca; linguista dinâmica, de corpo nobre e pernas longas, como se de uma nobreza. Gretel, sua prima, da Turíngia, simples laura, que vinha de achar o mar de amor e redonda, em jeito de moçoil — Die Liebe ist das Element der Lebnis! E Lena, solista, de esquilhões cílios verdes com cinto de pedras, espessa ruiva, relvas magra do rosto, bondade, mas logo infundida um ano inquietante e impetioso.

Frau Heelst nos recebeu não profissional, com sua benevolência. Era uma angela senhora, lavada e enxugada, leve nas roupas, definitiva. Admitiu-me as manhas e sua ciência dos astros, que devia ser plena, a ponto de dar-lhe tanto desdém do ritual cabalístico. Apenas tinha perdoe de si um gato, amarelo, anelado, que usava todo para dentro de sua olhos e estava no ambiente viciatíssimo e amonido.

Preocupando por Gretel, Frau Heelst curvou-se no trabalho. Folheou tabelas, usou títipo e compasso, traçou um círculo. Em concentração de malemolência — não do astrólogo, foi formando adormecido, trigonometria, alguns. Ao cabo dos cálculos, voltou-se. E anunciou — tendências inatas, passado principal, futuro próximo — e que a Gretel tomava, segundo o astrólogo, Gretel reuniria, sem realizar, sem um propósito. Faltou, ao fim:

— Sim, cara senhora, mas o explicado, até onde sei, a mim não pode aplicar-se, absolutamente não.

Frau Heelst não brulhou um hi. Só:

— Assim, minha filha, as indagações que me deu devem ter sido de algum modo incoerentes. Nascem mesmo lá e da manhã, e em 1937.

Rápida, foi Ulrike Wab quem apontou o erro: Gretel não era de Erfurt, como desastrosamente dissera, mas nascida em Düsseldorf, na África Oriental, de onde tinha vindo menina. E talitudo e longitude centenas, nos astrológicos, idéias.

Frau Heelst acarelou o gato. Com o mesmo composto alívio, retomou a tarefa, que não durou muito sem mais que de primeira mão. Mas os resultados novos se discutiram muito certos. Ao ouvir que a Gretel sair-se, e ter quatro filhos, a recominação de Gretel não lagra. — Die Liebe ist das Element der Lebnis!

E então veio a vez de Lena Speitrova, da Morávia, com 14 anos, vestida de Espiritismo. Nascu, um, mas começara a voltar-se. Frau Heelst se desastrosou. Abandonou os olhos, com uma melada em arco, e informou, um tanto desvidadamente,

que o estudo astral da moça punha-se mais difícil, se mostrava confuso, que preferia não prosseguir. Dava por atenuar-se nas palavras, mas traía o sobrececho todo o tom.

Lene insistiu, um centímetro, Frau Heelst demonstrou, dona de si. Naturalmente, nós, em meia algazarra, tínhamos de apolá-la; que sem dúvida convinha adiar, em melhor ocasião voltaríamos. Porém Lene teimou, por sete varas.

— Pelo amor do Céu, Frau Heelst! Devo saber minha sorte...



— E não me dá, vive que algum lance a picara, outra, na firmeza germânica.

zando antipatia limpa, quase de tribo a tribo, inevitável, e que agora parecia afilar-se em pequeno ódio. Das Frau Heelst, cirúrgica, se decidira. Perfekt, era a sina da outra, a seu querer: coubesse-lhe, pois, fel e mel, a obrigação dela, advinda. Mas, profunda é a malícia de uma maga, ou sua sabedoria: acrescentou que a sessão teria de ser a dentro de portas, somente na presença da interessada, e de uma pessoa mais, como testemunha; e, para nosso pasmo, escolheu Ulrike.

As duas concordaram, de brusco estreitas, uma e outra, na firmeza germânica.

— Haverá guerra? — Ach, nee... De modo nenhum. Esteja sossegado. A resposta era a resposta. Mas não a previra em olhar tão raso.

O gato lá estava, dentro do círculo de sua cauda. Seus olhos sugeriam os de Lene, de quem me faltavam notícias, e não ser que estava noiva de um homem de má fama, e por isso em luta com a própria mãe, que ela queria dar como louca e internar. Afinal, eu ali não passava de um estrangeiro, e os tempos eram perigosos. Frau Heelst serviu-me chá.

Tivendo conversa, pedi para saber como seria investigável astralógicamente aquele assunto, de por e guerra neste mundo sublimar; e ela grin em grupo se desceram, visto que o terreno da ciência é o da má comunicação... Sim, podia-se tirar o gráfico do destino de um país, dum regime, desde que a data de sua instituição fosse conhecida. Para o III Reich, por dizer...

— E por que não recorrer aos horoscópicos das rapazes em idade militar?

— Oh, não, não, não... e Frau Heelst se desdém.

— Esta moçoil não aqui...

— Isso por isto, não a não, sim a sim, fomos falando, entrando, das coisas guardadas, sobretrabalhas, erra do fausto e funesto. Quem sabe, talvez, para parar, in abstração, bomodópio virtuosas, boa coisa de... Globalmente, com as estatísticas dos nascimentos nas diversas partes do país... Talvez já palissas, sobre o censo de milhares de 1935, e talvez omissões de Marx.

Mas, para o fim, Frau Heelst dissipou-me de esperar aquilo, pois guerra não irá haver, pelo menos a guerra em grandes condições. Derivativa com afã produtiva, e mesmo patriótica, demonstrativa. Nossa dependência foi quase aférrica.

Tanto, que pauci e lembá-la — grande laura, à banca de seu ofício, na tipode, curvada sobre os cotovos acanoad. De Ulrike Wab, com atos movimentados de onça em japon, sua alacria cética; Gretel Amblee e sua densa leiteraria; e Lena Speitrova, brasa na cabeça, rutilante cabelo. Relembrei-a, conversando com Ara, por todo o junho, julho, agosto, via mais, via menos. Teria de recordá-la sempre.

Mas, justo naquela dia, eu estava pensando em outras coisas, aquela manhã, profundamente, quando me chamaram ao telefon. Frau Heelst, turbada, alista. Falou, falou, urgente desfulcundando traça.

— Se lhe seria concedido emigrar para o Brasil, para a América, qualquer cidade nossa, onde houvesse como ganhar seu sustento... Se podia vir, venha, combinar os pormenores, receber prontamente os papéis, partir...

Não, Frau Heelst, nada mais era possível. Não o perjuriamos os outros. Dois dias depois, começara a guerra.

que o estudo astral da moça punha-se mais difícil, se mostrava confuso, que preferia não prosseguir. Dava por atenuar-se nas palavras, mas traía o sobrececho todo o tom.

Lene insistiu, um centímetro, Frau Heelst demonstrou, dona de si. Naturalmente, nós, em meia algazarra, tínhamos de apolá-la; que sem dúvida convinha adiar, em melhor ocasião voltaríamos. Porém Lene teimou, por sete varas.

— Pelo amor do Céu, Frau Heelst! Devo saber minha sorte...

— E não me dá, vive que algum lance a picara, outra, na firmeza germânica.

zando antipatia limpa, quase de tribo a tribo, inevitável, e que agora parecia afilar-se em pequeno ódio. Das Frau Heelst, cirúrgica, se decidira. Perfekt, era a sina da outra, a seu querer: coubesse-lhe, pois, fel e mel, a obrigação dela, advinda. Mas, profunda é a malícia de uma maga, ou sua sabedoria: acrescentou que a sessão teria de ser a dentro de portas, somente na presença da interessada, e de uma pessoa mais, como testemunha; e, para nosso pasmo, escolheu Ulrike.

As duas concordaram, de brusco estreitas, uma e outra, na firmeza germânica.

Gretel, Ara e eu saímos para a saleta, onde fizemos por abrir honesta conversação sem cór, sóbre o tema do tempo. Mas, de malguarda, nossa fala era apenas rumor, humano, demais como o de pão matigado, e cada um bebia sua sombria curiosidade, como um vinho frio.

Enfim, depois, reapareceram. E estremecemos: vivos Lene romper em pranto, amparando-se em Ulrike, que a abraçava, trazendo-a até nós, afagava-a até nós afagava-a; choravam juntas.

— Terrível... Terrível... — foi a única revelação que Ulrike nos passou, num susurro.

E no entanto, no rosto de Frau Heelst, à porta, só vimos brandura e seriedade, e nada a não ser pura bondade em seus olhos azuis.

Mas minha segunda ida a Volkdorf se deu somente em meados de junho de 1939, e portanto quase um ano após; quando o dr. Goebbel andava visitando Dantzig, e eu tinha uma pergunta pronta para Frau Heelst.

— Haverá guerra? — Ach, nee... De modo nenhum. Esteja sossegado. A resposta era a resposta. Mas não a previra em olhar tão raso.

O gato lá estava, dentro do círculo de sua cauda. Seus olhos sugeriam os de Lene, de quem me faltavam notícias, e não ser que estava noiva de um homem de má fama, e por isso em luta com a própria mãe, que ela queria dar como louca e internar. Afinal, eu ali não passava de um estrangeiro, e os tempos eram perigosos. Frau Heelst serviu-me chá.

ANTOLOGIA DE CONTOS

A SENHORA dos SEGREDOS

J. GUIMARÃES ROSA

(Seleção de Marina Amaral Brandão)

Não sei se creio em quilo e cartomantes; em astrologia, sim, quase acredito. Pelo menos duas vezes viveu em Frau Heelst, dada e gabada de astrologa e horoscópio de Hitler.

Foi em Valkendorf, perto de Hamburgo. De auto, por entre muros e árvores, chegava-se lá num pulo. E, como a conselheira desceu em grupo várias mulheres, chamadas Ulrike Wab, Gretel Amkle, Lene Speierova, Ara e eu.

Custões agora traduzidas — Gilda, Lena e Ulrike — as três moças aliadas, tão longe deixadas, mas que, consoante, aquela tarde, alegremente se adivinhavam a querer poder espalhar um tili de suas doutrinas. Ulrike, a barba, solta com panos; trinquês d'almofada, de corpa acibdo e pernas longas, como as de uma nérdica. Gretel, sua prima, da Turíngia, simples loura, que vinha de achar o mar de amor e redenção, em jeito de poeta: — Die Liebe ist das Element des Lebens! E Lene, solista, de esquadras olhos verdes com brilho de pedras, espôsa rufa, silvas moças do rosto, bondade, mas logo infundida num azo inquietante e impetuoso.

Frau Heelst não recorre ao profissional, com sua benevolência. Era uma senhora, lavada e esculpida, leve nas roupas, definitiva. Admirável as manobras e sua ciência dos astros, que devia ser glória, a ponto de dar-lhe tanto destino de oficial cavalheiro. Apenas tinha perdo de si um galo, amarelo, estrado, que usava tudo para dentro de seus olhos e gestos no ambiente intelectual e amonido.

Principando por Gretel, Frau Heelst corria-se no trabalho. Pelos seus tabeas, um lípio e compasso, tirava um círculo. Era concentração de matemático e não de alferde. Foi formando números, trigonometria, alguns. Ao cabo dos cálculos, voltou-se. E anunciou — tendências locais, passado principal, futuro próximo — e que a Gretel usava, segundo o rito antigo. Gretel rousou-a, sem reagir, sem um pensamento. Falou, ao fim:

— Sim, cara senhora, mas o explicado, até onde sei, a mim não pode aplicar-se, absolutamente não.

Frau Heelst não hesitou um til. Só:

— Assim, minha filha, as indicações, que me deu devem ter sido de algum modo laxadas. Nasceu mesmo lá é da manhã, e em 1937.

Rápida, foi Ulrike Wab quem apontou o erro: Gretel não era de Heelst, como desastrosamente dissera, mas nascida em Düsseldorf, na África Oriental, de onde tinha vindo moça. E lá tinha a longitude contada nos assinalamentos alérida.

Frau Heelst acoberte o galo. Com o mesmo compasso alérida, retomou a tarefa, que não durou menos de dez minutos que da primeira vez. Mas os resultados foram se diluindo muito certo. Ao ouvir que lá a Gretel estava, e ter quatro filhas, a conselheira de Gretel saiu largada: — Die Liebe ist das Element des Lebens!

E assim veio a vez de Lene Speierova, de Marlenbad, com 21 anos, virada de verde. Esperávamos, contudo, um, mas começou a recuar-se. Frau Heelst se desanimou. Apareceu-nos os olhos, com uma nuada em arco, e informou, um tanto desviduamente,

que o estudo astral da moça punha-se mais difícil, se mostrava confuso, que preferia não prosseguir. Deu por terminada nas palavras, mas tratou o sobrecocho todo o tom.

Lene insistiu, um centímetro. Frau Heelst demonstrou, dona de si. Naturalmente, não, em meio algazarra, linchados de apatia; que sem dúvida consistia adiar, em melhor ocasião voltáramos. Porém Lene insistiu, por sete vezes.

— Pelo amor de Ceu, Frau Heelst! Deve saber minha senhora...

zando antipatia. Simpa, quase de tribo a tribo, insubstituível, e que agora parecia aliar-se em profundo delírio das Frau Heelst, cirúrgica, se decidida. Perfeitamente, era a sã da outra, a sua querer: cobresse-lhe, pelo, lei e mori, a obrigação dela, alérida. Mas, preferia a malícia de uma moça, ou sua subreptícia, a seriedade que a senhora teria de ser a dentro da porta, alérida na presença da interessada, e de uma preta, mais, como testemunha; e, para novo punho, acabou Ulrike.

As duas concordaram, de bruto estúpido, uma e



Fra mim a mim, vive que algum lance a pleaza, outra, na firmeza germânica. Gretel, Ara e eu almejo para a taleta, ou seja, o tema de tempo. Mas, de malgrado, não fala era umhom de ironia. Porque as duas já vinham seu, apenas rumor, humano, sempre como o' do pólo mar-

Ugado, e cada um bebia sua sombra curtiçosa, como um vinho frio. Então, depois, respiraram. E estremeçeram: via-se Lene romper em pranto, amparando-se em Ulrike, que a abraçava, trazendo-a até si, afagava-a até não afagava-a; choravam juntas. — Tereis... Tereis... — Foi a única reação que Ulrike nos passou, num suspiro. E no entanto, no rosto de Frau Heelst, à porta, só liamos brandura e serenidade, e nada a não ser para bondade em seus olhos azuis.

Mas minha segunda ida a Valkendorf se deu somente em meados de junho de 1937, e portanto com um ano após; quando o Dr. Gumbel andava visitando Düsseldorf, e eu tinha uma pergunta pronta para Frau Heelst.

— Havrá guerra? — Ah, não... De modo nenhum. Estaja assegurado. A resposta era a resposta. Mas não a preta em aliar láo zero.

O galo lá estava, dentro do círculo de sua coroa. Seus olhos esmeralda os de Lene, de quem nos faltavam notícias, e não sei que cultura lotia de um momento de má fama, e por isso em luta com a poltrona má, que ela queria dar como louca e interior. Afinal, em ali não passava de um astrólogo, e os tempos eram perigosos. Frau Heelst serviu-me chá.

Talvando conversa, pedi para saber como seria investigável astrológicamente aquele assunto, de paz e guerra, sendo mundo sublunar; e ela grau em grau se descerrou, visto que o terreno da ciência é o da sã comunicação... Sim, podia-se tirar o gráfico do destino de um país, dum regime, desde que a data de sua instituição fosse conhecida. Para o III Reich, por dizer...

— E por que não recorrer aos horóscopos dos rapazes em idade militar? — Oh, não, não, não... e Frau Heelst riu redondo.

— Estes nunca vêm aqui!

Isso por isso, não a não, sim a sim, fomos falando, entretanto, das coisas guardadas, sobrestranhas, serva do fausto e funeto. Quem sabe, valeria preparar, in abstracto, horoscópios virtuais, boa cópia deles... Globalmente, com as estatísticas dos nascimentos nas diversas partes do país... Talvez já palrasse, sobre centenas de milhares de vidas, o influxo ominoso de Marte.

Mas, para o fim, Frau Heelst dissuadiu-me de especular naquilo, pois guerra não iria haver, pelo menos a guerra em grandes condições Declarativa com afã prudente, e mesmo patriótica, demonstrativa. Nunca despedida foi essas aléridas.

Tanto, que passei a lembrá-la — grande loura, a banca de seu ofício, na tripode, curvada sobre os celestes arcanos.. De Ulrike Wab, com seus movimentos de onça em jejum, sua alegria elástica; Gretel Amkle e sua densa inocência; e Lene Speierova, brasa na cabeça, rutilante cabelo. Relembrei-a, conversando com Ara, por todo o junho, julho, agosto, vez mais, vez menos. Teria de recordá-la sempre.

Mas, junho seguinte, eu estava pensando em outras coisas, aquela manhã, precisamente, quando me chamaram ao telefone, de Valkendorf, Frau Heelst, turbada, aflita. Falou, falou, urgente desafiante frases.

... Se lhe seria consentido emigrar para o Brasil, para a América, qualquer cidade nossa, onde houvesse como ganhar seu sustento... Se podia vir ver-me, combinar os pormenores, receber prontamente os papéis, partir...

Não, Frau Heelst, nada mais era possível. Não o permitiam os astros. Doze dias depois, começava a guerra.

Mas, justo naquele dia, eu estava pensando em outras coisas, aquela manhã, precisamente, quando me chamaram ao telefone, de Valkendorf, Frau Heelst, turbada, aflita. Falou, falou, urgente desafiante frases.

... Se lhe seria consentido emigrar para o Brasil, para a América, qualquer cidade nossa, onde houvesse como ganhar seu sustento... Se podia vir ver-me, combinar os pormenores, receber prontamente os papéis, partir...

Não, Frau Heelst, nada mais era possível. Não o permitiam os astros. Doze dias depois, começava a guerra.

APÊNDICE G. PUBLICAÇÃO ORIGINAL DE "A VELHA" - COM O ADICIONAL DE AMPLIAÇÃO PARA LEITURA (O Globo, 3 jun. 1961) Originalveröffentlichung des Textes "A Velha" - vergrößert zum Lesen

Guimarães Rosa conta:

A Velha

SUA primeira menção, um tanto confusa, foi em qualquer manhã, pelo telefone: uma senhora, muito velha e doente, pedia que o Cônsul lhe fôsse à casa, para assunto de testamento. **Frau Wetterhuse.** O recado se perdia, obrigação abstracta, no diário tumulto de casos: o Conselho invadindo-se de judeus, sob mã de angústias, famintos de partir, sofridos imenso, em desengano, público pranto e longo estremeecer, quase cada rosto prometendo-se a coativa esperança final do suicídio. Vê-las, vinha à mente a voz de Hitler ao rádio — rouco, raivoso. Contra êsses, desde novembro, se implicara mais desbordada e atroz a perseguição, dosada brutal. Viesse a guerra, a primeira ordem seria matá-los. O nome **Wetterhuse** extinguiu-se num zumbido, com o que o Norte tem de mais brumoso. Mas, seguinte, na semana, voltava, a súplica, embaixada-de-ló, o apêlo insistido. Prometi-me de lá ir. Fazia todo o frio.

Sumia-se no dia naturo a bela, grande cidade hanseática, nem se avistavam seu céu de ferro molhado e os silhuetas das cinco igrejas, suas torres de cobre em arinhavre. Dava-se, que nem caudas de cobras, delgadas glaciais chicotes — nevando, fortes flocos — o vento mordaz. Saindo para a **Glöckengiesserwall**, se bem que abaçado em roupas, eu tivera que me enfiar, ao resfrio cravador e à umidade, que transia. Via-se, a cada canto, o emblema: pausada num círculo, onde cabia oblíqua a swástica, a água de abertas asas. A fora, as sombras dos troncos de árvores, na neve, e as curvas dos corvos, o corvo da desdita. Dizia-se que, êste, muitos anos faz, seria o mais duro inverno, de concumilados gelos: morriam muitos pássaros. O coração daquela natureza era manso, era mau? Sentia-se um, ao meio de tal parte, à face do caos e espirito de catástrofe, em tempo tão ingeneroso, ante a critério último — o pecado de nascer — na tece anximândrica. Todos pertenciamos, assim mesmo, à vida.


A casa era no **Harvesthude**, sombreava, meio a um jardim que no verão teria sido areal, com seus olmos e as reações de tuos e rododendro **Toquei** e levava-me ao sol — como se um **Walteriano**. Havia lá uma inverno de austeridade: a cheira de irremediável molé e de humanidade macerada. Topetarias, reposteiros de filabóis, muito antigos móveis, tudo se unia num estufamento: as cinzas de neve. Assistava a luxuriosidade daquele ambiente solitário e antiumidante, de raios e semiviver, o sentido de solidão; circunstando um ar frio. Tinha um acendido lazeiro. Dos lustres descia uma luz, de vela, era luz em cemitério. Espantava-se encontrar, em tábuas, duendes e lâminas. Encontravam-se criaturas — ao todo cinco, mulheres, todas velhas, que se retraiam, estereofônicas, entomizadas nos vestes de veludo ou gorgelão de lã, de galas altas, longas mangas, trivél desvaido.

Ao centro, numo poltrono um estrado — deveria ficar mais alto que nós, segundo um rito — a mais anciã. Era extraordinária de velha, exultantemente a mim, todo angulado, cavado de sulcos, e em cujo esqueloto olhos havia, ex-azuis, sem íris, de despulpado estúpido. Passaria dos noventa, parecia centenária. Desde as aparências, porém, sabia-se que a senhilidade, feita às sociais saboncrias e ao comando íntimo, e a quem o recado levava a levantar-se do leito de semiparalítica, e ser vestido e colocado ali, em elevado assento, de migração, de sua vida votado. E precisava me ser ouvida. Beijei-lhe a mão, os trêmulos dedos delirados.

Era o **Dame Verônica**, **Dame Angélica**, sua filha, e três parentes, as outras semelhantes, com, que nem que perucas as tão brancos cabelos, que teriam sido amarelo-palha. Ordenadamente se sentavam, cada qual com mal pepado sorriso pronto a conservar-se de parte, sentindo-se demasiado presentes ao versar do assunto conspícuo. O qual, a justo ver, elas desconheciam.

Desistez-se um silêncio. **Dame Verônica** tomou a voz. Dissesse tão-ló frases de polidez; repetio-as, bobuz, sob algum zfronamento, com um arzinho de asma. Ora fechava os olhos, sacudia, levisíssimo, a cabeça em frinca, reprecipiava. Devia de estar se passando-se de algo, muito ossado, trazido de um túnel, relutante na resistência a evocação, fato de estranholada memória. Confundia-se, eu tinha de prestar ouvido. De repente, encorou-me mais, deva-me a todo gris dos olhos. E começou a falar em português.

Falava-o tão perfeitamente, e não mais parecia dicção floca, mas ressurto, anos



SUA primeira menção, um tanto confusa, foi em qualquer manhã, pelo telefone: uma senhora, muito velha e doente, pedia que o Cônsul lhe fôsse à casa, para assunto de testamento. **Frau Wetterhuse.** O recado se perdia, obrigação abstracta, no diário tumulto de casos: o Conselho invadindo-se de judeus, sob mã de angústias, famintos de partir, sofridos imenso, em desengano, público pranto e longo estremeecer, quase cada rosto prometendo-se a coativa esperança final do suicídio. Vê-las, vinha à mente a voz de Hitler ao rádio — rouco, raivoso. Contra êsses, desde novembro, se implicara mais desbordada e atroz a perseguição, dosada brutal. Viesse a guerra, a primeira ordem seria matá-los. O nome **Wetterhuse** extinguiu-se num zumbido, com o que o Norte tem de mais brumoso. Mas, seguinte, na semana, voltava, a súplica, embaixada-de-ló, o apêlo insistido. Prometi-me de lá ir. Fazia todo o frio.

Sumia-se no dia naturo a bela, grande cidade hanseática, nem se avistavam seu céu de ferro molhado e os silhuetas das cinco igrejas, suas torres de cobre em arinhavre. Dava-se, que nem caudas de cobras, delgadas glaciais chicotes — nevando, fortes flocos — o vento mordaz. Saindo para a **Glöckengiesserwall**, se bem que abaçado em roupas, eu tivera que me enfiar, ao resfrio cravador e à umidade, que transia. Via-se, a cada canto, o emblema: pausada num círculo, onde cabia oblíqua a swástica, a água de abertas asas. A fora, as sombras dos troncos de árvores, na neve, e as curvas dos corvos, o corvo da desdita. Dizia-se que, êste, muitos anos faz, seria o mais duro inverno, de concumilados gelos: morriam muitos pássaros. O coração daquela natureza era manso, era mau? Sentia-se um, ao meio de tal parte, à face do caos e espirito de catástrofe, em tempo tão ingeneroso, ante a critério último — o pecado de nascer — na tece anximândrica. Todos pertenciamos, assim mesmo, à vida.

Teve um sorriso rônico. Enfiar-se a hulto, alisava-o e ento, num modo de extrema dignidade, fizero-se ativa. Num momento, ela precisava de profundar um pouco, arancava em si e que tanto sepulchro à força do tempo, desistiu de longo benefício do olvido. E lá era o dot de dar, à fé, uma sua suplicente secreta, excaucitar um rãngido, a fessitura. Seu coração não pensava um miligrama?

Aí, as outras quatro mulheres permaneciam, salvaguardadas, em circunstância de sãda sociedade, sem participação emotiva. Aquelas meditavam o que não podiam entender. — **Dame Angélica** rãma **Filippo**, **Ona** e **Alwynn**.

Dame Verônica não se voltava para a filha: só a mim encarava, ávida. Não sem intuição descobria-me a insólito. Tinha de satisfazer o problema, intento o varicimeto. Sonar o obvio — "Não, Sim?" E ouvia relacionar-se com minha opinião, tomar conselho. A filha não tinha sonque de outra raça. — "Por que não?" Perseverança, fidedigna, declarar aquilo, fatal como o sol, verifazer a real, renegar a insóluto. Tomaria o grave passo. A tanta erva — o de se inquirir e malhar-se, pãge a pouca restante da vida. Em dizer porém, que não lhe era possível prestar fatos, produzir testemunhas, recorrer no caso à prova de sangue, num ao menos apêlo para a razão pública. Tão longe, tantos anos... Mas, quem sabe poderia ter o apoio de um grande, forte país, de gente tão fãloga, de tanta ponderância? — "Sim, E?" Pegou a lenço, tivera um lacto de fãse. Anãlisa, querulante: — "Foi em vossa forma, anuãnd, cidade de **Petroopolis**..."

Não, um fato. Não, tive de acudir a cabeça. **Dame Angélica** nem mesmo era brasileira. Tudo indeterminado, sem tãndamento certo, apenas a citar de um romance perdida no antigo, tão eslavável, pávia, voz para memória. Quem iria querer crer? Ela mesma, **Dame Verônica**, não se lograva de ilusões. Ah, vivera demasiado tempo, distanciar-se dos possibilidades marivélis das coisas. Teve o clique de um sulco. Olegou a obter-se. Súbito, porém, rompendo-se do desolento, algo flamejou nela, que nem um rebolito de alma — uma alãria — e exclamou:

— "Ela foi um vasso compatiente, um homem nobre... O amor de minha vida..."

Sopitou-se, desopressa. Como poder pagar sua dívida dourada? Levante-me, eu nem era o cooperador passivo do destino. Também aquelas velhas senhoras presentes se levantaram, em sincera, distinta cortesia. Aí, arbolhavam pensamentos. Desfalciadas espíritos. Só silêncio. **Dame Verônica** mostrava-nos seu comprido rosto exclamado, bilatãrd, diãfano pergeminho. **Dame Angélica** passava-lhe meiga e mão de trás do cabelo. Todos nós faziamos de pé, o olto de lá. A longa mulher, o sistema do mundo. A velha vida.

★ Guimarães Rosa conta:

A Velha

SUA primeira menção, um tanto confusa, foi em qualquer manhã, pelo telefone: uma senhora, muito velha e doente, pedia que o Cônsul lhe fosse à casa, para assinar de testamento. Frau Wetterhuse. O recado se perdeu, obrigação abstrata, no diário tumulto de casas: o Consulado invadindo-se de judeus, sob má de angústias, famintos de partir, sofridos imensos, em desespero, público pronto e longo estremezer, quase cada rato prometendo-se a coativa esperança final do suicídio. Vá-las, vinha à mente a voz de Hitler ao rádio — rauco, raivoso. Contra êsses, desde novembro, se implicera mais desdém e atroz a perseguição, diátria brutal. Vieses a guerra, a primeira ordem seria matá-las. O nome *Wetterhuse* extinguiu-se num zumbido, com o que a Norte tem de mais brumoso. Mas, seguinte, na semana, voltou, a súplia, embaixada-de-lá, o apêlo insistido. Prometi-me de lá ir. Fazia tem a feio. Sumava-se na dia naturno a bela, grande cidade haméfrica, nem se avistavam seu céu de ferro molhado e os silhuetos das cinzas igrejas, suas torres de cobre em oxidação. Dava-se, que nem caudas de colares, delgadas glaciões desvastas e insonoras, fortes flocos — a verto mordaz. Soma para a Gioclegieserwall, se bem que abafado em roupas, eu tivera que me enregelar, ao resfrio cravador e à umidade, que transia. Via-se, a cada conto, o ambiente: passadas ruas circas, onde sobia oblíqua o swastika, a água de abertas esat. A fora, as sombras dos troncos de árvores, na neve, e as curvas dos corvos, o corvo da deidade. Dizia-se que, este, muitos anos há, seria o mais duro inverno, de concunidades gelos, moriam muitos passaros. O corado daquela natureza era manso era mau? Sentia-se um, ao meio de tal parte, a face do caos e espírito de catástrofe, em tempo tão ingeneroso, ante a crítica última — o pecado de nascer — na tece oniximétrica. Todas pertenciam, assim mesmo, à vida.

A casa era no Harvestehude, umbrasso, meio a um jardim que no verão teria sido amável, com seus almos e os maciços de tuios e rododendros. Toquei e levaram-me ao salão — como se um subterrâneo. Havia lá uma inverno de austeridade: o cheiro de irrenovável mofa e de humanidade macerada. Tapezarias, repasteiros de falbals, muito antigos móveis, tudo se unia num estumado: as cinzas do neve Assustava a esdruxuloria daquele ambiente solituga e antimundano, de sopor e semiviver, o sentido de solidão; circunstado um ar frio. Tinha ocendido lareira. Das lustres descia uma luz, de velas, era luz em cemitério. Espirava encontrar, em torno, duendes e lêmures. Encontravam-se criaturas — ao todo cinco, mulheres, tôdas velhas, que se retraiam, estafermáticas, entornicadas nas vestes de veludo ou gorgorão de lã, de golas altas, longas mangas, terrível decora.

Ao centro, numa poltrona um estrado — deveria ficar mais alta que nós, segundo um rito — a mais anciã. Era extraordinária de velha, exaustamente o rosto, todo angulado, covado de sulcos, e em cujo esquelador olhos havia, ex-azuis, sem iris, de despupilada estátua. Passario dos ruventos, parecia centenária. Desde as aparências, porém, sabia-se que a gentildama, feita às sociais sobrançerias e ao comando íntimo, e a quem o recato levava a levantar-se do leito de semiparalítica, e ser vestida e colocada ali, em elevado assento, de magra hirta, de sua livida vontade. E precisava de ser ouvida. Beijei-lhe a mão, os trêmulos dedos definhados.

Era a Dame Verônica. Dame Angélica, sua filha, e três parentas, as outras, ressemblantes, com, que nem que perucas os tão brancos cabelos, que teriam sido amarelado-palha. Ordenadamente se sentavam, cada qual com mal pegado sorriso prontos a conservar-se de parte, sentindo-se demasiado presentes ao versar do assunto conspícuo. O qual, a justo ver, elas desconheciam.

Desfez-se um silêncio. Dame Verônica tomou a voz. Dissesse tão-só frases de polidez, repetidas, balbuz, sob algum afrontamento, com um arrulho de carne. Ora fechava os olhos, succidia, levisima, a cabeça em trinos, reprimiçavo. Devia de estar repassando-se de algo, muito passado, trazido de um túnel, relutante na resistência à evocação, fato de estrançada memória. Confundia-se; eu tinha de prestar ouvidos. De repente, encorou-me mais, dava-me a todo gris dos olhos. E começou a falar em português.

Falava-o tão perfeitamente, e não mais naquela dicção líbica, mas ressurquido, anos,

d'ora-atrás. E vi — que a voz pertence às estâncias da idade: que, bem assim, nesse teor de tom, que eu jamais ouvira, converter-se-ia, outro tempo, em soltar e soltar, em terríveis, merendas e cavacos. Era como se falasse figura, de um álbum desbotado.

— "Vivi em vossa pais, vossa pequena formosa cidade de Petropolis... Conheci vossa bom Imperador — eis estudava o heráico. Vossa Imperador estimava meu marido, Káspor... Dr. Káspor Eswepo sabia-se falasse figura, de um álbum desbotado..."

Relembrava — revolvava — sorria-se a uma persiste de imagina? E estremecia. Voltava às brumas do presente, à sua glória pátria. Só ai entrou a falar sob força de fatos: dos campos-de-prisão, as hilericidias; os trágicos técnicos, a ardo abumável, os judeus tratados. Olháramos, ali, no parede, de corpo inteiro, o marido: — "Ele era inglês, sabeis?" E — o retimento, o raso: a filha, também tão idosa Dame Angélica, seria teuto-habréia, um *mischling* — "mestico do primeiro grau" segundo o código terrível. Dona Verônica o disse, de súbito. A filha, por sua era aboriginal, corria grande perigo. Ela a Mãe, tinha de solicitar-se de quê.

Sabia, sêca. Preparava-se? Para desenvolver seu motivo: o drama, sobestranho, e coração da coisa, a vaporosíssima verdade: — "Minha filha não é filha do meu marido. Nem ela, nem ée jamais o sou, porquê... Foi em vossa pais... O pai da minha filha era um amigo nosso, que nos frequentava... O pai da minha filha não era de sangue judeu..."

Teve um sorriso trágico. Endireitou a busto, alizava-se o rosto, num ademã de extrema dignidade, fizera-se ativa. Num momento, ela precisava de profundar um pouco, arvanca em si o que tanto seculbava à força do tempo, desistir de longo benefício do alívio. E já era o dot de dar, a fé, uma sua largitude secreta, exaustiva um negrão, a lamentaria. Seu coração não estava um milígramo?

Ali, as outras quatro mulheres permaneciam, salvaguardadas, em circunstância de surda sociedade, sem participação emotiva. Aquelas meditavam a que não podiam entender: — Dame Angélica — ramos Filipo, Ona e Alwyn?

Dona Verônica não se soltava para a filha; só a mim encarava, ávida. Não sem intuito descobri-me o inarrável. Tinha de satisfazer o problema, tentava o varimentar. Sonar o obviável — "Não, Sim?" E queria relancer-se com minha opinião, tomar conselho. A filha não tinha sangue de outra raça. — "Por que não?" Perseverança, fidedigno, declarar aquilo, fatal como o sol, veritazer o real, renegar a inoutrítico. Tomaria o grave passo. A tanto era — o de se inquirir e malinar-se para a pouca restante da vida. Em dizer, porém, que não lhe era possível prestar fatos, produzir testemunhas, recorrer no caso à prova de sangue, nem ao menos apelar para a razão pública. Tão longe, tantos anos... Mas, quem sabe criteria ter o apoio de um grande, forte país, de gente tão fidalgua, de tanta ponderância! — "Sim, E?" Pegou a lenço, tivera um lacto de tosse. Ansiosa, querulante: — "Foi em vossa formosa pequena cidade de Petropolis..."

Não, em fato. Não tive de acudir a cabeça. Dame Angélica nem mesmo era brasileira. Tudo indeterminado, sem fundamento certo, apenas o citar de um romance perdido no antigo, tão estapável, pátria, voz para memória. Quem iria querer crer? Ela mesma, Dona Verônica, não se lograra de ilusões. Ah, vivera demasiado tempo desfrancada-se das possibilidades manobráveis das coisas. Teve a cilique de um soluga. Osegou a obter-se. Súbito, porém, rompendo-se do desalento, algo flamejou nela, que nem um rebulho de alma — uma alória — e exclamou:

— "Ele foi um vasso compatriota, um homem nobre... O amor de minha vida..."

Sapiteu-se, desopressa. Como poder pagar sua dívida dorada? Levantei-me, eu nem era um cooperador passivo ao destino. Também aquelas velhas senhoras preseres se levantaram, em sincera, distinta cortesia. Ali, zorbulnavam pensamentos. Desfasticadas aspiras. Si silêncio. Dona Verônica mostrava-nos seu comprido rosto esquelado, bifalado, diáfano pergaminho. Dona Angélica passava-lhe meiga a mão atrás do cabelo. Todas nós jaziamos de pé, a alta dele. A longa mulher, O sistema do mundo. A velha vida.



A casa era no Harvestehude, umbrasso, meio a um jardim que no verão teria sido amável, com seus almos e os maciços de tuios e rododendros. Toquei e levaram-me ao salão — como se um subterrâneo. Havia lá uma inverno de austeridade: o cheiro de irrenovável mofa e de humanidade macerada. Tapezarias, repasteiros de falbals, muito antigos móveis, tudo se unia num estumado: as cinzas do neve Assustava a esdruxuloria daquele ambiente solituga e antimundano, de sopor e semiviver, o sentido de solidão; circunstado um ar frio. Tinha ocendido lareira. Das lustres descia uma luz, de velas, era luz em cemitério. Espirava encontrar, em torno, duendes e lêmures. Encontravam-se criaturas — ao todo cinco, mulheres, tôdas velhas, que se retraiam, estafermáticas, entornicadas nas vestes de veludo ou gorgorão de lã, de golas altas, longas mangas, terrível decora.

Ao centro, numa poltrona um estrado — deveria ficar mais alta que nós, segundo um rito — a mais anciã. Era extraordinária de velha, exaustamente o rosto, todo angulado, covado de sulcos, e em cujo esquelador olhos havia, ex-azuis, sem iris, de despupilada estátua. Passario dos ruventos, parecia centenária. Desde as aparências, porém, sabia-se que a gentildama, feita às sociais sobrançerias e ao comando íntimo, e a quem o recato levava a levantar-se do leito de semiparalítica, e ser vestida e colocada ali, em elevado assento, de magra hirta, de sua livida vontade. E precisava de ser ouvida. Beijei-lhe a mão, os trêmulos dedos definhados.

Era a Dame Verônica. Dame Angélica, sua filha, e três parentas, as outras, ressemblantes, com, que nem que perucas os tão brancos cabelos, que teriam sido amarelado-palha. Ordenadamente se sentavam, cada qual com mal pegado sorriso prontos a conservar-se de parte, sentindo-se demasiado presentes ao versar do assunto conspícuo. O qual, a justo ver, elas desconheciam.

★ Guimarães Rosa conta:

A Velha

SUA primeira menção, um tanto confusa, foi em qualquer manhã, pelo telefone; uma senhora, muito viúva e doente, pediu que o Cônsul lhe fizesse à casa, para assento de testamentário. Frau Wetterhuse. O recado se perdia, obrigação abstracta no diário tumulto de casas: o Consulado invadindo-se de judeus, sob má de angústia, faminas de partir, sofridos imensos, em desespero, pública praça a longo estremece, quase cada rosto prometendo-se a coativa esperança final do suicídio. Vá-las, vinha à mente a voz de Hitler ao rádio — rouco, raivoso. Contra essas, desde novembro, se implicava mais desdémada e atroz a perseguição, dotada brutal. Viesse a guerra, a primeira ordem seria matá-las. O nome Wetterhuse extinguiu-se num zumbido, com o que a Norte tem de mais burmesa. Mas, seguinte, a semana, veloz, a suplica, embasado-de-lá, o apelo insistido. Prometi-me de lá ir. Fazia todo o frio.

Sunio-se no dia nurno a bela, grande cidade hansenica, nem se avistavam seu céu de ferro molhado e os silhuetas das cinco igrejas, suas torres de cobre em ar-nhoveis. Dava-se, que nem caudas de cobras, delgadas glaciais chicotes — nevendo, fortes líccas — o vento mordaz. Sendo para a Gieskenierstraße, se bem que abafado em roupas, eu tive que me empregar, ao refúgio erovador e á um-dese, que transia. Via-se, a cada canto, o emblema: pausado num círculo, onde cabia oblíqua a swástica, a água de abertas esás. A fora, as sombras dos troncos de árvores, na neve, e as curvas dos carros, o corvo da deidade. Dizia-se, que este, muitas anos faz, seria o mais duro inverno, de concumidos gelos, morriam muitos pássaros. O corvado daquela natureza era manso, era mau? Sentia-se ao meio de tal porte, a face do caos e espírito de catástrofe, um tempo tão ingeneroso, ante a crítica última — o pecado de nascer — na teia oximétrica. Todos pertenciamos, assim mesmo, à vida.

A casa era no Harvesthude, sombra-meio a um jardim que no verão teria sido amável, com seus olmos e os matos de lúas e rododendros. Toquei e levaram-me ao salão — como se um subterrâneo. Havia lá uma invenção de maderização, a cheia de irrenovável mofo e de humanidade macerada. Tapeçarias, reposteiros de falbala, muito antigos móveis, tudo se unia num estumado; as cinzas do neve Assustava a vidualidade daquele ambiente solitário e circumundano, de sapo e semiviver, o sentido de solidão; circundando um ar frio. Tinha um acendido lareira. Das lustres descaia uma luz, de velas, era luz em cemitério. Espantava-se encontrar, em fóra, óndens e léguas encontravam-se criaturas — ao todo cinco, mulheres, todas velhas, que se retraiam, estafematícas, entornadas nos vestes de veludo ou gorgorão de lã, de galas altas, longas mangas, terrível decora.

Do canto, numa poltrona um estrado — deveria ficar mais alta que nós, segundo um rito — a mais anciã. Era extraordinária de velho, exaustamente o rosto, todo anguloso, cavado de sulcos, e em cujo espalhar olhos havia, ex-azuis, sem ira, de desguipada exatidão. Passapio dos eventos, parecia centenária. Desde as aparências, porém, sabia-se que a gentildama, feita às sociais sobranças e ao comando íntimo, e a quem o recato levava a levantar-se do feito de semiparalítica, e ser vestida e colocada ali, em elevado assento, de majra hirta, de sua livida vontade. E precisava ne ser ouvida. Beijei-lhe a mão, os trêmulos dedos delirados.

Era a Dame Verônica, Dame Angélica, sua filha, e três parentes, as outras ressemblentes, com, que nem que perucas as tão brancas cabelos, que teriam sido amarelado-palha. Ordenadamente se sentavam, cada qual com mal pegado sorriso prontos a conservar-se de parte, sentindo-se demasiado presentes ao venar do assunto comparável. O qual, a justo ver, elas desconfeciam.

Desfez-se um silêncio. Dame Verônica tomou a voz. Dissesse tão-só frases de polidez; repetia-as, balbuz, sob algum afrontamento, com um arrulha de asma. Ora fechava os olhos, sacudia, levíssima, a cabeça em frinas, reprincipiava. Devia de estar re-passando-se de algo, muito passado, trazido de um túnel, relutante na resistência à evocação, fato de estrangulada memória. Confundia-se; eu tinha de prestar ouvidos. De repente, encarou-me mais, dava-me o todo gris dos olhos. E começou a falar em português.

Falava-o tão perfeitamente, e não mais naquela dicção fôca, mas ressurgida, anos,

d'ora-atrás. E vi — que a voz pertence às estâncias da idade: que, bem assim, nesse teor de tom, que eu jamais ouvira, conversar-se-ia, outro tempo, em solar e sarau, em tertúlias, merendas e cavacos. Era como se falasse figura, de um álbum desbotado.

— "Vivi em vossa país, vossa pequena formosa cidade de Petropolyis... Conheci vosso bom Imperador — ele estudava o hebraico. Vosso Imperador estimava meu marido, Káspar... Dr. Káspar Eswapp saheis? Vosso Imperador nos convidava ao paço..."

Relembra — revocava — sorriu-se a um persistir de imagens? E estremeceu. Voltava às brumas do presente, à sua gélida pátria. Só aí entrou a falar sob força de fatos: dos campos-de-prisão, as hitlerocidades; os trágicos técnicos, o órfio abismável, os judeus tratedos. Olhávos, ali, na parede, de corpo inteiro, o marido: — "Ele era judeu, saheis?" E — o retamento, o raso: a filha, também tão idosa Dame Angélica, seria teuto-hebréia, um *mischling* — "mestico do primeiro grau" segundo o código terrível. Dona Verônica a disse, de sócôbro. A filha, por sua eiva aboriginal, corria grande perigo. Ela a Mãe, tinha de solicitar-se daquilo.

Séria, séca. Preparava-se? Pare de desenvolver-me seu motivo: o drama, só-estranho, e coração do caso, a vaporosíssima verdade: — "Minha filha não é filha do meu marido. Nem ela, nem ele lamais o souberam... Foi em vossa país... O pai da minha filha era um amigo nosso, que nos frequentava... O pai da minha filha não era de sangue judeu..."

Teve um sorrisinho tônico. Exultou o busto, alisava-se o rosto, num ademã de extrema dignidade, fizera-se órdia. Num momento, ela precisava de pregar uma pace, arranca em si a que tanto seoubera à força do tempo, desistir de longo benefício do olvido. E já era o dia de dar, à fé, uma sua largitude secreta, exaurir um íngrega, a temerosa. Seu evocou não parecia um milagre.

Alli, os outros quatro mulheres primacionas, salvaguardadas, em circunstância de surda sociedade, sem participação emotiva. Aquelas meritavam a que não podiam entender... Dame Angélica tinha Filippa, Dina e Alwynn?

Dona Verônica não se voltava para a filha: só a mim encarava, ávida. Não se irritou descobrindo-me o ingrével. Tinha de satisfazer o problema, intencional e sercinento. Sonar o abível — "Não, sim?" E curria reforçar-se com minha opinião, tomar conselho. A filha não tinha sangue do outro lado... "Por que não?" Restava-lhe, fidelidade, declarar aquilo, fatal como o sol, verificar o real, renegar a inautêntico. Tomaria o grave passo. A tanto era — o de se inquirir e matinar-se para o pouco restante do vida. Em dizer palavras, que não lhe era possível prestar fatos, produzir testemunhas, recorrer no caso à prova de sangue, nem ao menos apelar para a razão pública. Tão longe, tantos anos... Mas, quem sabe, poderia ter o apoio de um grande, forte país, de gente tão fidedel, de tanta ponderância! — "Sim, E?" Pegou a lenço, tivera um lacto de tosse. Ansiosa, querulante: — "Foi em vossa formosa pequena cidade de Petropolyis..."

Não, em fato. Não tive de acudir a cabeça. Dame Angélica nem mesmo era brasileira. Tudo indeterminado, sem fundamento certo, apenas o citar de um romance perdido no antigo, tão eslavável, pátria, voz para memória. Quem iria querer crer? Ela mesma, Dona Verônica, não se largava de ilusões. Ah, vivera demasiado tempo distanciar-se das possibilidades manobrar das coisas. Teve o chique de um solico. Olegui, la obster-se. Súbito, porém, rompendo-se do desalento, algo flamejou nela, que nem um rebulho de alma — uma órdia — e exclamou:

— "Ele foi um vesso compatriota, um homem nobre... O amor de minha vida..."

Soprou-se, desoressa. Como poder pagar sua dívida dourada? Levantei-me; eu nem era um cooperador passivo do destino. Também aquelas velhas senhoras presentes se levantaram, em sincera, distinta cortesia. Alli, zombavam pensamentos. Das cadadas espiritos. Só silêncio. Dona Verônica mostrava-nos seu comprido rosto exalvarado, bifalardo, diáfano pergamino. Dona Angélica passava-lhe meiga o mão a trás do cérebro. Todos nós fazíamos de parte, a talta de ler. A longa mulher. O sistema do mundo. A velha vida.



Desfez-se um silêncio. Dame Verônica tomou a voz. Dissesse tão-só frases de polidez; repetia-as, balbuz, sob algum afrontamento, com um arrulha de asma. Ora fechava os olhos, sacudia, levíssima, a cabeça em frinas, reprincipiava. Devia de estar re-passando-se de algo, muito passado, trazido de um túnel, relutante na resistência à evocação, fato de estrangulada memória. Confundia-se; eu tinha de prestar ouvidos. De repente, encarou-me mais, dava-me o todo gris dos olhos. E começou a falar em português.

Falava-o tão perfeitamente, e não mais naquela dicção fôca, mas ressurgida, anos, d'ora-atrás. E vi — que a voz pertence às estâncias da idade: que, bem assim, nesse teor de tom, que eu jamais ouvira, conversar-se-ia, outro tempo, em solar e sarau, em tertúlias, merendas e cavacos. Era como se falasse figura, de um álbum desbotado.

— "Vivi em vossa país, vossa pequena formosa cidade de Petropolyis... Conheci vosso bom Imperador — ele estudava o hebraico. Vosso Imperador estimava meu marido, Káspar... Dr. Káspar Eswapp saheis? Vosso Imperador nos convidava ao paço..."

Relembra — revocava — sorriu-se a um persistir de imagens? E estremeceu. Voltava às brumas do presente, à sua gélida pátria. Só aí entrou a falar sob força de fatos: dos campos-de-prisão, as hitlerocidades; os trágicos técnicos, o órfio abismável, os judeus tratedos. Olhávos, ali, na parede, de corpo inteiro, o marido: — "Ele era judeu, saheis?" E — o retamento, o raso: a filha, também tão idosa Dame Angélica, seria teuto-hebréia, um *mischling* — "mestico do primeiro grau" segundo o código terrível. Dona Verônica a disse, de sócôbro. A filha, por sua eiva aboriginal, corria grande perigo. Ela a Mãe, tinha de solicitar-se daquilo.

★ Guimarães Rosa conta:

A Velha

SUA primeira menção, um tanto confusa, foi em qualquer manhã, pelo telefone: uma senhora, muito velha e doente, pediu que o Cânsul lhe fizesse a carta, para o assunto de testamento. Frau Wetherhuse. O recado se perdia, abstração abstrata, no diário tumulto de casos: o Cânsul não imaginava-se de judeus, sob o ar de angústias, famintos de caros, sofridos imenso, em desengano, pública praça e longo estremecear, quase cada rosto prometendo-se a coativa esperança final do suicídio. Vê-lo, vinha à mente a voz de Hitler ao rádio, ruído, ruído. Contra isso, desde novembro, se implicara mais desbordada e atroz a perseguição, doada brutal. Viesse a guerra, a primeira ordem seria mata-las. O nome Wetherhuse extinguiu-se num zumbido, com o que o Norte tem de mais burocrático. Mas, seguinte, na semana, voltava, a suplica, embalsamada-de-já, o apêlo insistido: Prometi-me de lá ir. Fazia todo o frio.

Sunou-se no dia seguinte a bela, grande cidade hanseática, nem se avistavam seu céu de ferro molhado e as silhuetas das cinco igrejas, suas torres de cobre em arvorente. Dava-se, que nem caudal de coque, de pedregal glacial, de choques — nas ruas, fortes flocos — a vento mordaz. Saída para a Glockengießerwall, se bem que abafado em roupas, eu tivera que me enfiar, ao refúgio cruzador e à umidade, que transia: Via-se, a cada canto, o emblema: possuía num círculo, onde cabia obliqua a suástica, a figura de abertas asas. A fora, as sombras das tranças e árvores, na neve, e os curvos dos carnos, o corvo da dentada. Dizia-se que, êste, muitos anos faz, seria o mais duro inverno, de concumidos gelos: morriam muitos passaros. O coração daquela natureza era morto, era morto? Sentia-se um, ao meio de tal parte, à face do caos e espírito de catástrofe, um tempo tão ingeneroso, ante o critério último — o pecado de nascer — na taxa antiximândica. Todos pertencíamos, assim mesmo, à vida.

A casa era no Harvestehude, umbral, meio a um jardim que no verão teria sido amável, com seus almos e as rações de tuas e rododendros: Tequel e levanaram-me ao salão — como se um subterâneo. Havia lá uma invenção de austeridade: o cheiro de irrenovável mão e de humanidade macerada. Tapetarias, reposteiros de falbala, muita antigas móveis, tudo se unia num estumado: as cinzas da neve Assustava a escuridão daquele ambiente solitário e antiumidano, de sopor e semiviver, o sentido de solidão: circunstando um ar frio. Tinha o acendido lateira. Dos lustres descia uma luz, de velas, era luz em castilho. Espiravam encontrar, em tórax, duendes e léguas. Encontravam-se criaturas — ao todo cinco, mulheres, todas velhas, que se retraiam, esterfemáticas, entorpecidas nos vestes de veludo ou gorgorão de lã, de golas altas, longas mangas, fútil decora.

As cantos, numa poltrona um estrado — deveria ficar mais alta que nós, segundo um rito — a mais anciã. Era extraordinária de velha, exustamente o rosto, todo anguloso, covado de sulcos, e em cujo esquelto olhos havia, ex-azuis, sem íris, de despalpadas estatura. Passaria dos noventa, parecia centenária. Desde as aparências, porém, sabia-se que a gentildama, feita às sociais sobranças e ao comando íntimo, e a quem o recado levava a levantar-se do leito de semipolítico, e ser vestido e colocado ali, em elevado assento, de magro hirta, de sua livida vontade. E precisava ne ser ouvido. Beijei-lhe a mão, os trêmulos dedos delirados.

Era a Dame Verônica. Dame Angélica, sua filha, e três parentes, os outros ressemblentes, com, que nem que perucas as tão brancas cabelos, que tinham sido amarelado-palha. Ordenadamente se sentavam, cada qual com mal pegado sorriso, prontos a conservar-se de parte, sentindo-se demasiado presentes ao versar do assunto conspícuo. O qual, a justo ver, eles desconheciam.

Desfez-se um silêncio. Dame Verônica tomou a voz. Dissesse tão-só frases de polidez: repetiu-as, boboz, sob algum ajuntamento, com um arrulho de asma. Ora fechava os olhos, sacudia, levíssima, a cabeça em frinas, reprimia. Devia de estar repassando-se de algo, muito passado, trazido de um túnel, relutante na resistência à evocação, fato de estrangulada memória. Confundia-se; eu tinha de prestar ouvidos. De repente, encarou-me mais, deva-me o todo gris dos olhos. E começou a falar em português.

Falava-o tão perfeitamente, e não mais naquela dicção fêca, mas ressurcida, anos,

d'ora- atrás. E vi — que a voz pertence às estâncias da idade; que, bem assim, nesse teor de tom, que eu jamais ouvira, converter-se-ia, outro tempo, em solar e saraus, em tertúlias, merendas e cavacos. Era como se falasse figura, de um álbum desbastado.

— "Vivi em vossa pais, vossa pequena forma cidade de Petropólvic... Conheci vossa bem Imperador — ele estudava o hebraico. Vossa Imperador estimava meu marido, Káspor... Dr. Káspor Eswop sabeis? Vossa Imperador nos convidava ao papo..."

— Lembra-se — revocava — sorriu-se a um persistir de imagens? E estremeceu. Voltava às brumas do presente, à sua gelida pátria. Só ali entrou a falar sob força de fatos: dos campos-de-prisão, as hieroníadas; os trágicos técnicos, o dia abismável, os judeus tratados. Olhámos, ali, na parede, de cargo íntimo, o marido: — "Ele era judeu, sabeis?" E — o retorno, o riso: a filha, também tão idosa Dame Angélica, seria teuto-hebraico, um *mischling* — "mestico do primeiro grau" segundo o código terrível. Dona Verônica o disse, de sorriso. A filha, por sua vez aborígine, corria grande perigo. Ela e o marido — "Ele era judeu, sabeis?"

Sotria, séca Preparava-se? Para desvendar-me seu motivo: o drama, sob-estranho, e coração da coisa, a vaporosíssima verdade: — "Minha filha não é filha do meu marido. Nem ela, nem ele jamais o souberam... Foi em vossa pais... O pai da minha filha era um amigo nosso, que nos frequentava... O pai da minha filha não era de sangue judeu..."

Teve um sorrisinho titânico. Endireitou o busto, alisava-se o rosto, num ademã de extrema dignidade, fizera-se oitiva. Num momento, ela precisava de profundar um pouco, arrancar em si o que tanto sequestrava à força do tempo, desistir de longo benefício do alívio. E já era o dor de dor, à fé, uma sua turpitude secreta, exuscitar um negrêgo, a fementira. Seu coração não pesava um miliaçoço?

Ali, as outras quatro mulheres permaneciam, salvaguardadas, em circunstância de surda sociedade, sem participação emotiva. Aquelas meditavam o que não podiam entender. — Dame Angélica, irmãs Filippa, Osa e Alwyna?

Dona Verônica não se voltara para a filha; só a mim encarava, ávida. Não sem intuito descobri-me o inarrável. Tinha de satisfazer o problema, intentar o varciment. Sonar o obviável — "Não? Sim?" E queria reforçar-se com minha opinião, tomar conselho. A filha não tinha sangue de outra raça. — "Por que, pois?" Pertencia-lhe, fidedigna, declarar aquilo, fatal como o sol, verificar o real, renegar o inautêntico. Tomaria o grave passo. A tanto preço — o de se inquirir e malsinar-se, para o pouco restante da vida. Em dizer porém, que não lhe era possível prestar fatos, produzir testemunhas, recorrer no caso à prova de sangue, nem ao menos apelar para a razão pública. Tão longe, tantos anos... Mas, quem sabe, poderia ter o apoio de um grande, forte país, de gente tão fidalga, de tanta ponderância! — "Sim, E?" Pegou o lenço, tivera um jacto de tosse. Ansiosa, querulante: — "Foi em vossa forma pequena, cidade de Petropólvic..."

Não, em fato. Não vive ao acudir o cabeça. Dame Angélica nem mesmo era brasileira. Tudo indeterminado, sem fundamento certo, apenas o citar de um romance perdido no antigo, tão espiável, pátria, voz para memória. Quem iria querer crer? Ela mesma, Dona Verônica, não se lograva de ilusões. Ah, vivera demasiado tempo, distanciar-se das possibilidades manobráveis das coisas. Teve o chluva de um saluco. Ofegou, a obter-se. Súbito, porém, rompendo-se do desalento, algo flamejou nela, que nem um rebulho de alma — uma glória — e exclamou:

— "Ela foi um vossa compatriota, um homem nobre... O amor de minha vida..."

Sopitou-se, desopressa. Como poder pagar sua dívida dourada? Levante-me, eu nem era um cooperador passivo ao destino. Também aqueles velhos senhores presentes se levantaram, em sincera, distinta cortesia. Ali, zarbulhavam pensamentos. Destalçados espíritos. Só silêncio. Dona Verônica encontrou na sua comprida rosto exaltado, bilabado, diáfano petgaminha. Dona Angélica passava-lhe meiga a mão atrás do cabelo. Todos nós fazíamos de pé, aguardando a longa mulher. O sistema do mundo. A velha vida.



Sotria, séca Preparava-se? Para desvendar-me seu motivo: o drama, sob-estranho, e coração da coisa, a vaporosíssima verdade: — "Minha filha não é filha do meu marido. Nem ela, nem ele jamais o souberam... Foi em vossa pais... O pai da minha filha era um amigo nosso, que nos frequentava... O pai da minha filha não era de sangue judeu..."

Teve um sorrisinho titânico. Endireitou o busto, alisava-se o rosto, num ademã de extrema dignidade, fizera-se oitiva. Num momento, ela precisava de profundar um pouco, arrancar em si o que tanto sequestrava à força do tempo, desistir de longo benefício do alívio. E já era o dor de dor, à fé, uma sua turpitude secreta, exuscitar um negrêgo, a fementira. Seu coração não pesava um miliaçoço?

Ali, as outras quatro mulheres permaneciam, salvaguardadas, em circunstância de surda sociedade, sem participação emotiva. Aquelas meditavam o que não podiam entender. — Dame Angélica, irmãs Filippa, Osa e Alwyna?

Dona Verônica não se voltara para a filha; só a mim encarava, ávida. Não sem intuito descobri-me o inarrável. Tinha de satisfazer o problema, intentar o varciment. Sonar o obviável — "Não? Sim?" E queria reforçar-se com minha opinião, tomar conselho. A filha não tinha sangue de outra raça. — "Por que, pois?" Pertencia-lhe, fidedigna, declarar aquilo, fatal como o sol, verificar o real, renegar o inautêntico. Tomaria o grave passo. A tanto preço — o de se inquirir e malsinar-se, para o pouco restante da vida. Em dizer porém, que não lhe era possível prestar fatos, produzir testemunhas, recorrer no caso à prova de sangue, nem ao menos apelar para a razão pública. Tão longe, tantos anos... Mas, quem sabe, poderia ter o apoio de um grande, forte país, de gente tão fidalga, de tanta ponderância! — "Sim, E?" Pegou o lenço, tivera um jacto de tosse. Ansiosa, querulante: — "Foi em vossa forma pequena, cidade de Petropólvic..."

★ Guimarães Rosa conta:

A Velha

SUA primeira menção, um tanto confusa, foi em qualquer manhã, pelo telefone: uma senhora, muito velha e doente, pedia que o Cônsul lhe lêsse à casa, para assunto de testamento. **Frau Wetterhuse**. O recado se perdia, abrigação abstrata, no diário tumulto de casos: o Consulado invadindo-se de judeus, sob má de angústias, famintos de partir, sofridos imenso, em desorganização pública pronta e logo estremecer, quase cada vasto prometendo-se a coativa esperança final do suicídio. Válas, vinha à mente a voz de Hitler ao rádio — rouco, raivoso. Contra esses, desde novembro, se implicara mais desbordada e atroz a perseguição, dosada brutal. Viesse a guerra, a primeira ordem seria matá-los. O nome **Wetterhuse** estinguiu-se num zumbido, com o que o Norte tem de mais brusco. Mas, seguinte, na semana, velhova, a súplia, embaixada-de-já, o apelo insistido: Prometi-me de-lá ir. Fazia todo o frio.

Sunio-se no dia noturno a bela, grande cidade hanseática, nem se avistavam seu céu de ferro molhado e os silhuetes das cinco torres, suas torres de cobre em arilhebre. Davam-se, que nem caudas de cobras, dedos glaciais chicotes — nevendo, fortes flocos — a vento mordaz. Saíndo para o **Glockengiesstrasse**, se bem que abafado em roupas, eu tivera que me enfiar, ao resfriado e à umidade, que transia. Via-se, a cada canto, o emblema: pousada num círculo, onde cabia obliqua a suástica, a água de abertas asas. A fora, as sombras dos troncos de árvores, na neve, e os curvos dos corvos, o corvo da desdita. Dizia-se que, este, muitos anos faz, seria o mais duro inverno, de consumidas golas, moxiras muitos passaros. O rotação daquela natureza era morno e via tou? Sentia-se um, ao meio de fol quente, a face do caos e espírito de catástrofe, em tempo tão ingeneroso, ante o critério último — o pecado de nascer — na terra antixumânica. Todas pertenciamos, assim mesmo, à vida.

A casa era no **Harvesthude**, umbrado, meio a um jardim que no verão teria sido amável, com seus almos e os maços de tuais e redondores. Toquei e levantei-me ao salão — como se um subterrâneo. Havia lá uma invernada de austeridade, o cheiro de irremovível mofa e de humanidade macerada. Tapetes, restantes de fatiados, muita antigas móveis, tudo se unia num estumado: as cirzas do neve Assustava a estruvelaria daquele ambiente solitário e antiumidando, de sopor e semiviver, a sentida de solidão; circunstando um ar frio. Tinha o cenário lareira. Das lustres resaca uma luz, de velas, era luz em cemitório. Espirava-se encontrar em támo, quentes e léguas. Encontravam-se criaturas — ao todo cinco, mulheres, todas velhas, que se retraiam, estefermáticas, entornicadas nos vestes de veludo ou gorgorão de lã, de golas altas, longas mangas, terrível decora.

Ao centro, numa poltrona um estrado — deveria ficar mais alta que nós, segundo um rito — a mais anclá. Era extraordinária de velha, exaustivamente o rosto, todo angulado, cavado de sulcos, e em cujo esquelor olhos havia, ex-azuis, sem íris, de despullado estatura. Passaria dos noventa, parecia centenária. Desde as aparências, porém, sabia-se que o gentilidade, feita às sociais sobranceiras e ao comando íntimo, e a quem o recato levava a levantar-se do leito de semiparalítica, e ser vestida e colocada ali, em elevado assento, de mágoa hirta, de sua livida vontade. E precisava ne ser ouvido. Beijei-lhe a mão, os trêmulos dedos definhados.

Era o **Dame Verônica**. **Dame Angélica**, sua filha, e três parentes, os outros ressemblantes, com, que nem que perucas as tão brancas cabelos, que tinham sido amarelado-palha. Ordenadamente se sentavam, cada qual com mal pepado sorriso prontos a conservar-se de parte, sentindo-se demasiado presentes ao versar do assunto conspícuo. O qual, a justo ver, elas descurhuelam.

Desfiz-se um silêncio. **Dame Verônica** tomou a voz. Disseste tão-só frases de pali-dez; repeti-as, bolbuz, sob algum sfrontamento, com um arrulha de asma. Ora fechava os olhos, sacudia, levisíssima, a cabeça em fitras, reprimpiava. Devia de estar respirando-se de algo, muito assada. Inzido de um lunel, relutante na resistência à evocação, fato de estrangulada memória. Confundia-se; eu tinha de prestar ouvidos. De repente, encarou-me mais, dava-me o todo gris dos olhos. E começou a falar em português.

Falava-o tão perfeitamente, e não mais naquela dicção física, mas ressurado, anos,

d'ora-atrás. E vi — que a voz pertence às estâncias da idade; que, bem assim, nesse teor de tom, que eu jamais ouvira, conversar-se-ia, outro tempo, em solar e sarauis, em tertúlias, merendas e covacos. Era como se fosse figura, de um álbum desbotado!

— "Vivi em vossa pais, vossa pequena famosa cidade de **Petropolys**... Conheci vossa bom Imperador — ele estudava o hebraico. Vossa Imperador estimava meu marido, **Káspar**... Dr. **Káspar Eswage** sabia? Vossa Imperador nos convidava ao papo..."

Relembra — revocava — sorriu-se a um persistir de imagem? E estremeceu. Voltava às brumas do presente, à sua pátria pátria. Só ai entrou a falar sob fôrca de fatos: dos campos-de-prisão, os hilericidades; os trágicos técnicos, o ólio abismável, os judeus tratados. Olhávamos, ali, no parede, de corpo inteiro, o marido: — "Ele era judeu, sabeis?" E — o relanço, o riso, a filha, também tão idosa. **Dame Angélica**, seria teuto-hebraico, um **mischling** — "mestiço do primeiro grau" segundo o código terrível. **Dona Verônica** o disse, de sócio. A filha, por sua siva aboriginal, corria grande perigo. Ela a Mãe — tinha de solicitar-se despolu.

Sotria, sério. Preparava-se? Parei desventar-me seu motivo: o drama, subestranho, e coração da coisa, a vaporosíssima verdade: — "Minha filha não é filha do meu marido. Nem ela, nem ele iamais o souberam... Foi em vossa pais... O pai da minha filha era um amigo nosso, que nos frequentava... O pai de minha filha não era de sangue judeu..."

Teve um sorrisinho trágico. Endireitou a busta, alisava-se o rosto, num ademã de extrema dignidade, fizeram-se aliva. Num momento, ela precisava de profundar um poço, arrancar em si o que tanto seulptara à fôrca do tempo, desistir do longo benefício do alívio. E já era o dia de dar, à fé, uma sua turpitude secreta, exaurir um negrão, a fessitura. Seu enroscado não pensava um miligrama?

Ali, as outras quatro mulheres permaneciam, sobvagaradas, em circunstância de extrema sociedade, sem participação emotiva. Aquelas meditavam a que não podiam entender... **Dame Angélica** — **Dama Filippa**, **Dama e Alwyn**?

Dona Verônica não se voltara para a filha: só a mim encarava, ávida. Não sem intuito descobri-me o inarrável. Tinha de satisfazer o problema, intentar o socorimento. Sonar o obvio — "Não, sim?" E queria reforçar-se com minha opinião, tomar conselho. A filha não tinha sangue de outro raço. — "Por que, pois?" Pertencia-lhe, fidedigno, declarar aquilo, fatal como o sol, verfozei a real, renegar o inautético. Tomaria o grave passo. A tanto erro — o de se inquirir e malinar-se, para o pouco restante da vida. Em dizer, porém, que não lhe era possível prestar fatos, prodizos, testemunhos, recorrer no caso à prova de sangue, nem ao menos apelar para a razão pública. Tão longe, tantos anos... Mas, quem sabe, poderia ter o apoio de um grande, forte país, de gente tão fidalga, de tanta ponderância! — "Sim, E?" Pegou a lenço, tivera um jacto de tosse. Amalosa, querulante: — "Foi em vossa famosa pequena cidade de **Petropolys**..."

Não, em fato. Não: vive us sacudir a cabeça. **Dame Angélica** nem mesmo era brasileira. Tudo indeterminado, sem fundamento certo, apenas o citar de um romance perdido no antigo, tão esfiapável, pátina, voz para memória. Quem iria querer crer? Ela mesma, **Dona Verônica**, não se lograva de ilusões. Ah, vivera demasiado tempo, distanciar-se das possibilidades maneiáveis das coisas. Teve o chluque de um soluço. Ofegou: la obater-se. Súbito, porém, rompendo-se do desalento, algo flamejou nela, que nem um rebrilho de alma — uma glória — e exclamou:

— "Ele foi um vosso compatriota, um homem nobre... O amor de minha vida!..."

Sopitou-se, desopressa. Como poder pagar sua dívida dourada? Levantei-me; eu nem era um cooperador passivo do destino. Também aqueles velhos senhoras presentes se levantaram, em sincera, distinta cortesia. Ali, zorbulhavam pensamentos. Desfalcidas espiritos. Só silêncio. **Dona Verônica** mostrava-nos seu comprido rosto escalavrado, blafardo, didfano pergaminho. **Dona Angélica** passava-lhe meiga a mão por trás do cabelo. Todos nós jazíamos de pé, em volta dela. A longa mulher. O sistema do mundo. A velha vida.



Não, em fato. Não: vive us sacudir a cabeça. **Dame Angélica** nem mesmo era brasileira. Tudo indeterminado, sem fundamento certo, apenas o citar de um romance perdido no antigo, tão esfiapável, pátina, voz para memória. Quem iria querer crer? Ela mesma, **Dona Verônica**, não se lograva de ilusões. Ah, vivera demasiado tempo, distanciar-se das possibilidades maneiáveis das coisas. Teve o chluque de um soluço. Ofegou: la obater-se. Súbito, porém, rompendo-se do desalento, algo flamejou nela, que nem um rebrilho de alma — uma glória — e exclamou:

— "Ele foi um vosso compatriota, um homem nobre... O amor de minha vida!..."

Sopitou-se, desopressa. Como poder pagar sua dívida dourada? Levantei-me; eu nem era um cooperador passivo do destino. Também aqueles velhos senhoras presentes se levantaram, em sincera, distinta cortesia. Ali, zorbulhavam pensamentos. Desfalcidas espiritos. Só silêncio. **Dona Verônica** mostrava-nos seu comprido rosto escalavrado, blafardo, didfano pergaminho. **Dona Angélica** passava-lhe meiga a mão por trás do cabelo. Todos nós jazíamos de pé, em volta dela. A longa mulher. O sistema do mundo. A velha vida.

APÊNDICE H. PUBLICAÇÃO ORIGINAL DE "HOMEM, INTENTADA VIAGEM" – COM O ADICIONAL DE AMPLIAÇÃO PARA LEITURA (O Globo, 18 fev. 1961)

Originalveröffentlichung des Textes "Homem, Intentada Viagem" - vergrößert zum Lesen

*** Guimarães Rosa conta:**

HOMEM, INTENTADA VIAGEM

POR exemplo: José Osvaldo. O qual foi um brasileiro, a-histórico e desvalido, nas épocas de 39 ou 38, a perambular pela Europa para-a-quer-rá, hispida de espaventos. Veio a Hamburgo. Trazia-o uma comunicação do Consu-lul em Viena: "Não tem passaporte nem título de identidade e diz ter sido já repatriado duas vezes por esse Consulado Geral. Deve haver aí algum papel ou anotação, que o refira..."

É como de feito: achado que, pela terceira vez, no pouco de três anos, revia-se aqui, na estrangeiria e na máxima lástima, contando com que de novo o mandássemos para casa. Veterano, de disparatada veterandicia, coisa tão dessemelhada. Ele era corado, baixo, iria nos trinta anos. O bem-encarado, bem-avindo, sem semblante de bobôtilco, sem sentir-se da sua situação, antes todo feito para imperturbar-se. Cumpria-se em serenidade fresca, expedindo uma paz, muito coada, propríssima. A uns, parecena algo nortista, e outros um tanto mineiro; bem uma espécie de José. Nisso, e mais, por enquanto, não falava Fora-se-lhe o último "pfennig", do que Moreira da Silva em Viena lhe ministrara, no bôlso nem tostão. Levava porém roupa aseada e não amarrotada, inexplicadamente, e até com no peito uma flor, dessas de si semi-sêcas, sempre-viva. Assim bem-trapilho, um rico diabo. Mas, lil, lilil, pelo Evangelho, quase lilial que nem os lírios do campo, jovializava.

Tinha-se, em autoridade consular, de chefiar-lhe a ida, na sexta-feira, pelo navio da linha regular da Hamburg-Süd, que partia para o Brasil, gozando da "regalia de baquête" e, então, com a regra de conduzir repatriados. Era só requisitar-se a passagem. Estávamos, porém, em começo de semana, tendo o José Osvaldo de esperar os quatro dias. Com quantia mínima que recebeu, para comida e casa em albergue, deu-se por socorrido magnificamente. Ele em enleio de problemas não se retardava.

Nesse tempo, não deixou de vir passá-lo, o inteiro possível, no Consulado — de abertura a fechamento, — bem se dava a ver um viajante desprovida de curiosidade. Competência, sentado no banco, no compartimento do público, junto ao balcão que separava a sala grande, onde os Auxiliares trabalhavam. Olhava-os, quieto, brejeiro às vezes, com sorriso sarcástico. Falava língua nenhuma, jejava em tudo. Seu flúido, neutro, não incomodava. Frequentava ali como se, em lugar do interior, em porte de farmácia: o aspecto e atitude desmentem, as linhas tortas de seu procedimento. Não seria louco, o não ser da básica e normal dissidêria humana, o metaissimamente, dano. Valeria, sim, saber-se o grau virtual de sua adaptabilidade. A gente nem tem ideia de como, por debaixo dos enredos da vida, talvez se esteja já almente e sempre buscando conseguir-se na sulca pessoal do próprio destino, que é naturalmente encoberto; e, se acaso, por breve trecho e a-do-ve-se, se entremosta, então aturde, por parecer gratuito absurdo e sem-razão. Convém ver. São raras coisas puras, aliás, abrem-nos aqui um pouco os olhos.

Notavelmente, o de Zé Osvaldo. Não é dizer fosse um rosa vazeiro vagamundo, por ânimo de viaçação e hábito de invediabilidade afeito às formas da aventura. Quira o sua famigerado e círculo de motivos: sufeito a um rumo incondicional, à aproximação do outro tempo, projeto de viaçação, e mais que se pense: propósito de natureza — a crescer em sua palavra. E o saboria? Sem afêto, que é que a gente conhece, de si mesmo, em verdade? Nem pretendo replicar-se, certo, em quando respondia a umas perguntas, ali, observado entre lento e lástimo, sentado no banco, no faz-não. Comum como uma terça-feira. Olheista como um pau de cêrco. Razoão como um bol no Egito. Indefeso como um pinga d'água sicizinho. Desmemoriado como um espelho. Dava trabalho, retrilhar-lhe os pedagos.

Sua cidade, o Rio. Não tinha ninguém. Tinha aquilo, que lhe vinha repetidamente sempre, tântalax vézes: a necessidade de partir e longinquir, se exportar, evairar-se, sem esôdo, o fantasia, das penúltimas plagas. Apenas não a simples veleidade de fugir ao normal, à lengalenga lógica, para escuriar quietudo, uma maneira prática de quimerizar. Mas, o que se mostrava a princípio exigência pacífica, ia-se tornando energia enorme de direção, futurativa, distanciosa —

POR exemplo: José Osvaldo. O qual foi um brasileiro, a-histórico e desvalido, nas épocas de 39 ou 38, a perambular pela Europa para-a-quer-rá, hispida de espaventos. Veio a Hamburgo. Trazia-o uma comunicação do Consu-lul em Viena: "Não tem passaporte nem título de identidade e diz ter sido já repatriado duas vezes por esse Consulado Geral. Deve haver aí algum papel ou anotação, que o refira..."

É como de feito: achado que, pela terceira vez, no pouco de três anos, revia-se aqui, na estrangeiria e na máxima lástima, contando com que de novo o mandássemos para casa. Veterano, de disparatada veterandicia, coisa tão dessemelhada. Ele era corado, baixo, iria nos trinta anos. O bem-encarado, bem-avindo, sem semblante de bobôtilco, sem sentir-se da sua situação, antes todo feito para imperturbar-se. Cumpria-se em serenidade fresca, expedindo uma paz, muito coada, propríssima. A uns, parecena algo nortista, e outros um tanto mineiro; bem uma espécie de José. Nisso, e mais, por enquanto, não falava Fora-se-lhe o último "pfennig", do que Moreira da Silva em Viena lhe ministrara, no bôlso nem tostão. Levava porém roupa aseada e não amarrotada, inexplicadamente, e até com no peito uma flor, dessas de si semi-sêcas, sempre-viva. Assim bem-trapilho, um rico diabo. Mas, lil, lilil, pelo Evangelho, quase lilial que nem os lírios do campo, jovializava.

Tinha-se, em autoridade consular, de chefiar-lhe a ida, na sexta-feira, pelo navio da linha regular da Hamburg-Süd, que partia para o Brasil, gozando da "regalia de baquête" e, então, com a regra de conduzir repatriados. Era só requisitar-se a passagem. Estávamos, porém, em começo de semana, tendo o José Osvaldo de esperar os quatro dias. Com quantia mínima que recebeu, para comida e casa em albergue, deu-se por socorrido magnificamente. Ele em enleio de problemas não se retardava.

Nesse tempo, não deixou de vir passá-lo, o inteiro possível, no Consulado — de abertura a fechamento, — bem se dava a ver um viajante desprovida de curiosidade.



Guimarães Rosa conta:

HOMEM, INTENTADA VIAGEM

POR exemplo: José Osvaldo. O que foi em brasileiro, a-histórico e desvalido, nas épocas de 39 ou 38, a perambular pela Europa para-a-querer, hipóxia de espavento. Veio o Hamburgo. Traziu-o uma comunicação do Consulado em Viena: "Não tem passaporte nem título de identidade e diz ter sido repatriado duas vezes por esse Consulado Geral. Deve haver a algum papel ou anotação, que o refira."

E como de feito: achado que, pela terceira vez, na pouca de três fôcos, repique aqui, na estrangeira e na máxima lástima, contendo com que de novo a mandássemos para casa. Veterano, de dispendida veterinária, coisa tão dessemelhada. Ele era cano, baixo, iria nos trinta anos. O bem-encarado, bem-avindo, sem semblante de bobão, sem sentença de sua situação antes todo feito para imperturber-se. Cumpria-se em serenidade fresca, expedindo uma paz, muita coisa, propriamente. A uns, pareciam alguns notários, a outros um tipo mineiro; bem uma espécie de José Nisso, e mais, por enquanto, não falava. Fôra-se-lhe o último "pifasso", a Mãe de Silva em Viena lhe ministrou, no bôdo nem tosto. Levava porém roupa avessada e não amarrada, inexplicadamente, e até com no peito uma flor, d'essa de si semi-sêco, sempre-viva. Assim bem-trapilho, um rico diabo. Mos, III, IIII, pelo Evangeho, quase líbil que nem os lírios do campo, jovialista.

Tinha-se, em autoridade consular, de chegar-lhe a lida, na sexta-feira, pelo navio de linha regular da Hamburg-Süd, que partia para o Brasil, gozando da "regalia de aquilão" e, então, com a regra de conduzir repatriados. Era só requisitar-se a passagem. Estávamos, porém, em começo de semana, tendo a José Osvaldo de esperar os quatro dias. Com quanto mínimo que recobria, para comida e casa em albergue, não se por socorrido magnificamente. E em entelo de problemas não se retardava.

Nesse tempo, não deixou de vir possível, a inteiro possível, no Consulado — de abertura e fechamento, — bem se dava a ver um viajante desprovido de curiosidade. Comparecia, sentado no banco, no compartimento do público, junto ao balcão que separava a sala grande, onde os Auxiliares trabalhavam. Olhava-os, quieto, brejeiro às vezes, com sorrisos seriosos. Falava língua nenhuma, jejuava em tudo. Seu fluido, neutro, não incomodava. Frequentava ali como se, em lugar do interior, em porta de farmácia: o aspecto e atitude desmentindo as linhas tortas de seu procedimento. Não seria louca, a não ser da básica e normal doideira humana, a metafisicamente dita. Valeria, sim, saber-se o grau virtual de sua aloprobabilidade. A gente nem tem idéia de como, por debaixo dos enredos da vida, talvez se esteja à almente e sempre buscando consequir-se no sulco pessoal do próprio destino, que é naturalmente encoberto; e, se acaso, por breve trecho e a-de-veve, se entremostra, então aturde, por parecer gratuito absurdo e sem-razão. Convém ver. Só raros casos puros, aliás, abrem-nos aqui um pouco os olhos.

Notavelmente, o de Zé Osvaldo. Não é dizer fôsse um raso vezeiro vagamundo, por ânimo de vadição e hábito de irrealidade atreito às formas da aventura. Outra a sua famigeração e círculo de motivos: sujeito a um rumo incondicional, à aproximação de outro tempo, projeto de vastidão, e mais que se pense; propósito de natureza — a crer-se em sua palavra. E o soberba? Sem efeito, que é que a gente conhece, de si mesmo, em verdade? Nem pretendia explicar-se, certo a certo, em quando respondia a umas perguntas, ali, observado entre lente e lâmina, sentado no banco, no faz-nada. Comum como uma terça-feira. Otimista como um pau de cerco. Risonho como um boi no Egito. Indefeso como um pinga d'água sôzinho. Desmemoriado como um espelho. Dava trabalho, retilhar-lhe as pedogadas.

Sua cidade, o Rio. Não tinha ninguém. Tinha aquilo, que lhe vinha repetidamente sempre, tãntas vezes: a necessidade de partir e longinquir, se exportar, exairar-se, sem escôpo, à lontanía, às penúltimas plagas. Apenas não a simples veleidade de fugir ao normal, à lengalenga lógica, para esoraiair cuidados, uma maneira prática de quimerizar. Mas, a que se mostrava a princípio exigência pacífica, ia-se tornando energia enorme de direção, futurativa, distanciancia —

a firme espacial dos sulcados. Então, se metto num navio, fizera já assim em quantas ocasiões. Voltara tãda-a-vida à Europa: fôra repatriado em Hamburgo, Gênova, Trieste, Helsinki, Borçeus e Antuerpia, la-se, ao grande lido, como os tantos outros da sua abstrata raça, em lãntimo intimidadas a seguir derreta, ignorantes de seu clandestino.

Por comêto, enganava-se sem formalidades em vapores gregos ou panamenhos, como trabalhador de bordo, viajava de foraste. Mas era um ser pegado com a terra, no entanto, não-marinho, nem tinha tabagem. Pujavam em longe páto, êle se escapava. Agora, por último, nem mais se alistava; subintrava-se a bordo, sorrelle às escutas, com justiça matemática, sem isso nem isso, quase o que se quer, pensava. O mar era-lhe apenas a meio de tração, seu instrumento incerto, distância que palpita. O mar, que fez lenjura. Ele era sempre de outra margem.

De suas artes em terra, não se tirariam marbubas, matéria de contos arábicos. Só — a licença aberta, a distância e perca-rência, a alegoria, a veje e ver. Sempre a outras ultrâncias, perleques: lãnto e lãntudário, ao lãnto alto, paratigmas, no mal-entendido viagem, hipóxia do quas-nada, todo através de. Até a desvaler-se de vez e miserar-se, e por ponto. Ai, o diabo do colado cáia num Consulado, scoria-se de responsabilidade e seguridade, davam-lhe a repatriação.

Vaga, viva Zé Osvaldo, entre confusões, em-sombros fôcos, mediana, severas causas? Certo, nos os sucessivos episódios do que lhe sucedera, de ingentes turlupinadas e estrapacas, desta vida e feito.

Decidido em Gênova, fôra-se adentro, como sempre, tratamundo e alheio. Apoiava-se a polícia italiana. Mas não sabia com êle o que resolver, a falta de documentos emalhando qualquer processo de expulsão. Deram-no à guarda da fronteira, que a noite, de noite, à beirada da lugallãvia, e frossocorram-no para lá, de sorrate — subterfúção. Parece que o costume era abstrair às vezes desse lãnto, naquelas situações. Porque, depois, os da polícia lugallãvia fizeram-no para o lado de lá húngaro, também de noite e escondidamente, sob farolinas. Pôgo logo pelos húngaros, contrabandearam-no de novo para a lugallãvia. Idem os lugallãvias ablandando-o outra vez para a Hungria. E os húngaros, afinal, para a Austria. Mas por ali, lá êle se obreberara de tanto ser revirado transfronteiras. Antes que outros saíssem-lhe oir diante para apoiá-lo, tratou de enviar-se a Viena, como pôde.

Simples gracio, perguntaram-lhe: por que não tentava sair por obra, aqui, sua arte de astuto, introduzindo-se à scopia num dos navios surtos no pórtico, a sair para o Rio? Seja por brio de esportividade, ou fôsse por compadecência ingênua, isso a botou in-fluido. Por todo o dia, desapareceu. Mas, quando voltou, no seguinte, foi para confessar seu malogro, com igual sossego. Estivera no pórtico, no ver a ver. Achava navio a valer, mais de um. Mas o estôgo não provou bem, a vigilância ali era um a-lãnto.

Separe-se que enfim partiu, na sexta. Sumário foi sua expedição. Não tinha bagagem, nem mesmo peccatilha. Sumiu-se, lãnto e recatente, o sorriso sem defeito, no lapela e sempre-vivo. Ninguém se lembrou de dar-lhe algum dinheiro, só se pensou nisso tarde, já despachado o navio; com o atrepêlo de divertimentos e trabalhos, a gente não só negligência, mas mesmo negligêcia e negligêcia. Agora, já se estava longo, navegantibundo, a descer o Elba, e entrar no Mar do Norte.

Mas, na outra manhã, cobrava-nos a Hamburg-Süd e importância de dez moedas, a êle favorecidos contra recibo tãco a lapis, e em termos de "esta requisição". O des-servidão Zé-osvaldo, capoz e calmo, sobredito fazer de si, servidomente! E não ia voltar — como a seiva, o vento, a ave?

Sim que, anos depois, realmente retornou à Europa, não lhe puderam talher a empresa. De novo, também, foi repatriado, para a epilogação. O nodo acontece muitas vezes. Assim — na entrada da Guanabara — sabe-se que êle se atirou de bordo; pertubado? Acabou por comegar. Isto é, rematou em nem-que-quando, zé-osvaldo, mar abaixo, na caudalosa morte. Só morreu, com os colias tãntas que não sabia.

Inconsequêcia?



Comparecia, sentado no banco, no compartimento do público, junto ao balcão que separava a sala grande, onde os Auxiliares trabalhavam. Olhava-os, quieto, brejeiro às vezes, com sorrisos seriosos. Falava língua nenhuma, jejuava em tudo. Seu fluido, neutro, não incomodava. Frequentava ali como se, em lugar do interior, em porta de farmácia: o aspecto e atitude desmentindo as linhas tortas de seu procedimento. Não seria louco, a não ser da básica e normal doideira humana, a metafisicamente dita. Valeria, sim, saber-se o grau virtual de sua aloprobabilidade. A gente nem tem idéia de como, por debaixo dos enredos da vida, talvez se esteja à sômente e sempre buscando consequir-se no sulco pessoal do próprio destino, que é naturalmente encoberto; e, se acaso, por breve trecho e a-de-veve, se entremostra, então aturde, por parecer gratuito absurdo e sem-razão. Convém ver. Só raros casos puros, aliás, abrem-nos aqui um pouco os olhos.

Notavelmente, o de Zé Osvaldo. Não é dizer fôsse um raso vezeiro vagamundo, por ânimo de vadição e hábito de irrealidade atreito às formas da aventura. Outra a sua famigeração e círculo de motivos: sujeito a um rumo incondicional, à aproximação de outro tempo, projeto de vastidão, e mais que se pense; propósito de natureza — a crer-se em sua palavra. E o soberba? Sem efeito, que é que a gente conhece, de si mesmo, em verdade? Nem pretendia explicar-se, certo a certo, em quando respondia a umas perguntas, ali, observado entre lente e lâmina, sentado no banco, no faz-nada. Comum como uma terça-feira. Otimista como um pau de cerco. Risonho como um boi no Egito. Indefeso como um pinga d'água sôzinho. Desmemoriado como um espelho. Dava trabalho, retilhar-lhe as pedogadas.

Sua cidade, o Rio. Não tinha ninguém. Tinha aquilo, que lhe vinha repetidamente sempre, tãntas vezes: a necessidade de partir e longinquir, se exportar, exairar-se, sem escôpo, à lontanía, às penúltimas plagas. Apenas não a simples veleidade de fugir ao normal, à lengalenga lógica, para esoraiair cuidados, uma maneira prática de quimerizar. Mas, a que se mostrava a princípio exigência pacífica, ia-se tornando energia enorme de direção, futurativa, distanciancia —

Guimarães Rosa conta: HOMEM, INTENTADA VIAGEM

POR exemplo: José Osvaldo. O qual foi um brasileiro, o-histórico e desvalido, nas épocas de 39 ou 38, a flambulhar pela Europa para-a-quer-rá, hispida de espartos. Veio a Hamburgo. Troçou-a uma comunicação do Consulado em Viena: "Não tem passaporte nem título de identidade e diz ter sido já repatriado duas vezes por esse Consulado Geral. Deve haver aí algum papel ou anotação, que o refira."

E como de feito: achado que, pela terceira vez, na pouca de três anos, revolvendo aqui, na estrangeira e na máxima lástima, contando com que de novo o mandássemos para casa. Veterano, de disparato veterânico, coisa tão dessemelhante. Ele era caudado, baixo, irto nos trinta anos. O bem-encarado, bem-avido, sem semblante de bobótilo, sem sentir-se de sua situação, antes todo feito para imperturbar-se. Cumprira-se em serenidade fresca, expedindo uma paz, muito coada, porfiríssima. A uns, pareciam-no algo norista, a outros um tanto mineiro, bem uma coisa de Minas, e mais, por enquanto, não falava fóra-se-lhe o último "fermeia", do que Mãe de Silva em Viena lhe ministrara, no bôdo sem gosto. Levava uma roupa avulsada e não amarrada, inexplicadamente, e até com no peito uma flor, dessas de si semi-sécas, sempre-viva. Assim bem-trapalho, um rico diabo. Mas, III, IIIII, pelo Evangelho, que se lilic que nem os lírios do campo, jovializava.

Tinha-se, em autoridade consular, de chegar-lhe a ida, na sexta-feira, pelo navio de linha regular da Hamburg-Süd, que partia para o Brasil, gozando da "regalia do paquete" e, então, com a regra de conduzi repatriado. Era só requisitar-se a passagem. Estávamos, porém, em começo de semana, tendo o José Osvaldo de esperar os quatro dias. Com quanto mínimo que recobrou, para comida e casa em albergue, deu-se por satisfeito magnificamente. E em meio de problemas não se retardou.

Nesse tempo, não deixou de vir passado, e inteiro possível, no Consulado — de abertura e fechamento, — bem se devia e ver um viajante desparvida de curiosidade. Compreenda, sentado no banco, no compartimento da pilóica, junto ao balcão que separava o salão grande, onde os Auxiliares trabalhavam. Olhava-os, quieto, brejeiro às vezes, com sorrisos seriosos. Falava língua nenhuma, jejuava em tudo. Seu fluido, neutro, não incomodava. Frequentava o salão se, em lugar do interior, em porta de farmácia: o aspecto e altitude desmentindo os lírios tortos de seu procedimento. Não se via laico, a não ser do bôdo e normal doideira humana, a metafisicamente dita. Valeria, sim, saber-se o grau virtual de sua alproabilidade. A gente nem tem idéia de como, por debaixo dos enredos da vida, talvez se esteja à sômente e sempre bucan-do conseguir-se no sulco pessoal do próprio destino, que é naturalmente encoberto; e, se acaso, por breve trecho e a-di-vois, se entremosta, então aturde, por parecer gratuito absurdo e sem-razão. Convém ver. Só raras vezes puras, aliás, obrem-nos aqui um pouco os olhos.

Naturalmente, o de Zé Osvaldo. Não é dizer fôsse um raro vazeiro vagamundo, por ânimo de vadição e hábito de irrealdade adivida às farmas da aventura. Outra o sua famigerção e círculo de motivos sa-lheito a um rumo incondicional, à aproximação de outro tempo, projeto de vadição, e mais que se pensa, propósito de natureza — a crer-se em sua palavra. E o saber? Sem efeito, que é que a gente conta, de si mesmo, em verdade? Nem pretensão exp-lícita, curta e certa, em quando respondia a umas perguntas, ali, observado entre lenta e lúmina, sentado no banco, no faz-ruína. Comum como uma terça-feira. Olimista como um pau de cerco. Risonho como um bol no fôto. Indefeso como um pinga d'água sócinha. Desmemoriado como um espelho. Davo trabalho, retrilhar-lhe os pedagos.

Sua cidade, o Rio. Não tinha ninguém. Tinha aquilo, que lhe vinha repetidamente sempre, tantas vezes: a necessidade de partir e longinquir, se exportar, exairar-se, sem escôpo, a longinquir, às penúltimas plagas. Apenas não a simples veleidade de fugir ao normal, à lengalenga lógica, para espiar cuidados, uma maneira prática de quimerizar. Mas, o que se mostrava a princípio exigência pacífica, ia-se tornando energia enorme de direção, latente, distanciosa —

a fome espacial dos sufocados. Então, se metia num navio, fizera já assim em quantas ocasiões. Voltara toda-a-vida à Europa: fóre repatriado em Hamburgo, Gênova, Trieste, Helsinki, Bordéus e Antuérpia. Ia-se, ao grande léu, como os tantos outros de sua abstrata raça, em íntimo intimados a seguir derrotada, ignorantes de seu clandestino.

Por começo, engajara-se sem formalidades em vapores gregos ou panamenhos, como trabalhador de bordo, viajava de foraste. Mas era um ser pegado com a terra, no enxuto, não-marinheiro, nem tinha tatuagem. Pojavam em longe pôrto, êle se escapava. Agora, por último, nem mais se alistava: subintrava-se e bordo, sorrelfo às acultas, com justeza matemática, sem isso nem isso, quer-se o que se quer, penetrava. O mar era-lhe apenas o meio de tração, seu instrumento incerto, distância que palpita. O mar, que faz lonjura. Êle era sempre da outra margem.

De suas artes em terra, não se tirariam marúbulas, matéria de contos arábicos. Só — a licença aberta, a abstinência e percor-rência, o girogirar, o vagar a ver. Sempre e outras ultrâncias, perléguas: itivo e latitudinário, ao ideado alto, paraginoso, no mal-entendida viagem, hóspe de do quase-nada, todo através de. Até o desvaler-se de vez e miserar-se, e pôr ponto. Ai, o diabo do coitado caia num Consulado, socorria-se de responsabilidade e seguridade, davam-lhe a repatriação.

Vago, vivo Zé Osvaldo, entre que confusões, em-sombros forças, mediava, severas causas? Contou-nos os sucessivos episódios do que lhe sucedera, de ingentes turlupinadas e estrapaças, desta vinda e feita.

Descido em Gênova, fóra-se adentro, como sempre, tratamundo e alheio. Apañou-o a polícia italiana. Mas não sabiam com êle o que resolver, a falta de documentos empalhando qualquer processo de expulsão. Deram-no à guarda da fronteira, que o levou, de noite, à beirada de Iugoslávia, e trespassaram-no para lá, de sorrate — subterfugido. Parece que o costume era obrarem às vezes desse jeito, naquelas partes. Porque, depois, os da polícia iugoslava fizeram-na para o lado de lá húngaro, também de noite e escondidamente, sob tarabines. Pêgo logo pelos húngaros, contrabandearam-no de novo para a Iugoslávia. Irem os iugoslaves abdicando-o outra vez para a Hungria. E os húngaros, afinal, para a Austría. Mas, par ali, já êle se abocorreu do tanto se revivado transfronteiras. Antes que outros saírem-lhe por diante para apañá-lo, tratou de enviar-se a Viena, como pôde.

Simples gracios, perguntaram-lhe: por que não tentava sair por obra, aqui, sua arte de astuto, introduzindo-se à sacaga num dos navios surtos no pôrto, a zapper para o Rio? Seja por brio de esportividade, ou fôsse por complacência iugoslava, isso o botou influido: Por todo o dia, desapareceu. Mas, quando voltou, no seguinte, foi para confessar seu malogro, com igual sossego. Estivera no pôrto, na ver a ver. Achava navio a valer, mais de um. Mas o estôco não prova bem, a vigilância ali era um o-fo.

Segue-se que enfim partiu, no sexta. Sumário foi sua expedição. Não tinha bagagem, nem mesmo passapô. Sumiu-se, liso e reconteite, o sorriso sem defeito, no lapelo a sempre-viva. Ninguém se lembrou de dêr-lhe algum dinheiro, só se pensou nisso tarde, já despendido o revivo com o atrepêlo de divertimentos e trabalhos, a parte não só negligencia, mas mesmo negligência e negligê. Agora, já se estaria longe, navegantibundo, a descer o Ebo, a entrar no Mar do Norte.

Mes, na outra manhã, cobrava-nos a Hamburg-Süd e importância de dez marcos, e êle favorecidos contra recibo tóco a lapia, e em fômos de "esta requisição". O desenvolvimento Zéosvaldo, capaz e calmo, sobendo fazer de si, servidamente! E não ia voltar — como a seiva, o vento, o ave?

Sim que, anos depois, realmente retornou à Europa, não lhe puderam talher a empresa. De novo, também, foi repatriado, para a epilogação. O nada acontece muitas vezes. Assim — na entrada do Guenabara — sabe-se que êle se estava de bordo perturbado? Acabou por começar, isto é, rematou em non-que-quando, zéosvaldo, mar abaixo, na caudalosa morte. Só morreu, com as coisas rôdas que não sabe.

Inconsequente?



a fome espacial dos sufocados. Então, se metia num navio, fizera já assim em quantas ocasiões. Voltara toda-a-vida à Europa: fóre repatriado em Hamburgo, Gênova, Trieste, Helsinki, Bordéus e Antuérpia. Ia-se, ao grande léu, como os tantos outros de sua abstrata raça, em íntimo intimados a seguir derrotada, ignorantes de seu clandestino.

Por começo, engajara-se sem formalidades em vapores gregos ou panamenhos, como trabalhador de bordo, viajava de foraste. Mas era um ser pegado com a terra, no enxuto, não-marinheiro, nem tinha tatuagem. Pojavam em longe pôrto, êle se escapava. Agora, por último, nem mais se alistava: subintrava-se e bordo, sorrelfo às acultas, com justeza matemática, sem isso nem isso, quer-se o que se quer, penetrava. O mar era-lhe apenas o meio de tração, seu instrumento incerto, distância que palpita. O mar, que faz lonjura. Êle era sempre da outra margem.

De suas artes em terra, não se tirariam marúbulas, matéria de contos arábicos. Só — a licença aberta, a abstinência e percor-rência, o girogirar, o vagar a ver. Sempre e outras ultrâncias, perléguas: itivo e latitudinário, ao ideado alto, paraginoso, no mal-entendida viagem, hóspe de do quase-nada, todo através de. Até o desvaler-se de vez e miserar-se, e pôr ponto. Ai, o diabo do coitado caia num Consulado, socorria-se de responsabilidade e seguridade, davam-lhe a repatriação.

Vago, vivo Zé Osvaldo, entre que confusões, em-sombros forças, mediava, severas causas? Contou-nos os sucessivos episódios do que lhe sucedera, de ingentes turlupinadas e estrapaças, desta vinda e feita.

Descido em Gênova, fóra-se adentro, como sempre, tratamundo e alheio. Apañou-o a polícia italiana. Mas não sabiam com êle o que resolver, a falta de documentos empalhando qualquer processo de expulsão. Deram-no à guarda da fronteira, que o levou, de noite, à beirada da Iugoslávia, e trespassaram-no para lá, de sorrate — subterfugido. Parece que o costume era obrarem às vezes desse jeito, naquelas partes. Porque, depois, os da polícia iugoslava fizeram-na para o lado de lá húngaro, também de noite e escondidamente, sob tarabines. Pêgo logo pelos húngaros, contrabandearam-no de novo para a Iugoslávia.

Guimarães Rosa conta: HOMEM, INTENTADA VIAGEM

POR exemplo: José Osvaldo. O qual foi um brasileiro, a-histórico e desvalido, nas épocas de 39 ou 38, a perambular pela Europa para-a-querer, hispida de esportistas. Veio a Hamburgo. Trazia-o uma comunicação do Consulado em Viena: "Não tem passaporte nem título de identidade e diz ter sido já repatriado duas vezes por esse Consulado Geral. Deve haver aí algum papel ou anotação, que o refira."

E como de feito: achado que, pela terceira vez, na pouca de três anos, revolvamos aqui, na estrangeira e na máxima lástima, contando com que de novo o mandássemos para casa. Veterano, de disparatado veterandício, coisa tão dessemelhante. Ele era caudado, baixo, iria nos trinta anos. O bem-encarado, bem-avido, sem semblante de bobótico, sem sentir-se de sua situação, antes todo feito para imperturbar-se. Cumprira-se em serenidade fresca, expedindo uma paz, muito coada, propriíssima. A uns, pareciam-se algo norista, e outros um tanto mineiro, bem uma espécie de hispo, mas, por enquanto, não falava. Fôra-se-lhe o último "pfermit", do que Mãe de Silva em Viena lhe ministrou, no bôdo todo feito para imperturbar-se. Cumprira-se e não amarrada, inexplicadamente, e até com no peito uma flor, dessas de si semi-séca, sempre-viva. Assim bem-trapalho, um rico diabo. Mas, III, IIIII, pelo Evangelho, que se lilic que nem os lírios do campo, jovializava.

Tinha-se, em autoridade consular, de chegar-lhe a ida, na sexta-feira, pelo navio de linha regular da Hamburg-Süd, que partia para o Brasil, gozando da "regalia de nauquite" e, então, com a regra de conduzir repatriado. Era só requisitar-se a passagem. Estávamos, porém, em começo de semana, tendo o José Osvaldo de esperar os quatro dias. Com quanto mínimo que acabou, para comida e casa em albergue, deu-se por sacrido magnificamente. E em meio de problemas não se retardava.

Nesse tempo, não deixou de vir passá-lo, e entre possível, no Consulado — de abertura e fechamento, — bem se devia e ver um viajante desparvida de curiosidade. Compreenda, sentado no banco, no compartimento da pilóico, junto ao balcão que separava o salão grande, onde os Auxiliares trabalhavam. Olhava-os, quieto, brejeiro às vezes, com sorrisos seriosos. Falava língua nenhuma, jejuava em tudo. Seu flúido, neutro, não incomodava. Frequentava ali, como se, em lugar do interior, em porta de farmácia: o aspecto e atitude desmentiram os lírios tortos de seu procedimento. Não seia laico, a não ser do bôdo e normal doideira humana, a metafisicamente dita. Valeria, sim, saber-se o grau virtual de sua adaptabilidade. A gente nem tem idéia de como, por debaixo dos enredos da vida, talvez se esteja à sintonia e sempre buscando conseguir-se no sulco pessoal do próprio destino, que é naturalmente encoberto; e, se acaso, por breve trecho e a-d-veir, se entremosta, então aturde, por parecer gratuito absurdo e sem-razão. Convém ver. Só raras vezes puras, aliás, abrem-nos aqui um pouco os olhos.

Naturalmente, o de Zé Osvaldo. Não é dizer fosse um raro vazeiro vagamundo, por ânimo de vadição e hábito de irreclividade a respeito das normas da vida, ou a sua famigerada e cirúrgica de motivos, sujeito a um rumo incondicional, à aproximação de outro tempo, projeto de vadição, e mais que se pensa, propósito de natureza — a crer-se em sua palavra. E o saber? Sem efeito, que é que a gente conta, de si mesmo, em verdade? Nem pretensão explicar-se, certo e certo, em quando respondia a umas perguntas, ali, observado entre lenta e lúmina, sentado no banco, no faz-não. Comum como uma terça-feira. Olimista como um pau de cerco. Risonho como um bal na água. Ineficaz como um pinga d'água sócinha. Desmemoriado como um espelho. Davo trabalho, retrilhar-lhe os pedálos.

Sua cidade, o Rio. Não tinha ninguém. Tinha aquilo, que lhe vinha repetidamente sempre, tantas vezes: a necessidade de partir e longinquir, se exportar, exairar-se, sem escôpo, a longinquir, às penúltimas plagas. Apenas não a simples vontade de fugir ao normal, à linguagem lógica, para espiar cuidados, uma maneira prática de quimerizar. Mas, o que se mostrava a princípio exigência pacífica, ia-se tornando energia enorme de direção, futurativa, distanciosa —

a fome espacial dos sufocados. Então, se metia num navio, fizera já assim em quantas ocasiões. Voltava toda-a-vida à Europa: fôra repatriado em Hamburgo, Gênova, Trieste, Helsinki, Bordaux e Antuária. Ia-se, ao grande lêu, como os textos outros de sua abstrata raca, em último intimadas a seguir derrotas, ignorantes de seu clandestino.

Por começo, engajava-se sem formalidades em vapores gregos ou panamenhos, como trabalhador de bordo, viajava de foraste. Mas era um ser pegado com a terra, no entanto, não-marinho, nem tinha tatuagem. Pujavam em longe pôrto, ele se escapava. Agora, por último, nem mais se alistava: subintrevia-se e bordo, sorrelha às ocultas, com justiça matemática, sem isso nem isso, quita-se o que se quer, penetra. O marre-lhe apenas a meio de irracião, seu instrumento incerto, distância que palpita. O mar, que faz longura. Ele era sempre da outra margem.

De duas antes em terra, não se tiveram maravilhas, matéria de contos arábicos. Só — a licença aberta, a abstinência e perquirência, o glogiar, a vagar o ver. Sempre e outros ultranças, perleços: Riva e Intituidine, ao idealo alto, poratino, no mal-entendida viagem, hóspede do quase-nada, todo através de. Até o desvaler-se de vez e misturar-se, e pôr porta. Aí, o diabo do cotado, que num Consulado, se arriava de responsabilidade e seguridade, davam-lhe a repatrição.

Vago, vivo Zé Osvaldo, entre que confusões, em-sombros forças, mediava, severas causas! Conto-nos os sucessivos episódios do que lhe sucedera, de ingentes turlupinadas e estrapacas, desta vinda e feito.

Decidido em Gênova, fôra-se adentro, como sempre, tratamundo e alheio. Apoiava-se a polícia italiana. Mas não sabiam com ele o que resolver, o falta de documentos emalhando qualquer processo de expulsão. Deram-no à guarda da fronteira, que o levou, de noite, à beirada de Lugubéria, e trespassaram-no para lá, de serrate — subterfúgio. Parece que o costume era abarrem às vezes desse jeito, naqueles parais. Porém, depois, os polícos lugubérios fizeram-no para o lado de lá, também de noite e escondidamente, sob farolinas. Pôgo logo pelos húngaros, contrabandearam-no de novo para a Lugubéria. Irem os iugoslavos abalancando-o outra vez para a Hungria. E os húngaros, afinal, para a Áustria. Mas, par aí, já é se aborrecera de tanto ser revirado transfronteiras. Antes que outros saíssem-lhe por diante para apajé-lo, tratou de enviar-se a Viena, como pôde.

Simplez gracejo, perguntaram-lhe: por que não tentava pôr por obra, aqui, sua arte de astuta, introduzindo-se à sacopa num dos navios surtos no pôrto, a zarpar para o Rio? Seja por brio de esportividade, ou fôsse por complacência ingênua, isso o botou infúido: Por todo o dia, desapareceu. Mas, quando voltou, no seguinte, foi para confessar seu malôgro, com igual sossêgo. Estivera no pôrto, no ver a ver. Achara navio a valer, mais de um. Mas o esfôrço não prova: bem, a vigilância ali era um a-fio.

Segue-se que enfim partiu, no sexta. Suméria foi sua expedição. Não tinha bagagem, nem mesmo pacotilha. Sumiu-se, liso e recontente, o sorriso sem defeito, na lapela a sempre-viva. Ninguém se lembrou de dar-lhe algum dinheiro, só se pensou nisso tarde, já despachado o navio; com o atropêlo de divertimentos e trabalhos, a gente não só negligencia, mas mesmo negligêcia e negligê. Agora, já se estaria longe, navegantibundo, a descer o Elba, a entrar no Mar do Norte.

Mes, na outra manhã, cobrava-nos o Hamburg-Süd a importância de dez marcos, a éle favorecidos contra recibo tóscico a lápis, e em termos de "esta requisição". O desenvolvimento Zéosvaldo, capaz e calmo, sabendo fazer de si, servidamente! E não ia voltar — como a seiva, o vento, a ave?

Sim que, anos depois, realmente retornou à Europa, não lhe puderam tolher a empresa. De novo, também, foi repatriado, para a epilogação. O nada acontece muitas vezes. Assim — na entrada da Guanabara — sabe-se que éle se atirou de bordo; perturbado? Acabou por começar. Isto é, rematou em nem-que-quando, zéosvaldo, mar abaixo, na caudalosa morte. Só morreu, com as coisas tôdas que não sabia.

Inconseguiu-se?



Idem. os iugoslavos abalancando-o outra vez para a Hungria. E os húngaros, afinal, para a Áustria. Mas, par aí, já éle se aborrecera de tanto ser revirado transfronteiras. Antes que outros saíssem-lhe por diante para apajé-lo, tratou de enviar-se a Viena, como pôde.

Simplez gracejo, perguntaram-lhe: por que não tentava pôr por obra, aqui, sua arte de astuta, introduzindo-se à sacopa num dos navios surtos no pôrto, a zarpar para o Rio? Seja por brio de esportividade, ou fôsse por complacência ingênua, isso o botou infúido: Por todo o dia, desapareceu. Mas, quando voltou, no seguinte, foi para confessar seu malôgro, com igual sossêgo. Estivera no pôrto, no ver a ver. Achara navio a valer, mais de um. Mas o esfôrço não prova: bem, a vigilância ali era um a-fio.

Segue-se que enfim partiu, no sexta. Suméria foi sua expedição. Não tinha bagagem, nem mesmo pacotilha. Sumiu-se, liso e recontente, o sorriso sem defeito, na lapela a sempre-viva. Ninguém se lembrou de dar-lhe algum dinheiro, só se pensou nisso tarde, já despachado o navio; com o atropêlo de divertimentos e trabalhos, a gente não só negligencia, mas mesmo negligêcia e negligê. Agora, já se estaria longe, navegantibundo, a descer o Elba, a entrar no Mar do Norte.

Mas, na outra manhã, cobrava-nos o Hamburg-Süd a importância de dez marcos, a éle favorecidos contra recibo tóscico a lápis, e em termos de "esta requisição". O desenvolvimento Zéosvaldo, capaz e calmo, sabendo fazer de si, servidamente! E não ia voltar — como a seiva, o vento, a ave?

Sim que, anos depois, realmente retornou à Europa, não lhe puderam tolher a empresa. De novo, também, foi repatriado, para a epilogação. O nada acontece muitas vezes. Assim — na entrada da Guanabara — sabe-se que éle se atirou de bordo; perturbado? Acabou por começar. Isto é, rematou em nem-que-quando, zéosvaldo, mar abaixo, na caudalosa morte. Só morreu, com as coisas tôdas que não sabia.

Inconseguiu-se?

ANEXOS

ANEXO A. ALMANAQUE DO PESSOAL, PARA 1940 ATÉ 31 DE DEZEMBRO DE 1939, DO MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES – TEMPO DE CLASSE DE GUIMARÃES COMO SEGUNDO SECRETÁRIO E CONSULAR

Almanach des Personals des brasilianischen Außenministeriums, von 1940 bis 31. Dezember 1939, - Arbeitszeit von Guimarães als zweiter Sekretär und Konsular

CARREIRA DE			
N.º DE ORDEM	SEGUNDOS SECRETARIOS E CONSULES CLASSE "K"	DATA DO NASCIMENTO	TEMPO DE CLASSE
49	Braz Florentino Garcia de Souza (º)	25- 4-1910	3,364
50	Frederico Chermont Lisboa	1-11-1905	3,312
51	Renato Rino de Carvalho (º)	6- 1-1905	3,249
52	Hugo Gouthier de Oliveira Gondim	27- 9-1909	3,175
53	Carlos Alberto Thomaz Brandes	12-12-1895	3,167
54	Narbal Costa (º)	14- 7-1894	2,918
55	Hygas Chagas Pereira	18-11-1906	2,844
56	Aguinaldo Boulitreau Fragoso	3- 3-1907	2,844
57	Carlos Buarque de Macedo	21- 7-1908	2,844
58	Waldemar Mendes de Almeida (º)	22- 3-1893	2,778
59	Jorge Kirchofer Cabral (º)	30- 5-1903	2,862
60	José Augusto Ribeiro	12- 7-1907	2,682
61	Nelson Tabajara de Oliveira (º)	8- 4-1904	2,633
62	Luiz Augusto Blake de Alencastro	24-11-1899	2,532
63	Jorge Maciel da Costa Leite (º)	21-10-1900	2,093
64	Renato Firmino Maia de Mendonça	23-12-1912	2,055
65	João Guimarães Rosa (º)	27- 6-1908	2,038
66	Francisco de Borja Baptista de Magalhães (º)	2- 6-1904	1,995
67	Carlos da Ponte Ribeiro Eiras (º)	7- 4-1909	1,995
68	Beata Vettori Esteves (º)	4-12-1909	1,995
69	Sergio de Lima e Silva	28- 3-1913	1,995
70	Oscar Pires do Rio (º)	9- 9-1896	1,890
71	Fernando Saboia de Medeiros	17- 5-1906	1,677
72	Odette de Carvalho e Souza	1-10-1904	1,312

CARREIRA DE DIPLOMATA

N.º DE ORDEM	CÔNSULES DE SEGUNDA CLASSE CLASSE "K" (Quadro antigo — compunha-se de 48 funcionários)	TEMPO DE CLASSE
25	Leontina Licínio Cardoso	3,666
26	Braz Florentino Garcia de Souza	3,364
27	Renato Rino de Carvalho	3,249
28	Hugo Gouthier de Oliveira Gondim	3,175
29	Narbal Costa	2,918
30	Waldemar Mendes de Almeida	2,778
31	Jorge Kirchhofer Cabral	2,682
32	José Augusto Ribeiro	2,682
33	Nelson Tabajara de Oliveira	2,633
34	Luiz Augusto Blake de Alencastro	2,532
35	Jorge Maciel da Costa Leite	2,093
36	João Guimarães Rosa	2,036
37	Francisco de Borja Baptista de Magalhães	1,995
38	Carlos da Ponte Ribeiro Eiras	1,995
39	Beata Vettori Esteves	1,995
40	Oscar Pires do Rio	1,890
41	Fernando Saboia de Medeiros	1,677

ANEXO B. PUBLICAÇÃO DE GEORG OTTE: O “DIÁRIO DE GUERRA” DE JOÃO GUIMARÃES ROSA⁷⁴ *Text von Georg Otte: Das „Kriegstagebuch“ von João Guimarães*

Rosa

“Diário de Guerra” é a designação provisória para as anotações que João Guimarães Rosa fez entre os anos 1939 e 1942 como cônsul adjunto na Alemanha. Escrito, portanto, durante os primeiros quatro anos da II Guerra Mundial, o diário possui tanto um caráter profissional quanto pessoal. Provavelmente, a finalidade inicial era de ordem profissional, pois há um grande número de registros precisos sobre ocorrências associadas à guerra, como, por exemplo, uma série de anotações sempre indicando a hora exata de um alarme, ou ainda observações sobre os bombardeios freqüentes dos aviões ingleses que visavam às instalações estratégicas da região de Hamburgo, a cidade do consulado brasileiro.

Boa parte do diário, portanto, apresenta um caráter oficial, no sentido de servir, provavelmente, como suporte para um relatório oficial. Fazem parte desses registros observações sobre a vida cotidiana em regime de guerra, tais como a falta de combustível e o racionamento de alimentos, mas também recortes de jornais que, muitas vezes escritos no tom da propaganda nazista, giram em torno da guerra e da política racista da época. Rosa comenta esses artigos, seja com relação ao seu valor informativo, seja para dar – muitas vezes em tom irônico – sua avaliação pessoal, pois tem plena consciência da censura praticada na época. Curiosamente, há um grande número de artigos que dizem respeito a fenômenos da natureza e aos costumes do país.

A atitude de Rosa em tomar uma postura distante em relação à guerra não se deve apenas à sua posição de diplomata, mas também ao uso não-profissional do diário. Tanto as observações sobre a natureza quanto os raros rascunhos de caráter literário mostram que o autor não conseguiu se limitar ao relato sóbrio dos acontecimentos, dando curso livre ao seu interesse pela natureza e pela expressão literária, o primeiro refletindo-se muitas vezes no segundo. Em algumas ocasiões, a predileção pelo detalhe chega a produzir uma quebra irônica com os episódios da “Grande Guerra”:

Bombas: vi a luz branca,
terrível, dos trabalhos de dessoterra-
mento, na *Hagemannstrasse* e na
Duntzigerstrasse. [????] Estava
de auto, com Ara. Havia um
incêndio, na *Hauptbahnhof*.

Um gato zanzado:
Pêlo feio como uma escova. A cauda fica
como a cauda de uma raposa.

Um terceiro elemento do diário, infelizmente o menor de todos, consiste em textos menores, às vezes fragmentos de textos, que dão provas das inclinações literárias de Rosa. Além de rascunhos de poemas e textos curtos, o leitor encontra comentários sobre suas leituras (inclusive

O “DIÁRIO DE GUERRA”

GEORG OTTE (UFMG)

34. SUPLE Especial Guimarães Rosa, Maio 2006

⁷⁴ O “Diário de Guerra” de João Guimarães Rosa. OTTE, Georg. Suplemento Literário Minas Gerais, n. Especial Guimarães Rosa, 5/2006. p. 34-35

as da literatura francesa e espanhola), sobre visitas aos teatros e sobre a própria produção literária. Há ainda uma parte intitulada "Cadastro na estante", um registro - provavelmente completo - da sua biblioteca na Alemanha, ilustrado por alguns desenhos.

Para o teórico da literatura, dois aspectos se destacam: o diário como uma forma do discurso autobiográfico e a experiência de Rosa na Alemanha como confronto intercultural, aspectos estes que, evidentemente, se sobrepõem. Confrontado diretamente com a Alemanha nazista, a postura de Rosa em relação à cultura alemã se revela ambivalente: ele enfrenta uma política racista, mas cultiva, também, a imagem positiva de uma Alemanha não - ou pré-nazista, apreciando as contribuições científicas e artísticas desse país no passado. Por um lado, ele passa pela frustração de não encontrar "sua" Alemanha, por outro, ele relativiza a Alemanha nazista como episódio do momento político. Relativizar, entretanto, não significa minimizar, como mostra a anotação do 13 de julho de 1940:

Passei hoje, com Ara, à tarde. Fomos pela beira da *Alster*. Num recanto da margem, perto da *Lombardsbrücke*, para o lado de cá (da minha casa), vi uma praiuzinha para crianças. Pequenininha enseada, protegida, de um lado, por um pernambuco [?] de pedra, ganho pelas ondas do lado, que vão e vêm por entre as pedras,

convertendo-o em cachoeira. Marrecos flutuam, dando o peito redondo ao ímpeto em miniatura das ondas, ou mergulhando as cabeças. A 2 metros da terra, uma tela, firme em estacas. Os garotos podem nadar ali dentro. Há um quadrado, espécie de vasto caixão de areia, para os garotos brincarem. Perto, os salgueiros-chourões. Ondazinhas vêm lamber a praia de brinquedo. E ... mas ... para estragar toda a mansa poesia do lugar: arvora-ram, num poste, uma taboletazinha amarela: "Lugar de brinquedo para crianças arianas ..."

Rosa não fecha os olhos ao nazismo e fica indignado diante da proibição que impede a crianças judias o acesso a uma praia pública. O choque entre um passado com conotações positivas e um presente que coincide com uma das fases mais nefastas da história alemã certamente constitui mais um fator para o já mencionado distanciamento de Rosa diante os acontecimentos concretos. Cabe ressaltar que, em momento algum, Rosa manifesta qualquer simpatia, ou mesmo compreensão pelo regime nazista, fato este que parece ser óbvio diante do notório humanismo do nosso autor, mas que não deixa de ser notável diante das simpatias que vários integrantes do Estado Novo cultivavam pelos países do Eixo.

DE JOÃO GUIMARÃES ROSA

ANEXO C. ALGUMAS FICHAS CONSULARES ASSINADAS POR GUIMARÃES ROSA *Einige von Guimarães Rosa unterzeichnete Antragsformulare für konsularische Visa*

Ao contrário das listas de Schindler, Görgen, Souza Dantas e Johannes Schauff, não existe uma lista elaborada pela própria Aracy. De acordo com vários historiadores que ao longo dos anos têm pesquisado as ações humanísticas de Aracy, ela salvou dezenas de pessoas, mas os nomes ainda precisam ser completados. As fichas consulares de qualificação assinadas por João Guimarães Rosa oferecem indícios das estratégias de camuflagem utilizadas pelo casal, como no caso de o requerente ser judeu (com Sara ou Israel entre o nome e o sobrenome) e ter recebido visto temporário. Devemos estar atentos para os casos de o requerente ser católico e ter sido admitido em caráter permanente, nos termos do Decreto nº 3.010 de 1938. Com esse perfil, atendia ao projeto político-racial endossado pelo governo Vargas, como foi o caso da alemã Klara Schindler (irmã M. Edigna). No entanto, essa identidade poderia ter sido forjada com documentos falsos, como a apresentação de um atestado de batismo (CARNEIRO, 2010).⁷⁵

Ficha consular de qualificação de Klara Schindler (irmã M. Edigna), admitida em caráter permanente, com assinatura do cônsul João de Guimarães Rosa. Hamburgo, 8 de julho de 1939.

MOEBIUS S.C. 194

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL **13377**
FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino

Nome por extenso **Klara Schindler (Irmã M. Edigna)**
Admitido em território nacional em caráter **permanente** (temporário ou permanente)
Nos termos do art. **24** letra do dec. n. **3010** de 1938
Lugar e data de nascimento **Schönau** / **14.3.** / **1906**
Nacionalidade **alemã** Estado civil **solteira**
Filiação (nome do Pai e da Mãe) **Joseph e Anna Schindler**
Profissão **Religiosa**
Residência no país de origem **Ingolstadt**

NOME	IDADE	SEXO

FILHOS MENORES DE 18 ANOS

Passaporte n. **161/1939** expedido pelas autoridades de **Ingolstadt** na data **21.6.1939**
visado sob n. **794**

Assinatura do portador: *Klara Schindler (M. Edigna)*

Consulado **Geral** do Brasil em **Hamburgo**
8 de **Julho** de 19 **39**
O CONSUL: *J. Guimarães Rosa*

SEL
CON

NOTA—Esta ficha deve ser preenchida à máquina pela autoridade consular, sendo as duas vias em original.

Acervo: Arquivo Nacional/RJ; Arqshoah/Leer-USP

⁷⁵ https://www.arqshoah.com/images/imagens/sobreviventes-testemunhos/ROSA_Aracy_Moebius_de_Carvalho_Guimar%C3%A3es.pdf

Ficha consular de qualificação de Inge Vera Heilborn, com visto emitido em 24 de janeiro de 1939, assinada por João Guimarães Rosa.

MODELO S.C. 139

REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO 35692/2

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino

Nome por extenso **Inge Vera Heilborn**

Admitido em território nacional em caráter **temporário**
(temporário ou permanente)

Nos termos do art. 25 letra **a** do dec. n. 3010, de 1938

Lugar e data de nascimento **Breslau** / 4.6. / 1914

Nacionalidade **alema** Estado civil **casada**

Filiação (nome do Pai e da Mãe) **Paul Bloch e Elfriede digo
Elfriede Bloch** Profissão **/**

Residência no país de origem **Hamburgo**

NOME IDADE SEXO

FILHOS MENORES DE 18 ANOS

Passaporte n. **377** expedido pelas autoridades de **Hamburgo**
na data **7.I.1939**

visado sob n. **163**

ASSINATURA DO PORTADOR:
Sara Inge Vera Heilborn qh. Bloch

NOTA—Esta ficha deve ser preenchida à máquina pela autoridade consular, sendo as duas vias em original.

35692



SELO CONSUL: **J. Guimarães Rosa**

Consulado **Geral** do Brasil
em **Hamburgo**
24 de **Janeiro** de 19**39**
O CONSUL:

Acervo: Arquivo Nacional/RJ; Arqshoah/Leer-USP.

Ficha consular de qualificação de Günther Heilborn, com visto emitido em 24 de janeiro de 1939, assinada por João Guimarães Rosa

MODELO S.C. 139

REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO 35673/1

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino

Nome por extenso **Günther Heilborn**

Admitido em território nacional em caráter **temporário**
(temporário ou permanente)

Nos termos do art. 25 letra **a** do dec. n. 3010, de 1938

Lugar e data de nascimento **Gleiwitz** / 13.5. / 1912

Nacionalidade **alema** Estado civil **casado**

Filiação (nome do Pai e da Mãe) **Wilhelm Heilborn e Selma
Heilborn** Profissão **dentista**

Residência no país de origem **Hamburgo**

NOME IDADE SEXO

FILHOS MENORES DE 18 ANOS

Passaporte n. **375** expedido pelas autoridades de **Hamburgo**
na data **7.I.1939**

visado sob n. **162**

ASSINATURA DO PORTADOR:
Israel Guinther Heilborn

NOTA—Esta ficha deve ser preenchida à máquina pela autoridade consular, sendo as duas vias em original.

35673



SELO CONSUL: **J. Guimarães Rosa**

Consulado **Geral** do Brasil
em **Hamburgo**
24 de **Janeiro** de 19**39**
O CONSUL:

Acervo: Arquivo Nacional/RJ; Arqshoah/Leer-USP.

Fichas consulares de qualificação de Jakob Alexander, com visto emitido em 27 de janeiro de 1939, assinadas por João Guimarães Rosa.

1936022 REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino

Nome por extenso Jakob Israel Alexander

Admitido em território nacional em caráter temporário

Nos termos do art. 25 letra b do dec. n. 3010 de 1938

Lugar e data de nascimento Werner / 30.3.1893

Nacionalidade alemã Estado civil casado

Filiação (nome do Pai e da Mãe) Moses e Sophie Alexander

Profissão comerciante

Residência no país de origem Gelsenkirchen

NOME IDADE SEXO

FILHOS MENORES DE 18 ANOS

Passaporte n. 8/39 expedido pelas autoridades de Gelsenkirchen na data 21.1.1939

visado sob n. 179

Assinatura do Portador: Jakob Israel Alexander

Consulado Geral do Brasil em Hamburgo 27 de Janeiro de 1939

O CONSUL: J. Guimarães Rosa

NOTA—Esta ficha deve ser apresentada à máquina pela autoridade consular, assim as duas vias em original.

Acervo: Arquivo Nacional/RJ; Arqshoah/Leer-USP

Fichas consulares de qualificação de Werner Alexander, com visto emitido em 27 de janeiro de 1939, assinadas por João Guimarães Rosa.

13970024142 REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO 24627

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino

Nome por extenso Werner Alexander

Admitido em território nacional em caráter temporário

Nos termos do art. 25 letra a do dec. n. 3010 de 1938

Lugar e data de nascimento Essen / 6.9.1919

Nacionalidade alemã Estado civil solteiro

Filiação (nome do Pai e da Mãe) Jakob e Ella Alexander

Profissão alfaiate

Residência no país de origem Gelsenkirchen

NOME IDADE SEXO

FILHOS MENORES DE 18 ANOS

Passaporte n. 34/35 expedido pelas autoridades de Gelsenkirchen na data 5.8.1935

visado sob n. 182

Assinatura do Portador: Werner Israel Alexander

Consulado Geral do Brasil em Hamburgo 27 de Janeiro de 1939

O CONSUL: J. Guimarães Rosa

NOTA—Esta ficha deve ser apresentada à máquina pela autoridade consular, assim as duas vias em original.

Acervo: Arquivo Nacional/RJ; Arqshoah/Leer-USP

Fichas consulares de qualificação de Kurt Alexander, com visto emitido em 27 de janeiro de 1939, assinadas por João Guimarães Rosa.

Siqueira Campos
1397 0024059 FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO 24.632

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino

Nome por extenso Kurt Alexander

Admitido em território nacional em caráter temporário

Nos termos do art. 25 letra a do dec. n. 3010 de 1938

Lugar e data de nascimento Essen - 6.9. 1919

Nacionalidade alemã Estado civil solteiro

Filiação (nome do Pai e da Mãe) Jakob e Ella Alexander Profissão tecelão

Residência no país de origem Gelsenkirchen

NOME	IDADE	SEXO

FILHOS MENORES DE 18 ANOS

Passaporte n.º 33/35 expedido pelas autoridades de Gelsenkirchen na data 3.8.1935

visado sob n.º 181

ASSINATURA DO PORTADOR: Kurt Alexander

Consulado Geral do Brasil em Hamburgo 27 de Janeiro de 1939

O CONSUL: J. Guimarães Rosa

NOTA—Esta ficha deve ser preenchida à máquina pela autoridade consular, sendo as duas vias em original.

Acervo: Arquivo Nacional/RJ; Arqshoah/Leer-USP

Fichas consulares de qualificação de Ella “Sara” Alexander, com visto emitido em 27 de janeiro de 1939, assinadas por João Guimarães Rosa.

Siqueira Campos
1371 0024526 FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO 33926

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino

Nome por extenso Ella Sara Alexander

Admitido em território nacional em caráter temporário

Nos termos do art. 25 letra a do dec. n. 3010 de 1938

Lugar e data de nascimento Verel - 1.9. 1884

Nacionalidade alemã Estado civil casada

Filiação (nome do Pai e da Mãe) Emanuel e Mathilde Heynemann Profissão /

Residência no país de origem Gelsenkirchen

NOME	IDADE	SEXO

FILHOS MENORES DE 18 ANOS

Passaporte n.º 3/39 expedido pelas autoridades de Gelsenkirchen na data 21.1.1939

visado sob n.º 180

ASSINATURA DO PORTADOR: Ella Sara Alexander

Consulado Geral do Brasil em Hamburgo 27 de Janeiro de 1939

O CONSUL: J. Guimarães Rosa

NOTA—Esta ficha deve ser preenchida à máquina pela autoridade consular, sendo as duas vias em original.

Acervo: Arquivo Nacional/RJ; Arqshoah/Leer-USP

ANEXO D. FOTOGRAFIAS DE ROSA EM HAMBURGO⁷⁶

Fotografien von Rosa in Hamburg

João Guimarães Rosa e Aracy Moebius de Carvalho em Hamburgo



[Foto Acervo Família Tess]

João Guimarães Rosa e Aracy no Consulado em Hamburgo.



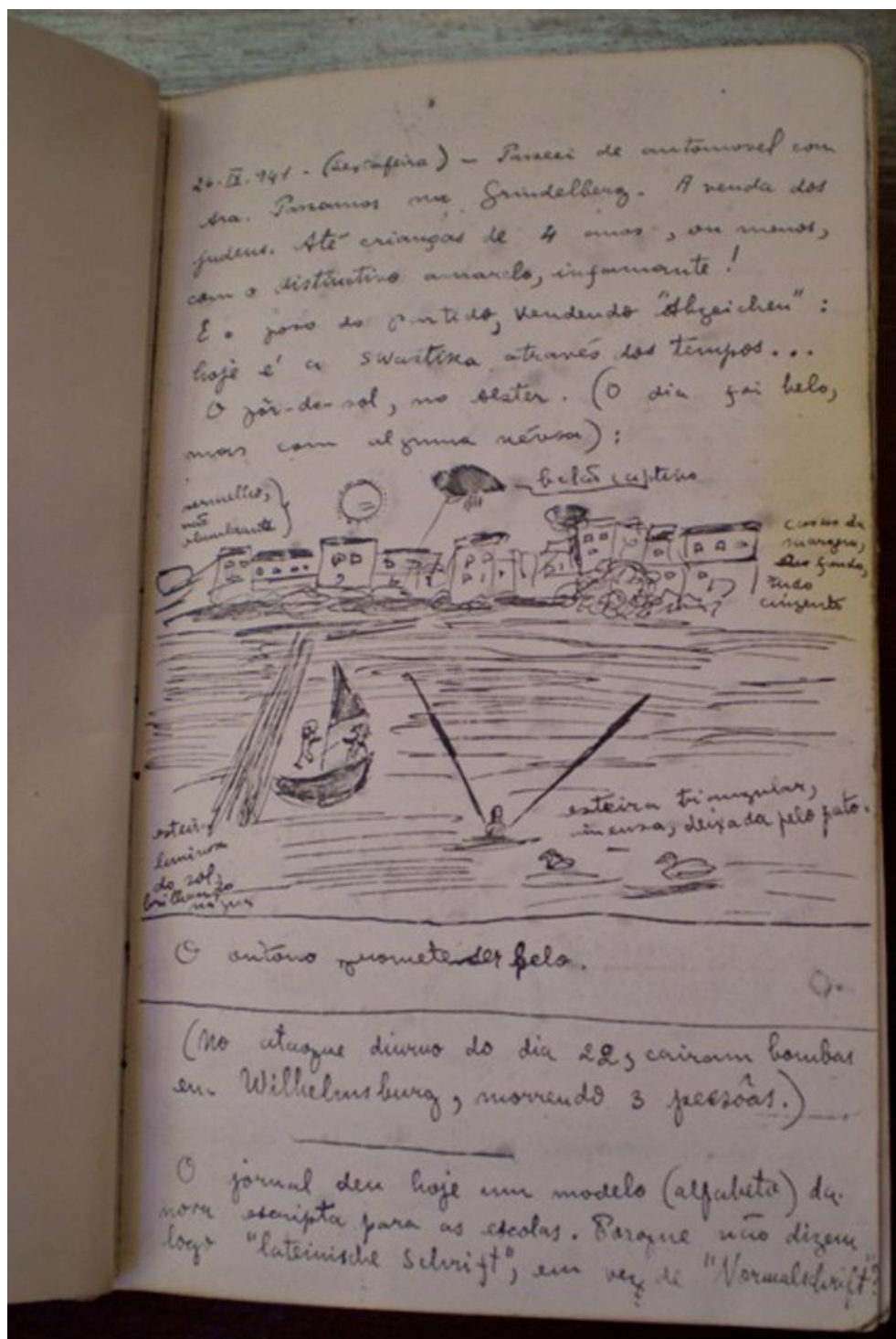
[Foto Acervo Família Tess]

⁷⁶ FENSKE, E. K. **JGR – O demiurgo do sertão**. <http://www.elfikurten.com.br/2013/05/joao-guimaraes-rosa-o-demiurgo-do-sertao.html>

ANEXO F. FOTOGRAFIAS DE TRECHOS DO DIÁRIO DE GUERRA/HAMBURGO⁷⁷

Fotografien von Auszügen aus dem Hamburger Kriegstagebuch

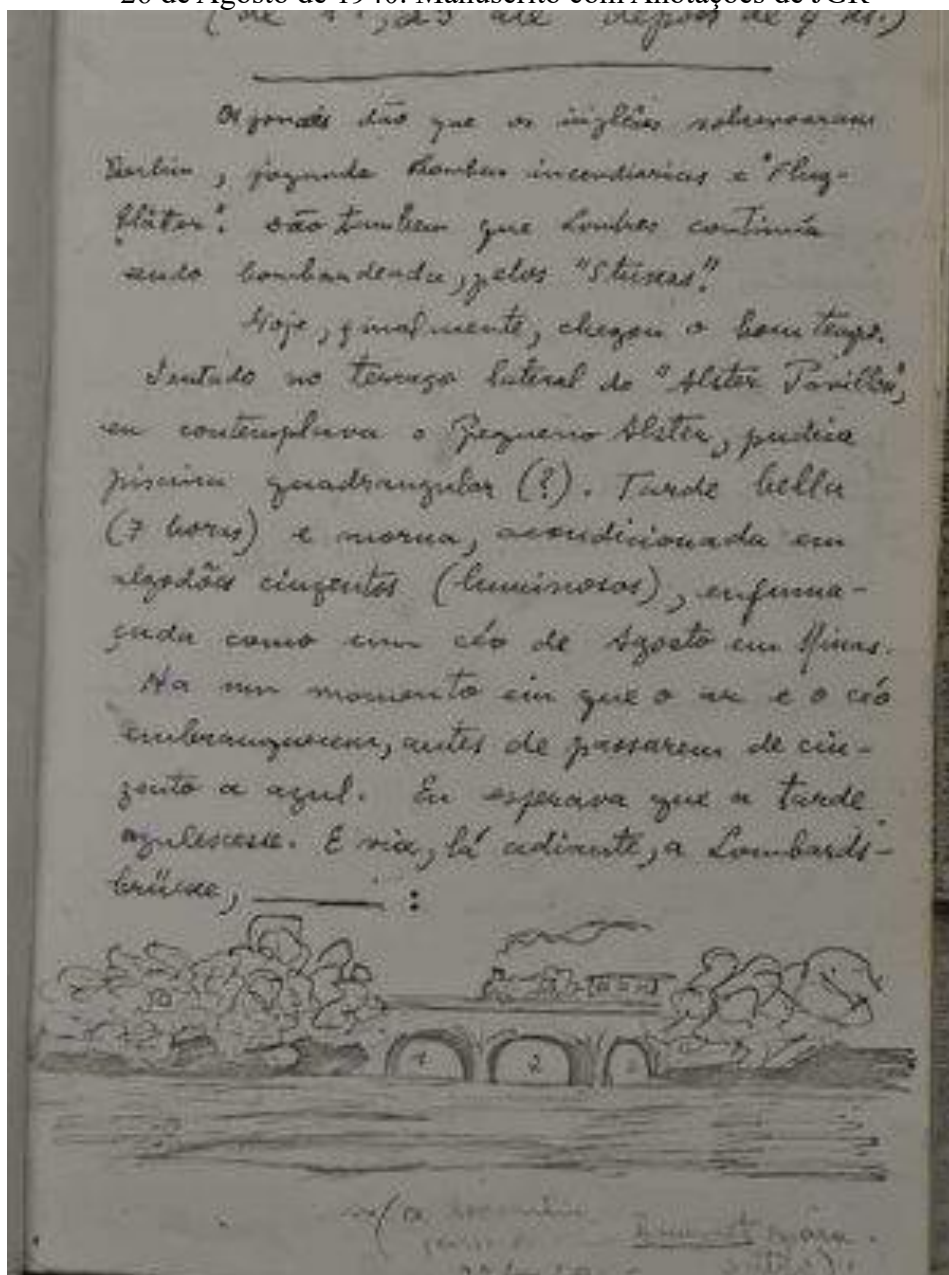
6 de Set. de 1941. Manuscrito com Anotações de JGR



[Acervo Arquivo dos Escritores
 Mineiros. UFMG - Fundo Henriqueta Lisboa].

⁷⁷ FENSKÉ, E. K. JGR - O demiurgo do sertão. <http://www.elfikurten.com.br/2013/05/joao-guimaraes-rosa-o-demiurgo-do-sertao.html>

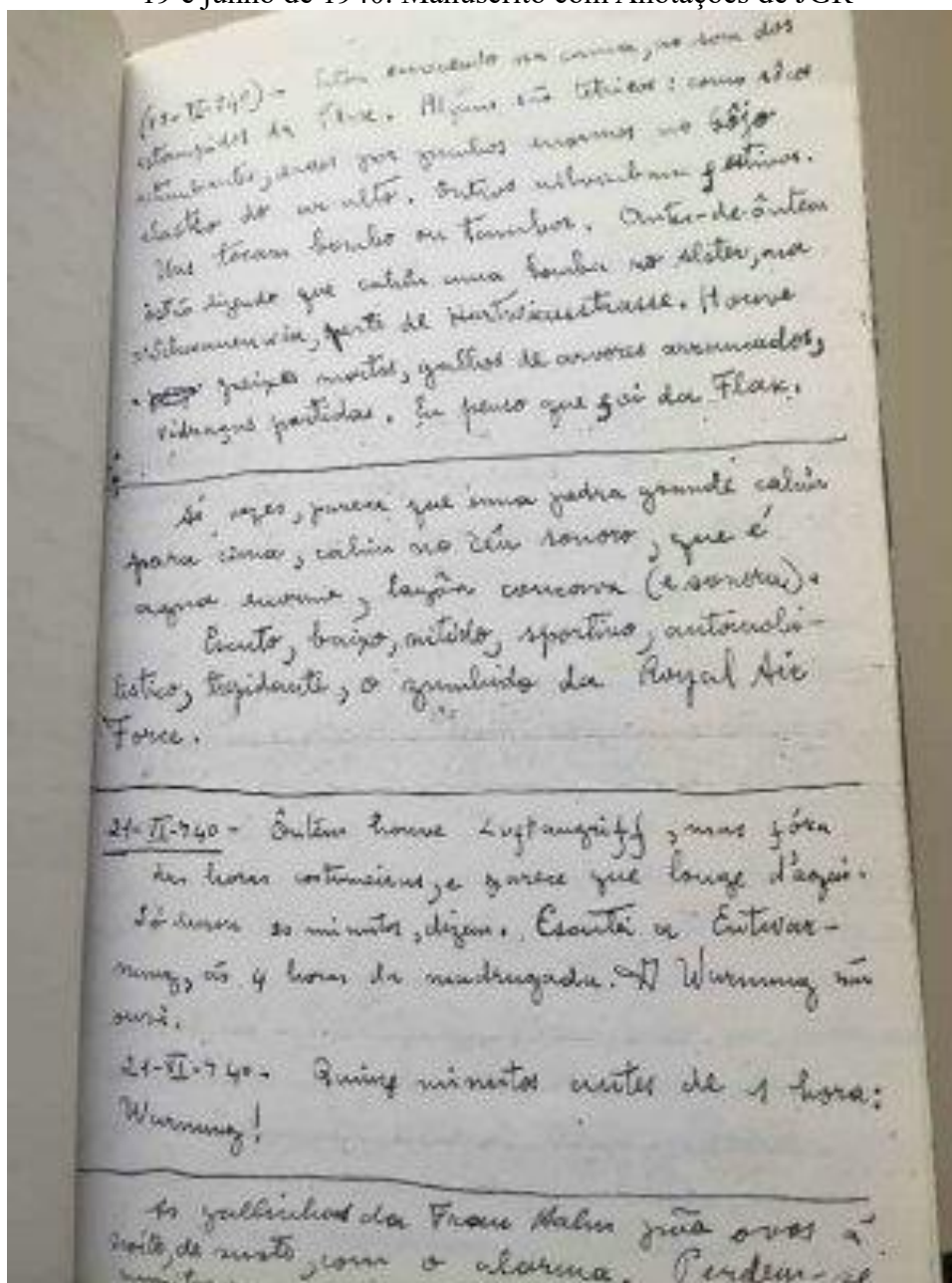
26 de Agosto de 1940. Manuscrito com Anotações de JGR



- [Acervo Arquivo dos Escritores
 Mineiros. UFMG - Fundo Henriqueta Lisboa].

⁷⁸ O alarme de ontem para hoje durou mais de 4 horas e meia: (de 11,25 até depois de 4 hs.) Os jornais dão que os ingleses sobrevoaram Berlim, jogando bombas incendiárias e Flugblätter (panfleto). Dão também que Londres continua sendo bombardeada, pelos "Stukas" (abreviatura de Sturzkampfflugzeug, avião de combate). Hoje, finalmente, chegou o bom tempo. Sentado no terraço lateral do Alster Pavillon, eu contemplava o Pequeno Alster, pudica piscina quadrangular (?). Tarde bela (7 horas) e morna, acondicionada em algodões cinzentos (luminosos), enfumaçada como um céu de Agosto em Minas. Há um momento em que o ar e o céu embranquecem, antes de passarem de cinzento a azul. Eu esperava que a tarde azulescesse. E via, lá adiante, a Lombardsbrücke (ponte sobre o rio Alster). Fonte da imagem: <https://www.em.com.br/app/noticia/cultura/62,355,59,45/2019/02/24/noticias-artes-e-livros,242079/leia-trechos-dos-diarios-de-guerra-manuscrito-de-guimaraes-rosa.shtml>

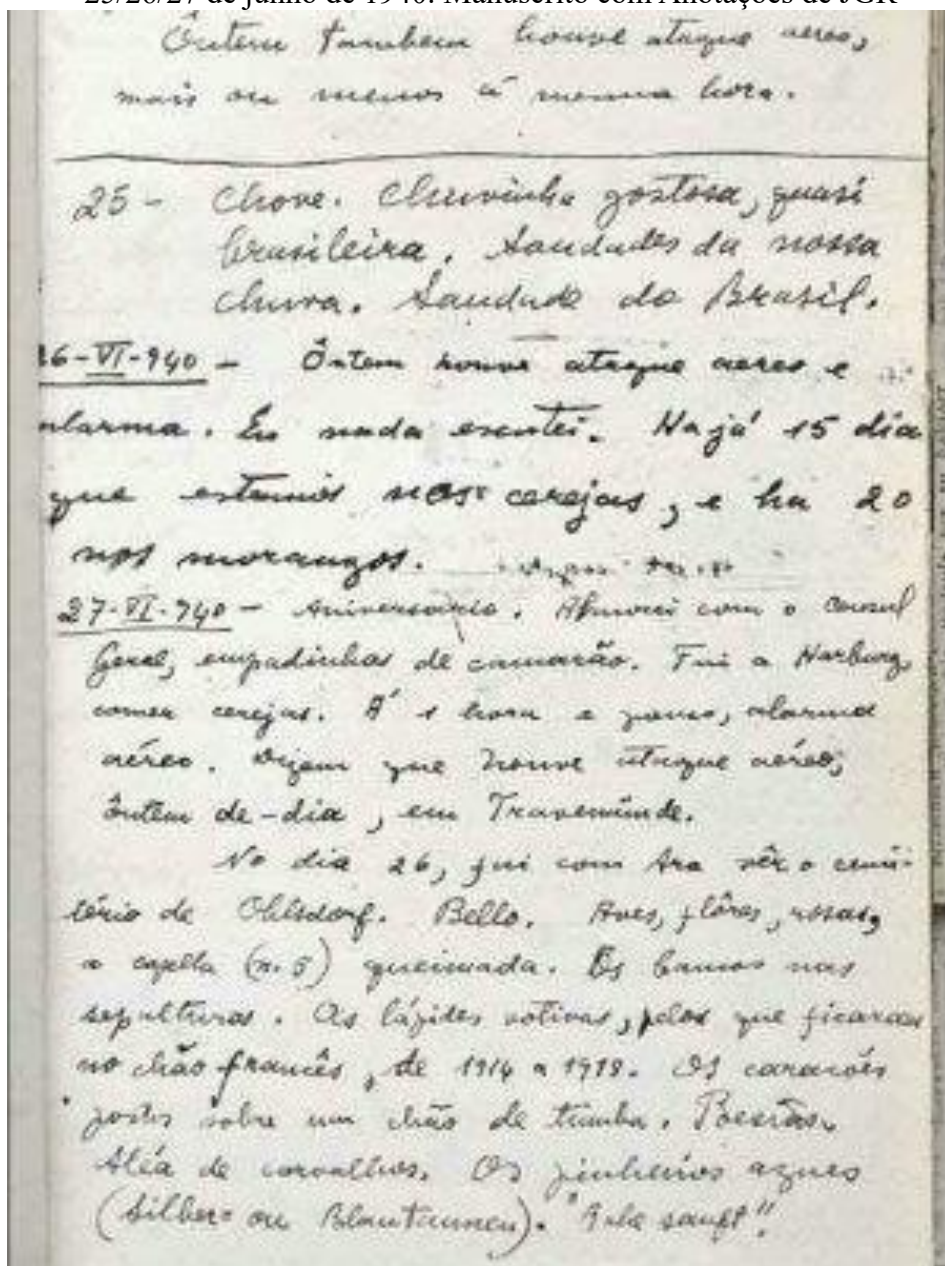
19 e junho de 1940. Manuscrito com Anotações de JGR



- [Acervo Arquivo dos Escritores
Mineiros. UFMG - Fundo Henriqueta Lisboa].

⁷⁹ (...)Estou escrevendo na cama, ao som dos estampidos da Flak (artilharia anti-aérea). Alguns são tétricos: como socos retumbantes, dados por punhos enormes no bojo elástico do ar alto. Outros ribombam festivos. Uns tocam bombo ou tambor. Antes-de-ontem estão dizendo que caiu uma bomba no Alster, na Schwanenwik (estrada), perto de Hartwicusstrasse (nome de rua). Houve peixes mortos, galhos de árvores arrancados, vidraças partidas. Eu penso que foi da Flak. Às vezes, parece que uma pedra grande caiu para cima, caiu no céu sonoro, que é água enorme, lagoa côncava (e sonora). Escuto, baixo, nítido, esportivo, automobilístico, trepidante, o zumbido da Royal Air Force. Fonte da imagem: <https://www.em.com.br/app/noticia/cultura/62,355,59,45/2019/02/24/noticias-artes-e-livros,242079/leia-trechos-dos-diarios-de-guerra-manuscrito-de-guimaraes-rosa.shtml>

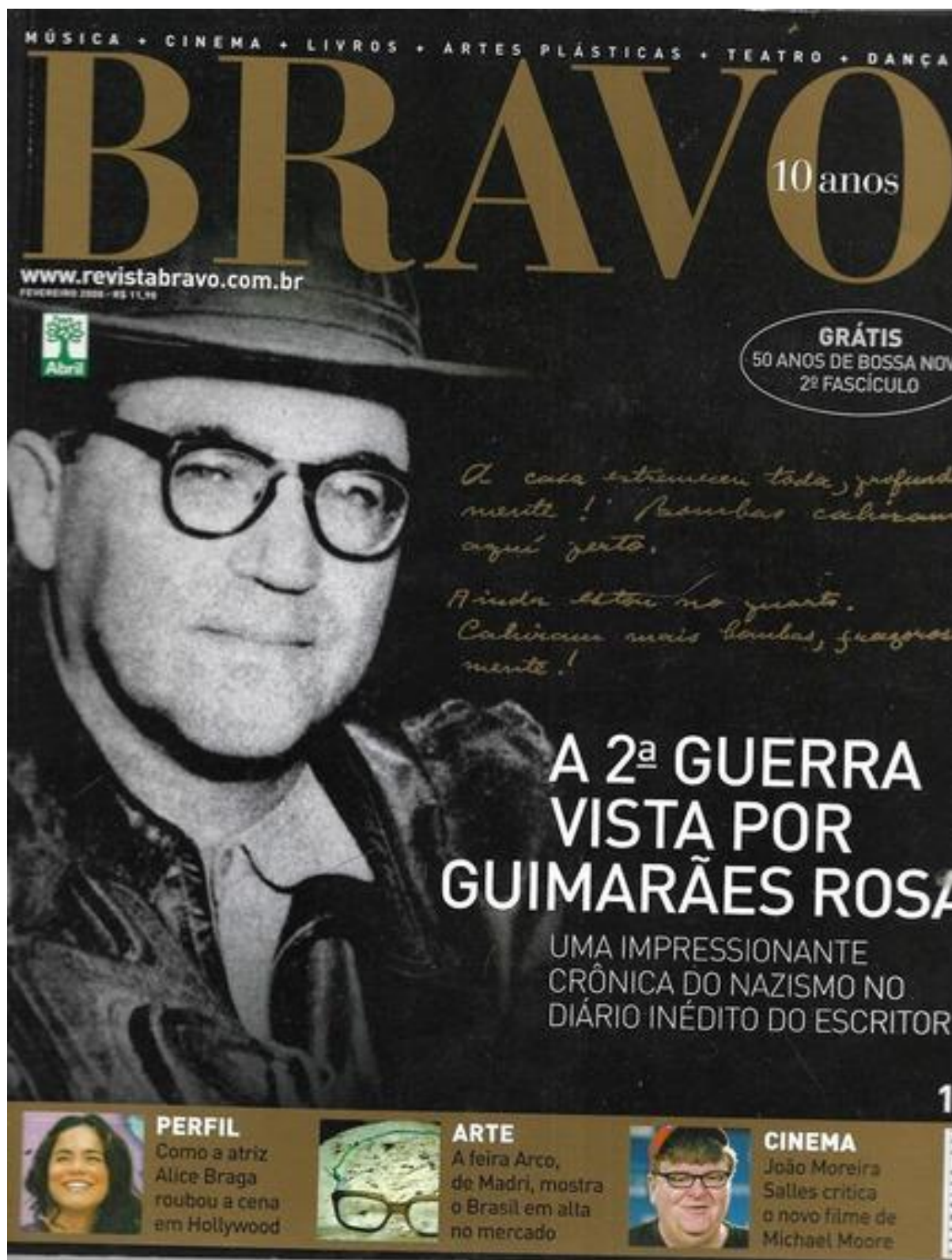
25/26/27 de junho de 1940. Manuscrito com Anotações de JGR



- [Acervo Arquivo dos Escritores
 Mineiros. UFMG - Fundo Henriqueta Lisboa].

⁸⁰ 25 - Chove. Chuvinha gostosa, quase brasileira. Saudades da nossa chuva. Saudade do Brasil (...) 27 - Aniversário. Almocei com o Cônsul Geral, empadinhas de camarão. Fui a Harburg, comer cerejas. A 1 hora e pouco, alarme aéreo. Dizem que houve ataque aéreo, ontem de-dia, em Travemünde (bairro de Lübeck, cidade próxima de Hamburgo, onde está um dos maiores portos da Alemanha). No dia 26, fui com Ara ver o cemitério de Ohlsdorf (maior cemitério-jardim do mundo). Belo. Aves, flores, rosas, a capela (n. 5) queimada. Os bancos nas sepulturas. As lápides votivas, pelas que ficaram no chão francês, de 1914 a 1918. Os corações postos sobre um chão de tumba. Poesias. Aléia de carvalhos. Os pinheiros azuis. (Silber ou Blautanne). (espécie de pinheiro). "Ruhe sanft" (descanse em paz). Fonte da imagem: <https://www.em.com.br/app/noticia/cultura/62,355,59,45/2019/02/24/noticias-artes-e-livros,242079/leia-trechos-dos-diarios-de-guerra-manuscrito-de-guimaraes-rosa.shtml>

ANEXO G. CAPA DA EDIÇÃO ESPECIAL DA BRAVO! SOBRE O DIÁRIO DE HAMBURGO⁸¹ Cover der Sonderausgabe von Bravo! Über das Hamburger Tagebuch



⁸¹ BRAVO! São Paulo, n. 126, fev. 2008, p. 28-39.

ANEXO H. CARTAZ DO DOCUMENTÁRIO “OUTRO SERTÃO”⁸²

Plakat für den Dokumentarfilm „Outro Sertão“



⁸² **Outro sertão** (doc.). Direção: Adriana Jacobsen e Soraia Vilela, Brasil, 2013, 73 min.